

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Priscila da Silva Campos

**CONCEPÇÕES DE LEITURA E DE LEITORES EM *PRIDE AND
PREJUDICE E SENSE AND SENSIBILITY* DE JANE AUSTEN**

Santa Maria, RS
2017

Priscila da Silva Campos

**CONCEPÇÕES DE LEITURA E DE LEITORES EM *PRIDE AND PREJUDICE* E
SENSE AND SENSIBILITY DE JANE AUSTEN**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Eulália Ramicelli

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

da Silva Campos, Priscila
Concepções de leitura e de leitores em *Pride and Prejudice* e *Sense and Sensibility* de Jane Austen / Priscila da Silva Campos.- 2017.
169 p.; 30 cm

Orientadora: Maria Eulália Ramicelli
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2017

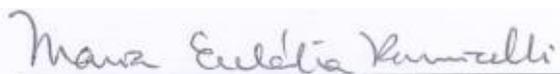
1. leitura 2. leitores 3. Jane Austen 4. *Pride and Prejudice* 5. *Sense and Sensibility* I. Ramicelli, Maria Eulália II. Título.

Priscila da Silva Campos

**CONCEPÇÕES DE LEITURA E DE LEITORES EM *PRIDE AND PREJUDICE* E
SENSE AND SENSIBILITY DE JANE AUSTEN**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras**.

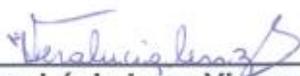
Aprovada em 21 de fevereiro de 2017



Maria Eulália Ramicelli, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Sandra Sirangelo Maggio, Dra. (UFRGS)



Vera Lúcia Lenz Vianna da Silva, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS

2017

DEDICATÓRIA

A minha família, meus irmãos, meus amados pais, Silvio e Julia, minhas queridas avós, Sonia e Neusa, e meu noivo, Keller. Dedico também a meus avôs, Mario e Ruy, que não estão mais entre nós para presenciar esse momento, mas se faz necessário agradecer o enorme amor que sempre demonstraram por mim.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Maria Eulália Ramicelli, que me instrui com total dedicação e paciência, devo o enorme aprendizado e amadurecimento pessoal e intelectual que esse estudo me proporcionou.

A meus pais, que, além de me instruírem, deram todo o seu amor para que eu alcançasse a minha realização profissional e, sobretudo, minha felicidade.

A meus familiares, por todo incentivo e conselhos, e a meu noivo pela compreensão e apoio fundamental.

À Prof^a. Dra. Vera Lúcia Lenz Vianna da Silva e à Prof^a. Dra. Sandra Sirangelo Maggio, pelas sugestões e observações no processo de avaliação desse estudo.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

“The person, be it gentleman or lady, who has not pleasure in a good novel, must be intolerably stupid”.

(Northanger Abbey de Jane Austen)

RESUMO

CONCEPÇÕES DE LEITURA E DE LEITORES EM *PRIDE AND PREJUDICE* E *SENSE AND SENSIBILITY* DE JANE AUSTEN

AUTORA: Priscila da Silva Campos

ORIENTADORA: Maria Eulália Ramicelli

Jane Austen é uma importante escritora inglesa da virada do século XVIII para o XIX, aclamada pela vívida descrição da sociedade inglesa, pelo desenvolvimento de importantes técnicas narrativas e pelo aprofundamento psicológico de suas personagens. Além disso, em seus seis romances, Austen discute questões sociais e literárias importantes para sua época. Assim, a obra de Jane Austen possui fortuna crítica extensa. Todavia, há um aspecto de seus romances ainda insuficientemente estudado: as concepções de leitura e de leitores neles elaboradas. Dois romances representativos dessa questão são *Pride and Prejudice* (1813) e *Sense and Sensibility* (1811). Em vista disso, este estudo discute as concepções de leitura e de leitores nesses dois romances. A análise das personagens-leitoras, em cada romance, permite perceber suas posturas individuais quanto aos textos que leem e às circunstâncias que vivem, e discutir quais concepções de leitura e de leitor são defendidas ou criticadas pela autora. Conclui-se que a questão de leitura e de leitores era tanto um assunto relevante para Jane Austen e para a sociedade inglesa da época como também um elemento internalizado e estruturante dos romances da autora. O processo de leitura e releitura, com o qual as personagens de Austen estão envolvidas, permite o aprofundamento psicológico das mesmas através da voz narrativa que ora penetra na consciência das personagens ora se afasta delas para comentar e avaliar sua postura como leitores. Nos dois romances, a autora discute o processo de internalização e subjetivação da leitura. Assim, por meio das diferentes concepções de leitura e de leitores presentes em *Pride and Prejudice* e *Sense and Sensibility*, Austen defende não só a importância da leitura e da releitura para o amadurecimento intelectual e emocional do leitor (tema ainda de interesse contemporâneo), como também abre novas perspectivas para o romance como gênero literário.

Palavras-chave: leitura; leitores; Jane Austen; *Pride and Prejudice*; *Sense and Sensibility*.

ABSTRACT

NOTIONS OF READING AND READERS IN *PRIDE AND PREJUDICE* AND *SENSE AND SENSIBILITY* BY JANE AUSTEN

AUTHOR: Priscila da Silva Campos

SUPERVISOR: Maria Eulália Ramicelli

Jane Austen is an important English writer at the turn of the eighteenth into the nineteenth century. She is praised for her vivid description of the English society, the development of important narrative techniques, and the deep psychological treatment of her characters. In her six novels, Austen discusses social and literary issues that were important in her day. Therefore, Austen's fiction has been the subject of a wealth of critical studies. Nonetheless, there is an aspect of her fiction that has not been sufficiently studied yet, namely, the notions of reading and readers. Two novels are especially meaningful to discuss this issue: *Pride and Prejudice* (1813) and *Sense and Sensibility* (1811). Thus, this study aims to identify and discuss the notions of reading and readers in both novels. The characters/readers of each novel are analyzed with regards to their individual attitude as readers of fictional and non-fictional texts and of the circumstances they live. The analysis enables us to discuss the notions of reading and readers that the author defends or criticizes. We can affirm that this topic was not only an important subject for Jane Austen and the English society, but also an internalized and structuring aspect of her novels. The reading and re-reading process experienced by Austen's characters allows for their psychological depth once the narrative voice penetrates into the characters' consciousness or moves away from them in order to comment on and evaluate their attitude as readers. In both novels, the author discusses the process of internalization and subjectivation of reading. Therefore, through the different notions of reading and readers present in *Pride and Prejudice* and *Sense and Sensibility*, Austen not only defends the importance of reading and re-reading for the reader's intellectual and emotional maturity (an issue that is still topical), but also opens up new perspectives for the novel as a literary genre.

Keywords: reading; readers; Jane Austen; *Pride and Prejudice*; *Sense and Sensibility*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A LEITURA E OS LEITORES NO MUNDO DE JANE AUSTEN ...	11
1. A LEITURA E OS LEITORES EM <i>PRIDE AND PREJUDICE</i>	24
1.1 Mary Bennet e a leitura moralista	25
1.2 Mr. Collins, o leitor de manuais de conduta	36
1.3 Mr. Darcy e a (re)leitura de comportamento pessoal	45
1.4 Elizabeth Bennet, a leitora crítica em construção.....	59
1.5 O sentido dos leitores em <i>Pride and Prejudice</i>	82
2. A LEITURA E OS LEITORES EM <i>SENSE AND SENSIBILITY</i>.....	86
2.1 Marianne Dashwood e a leitura romântica	88
2.2 Elinor Dashwood e a leitura sensível racionalizada	116
2.3 O sentido dos leitores em <i>Sense and Sensibility</i>	154
CONCLUSÃO	158
REFERÊNCIAS.....	166

INTRODUÇÃO: A LEITURA E OS LEITORES NO MUNDO DE JANE AUSTEN

É uma verdade universalmente reconhecida que Jane Austen é uma importante escritora no contexto de produção literária inglesa na virada do século XVIII para o XIX. Jane Austen é autora de um pequeno número de obras quando comparada a outros escritores de sua época. Sua primeira investida no âmbito da literatura, quando ainda era adolescente, resultou num conjunto de escritos chamado *Juvenilia* (1787). Depois, Austen escreveu “Elinor and Marianne”, romance elaborado primeiramente em forma epistolar, que se tornou *Sense and Sensibility* (1811). Em seguida, a autora escreveu o primeiro manuscrito de um de seus romances mais aclamados – *Pride and Prejudice* (1813). Após “First Impressions” (título inicial de *Pride and Prejudice*) ser recusado para publicação, Austen revisou o manuscrito de *Sense and Sensibility*. Depois de concluir essa revisão, tendo em vista a imensa popularidade da ficção gótica, Austen produziu *Northanger Abbey*, uma paródia do romance gótico, publicado postumamente em 1818. Jane Austen escreveu mais três romances: *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815) e, pouco antes de morrer, *Persuasion* (1818).

A importância de Jane Austen para a tradição literária inglesa deve-se às questões socioculturais e literárias discutidas em seus romances e, principalmente, à forma narrativa por ela desenvolvida. Ao longo do século XVIII, o romance apresentou diferentes formas pelas mãos de diferentes romancistas. De acordo com Ian Watt (2010), as obras de Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding são um divisor de águas em comparação à tradição literária anterior. Isto se dá em função do tipo de realismo formal empregado por estes romancistas. Para Watt (2010, p.11), o termo realismo

procura retratar todo o tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida representada, e sim na maneira como a apresenta.

Nessa citação, Watt sintetiza um dos fatores principais que caracterizam o romance: a *maneira* como o gênero apresenta a experiência humana. Para Georg Lukács (2000, p. 60), “o romance busca descobrir e construir, pela forma, a totalidade da vida”. Tanto Watt quanto Lukács afirmam que o sentido de vida e de experiência humana é construído pela forma do romance. Daí a validade do conceito de “realismo formal” criado por Watt. Esse conceito não designa uma cópia ou imitação da

realidade, pois como Sandra Vasconcelos (2007, p.28) salienta, o realismo formal compreende “um modo de organização interna do romance, que constitui, no limite, sua especificidade”. Como Watt explica (2010, pp. 310-322), Samuel Richardson e Henry Fielding criaram tipos diferentes de realismo formal: o realismo de apresentação e o realismo de avaliação, respectivamente. Tais modelos apresentavam características opostas e problemas de execução que pareciam ser insolúveis. No entanto, para Ian Watt (2010, p. 317),

A plena maturidade do gênero [o romance] só se tornou possível quando se realizou tal reconciliação [entre as técnicas narrativas de Richardson e de Fielding] e, provavelmente, Jane Austen deve em grande parte a sua feliz resolução desses problemas o lugar de destaque que possui na tradição literária.

Segundo o teórico, Jane Austen conseguiu harmonizar fissuras do romance e, por isso, sua obra é extremamente importante para a consolidação do gênero na Inglaterra. Como destacado por Watt (2010, p. 318), “Austen conseguiu conjugar numa unidade harmoniosa as vantagens do realismo de apresentação [de Richardson] e do realismo de avaliação [de Fielding]”. Em consonância com a opinião de Ian Watt, Sandra Vasconcelos (2007, p. 221) destaca que “Jane Austen conseguiu abrir novas perspectivas para o gênero”. Enquanto os copiadores e reprodutores dos modelos narrativos de Samuel Richardson e Henry Fielding sistematizaram a forma do romance transformando-o em uma fórmula narrativa, Jane Austen aprimorou as técnicas narrativas desenvolvidas por esses dois romancistas criando novas oportunidades para o gênero.¹ Assim, não é de admirar toda a atenção que os romances de Austen têm recebido da crítica literária desde sua publicação, há duzentos anos, e especialmente a partir do século XX.

Austen começou a escrever em um período de considerável crescimento da escrita feminina, apesar do contexto desfavorável a essa prática. Segundo Jan Fergus (1997, p. 13), a escrita de romances indicava falta de feminilidade. Conforme os moralistas da época, a carência de instrução formal das mulheres incapacitava-as para serem escritoras. Tal preconceito fez com que as publicações femininas fossem desconsideradas pela maioria dos resenhistas dos periódicos da época. Mesmo

¹ Contudo, isto não significa afirmar que Jane Austen foi a única escritora responsável pela consolidação do gênero na virada do século XVIII para o XIX. Walter Scott também contribuiu, consideravelmente, para tal fenômeno.

quando essas obras eram consideradas em um periódico, muitas vezes eram poupadas “de qualquer comentário mais duro pelo resenhista, com base na assinatura por uma 'pena feminina” (VASCONCELOS, 2007, p. 214). O contexto preconceituoso da época levou muitas mulheres ao anonimato. Não obstante, essas dificuldades não as impediram de publicar seus romances. De acordo com Fergus (1997, p. 14), “the obstacles to women's writing make their success in publishing novels all the more remarkable”². De fato, o panorama desfavorável para a autoria feminina não implicou em diminuição do número de obras publicadas; ao contrário, fomentou o mercado literário da época. A obra de Jane Austen é fruto de tais paradoxos contextuais, pois sua carreira literária, de certo modo, está ancorada em outras escritoras da época, que fundamentaram e sustentaram o mercado literário para a ficção escrita por mulheres e cujas práticas se tornaram cada vez mais profissionais. Esse é o caso de Frances Burney, Charlotte Smith, Elizabeth Inchbald, Maria Edgeworth e Ann Radcliffe (FERGUS, 1997, p. 13). Dessa forma, é notável a relação entre a produção de Jane Austen e o mercado literário vigente.

Para Terry Eagleton (2005, p. 70), o final do século XVIII e o início do XIX foi um dos períodos mais férteis de produção literária na Inglaterra com ficção gótica, ficção sentimental, histórias nacionais e regionais, romances Jacobinos e Anti-Jacobinos, romances de viagem, romances domésticos, romances históricos, entre outros. As mulheres tiveram grande participação na escrita dessas obras. A partir de 1760, o número de escritoras aumentou cerca de cinquenta por cento em cada década (FERGUS, 1997, p. 13). O auge da produção de obras de autoria feminina foram as décadas de 1780 e 1790. Em especial, 1788 e 1796 são anos significativos desse movimento. Em 1787, cinquenta e um títulos haviam sido publicados e, no ano seguinte, o número saltou para oitenta títulos. Já em 1796, foram publicadas noventa e uma obras (MANDAL, 2007, p. 6). Esses números não indicam que as mulheres publicaram mais que os homens. Na realidade, nesses anos específicos as mulheres tiveram uma participação mais efetiva na produção de obras em comparação a anos anteriores. Portanto, as décadas mencionadas testemunharam a emergência do mercado literário para escritoras e leitoras. O crescimento da participação das mulheres, tanto na escrita como na leitura, deve-se, em parte, à popularidade da ficção

² “Os obstáculos para a escrita de mulheres fazem seu sucesso, ao publicarem seus romances, ser ainda mais notável.” A tradução de citações em inglês é de minha autoria exceto quando indicado de modo diferente.

sentimental e gótica, ao maior número de traduções de obras estrangeiras e à proliferação de bibliotecas circulantes e gabinetes de leitura.

As décadas de 1780 e 1790 são extremamente importantes para o desenvolvimento de Jane Austen como escritora. Anthony Mandal (2007, p. 49) destaca que esse período coincide com a escrita de *Juvenilia* e a produção, entre 1795 e 1797, dos manuscritos dos primeiros romances de Austen. Desse modo, pode-se perceber o desenvolvimento da obra de Austen como fruto da escrita consciente da autora. Afinal, a ficção de Jane Austen não é resultado de uma inspiração inexplicável de uma solteirona que trocou as agulhas de *tricot* por uma pena, mas sim, efeito de um trabalho meticuloso e cômico da escrita de romances (BOOTH, 1980, p. 259).

Como enfatizado, Austen escreveu seus romances no período de emergência do mercado de ficção de autoria feminina. No entanto, enquanto muitas escritoras seguiam os moldes da ficção sentimental e da ficção gótica, Austen escolheu outros caminhos que tornaram sua obra única e peculiar em comparação ao que estava sendo produzido na época. Assim, não é de admirar que sua ficção tenha fortuna crítica extensa. A maioria dos estudos sobre a obra de Jane Austen concentra-se na técnica narrativa desenvolvida pela autora (como o uso do discurso indireto livre, por exemplo), na educação feminina e na feminilidade retratadas em seus romances e no contexto histórico, sociológico e político de sua produção. Dessa forma, diante de tantos estudos importantes, muitas vezes parece não haver mais nada de relevante para ser discutido sobre a obra de Jane Austen.

Não obstante, Renata Colasante (2005), em sua dissertação de mestrado, aponta um caminho, até então, pouco explorado. Colasante destaca importantes linhas de pesquisa sobre a obra de Jane Austen e ressalta a falta de estudos sobre a representação de leitura e de leitores (2005, pp. 20-21). Por esse motivo, Colasante discute a noção de leitura (sobretudo leitura de ficção) e de leitores em: *Northanger Abbey* (1818) e *Mansfield Park* (1814). De acordo com a autora esses dois romances são os mais representativos para discutir o tema em questão. Nota-se que Jane Austen publicou seis romances e as conclusões defendidas por Colasante aplicam-se apenas a *Mansfield Park* e *Northanger Abbey*. De fato, os dois romances selecionados por essa estudiosa apresentam, de forma explícita, noções de leitura e de leitores. Porém, os demais romances de Austen (alguns de forma tênue) também apresentam essa discussão tão valorizada pela escritora inglesa. Por esse motivo, neste trabalho

discuto qual tipo de leitor e de leitura é representado, e de que modo, em *Pride and Prejudice* (1813) e *Sense and Sensibility* (1811) – romances em que essa questão, apesar de sutil, é tão importante para o desenvolvimento da narrativa quanto nos romances estudados por Colasante.

A lacuna na fortuna crítica de Jane Austen apontada por Renata Colasante (2005) propõe a seguinte pergunta: por que a valorização da leitura e de leitores na obra de Austen é uma questão tão relevante? De forma geral, pode-se elencar três fatores importantes para o desenvolvimento dessa discussão sobre a ficção de Jane Austen. Primeiro, a relação da autora com a leitura. Segundo, o lugar da leitura (tanto de obras de ficção como de não-ficção) na sociedade inglesa na virada no século XVIII para o século XIX. E, terceiro, a reputação do romance como gênero literário – discussão em voga na época de Austen.

O final do século XVIII foi palco da emergência do mercado literário e da expansão do público leitor – fenômeno em desenvolvimento desde o início do século. Contudo, afirmar o crescimento de público leitor na Inglaterra não significa assegurar que quase todos, de todas as camadas sociais sabiam ler e/ou tinham acesso a materiais de leitura. Na verdade, o pequeno número de leitores pertencia a diferentes classes sociais – desde os aristocratas às criadas e pequenos comerciantes. De acordo com Sandra Vasconcelos (2002, p. 137), “em 1790, Edmund Burke estimava o número de leitores em cerca de 80 mil, numa população de quase 8 milhões”. Como a autora enfatiza (2002, p. 137), não houve aumento abundante no número de leitores, mas havia um público leitor, “ainda que pequeno e irregular”. Alan Richardson (2005, p. 397) informa que pouco mais da metade dos homens de classe média foram alfabetizados nas últimas décadas do século XVIII. Todavia, embora o número de leitores fosse pequeno em comparação ao tamanho da população inglesa, houve uma expansão dos hábitos de leitura principalmente nas classes médias. As transformações sociais na Inglaterra e as melhores condições de trabalho favoreceram a ampliação da leitura como prática social. Ademais, o surgimento de novos gêneros escritos em prosa, que não exigiam uma formação clássica, facilitou a ampliação do número de leitores. Dentre esses gêneros, o mais popular certamente era o romance. A popularidade do romance deve-se, significativamente, à maneira com que a vida é por ele representada de modo a criar a noção de “fidelidade à experiência individual” (WATT, 2010, p. 13). Dito de outro modo, o romance apresenta o relato completo e autêntico da experiência humana expressando uma visão

circunstancial da vida cotidiana – o que ajudava o leitor a se identificar com o que lia. Desse modo, as melhores condições de desenvolvimento da prática da leitura, da popularização e expansão do romance e do aumento de bibliotecas circulantes e gabinetes de leitura impulsionaram tanto o aumento do hábito de leitura quanto o mercado literário. A família de Jane Austen, assim como outras famílias na Inglaterra, estava imersa nesse contexto.

Os Austens eram ávidos leitores. A família Austen era assinante de gabinetes de leitura e compradora de muitos livros; desse modo, o empréstimo de livros e as discussões sobre suas leituras eram comuns entre os familiares (COLASANTE, 2005, p. 9). Por exemplo, após a publicação de *Pride and Prejudice*, a família se reunia à noite para que o romance fosse lido em voz alta. As muitas cartas escritas por Jane Austen à sua irmã, Cassandra, descrevem seus hábitos de leitura, fazem referências à composição de seus romances e trazem sua opinião a respeito das leituras que fazia. Segundo Renata Colasante (2005, p. 11), encarar Jane Austen como leitora, ou seja, considerar que sua atividade de leitora influenciou sua obra é uma tentativa de estabelecer conexões entre “a leitora Jane Austen e o modo como a autora realiza a ficcionalização da leitura e do leitor na sua obra”. Por meio de sua narrativa ficcional, Jane Austen constrói, discute e defende o valor da leitura e qualifica criticamente a postura de seus personagens como leitores. Assim sendo, a concepção de leitura e de leitores, nos romances de Jane Austen, é uma questão temática formalizada, em diferentes níveis.

Além da relação da família Austen com a leitura, outro fator importante para a discussão das noções de leitura e de leitores na obra austiana é a ampliação do hábito de leitura ao longo do século XVIII. A literatura adquiriu uma importante função social, pois a leitura passou a ser uma prática social ligada à educação; acima de tudo, à educação feminina. A leitura era, de fato, uma prática cultural da vida cotidiana; por isso, Austen deu tanta atenção a essa questão. De acordo com Gary Kelly (2005, p. 252), os romances de Austen falam sobre educação de forma crítica e complexa. Para o autor, a educação da sociedade oitocentista é um processo de socialização baseada na disciplina moral. Esse processo ajusta o indivíduo a diferentes funções da vida social. Gary Kelly (2005, p. 252) defende que os romances de Austen “‘are about’ education because they demonstrate the importance of female education to these

social groups [the upper middle class and the gentry]”³. A educação compreendia um conjunto de valores morais e sociais adquiridos no convívio doméstico e relacionados ao nível de escolaridade. Em vista disso, muitos eram os livros de instrução que enfatizavam a moral e os deveres da mulher burguesa na sociedade. A educação da mulher estava firmemente baseada no seu papel na família como filha, mãe e esposa. A instrução intelectual era destinada aos homens enquanto que às mulheres era oferecida a instrução no que Kelly (2005) chama de “accomplishments” (habilidades). Tais habilidades eram adquiridas em casa com o apoio de governantas e incluíam aprender a dançar, cantar, tocar um instrumento, falar uma língua estrangeira e ter um certo repertório de leituras. Ter uma boa educação e possuir várias habilidades garantiriam, a princípio, um bom casamento. Sendo assim, a educação feminina e o desenvolvimento das várias habilidades que a acompanhavam eram muito importantes, uma vez que estavam relacionadas à formação de novas famílias. Com efeito, a estrutura social e econômica inglesa era baseada em propriedades e bens que eram transmitidos de uma geração à outra. A mulher tinha um papel fundamental nessa transmissão através da reprodução biológica e da cultura social – e é justamente sobre este último aspecto que o mundo criado por Jane Austen está estruturado. Por esse motivo, a questão da leitura e da representação de leitores é tão importante na obra dessa autora.

Jane Austen era uma romancista atenta à produção literária de sua época. Além dos fatores citados (os hábitos de leitura da própria Austen e o papel da leitura na educação), a questão da representação de leitura e de leitores em sua ficção de também está relacionada ao mercado literário da época. Do período em que Austen começou a escrever suas obras até a publicação delas, a autora presenciou diversas mudanças no campo literário. De acordo com Anthony Mandal (2007, p. 49) Jane Austen era “an accurate observer of the novel market in general”⁴. O conteúdo e a escrita de *Juvenilia*, *Sense and Sensibility* e *Northanger Abbey* comprovam tal peculiaridade da autora. *Juvenilia* é um conjunto de textos cômicos em que Austen satiriza o romance sentimental, que foi muito popular na década de 1780 e no início dos anos 1790. Segundo Anthony Mandal (2007, p. 44), em *Juvenilia* Austen “demonstrates that the sentimental novel [...] is often a vehicle for trite and formulaic

³ “‘São sobre’ educação porque demonstram a importância da educação feminina para esses grupos sociais [a classe média alta e a pequena nobreza]”.

⁴ “[Jane Austen] era uma observadora cuidadosa do mercado de romances em geral”.

platitudes”⁵. Jane Austen satiriza um modelo narrativo levado a seu esgotamento pela enxurrada de imitadores dos romances epistolares de Samuel Richardson. *Sense and Sensibility* “também expunha o absurdo da ficção sentimental da época” (VASCONCELOS, 2007, p. 185). Já em *Northanger Abbey*, Austen parodia o romance gótico no auge de sua produção e consumo na década de 1890. Mais uma vez, a autora posiciona-se contra a falta de originalidade e de qualidade de grande parte da ficção gótica devido a sua produção massiva.

O crescente número de romances publicados e sua intensa demanda por leitores ocasionaram diversas discussões sobre os benefícios e malefícios do gênero. A controvérsia em torno do romance e seus subgêneros estava ligada aos efeitos da leitura principalmente sobre a mente feminina. De acordo com Sandra Vasconcelos (2007, p. 195),

À medida em que o romance se consolidava, começou a crescer a desconfiança quanto a seus propósitos instrutivos. A voga do romance sentimental e do romance gótico só contribuiu para o recrudescimento desta desconfiança. Para os moralistas da época, esse tipo de romance falava de perto à imaginação e incitava a fantasia, vistas como duas fontes de risco para as mocinhas de então.

Como mencionado, a educação feminina era fundamental para que a mulher cumprisse, da melhor maneira possível, suas funções familiares. A leitura de romances, de acordo como os moralistas da época, poderia pôr em risco a virtude feminina e, em consequência, a estrutura fundamentadora da sociedade inglesa – a família. Para aumentar ainda mais a desconfiança, em 1796, no auge da publicação de romances sentimentais e góticos, diversos títulos polêmicos foram publicados, o que intensificou a má reputação do gênero. Segundo Sandra Vasconcelos (2007, p. 135), para alguns conservadores, os bons romances “promoviam a virtude e puniam os vícios”, mas, a maioria dos críticos culpava o romance como “causa dos desvarios femininos”. Jane Austen, no entanto, através de sua ficção, afirma sua confiança na “revitalização” do gênero (VASCONCELOS, 2007, p. 185). Portanto, os três fatores mencionados testificam a importância da questão da leitura e de leitores na ficção de Jane Austen. Para a autora, a leitura, sobretudo a leitura de romances, é importante para o desenvolvimento intelectual e o amadurecimento do leitor. Como enfatizado

⁵ “[*Juvenilia*] demonstra que o romance sentimental é muitas vezes veículo para platitudes banais e estereotipadas”.

por Gary Kelly (2007, p. 260), em seus romances Jane Austen “aims to educate her readers [...] through novel form”⁶. Desse modo, Renata Colasante, consciente da relevância dessas questões, concentra seu estudo nas protagonistas Catherine Morland, em *Northanger Abbey*, e Fanny Price, em *Mansfield Park*, para discutir noções de leitura e de leitores. Ambas as protagonistas representam modelos diferentes de leitoras. Todavia, há dois outros romances de Austen que também apresentam a atividade da leitura (de textos ficcionais e não-ficcionais) como importante aspecto para a construção e caracterização de suas personagens: *Pride and Prejudice* e *Sense and Sensibility*.

De acordo com Cassandra, irmã de Jane Austen, a autora começou a escrever a primeira versão de *Pride and Prejudice*, intitulada “First Impressions”, em outubro de 1796 – ano em que o número de romances publicados atingiu seu clímax no final do século XVIII. Ainda, Austen começou a escrever esse romance três meses após a publicação de *Camilla* de Fanny Burney – autora que é a mais citada por Austen em suas cartas a Cassandra. Segundo Renata Colasante (2005, p. 14),

os romances de Fanny Burney fizeram muito sucesso na época de suas publicações e Burney teria sido de fato uma das maiores influências da autora. Curiosamente, não era um costume de Jane fazer anotações nas margens de seus livros, e o único exemplar de que se têm notícias em que ela o tenha feito é justamente um exemplar de *Camilla*, no qual, no final do último volume, ela fez anotações, reescrevendo o final.

Como sugere a carta enviada pelo pai de Jane Austen à editora Cadell & Davies, a primeira versão de *Pride and Prejudice* foi escrita em forma epistolar assim como *Evelina* de Fanny Burney. O manuscrito foi enviado à editora em 1797 e rejeitado antes mesmo que fosse lido pelo editor. Uma possível razão para essa rejeição seria o fato de a narrativa não atender à demanda do que havia de mais novo no mercado – a ficção gótica. Além do mais, o romance epistolar era um modelo narrativo que estava caindo em desuso; assim, não faria sentido publicar algo que estava se tornando desatualizado em relação à novidade trazida pelos romances góticos. Depois de revisões, Austen desistiu do modelo epistolar e criou um narrador para seu romance. *Pride and Prejudice* foi publicado em três volumes, em 1813, pela Whitehall de Thomas Egerton. A primeira edição, publicada em janeiro daquele ano,

⁶ “[Jane Austen] tem como objetivo educar seus leitores [...] através da forma do romance. ”

vendeu o suficiente para que, em junho, fosse feita uma segunda edição. Em 1817, foi publicada uma terceira edição. Segundo Susan J, Wolfson (2009, p. 114),

About half of the Regency print-runs of Austen's novels were purchased by the titled gentry, and upper-middle classes, the world she wrote about. The other half wound up in that institution satirized in *Pride and Prejudice*: circulating libraries, patronized by subscribers who, for a few pounds a year, could gorge on an ample inventory⁷.

A popularidade de *Pride and Prejudice* quanto de sua de publicação sugerem que a rejeição do manuscrito inicial do romance teve um resultado positivo. Afinal, se “First Impressions” tivesse sido publicado, conheceríamos uma obra que marcaria o início da carreira da autora, mas que não apresentaria o riquíssimo conteúdo e a técnica narrativa presentes na versão final intitulada *Pride and Prejudice*. A publicação de *Pride and Prejudice*, mais de uma década depois da primeira tentativa frustrada, é fruto do amadurecimento de Austen como escritora. A popularidade do seu romance ultrapassou as suas três edições no início do século XIX e tem perdurado ao longo de duzentos anos.

Pride and Prejudice pode ser considerado o romance mais reconhecido de Jane Austen pela crítica e também o mais popular. Certamente, dentre seus romances é o mais estudado e o que coleciona diversas adaptações para o cinema e a televisão. Recentemente, *Pride and Prejudice* virou história em quadrinhos, foi reescrito para apresentar a perspectiva de Mr. Darcy sobre os eventos da narrativa e acumula diversos pastiches com teor sobrenatural e policial⁸. A maioria dos produtos feitos a partir desse romance concentra-se no que há de mais superficial e perceptivo na narrativa: a história de amor. Obviamente, um dos temas centrais de *Pride and Prejudice* é o casamento, pois já na abertura o narrador afirma: “It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife” (AUSTEN, 2012, p. 2)⁹. Contudo, como mencionado anteriormente, o casamento está associado a diversas questões sociais. Para Vivien Jones (2011, p.

⁷ “Durante a Regência, cerca de metade das tiragens dos romances de Austen foi comprada pela pequena nobreza e pelas classes médias altas, o mundo sobre o qual ela escreveu. A outra metade acabou na instituição satirizada em *Pride and Prejudice*: as bibliotecas circulantes mantidas por assinantes que, por algumas libras por ano, poderiam devorar um amplo acervo”.

⁸ *Pride and Prejudice and Zombies* (2009) de Seth Grahame-Smith, *Mr. Darcy's Diary* de Amanda Grange e *Death comes to Pemberly* (2011) de P.D. James, apenas para citar alguns exemplos.

⁹ “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de uma boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa (AUSTEN, 2011, p.103).

15), a história de amor entre Elizabeth Bennet, protagonista do romance, e Mr. Darcy é uma forma de analisar os “modos sociais” (2011, p. 13). Os casamentos em *Pride and Prejudice* estão fortemente relacionados ao andamento da vida social, ao cotidiano. De acordo com Franco Moretti (2009), os romances do século XIX tratam da vida cotidiana. Por isso, não é de admirar que a obra de Austen retrate tantos casamentos e discuta hábitos de leitura – essas eram práticas socioculturais significativas do cotidiano inglês.

Os leitores estão espalhados pelo romance e a leitura é frequente entre as personagens. O pai de Elizabeth Bennet, Mr. Bennet, passa a maior parte da história em sua biblioteca particular. Mary Bennet, irmã da protagonista, prefere ler a participar de qualquer outra atividade comum à sociedade da época, como bailes e jogos. Mr. Collins, na primeira noite em que visita os Bennets, lê em voz alta um de seus sermões favoritos. As conversas entre Elizabeth e Mr. Darcy estão repletas de referências a leitura. Assim, em *Pride and Prejudice* diversas personagens, não apenas os protagonistas, são apresentados como diferentes tipos de leitores. Desse modo, diante de tantos leitores e dos hábitos de leitura apresentados em *Pride and Prejudice*, pode-se formular a seguinte questão: qual é o papel da leitura e que tipo de leitura e de leitor são valorizados nesse romance? O primeiro capítulo desse estudo tem por objetivo dar possíveis respostas para tão importante pergunta.

Sense and Sensibility também é um romance importante para a discussão das noções de leitura e leitores. Assim como se deu com *Pride and Prejudice*, a correspondência de Jane Austen com seus familiares (principalmente com Cassandra) sugere que Austen começou a escrever a primeira versão de *Sense and Sensibility* – “Elinor and Marianne” – em 1795. A primeira versão de *Sense and Sensibility*, escrito em forma epistolar, evidencia a influência desse tipo de narrativa que proliferou após o sucesso de *Pamela*, de Samuel Richardson, publicado em 1740. Certamente, a revisão desse manuscrito, que depois se tornou *Sense and Sensibility*, comprova o trabalho consciente da autora, uma vez que o romance epistolar era uma narrativa pessoal e a versão final do romance de Austen apresenta um narrador que ora interfere na narrativa, através de seus comentários, ora se aproxima das personagens expondo os seus sentimentos e pensamentos mais profundos através do discurso indireto livre.

Todavia, por muito tempo *Sense and Sensibility* foi considerado um romance menor quando comparado a *Pride and Prejudice*. Parte da crítica seguiu o senso

comum de que o primeiro trabalho publicado é sempre experimental, inexperiente, e, portanto, não exprime a maturidade dos últimos trabalhos do artista. Rebecca Stephens Ducan (2000, p. 17) explica que

Compared to *Pride and Prejudice*, *Sense and Sensibility* figures rarely in general discussions of Austen's writing career. And those critical studies that address each novel individually most often seek in *Sense and Sensibility* early signs of a craft that would blossom into art only in the later works. In these discussions *Sense and Sensibility* serves as a bridge between the juvenilia and the more mature novels.¹⁰

Logo após a publicação de *Sense and Sensibility*, no início do século XIX, as primeiras críticas publicadas concentraram-se em seu caráter didático, ou seja, nos perigos de ceder à sensibilidade e ignorar a razão. Para alguns críticos, *Sense and Sensibility* nada mais era do que um romance que alertava contra os perigos do amor imprudente. O foco principal dessas avaliações recaía sobre a construção das protagonistas – as irmãs Elinor e Marianne. De forma geral, esses comentários caracterizam as duas irmãs como um contraste entre a noção de sensibilidade (qualidade relacionada ao comportamento individual e à reação a circunstâncias externas) e a noção de razão (atributo enfatizado positivamente pelo movimento iluminista). A partir do início do século XX, a ironia da voz narrativa de *Sense and Sensibility* passa a ser valorizada. De acordo com Rebecca Stephens Ducan (2000, p. 22), a primeira do século XX presenciou um crescimento do interesse crítico sobre a obra de Jane Austen. Essa atenção deve-se às reedições de seus romances em 1923, ao maior número de estudos no âmbito literário nas universidades inglesas e norte-americanas e à publicação de *The Rise of the Novel* (1957) de Ian Watt em 1957 – obra em que, como vimos, o teórico defende a importância de Jane Austen para a consolidação do romance como gênero literário. Com isso, percebe-se que, até o presente momento e salvo engano, não há ainda estudos significativos que abordem as personagens de *Sense and Sensibility* como leitoras e que discutam que tipo de leitura é valorizada por Jane Austen nesse romance.

Em *Sense and Sensibility* Jane Austen discute os efeitos da leitura mal direcionada de romances sentimentais. As protagonistas de tais romances são belas,

¹⁰ “Comparado a *Pride and Prejudice*, *Sense and Sensibility* raramente aparece no debate geral sobre a carreira de Austen como escritora. E os estudos críticos que abordam cada romance individualmente, na maioria das vezes, procuram em *Sense and Sensibility* os primeiros sinais de um ofício que iria florescer como arte apenas nos trabalhos posteriores. Nessas discussões, *Sense and Sensibility* serve como uma ponte entre a juvenilia e os romances mais maduros”.

delicadas, “pacientes, modestas, humildes e delicadas [...] modelos de virtude e perfeição” (VASCONCELOS, 2007, p. 133). As qualidades representadas no romance sentimental estão ligadas à noção de feminilidade tão em voga no final do século XVIII. Assim sendo, as heroínas da ficção sentimental passaram a ser um “paradigma de feminilidade” (VASCONCELOS, 2007, p. 133). Com o tempo, o romance sentimental transformou-se em uma fórmula narrativa devido à sua exaustiva repetição. A reprodução desse modelo narrativo acarretou a falta de qualidade e originalidade denunciada em *Sense and Sensibility*.

Sense and Sensibility, assim como *Pride and Prejudice*, apresenta diversos tipos de leitores sendo os mais destacados as protagonistas Elinor e Marianne. Marianne insiste na visão romântica da vida e na demonstração de sentimentos, ao contrário de sua irmã Elinor que prega o silenciamento das emoções. Por um bom tempo, como mencionado, alguns estudos apresentaram as protagonistas como opostos de razão e sensibilidade. Contudo, Elinor e Marianne fazem parte de um drama muito mais complexo. A questão da leitura não está relacionada apenas ao que as personagens leem, mas sim, como leem. Dessa forma, Jane Austen transfere para o leitor a responsabilidade sobre os efeitos da leitura e não condena o romance como culpado pelos devaneios femininos. Elinor lê suas circunstâncias por lentes diferentes das de Marianne, o que também implica uma diferente postura de leitor e de códigos de conduta. Assim, coloca-se a questão: quais leitores são representados mais positivamente e quais são representados mais negativamente no romance em questão? E ainda: qual concepção de leitura é valorizada em *Sense and Sensibility*?

Por último, no capítulo conclusivo, retomo os argumentos principais da discussão das concepções de leitura e de leitores em *Pride and Prejudice* e *Sense and Sensibility* a fim de ressaltar as semelhanças e diferenças entre esses dois romances. Desse modo, será enfatizado o posicionamento crítico de Jane Austen sobre essa questão que perpassa sua obra, em diferentes níveis de formulação e ênfase narrativa.

1. OS LEITORES DE *PRIDE AND PREJUDICE*

Como mencionado na introdução deste trabalho, o manuscrito desse romance intitulava-se “First Impressions”. Esse primeiro título pode estar relacionado à leitura inicial que os protagonistas, Elizabeth Bennet e Mr. Darcy, fazem um do outro. Já o título de publicação, *Pride and Prejudice*, segundo Deirdre Le Faye (2002, p. 178) teria sido retirado de um fragmento de *Cecilia* (1782), romance de Fanny Burney. Nesse caso, as qualificações “pride” e “prejudice” remetem à construção das personagens principais. De certa forma, os dois títulos do romance, o inicial e o publicado, estão relacionados entre si, uma vez que o orgulho e o preconceito do par protagonista são as primeiras impressões estabelecidas entre eles. Contudo, ao longo da narrativa, as personagens precisarão *reler* suas primeiras impressões. Essas leituras e releituras são importantes, pois estão diretamente relacionadas às trajetórias dessas personagens.

De acordo com Tony Tenner (2011, p. 45),

o livro de Jane Austen [*Pride and Prejudice*] é, de modo ainda mais importante, sobre prejulgamentos e rejugamentos. É um drama de reconhecimento – re-conhecimento, o ato através do qual a mente pode tornar a olhar para uma coisa e, se necessário, fazer revisões e alterações até vê-la como realmente é.

O “rejugamento” e o “re-conhecimento” enfatizados por Tenner estão diretamente associados à capacidade de leitura e de releitura das personagens e, portanto, à sua postura como leitores. Em *Pride and Prejudice*, as personagens são constantemente desafiadas a se posicionarem como leitores e intérpretes das situações que vivem. Há personagens que exercem seu papel de leitores, tanto de obra ficcional como não-ficcional, com sucesso, outros nem tanto e, alguns, com total insucesso.

As personagens-leitoras de *Pride and Prejudice* estão relacionadas a duas concepções diferentes de leitura. Primeiro, a leitura como prática social – o que envolve a leitura de obras ficcionais e não-ficcionais. Segundo, a leitura como capacidade de avaliação das circunstâncias comuns à vida – ação que depende da maturidade emocional e intelectual do leitor. Desse modo, tais leitores adquirem um valor mais positivo ou negativo segundo a forma com que leem e o que fazem com a sua leitura – tanto a leitura ficcional/não-ficcional quanto a leitura da vida. Portanto, a

postura das personagens como leitoras pode afetar suas decisões e, em alguns momentos, interferir no desenvolvimento de sua trajetória ao longo da narrativa. Em *Pride and Prejudice*, Jane Austen cria leitores cujas posturas são completamente opostas, isto é, alguns leitores são criticados e outros são valorizados por ela através do narrador. Mary Bennet, Mr. Collins, Mr. Darcy e Elizabeth são exemplos significativos da oposição de representação de leitores criada por Austen. Desse modo, analisarei, em sequência, o comportamento dessas personagens-leitoras e suas implicações para o desenvolvimento da narrativa.

1.1 MARY BENNET E A LEITURA MORALISTA

Mary Bennet é uma das quatro irmãs da protagonista de *Pride and Prejudice*. Sua participação no romance é menor em comparação à de suas irmãs e outras personagens. Consequentemente, ela não desempenha um papel importante para o desenvolvimento da ação central da narrativa. Dito de outro modo, Mary Bennet pouco contribui para os eventos progressivos cujo desfecho é a união dos protagonistas – Elizabeth Bennet e Mr. Darcy.

Mary é introduzida no capítulo II do volume I, por meio de seu pai, Mr. Bennet, e do narrador. Nessa ocasião, a família discute a chegada de um jovem rico, Mr. Bingley, em Netherfield Park. Tal ocasião é uma oportunidade para Mrs. Bennet casar uma de suas cinco filhas. Todavia, para que as famílias pudessem se relacionar, primeiro seria necessário que Mr. Bennet e Mr. Bingley fossem apresentados formalmente um ao outro. Desse modo, em uma conversa com sua família, Mr. Bennet questiona esse costume e pergunta:

“Do you consider the forms of introduction, and the stress that is laid on them, as nonsense? I cannot quite agree with you there. What say you, Mary? For you are a young lady of deep reflection I know, and read great books, and make extracts” (AUSTEN, 2012, p.10)¹¹.

A introdução de Mary caracteriza-a como leitora de grandes livros e uma jovem de profunda reflexão. À primeira vista, a descrição de Mr. Bennet parece ser um elogio,

¹¹ “Você considera as formas de apresentação e a aflição nelas depositada uma bobagem? Não posso concordar com você nesse sentido. O que me diz, Mary? Pois você é uma mocinha dada a reflexões profundas, que lê grandes livros, e copia trechos deles” (AUSTEN, 2011, p.108).

uma apresentação positiva da personagem. Contudo, em seguida, o narrador faz a seguinte observação: “Mary wished to say something very sensible, but knew not how” (AUSTEN, 2012, p. 10)¹². As palavras do narrador são contrárias ao comentário inicial de Mr. Bennet. Se Mary fosse uma mocinha de reflexão profunda, como enfatizado pelo pai, ela teria algo sensato a dizer. Assim, nessa passagem o narrador expõe o tom irônico da observação feita por Mr. Bennet. De fato, para Mr. Bennet, suas três filhas mais jovens, Mary, Lydia e Kitty, são tão tolas e ignorantes quanto outras meninas de sua idade (AUSTEN, 2012, p. 6). Mary, como destacado por Mr. Bennet e pelo narrador, tenta parecer uma leitora de grandes livros e até mesmo faz citações de suas leituras; porém, ela é incapaz de formular uma opinião coerente sobre um assunto tão banal. Portanto, o modo como essa personagem é introduzida implica sua apreciação negativa. De fato, Mary lê excessivamente, mas é incapaz de adquirir conhecimento por meio de seus livros.

Mary Bennet, dedica-se a duas atividades principais – tocar piano e ler. Nos sessenta e um capítulos de *Pride and Prejudice*, divididos em três volumes, há apenas dezessete ocasiões em que ela participa de algum diálogo ou é mencionada pelo narrador. Ao longo dos dezenove capítulos do volume II, Mary é mencionada apenas uma vez. Apesar de sua pequena participação e sua falta de relevância para o desenvolvimento central da narrativa, a postura de Mary como leitora representa uma importante questão: os perigos da leitura desatenta que busca a quantidade ao invés da qualidade. Portanto, a partir dessa introdução de Mary em *Pride and Prejudice*, analiso a seguir seu desenvolvimento como leitora com base em dois aspectos: 1) as falas de Mary e seu comportamento; 2) os comentários do narrador sobre a personagem. Inicialmente, destacarei quatro falas de Mary – duas no volume I, uma no volume II e, por fim, uma no volume III.

A primeira fala de Mary encontra-se no capítulo V do volume I, logo após o baile em que Mr. Bingley e Mr. Darcy são vistos pela primeira vez. Nesse capítulo, algumas personagens femininas discutem a diferença de comportamento desses dois homens. Miss Lucas é a primeira a mencionar o orgulho de Mr. Darcy e, em seguida, Mary faz a seguinte observação:

Pride, observed Mary, who piqued herself upon the solidity of her reflections, “is a very common failing I believe. By all that I ever read, I am convinced that

¹² “Mary quis dizer algo sensato, mas não soube o quê” (AUSTEN, 2011, p. 108).

it is very common indeed, that human nature is particularly prone to it, and that there are very few of us who do not cherish a feeling of self-complacency on the score of some quality or other, real or imaginary. Vanity and pride are different things, though the words are often used synonymously. A person may be proud without being vain. Pride relates more to our opinion of ourselves, vanity to what we would have others think of us” (AUSTEN, 2012, p. 36)¹³.

Mary, de acordo com o início desse fragmento, sentiu-se impelida a dar sua opinião por causa da segurança de suas reflexões. Provavelmente, enquanto ouvia a conversa das outras personagens, ela pensava em algo coerente para dizer. Essa situação difere de sua apresentação no romance, quando foi surpreendida por Mr. Bennet e não tivera tempo de pensar em algo sábio como resposta. Além disso, as opiniões de Mary sobre a diferença entre o orgulho e a vaidade são praticamente as mesmas encontradas no livro de instrução feminina de Hester Chapone, *Letters on the Improvement of the Mind* (AUSTEN, 2012, p. 37). O comentário de Mary, seguindo o que se lia nos livros de conduta da época, tem um tom instrutivo e didático. Dessa forma, a primeira fala de Mary indica o tipo de livros que ela lê; assim, “os grandes livros” a que Mr. Bennet se refere são basicamente manuais de conduta.

Os manuais de conduta foram resultado das reformas sociais ocorridas durante o século XVIII. A nova organização de trabalho advinda da Revolução Industrial tornou as mulheres ainda mais dependentes financeiramente de seus pais e maridos. Além disso, as reduzidas opções de trabalho acabaram confinando as mulheres no espaço doméstico. Como resultado, “a burguesia ampliou o controle social sobre elas [as mulheres] e universalizou um padrão de conduta calcado num ideal de feminilidade” (VASCONCELOS, 2002, p. 106). Esse ideal valorizava a virtude, a castidade, a fragilidade e as boas maneiras. Desse modo, com o tempo, tornou-se comum a publicação de livros cujo objetivo era reforçar valores morais, essencialmente burgueses, e aconselhar sobre o modo apropriado de se portar das mulheres. Esses manuais de conduta fortaleciam e inculcavam um código de comportamento, pois tais normas almejavam o controle das paixões, o refinamento dos modos femininos e o aperfeiçoamento social (BYRNE, 2005, p. 298). Com o passar do tempo, tais valores

¹³ “‘O orgulho’ observou Mary, que se sentira implicada na conversa pela solidez de suas reflexões, ‘é uma falha que creio comum. Por tudo o que li, estou convencida de que é um fato muito comum, de que a natureza humana tenha inclinação para isso, e são raríssimas as pessoas que não alimentam uma satisfação por conta de uma qualidade ou outra, real ou imaginária. Vaidade e orgulho são coisas diferentes, embora muitas vezes sejam usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. Orgulho está mais associado à opinião que temos de nós mesmos, vaidade ao que os outros pensam de nós’” (AUSTEN, 2011, p. 122).

tornaram-se um protocolo de boas maneiras e “an ethical code of civic virtue” (BYRNE, 2005, p. 298)¹⁴. Além disso, os manuais de conduta estipulavam a quais tipos de atividades as mulheres poderiam dedicar-se. De acordo com Paula Byrne (2005, p. 302, 303), “women of a respectable class were expected to confine themselves to indoor activities (needlework, music, reading of improving books [...])”¹⁵. Essas atividades eram centrais no desenvolvimento de *accomplishments*, isto é, habilidades femininas. No caso de Mary Bennet, seu comportamento e suas falas evidenciam que ela valoriza tanto as normas de conduta defendidas pelos livros de instrução da época quanto o aperfeiçoamento daquelas habilidades, principalmente tocar piano e ler.

Mary, como defensora da boa moral, está sempre disposta a reproduzir o que está escrito nos manuais de conduta que lê. O comentário irônico de Mr. Bennet descreve Mary como uma ávida leitora de intensas reflexões. No entanto, na primeira ocasião em que Mary se expressa, ela simplesmente reproduz definições sobre a diferença entre o orgulho e a vaidade sem relacioná-las ao assunto em questão – o orgulho de Mr. Darcy. De fato, Mary apenas aproveita a situação para instruir as outras personagens moralmente e para exibir-se.

A segunda fala de Mary encontra-se no capítulo XIII no volume I. Nesse capítulo, Mr. Bennet recebe uma carta de Mr. Collins, futuro herdeiro da propriedade da família Bennet. Na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, as mulheres não tinham direito a receber propriedades como herança. Mr. Bennet e sua esposa tiveram cinco filhas; por esse motivo, a propriedade da família será herdada pelo parente masculino mais próximo – no caso Mr. Collins. Em sua carta, Mr. Collins declara o desejo de compensar suas primas de algum modo. Após a leitura da carta, a família discute o seu conteúdo, as intenções e o caráter de Mr. Collins. Nessa ocasião, Mary diz o seguinte: “in point of composition, said Mary, the letter does not seem defective. The idea of the olive-branch perhaps is not wholly new, yet I think it is well expressed” (AUSTEN, 2012, p. 122)¹⁶. A personagem destaca a inexistência de erros de escrita na carta de Mr. Collins e ressalta a expressão “rejeitar o ramo de oliveira”. Mr. Collins referia-se ao desejo de fazer as pazes com a família. Porém, o comentário de Mary está completamente deslocado na conversa familiar. Antes de Mary emitir sua opinião,

¹⁴ “Um código de ética da virtude cívica”.

¹⁵ “Esperava-se que as mulheres de classes respeitáveis fossem limitadas a atividades domésticas (bordado, música, leitura de livros de aprimoramento) [...]”.

¹⁶ “‘Em termos de composição’, disse Mary, ‘a carta parece não ter defeitos. A ideia do ramo de oliveira talvez não seja totalmente nova, mas acho que foi bem colocada’” (AUSTEN, 2011, p. 172).

Elizabeth pontua o estilo pomposo da carta e Mr. Bennet destaca o tom serviçal e presunçoso de Mr. Collins. O comentário de Mary não tem relação com o que fora dito anteriormente e, ainda por cima, não ajuda a esclarecer o caráter nem os propósitos do remetente.

A terceira fala de Mary encontra-se no capítulo XVI do volume II. Nesse capítulo, Elizabeth volta para casa após o primeiro pedido de casamento de Mr. Darcy, e Jane retorna de sua estadia em Londres. Lydia e Kitty resolvem encontrar suas irmãs em um determinado ponto da viagem e acompanhá-las no caminho de volta. Ao chegar em casa, Lydia conta para Mary como foi divertido o retorno das quatro irmãs e obtém a seguinte resposta de Mary:

To this Mary very gravely replied, “Far be it from me, my dear sister, to depreciate such pleasures! They would doubtless be congenial with the generality of female minds. But I confess they would have no charms for me — I should infinitely prefer a book” (AUSTEN, 2012, p. 432)¹⁷.

A resposta de Mary expressa um ar superior, visto que, em sua opinião, a leitura é uma atividade mais nobre. Para Lydia, esconder-se de suas irmãs, voltar para casa em uma carruagem apertada conversando e rindo alto é uma grande diversão. Contudo, para Mary, esse tipo de diversão satisfaz a maioria das jovens, mas está longe de contentá-la. Mary estabelece, em sua resposta, uma diferença entre o seu comportamento e o de suas irmãs e enfatiza a superioridade de sua mente, pois, diferentemente de outras mocinhas, ela, em seu próprio conceito, é uma grande leitora. É digno de nota ressaltar que a maioria dos livros de conduta da época censuravam a frivolidade e a conduta feminina descomedida. Por esse motivo, Mary defende a leitura como conduta apropriada e critica os modos de suas irmãs, especialmente, de Lydia.

A quarta fala de Mary encontra-se no capítulo V do volume III. Nesse capítulo, Elizabeth retorna de sua viagem a Pemberly em função da fuga de Lydia com Mr. Wickham. Nessa ocasião, Mr. Bennet viaja a Londres com o intuito de descobrir o paradeiro de sua filha. Após a chegada de Elizabeth, Mary larga seus livros para dar sua opinião sobre o acontecido:

¹⁷ “A isso, Mary muito gravemente respondeu: ‘Longe de mim, minha querida irmã, depreciar o seu prazer. Sem dúvida teria sido ótimo para a maioria das mentes femininas. Mas confesso que a mim nada disso me encanta. Preferiria infinitamente um livro’” (AUSTEN, 2011, p. 349).

Mary was mistress enough of herself to Elizabeth, with a countenance of grave reflection, soon after they were seated at table:

“This is a most unfortunate affair, and will probably be much talked of. But we must stem the tide of malice, and pour into the wounded bosoms of each other the balm of sisterly consolation”.

Then, perceiving in Elizabeth no inclination of replying, she added, “Unhappy as the event must be for Lydia, we may draw from it this useful lesson: that loss of virtue in a female is irretrievable; that one false step involves her in endless ruin; that her reputation is no less brittle than it is beautiful; and that she cannot be too much guarded in her behavior towards the undeserving of the other sex”.

Elizabeth lifted up her eyes in amazement, but was too much oppressed to make any reply. Mary, however, continued to console herself with such kind of moral extractions from the evil before them (AUSTEN, 2012, p. 420)¹⁸.

As palavras de Mary estão longe de ser um consolo para a triste situação em que a família está envolvida. Ela aproveita a ocasião para fazer um sermão sobre algo que todos sabem – a importância da virtude para a reputação da mulher. Mary é inconveniente ao repetir chavões moralistas em um momento completamente inapropriado. A personagem apenas reproduz o que lê nos manuais de conduta e insistentemente tenta pregar conceitos de boa moral. Tal conduta, na verdade, evidencia que Mary simplesmente não tem o que dizer por si mesma; desse modo, é mais fácil citar o que leu. Por esse motivo, não é de admirar que Elizabeth simplesmente ignore o comentário de sua irmã. Como enfatizado por Paula Byrne, “Jane Austen valued good manners in action, but scorned those who did not practice what they preached” (2005, p. 298)¹⁹.

Mary é uma leitora superficial que pronuncia discursos sobre conduta apropriada nos momentos mais inoportunos – comportamento contrário ao que ela mesma prega. Portanto, percebe-se nas quatro passagens analisadas que Mary valoriza a leitura como *status* de boa educação e conduta. No entanto, ela não faz uma leitura crítica dos livros que lê e tampouco faz observações coerentes em relação às suas leituras. Na realidade, a personagem reproduz citações aleatórias em

¹⁸ “Quanto a Mary, mostrava-se senhora de si mesmo o bastante para sussurrar a Elizabeth com uma expressão de grave reflexão, assim que sentaram à mesa. “Trata-se de um caso deveras infame; e sobre o qual muito provavelmente se falará. Mas devemos resistir à maré da maldade e verter sobre os peitos feridos de cada um de nós o bálsamo do consolo fraternal”. Então, percebendo que Elizabeth não fazia menção de responder, ela acrescentou: “Por mais infeliz que o caso seja para Lydia, podemos tirar disso uma lição proveitosa; que a perda da virtude para a mulher é irreversível – que um passo em falso a envolve em uma ruína sem termo – que a reputação é tão frágil quanto a sua beleza – e que a cautela contra um indivíduo desmerecedor do outro sexo é demasiada” (AUSTEN, 2011, p.420).

¹⁹ “Jane Austen valorizava as boas maneiras na prática, mas desprezava aqueles que não praticavam o que pregavam”.

situações impróprias. Por conseguinte, a leitura superficial de Mary é um pretexto para sua verborragia moralista.

Além das falas e do comportamento de Mary Bennet, os comentários do narrador são extremamente importantes para a compreensão crítica dessa personagem como leitora. Dessa forma, a seguir, considerarei sete comentários do narrador ao longo dos três volumes do romance. O primeiro comentário do narrador, após a introdução de Mary, encontra-se no capítulo II do volume I. Nessa ocasião, Mrs. Bennet e suas filhas conhecem Mr. Bingley, suas irmãs (Miss Bingley e Mrs. Hurst) e Mr. Darcy em um baile público. Após o baile, o narrador comenta que “the evening altogether passed off pleasantly to the whole family [the Bennets]” (AUSTEN, 2012, p. 20)²⁰. Em seguida, ele descreve o que aconteceu de agradável para cada membro da família e, sobre Mary, enfatiza o seguinte: “Mary had heard herself mentioned to Miss Bingley as the most accomplished girl in the neighborhood” (AUSTEN, 2012, p. 20)²¹. Sem dúvida, não haveria nada mais agradável para a personagem do que ser valorizada por suas habilidades. Com efeito, o desenvolvimento e aprimoramento de *habilidades pessoais*, tais como tocar piano e ler, são extremamente valorizados por Mary Bennet. Contudo, os comentários do narrador, no decorrer da narrativa, evidenciam que Mary não consegue atingir o *status* de “accomplished girl” tanto por sua falta de destreza musical quanto por sua postura como leitora.

O segundo e o quarto comentários do narrador, nos capítulos VI e XVIII do volume I, estão relacionados às duas ocasiões em que a personagem toca piano diante de várias pessoas. Na primeira ocasião (capítulo VI), Mary toca piano em uma reunião de famílias na casa de Sir William Lucas. De acordo com o narrador, Mary “in consequence of being the only plain one in the family, worked hard for knowledge and accomplishments, was always impatient for display” (AUSTEN, 2012, p. 44)²². Certamente, Mary dedica muito tempo à leitura e à prática musical. Provavelmente, enquanto Kitty e Lydia estão atrás de oficiais em Meryton, Mary está em casa dedicando-se a uma dessas atividades. Por esse motivo, ela está sempre pronta para

²⁰ “A noite transcorreu de modo aprazível para toda a família” (AUSTEN, 2011, p. 113).

²¹ “Mary ouvira o próprio nome mencionado à senhorita Bingley como a garota mais prendada da região” (AUSTEN, 2011, p. 113).

²² “que havendo trabalhado duro [Mary] em busca de reconhecimento e realizações, em consequência de ser a única filha sem atrativos da família, estava sempre impaciente para aparecer” (AUSTEN, 2011, p. 128).

exibir suas habilidades em público. Após sua apresentação, o narrador faz a seguinte avaliação:

Mary had neither genius nor taste; and though vanity had given her application, it had given her likewise a pedantic air and conceited manner, which would have injured a higher degree of excellence than she had reached. (AUSTEN, 2012, p. 44)²³.

Para a sociedade de Jane Austen, ter desenvoltura musical era sinal de boa educação e feminilidade; ou seja, era um aspecto importante para se atingir o *status* de “accomplished young lady”. Porém, no fragmento acima, o narrador afirma que, apesar de dedicada, Mary não tem aptidão natural para tocar piano e, ao contrário de Elizabeth, não reconhece sua falta de destreza instrumental. Os comentários do narrador evidenciam que a personagem tem um elevado conceito sobre si própria. De certa forma, Mary julga-se superior aos outros, principalmente suas irmãs, em função do conhecimento advindo da leitura e das habilidades que presume ter. Os seus modos presunçosos e pretenciosos, como indicado pelo narrador, impelem-na a procurar oportunidades para exhibir-se. Na realidade, Mary cobiça o reconhecimento alheio. Depois de sua apresentação, Mary “was glad to purchase praise and gratitude by Scotch and Irish airs” (AUSTEN, 2012, p. 46)²⁴. O comentário do narrador atesta o desejo de Mary de obter espaço e destaque entre suas irmãs. Jane destaca-se por sua beleza, Elizabeth por seus modos adequados e perspicácia, Lydia e Kitty pela facilidade de socializarem-se e Mary procura reconhecimento de seu desenvolvimento intelectual e de suas habilidades.

A segunda apresentação pública de Mary (capítulo XVIII) ocorre em um importante momento da narrativa: o baile em Netherfield. Após a janta, foi solicitado que alguém cantasse e para Mary “such an opportunity of exhibiting was delightful to her, and she began her song” (AUSTEN, 2012, p. 196)²⁵. Novamente, o narrador destaca o desejo de Mary de exhibir-se publicamente. Nesse momento, a personagem tem a oportunidade de apresentar suas habilidades musicais para pessoas importantes da região e, dessa forma, tem a chance de obter uma posição elevada

²³ “Mary não tinha gênio nem gosto; e, embora a vaidade lhe houvesse dado determinação, dera-lhe também um ar pedante e modos convencidos, o que comprometia um grau mais alto de excelência do que ela já alcançara” (AUSTEN, 2011, p. 128).

²⁴ “ficou contente [Mary] ao arrancar elogios e agradecimentos com canções escocesas e irlandesas” (AUSTEN, 2011, p.128).

²⁵ “adorou [Mary] a oportunidade de se mostrar e começou a cantar” (AUSTEN, 2011, p.213).

em relação a suas irmãs. Depois de sua apresentação, Mary escuta o que acredita serem elogios e sente-se impelida a cantar uma segunda vez. Contudo, “Mary's powers were by no means fitted for such a display; her voice was weak, and her manner affected” (AUSTEN, 2012, p. 196)²⁶. Mary procura uma chance para vangloriar-se de suas habilidades, mas encontra a vergonha de ser interrompida por seu pai. No término de sua segunda canção, Mr. Bennet fala em alta voz: “That will do extremely well, child. You have delighted us long enough. Let the other young ladies have time to exhibit” (AUSTEN, 2012, p. 196)²⁷. As palavras de Mr. Bennet sugerem que Mary, assim como as demais jovens presentes, procura apresentar-se apenas pelo vão desejo de gabar-se. O comportamento inapropriado de Mr. Bennet e de Mary é de suma relevância para a interferência de Mr. Darcy no relacionamento de Mr. Bingley e Jane. Posteriormente, na carta a Elizabeth, Mr. Darcy justifica sua intromissão da seguinte forma:

The situation of your mother's family, though objectionable, was nothing in comparison to that total want of propriety so frequently, so almost uniformly betrayed by herself, by your three younger sisters, and occasionally even by your father.²⁸

Mr. Darcy censura a total falta de compostura das três irmãs mais novas de Elizabeth e Mr. Bennet. Assim, o desejo de Mary por exibição e destaque é um dos componentes que levarão Mr. Darcy a separar Mr. Bingley e Jane. Portanto, os comentários do narrador sobre as duas ocasiões em que Mary se apresenta publicamente desqualificam o que fora dito a Miss Bingley no primeiro contato entre as famílias. Fique evidente que as habilidades de Mary foram desenvolvidas insuficientemente uma vez que, ela não desenvolveu destreza musical e não elabora comentários críticos baseados em suas leituras.

O terceiro comentário do narrador, antes do baile de Netherfield Park, encontra-se no capítulo XII no volume I. Nesse capítulo, depois de Jane ter se recuperado de

²⁶ “Mary estava longe de ter a força necessária para tudo aquilo; sua voz era fraca e sua pose, afetada” (AUSTEN, 2011, p. 128).

²⁷ “Muito bem, filha. Você já nos encantou bastante. Deixe as outras jovens damas aparecerem um pouco” (AUSTEN, 2011, p.128).

²⁸ “A situação da família de sua mãe, embora censurável, nada seria se compara à total falta de educação quase sempre revelada por ela mesma, por suas três irmãs mais novas e eventualmente até mesmo por seu pai” (AUSTEN, 2011, p. 322).

uma forte gripe que a manteve em Netherfield por vários dias, ela e Elizabeth voltam para casa. Nesse momento, o narrador faz a seguinte observação:

They [Elizabeth and Jane] found Mary, as usual, deep in the study of thorough-bass and human nature; and had some extracts to admire, and some new observations of threadbare morality to listen to (AUSTEN, 2012, p. 114)²⁹.

O afastamento de Jane e Elizabeth não modificou o andamento da rotina familiar. Mary é encontrada por suas irmãs envolvida com as mesmas coisas – estudo de música e leituras sobre o comportamento humano e a moralidade. Ela recepciona suas irmãs com citações de algumas passagens de seus estudos e observações morais. A insistência da personagem em instruir outros moralmente, nos momentos mais inoportunos, a tornam inconveniente. Mary insiste em discutir questões moralistas já estabelecidas e, certamente, conhecidas amplamente. De acordo com Alan Richarson (2005, p. 402), Mary “exemplifies the error of reading for superficial knowledge and memorising set passages for the purpose of showing off”³⁰. A postura de Mary como leitora demonstra que a leitura de bons livros e a capacidade de citá-los não são um indicativo de amadurecimento intelectual. A ambição intelectual de Mary e os seus comentários sem sentido fazem dela uma personagem cômica, estúpida e inoportuna.

No volume III, o narrador faz dois comentários importantes sobre Mary. O primeiro ocorre logo após o noivado de Jane e Mr. Bingley; o segundo, nos capítulos finais do romance. No capítulo XIII do volume III, Jane fica noiva de Mr. Bingley e, nessa ocasião, o narrador menciona que “Mary petitioned for the use of the library at Netherfield” (AUSTEN, 2012, p. 662)³¹. O pedido de Mary, no final da narrativa, indica que ela continua se comportando da mesma maneira de sempre. De fato, seus interesses não mudam ao longo do romance. Mary, ao contrário de outras personagens, principalmente as protagonistas, não passa por mudanças intelectuais

²⁹ “Encontraram Mary, como de costume, mergulhada em estudos do baixo contínuo e da natureza humana; e tiveram que admirar algumas passagens e ouvir novas observações sobre a velha moral” (AUSTEN, 2011, p. 168).

³⁰ “[Mary] exemplifica o erro da leitura para o conhecimento superficial e a memorização de passagens com a finalidade de exibir-se”.

³¹ “Mary pediu para ter acesso à biblioteca de Netherfield” (AUSTEN, 2011, p. 487).

e comportamentais. Todavia, o último comentário do narrador sobre ela indica uma tênue alteração de conduta ao final da narrativa:

Mary was the only daughter who remained at home; and she was necessarily drawn from the pursuit of accomplishments by Mrs. Bennet's being quite unable to sit alone. Mary was obliged to mix more with the world, but she could still moralize over every morning visit; and as she was no longer mortified by comparisons between her sisters' beauty and her own, it was suspected by her father that she submitted to the change without much reluctance (AUSTEN, 2012, p. 736)³².

Depois do casamento de suas irmãs, Mary passa a ser a companhia de Mrs. Bennet. De acordo com o narrador, as novas circunstâncias de Mary obrigam-na a se relacionar mais com outras pessoas. Contudo, a personagem continua a avaliar as situações ao seu redor da mesma maneira, pois mantém o hábito de instruir outros na boa moral social. Dessa forma, apesar dos vários eventos que sobrevêm à família Bennet, não há grandes mudanças no comportamento de Mary desde o início até o término da narrativa. A leve modificação na conduta da personagem não advém de uma reavaliação de pensamentos ou da aprendizagem a partir de seus próprios erros. Na verdade, Mary sente-se obrigada a agir de modo diferente em função de novas circunstâncias – o casamento de suas irmãs e o convívio mais próximo com sua mãe.

Portanto, a análise desenvolvida nesta seção indica que tanto as falas de Mary Bennet, como os comentários do narrador e de outras personagens sobre ela constroem uma visão negativa dessa personagem. De fato, as passagens analisadas corroboram a introdução desfavorável da personagem no início de *Pride and Prejudice*. Ao longo da narrativa, tanto as observações do narrador quanto as falas da própria personagem constroem-na como uma leitora desatenta ao uso adequado do que lê, incapaz de amadurecer intelectualmente a partir de suas leituras. Conclui-se, então, que as atitudes de Mary, uma voraz leitora de manuais de conduta, são opostas aos princípios apresentados nos livros que ela tanto valoriza.

Jane Austen escreveu *Pride and Prejudice* num período em que a sociedade inglesa defendia plenamente a leitura de livros instrucionais e rebaixava a leitura de romances. Os romances, para a maioria dos conservadores da época, encorajavam a

³² “Mary foi a única filha que permaneceu em casa; e foi necessariamente impedida da busca de realizações pelo fato de a senhora Bennet ser em grande medida incapaz de ficar sozinha. Mary foi obrigada a misturar-se mais com o mundo, mas continuava tirando lições de moral de cada visita matinal; e, como já não se mortificava com comparações entre a beleza das irmãs e a sua própria, o pai desconfiava que ela se submetera à mudança sem grande relutância” (AUSTEN, 2011, p.530).

falta de comedimento e a conduta inadequada das mulheres. Diante da discussão sobre os benefícios e malefícios do romance, Jane Austen criou uma personagem que, apesar de ler em excesso os manuais de conduta recomendados, é incapaz de adquirir conhecimento prático de suas leituras e aplicá-lo em sua vida. Desse modo, embora Mary não seja uma personagem relevante para o desenvolvimento dos eventos centrais do romance, sua construção, a partir de suas falas, comportamento e dos comentários do narrador e de outras personagens, representa uma questão importante para Austen. O contra-exemplo de Mary Bennet expõe a importância da leitura crítica e reflexiva para a maturidade do leitor.

1.2 MR. COLLINS, O LEITOR DE MANUAIS DE CONDUTA

Mr. Collins é o sobrinho de Mr. Bennet que herdará a propriedade da família. Por esse motivo, diferentemente de Mary Bennet, Mr. Collins tem envolvimento mais direto com os eventos centrais da narrativa. A introdução dessa personagem no romance, em meados do volume I, e seu comportamento até o final do mesmo volume contribuem para o afastamento entre Mr. Darcy e Elizabeth e, conseqüentemente, influenciam a partida de Mr. Bingley – principais acontecimentos da primeira parte do romance. No desenvolvimento da narrativa, a interação de Mr. Collins com outras personagens, por meio de diálogos, e os comentários do narrador sobre ele problematizam a postura dessa personagem como leitor.

Entre os capítulos I e VI do primeiro volume, a trama central da narrativa já está estabelecida, pois nela se constrói o envolvimento entre Mr. Bingley e Jane e as circunstâncias que levam ao afastamento entre Mr. Darcy e Elizabeth Bennet. Dos capítulos VII ao XVII, Jane adoece em Netherfield Park e Elizabeth permanece nessa propriedade a fim de cuidar de sua irmã por alguns dias. Depois de Jane e Elizabeth retornarem para casa, Mr. Bennet lê em alta voz a carta de um sobrinho, Mr. Collins. Portanto, a personagem é introduzida no romance através da leitura dessa correspondência. De início, Mr. Collins, em sua carta, refere-se a um desentendimento entre seu pai e Mr. Bennet e expressa o desejo de fazer as pazes com a família. Ainda, como pastor da Igreja Anglicana, ele declara que deve estabelecer a paz e dar exemplo para sua paróquia. Por esse motivo, ele deseja visitar a família Bennet e resolver qualquer desavença que ainda possa existir. O modo como Mr. Collins

escreve e refere a si mesmo diz muito a seu respeito. Sua carta está repleta de expressões solenes principalmente quando trata de Lady Catherine de Bourgh. Mr. Collins descreve-a como uma pessoa “Right Honourable” (AUSTEN, 2012, p. 120)³³ e dá as seguintes informações sobre sua protetora:

Lady Catherine de Bourgh, widow of Sir Lewis de Bourgh, whose bounty and beneficence has preferred me to the valuable rectory of this parish, where it shall be my earnest endeavour to demean myself with grateful respect towards her ladyship, and be ever ready to perform those rites and ceremonies which are instituted by the Church of England (AUSTEN, 2012, p. 120)³⁴.

Nesse trecho de sua carta, Mr. Collins dá destaque à generosidade e à compaixão de Lady Catherine. Também expressa seu orgulho pelo privilégio de ter sido escolhido como pastor da paróquia pertencente a essa viúva. Assim, Mr. Collins procura apresentar-se como um homem de boas relações. Na medida em que engrandece Lady Catherine, ele também se eleva social e moralmente, uma vez que possui relação privilegiada com alguém da alta nobreza. Além disso, segundo o próprio Mr. Collins, seu esforço em estabelecer a paz entre as famílias deve ser reconhecido como seu “present overtures of good-will” (AUSTEN, 2012, p. 120)³⁵. Faz sentido, então, que Mr. Bennet e Elizabeth destaquem o estilo pomposo, o tom serviçal e a autoestima que Mr. Collins expressa em sua carta.

Nesse mesmo capítulo (capítulo XIII do volume I), Mr. Collins chega à casa dos Bennets pontualmente. De acordo com o narrador, “He [Mr. Collins] was a tall, heavy looking young man of five and twenty. His air was grave and stately, and his manners were very formal” (AUSTEN, 2012, p. 124)³⁶. Inicialmente, ele se apresenta com ar superior e demonstra um comportamento extremamente formal. No primeiro contato com suas primas, Mr. Collins faz uma porção de elogios que destacam a beleza das jovens Bennets e, se não fosse interrompido pelo aviso do jantar, teria prolongado consideravelmente seu comentário sobre as dificuldades de suas “fair cousins”

³³ “muito honrada” (AUSTEN, 2011, p. 171).

³⁴ “Lady Catherine de Bourgh, viúva de Sir Lewis de Bourgh, cuja generosidade e caridade me acolheram para ocupar a valiosa reitoria dessa paróquia, onde será minha lição me curvar com grande respeito à sua senhoria e estar sempre pronto a executar os cerimoniais e rituais instituídos pela igreja anglicana” (AUSTEN, 2011, p. 171).

³⁵ “[minha] atual demonstração de boa vontade” (AUSTEN, 2011, p. 171).

³⁶ “Era [Mr. Collins] um rapaz alto, graúdo, de seus vinte e cinco anos. Tinha o ar grave e altivo, e seus modos eram bastante formais” (AUSTEN, 2011, p. 173).

(AUSTEN, 2012, p. 124)³⁷ quanto à impossibilidade de receberem a herança. Na abertura do capítulo seguinte, XIV do volume I, o narrador explica que, após o jantar, Mr. Bennet pergunta sobre Lady Catherine e deixa Mr. Collins expressar-se à vontade. Através do discurso indireto o narrador destaca as falas de Mr. Collins sobre o assunto:

Mr. Collins was eloquent in her praise. The subject elevated him to more than usual solemnity of manner, and with a most important aspect he protested that he had never in his life witnessed such behaviour in a person of rank—such affability and condescension, as he had himself experienced from Lady Catherine [...] (AUSTEN, 2012, p. 128)³⁸.

De acordo com o narrador, as explicações sobre Lady Catherine e os inúmeros elogios direcionados a ela foram oportunos para que Mr. Collins engrandecesse ainda mais seus modos pomposos e aumentasse seu ar distinto e nobre. Também, no decorrer do diálogo, Mr. Collins destaca seu gosto em elogiar jovens, principalmente, a filha de Lady Catherine. Em vista disso, Mr. Bennet pergunta qual seria a natureza das lisonjas oferecidas por Mr. Collins – se tais elogios são impulsos momentâneos ou resultado de um estudo prévio (AUSTEN, 2012, p. 130). Mr. Collins assegura que

They [compliments] arise chiefly from what is passing at the time, and though I sometimes amuse myself with suggesting and arranging such little elegant compliments as may be adapted to ordinary occasions, I always wish to give them as unstudied an air as possible (AUSTEN, 2012, p. 130)³⁹.

A personagem admite que reserva tempo para pensar em lisonjas que possam ser adaptadas a pessoas e circunstâncias diversas. Sua resposta revela um aspecto importante de seu caráter, a saber, a falsidade. Mr. Collins força comentários elogiosos a fim de ser bem visto por outros. Desse modo, a carta de Mr. Collins e o modo de comportar-se na casa dos Bennets revelam sua humildade fingida. Seu tom formal e seus elogios insinceros expressam a tentativa de mostrar-se sensato, culto e

³⁷ “belas primas” (AUSTEN, 2011, p. 173).

³⁸ “O senhor Collins foi eloquente em seus elogios à sua senhora. O assunto elevou-lhe ainda mais a solenidade dos modos, e dando-se ares de importância declarou nunca na vida ter testemunhado tal comportamento em uma pessoa daquela posição social, tamanha afabilidade e complacência, como as que ele mesmo experimentara da parte de Lady Catherine” (AUSTEN, 2011, p. 175).

³⁹ “Elas surgem principalmente do que está se passando no momento e, embora eu às vezes me entretenha pensando e compondo pequenos elogios elegantes que possam vir a se encaixar em qualquer ocasião, sempre gosto de lhes dar um ar tão espontâneo quanto possível” (AUSTEN, 2011, p. 174).

eloquente. Portanto, a apresentação de Mr. Collins, nos capítulos XIII e XIV do volume I, é negativa. O comportamento de Collins expõe sua auto-estima em função de sua relação com Lady Catherine e sua posição como pastor (profissão honrada pela sociedade da época). Desse modo, a partir das passagens introdutórias dessa personagem no romance, analiso, respectivamente, o seu modo de falar e os comentários do narrador a fim de discutir o papel de leitor desempenhado por Mr. Collins em *Pride and Prejudice*.

Em sua primeira noite com a família Bennet, Mr. Collins já expressa sua relação com a leitura. Após aquele diálogo mencionado com Mr. Bennet, Mr. Collins é convidado a ler para toda a família. Ao pegar o primeiro livro, de acordo com o narrador, ele percebeu que este pertencia a uma biblioteca circulante e “begging pardon, protested that he never read novels” (AUSTEN, 2012, p. 132)⁴⁰. Em seguida, ele escolhe os Sermões de Fordyce e começa sua leitura monótona. Depois de ler três páginas, Mr. Collins é interrompido por Lydia e, em seguida, muito ofendido, diz o seguinte:

I have often observed how little young ladies are interested by books of a serious stamp, though written solely for their benefit. It amazes me, I confess; for, certainly, there can be nothing so advantageous to them as instruction. But I will no longer importune my young cousin. (AUSTEN, 2012, p. 134)⁴¹.

A escolha de Mr. Collins explicita o tipo de leitura pelo qual ele se interessa. Primeiramente, ele rejeita a leitura de um romance e afirma jamais ler esse tipo de gênero. Depois, escolhe ler sermões cujo objetivo é instruir jovens mulheres. Após Lydia interrompê-lo, Mr. Collins pontua o desinteresse da maioria das mocinhas por livros de conteúdo sério (ou seja, por manuais de conduta) e defende o “benefício” dos livros instrucionais para as mentes femininas. Assim sendo, o comportamento de Mr. Collins mostra que ele é um homem de modos muito formais e que estima, excessivamente, o cumprimento de códigos sociais. Desse modo, não é de admirar que ele prefira a leitura de manuais de conduta e que jamais leia romances. A maioria

⁴⁰ “Desculpando-se [Mr. Collins] declarou que jamais lia romances” (AUSTEN, 2011, p. 177).

⁴¹ “Tenho reparado que as jovens damas se interessam pouco por livros sérios, ainda que sejam escritos apenas para benefício delas próprias. Espanta-me, confesso; - pois certamente deve haver nada mais vantajoso para elas do que a educação. Mas não irei mais importunar a minha jovem prima” (AUSTEN, 2011, p. 178).

dos manuais de conduta era escrita principalmente por clérigos – homens responsáveis pela instrução moral e social (BYRNE, 2005, p. 297). Assim, na condição de pastor, Mr. Collins aproveita a oportunidade para pregar a boa conduta às suas primas na primeira noite de sua visita – ocasião completamente inapropriada. Seu comportamento é desrespeitoso com Mr. Bennet, visto que esse tipo de instrução moral era responsabilidade do chefe da família. Ainda, a postura de Mr. Collins diante da leitura de romances se assemelha à dos moralistas da época. De fato, a composição de *Pride and Prejudice* é contemporânea à discussão sobre os benefícios e malefícios do romance como gênero literário. Como mencionado anteriormente, a maior parte dos conservadores acusava o romance de exercer influência nociva para as jovens mulheres. Assim, Jane Austen cria uma personagem que dialoga com essa questão tão importante de sua época.

A introdução de Mr. Collins na narrativa, através de sua correspondência, não é acompanhada de comentários avaliativos do narrador. Assim, depois da primeira noite do visitante com a família Bennet (capítulos XIII e XIV do primeiro volume), o narrador dá informações prévias sobre Mr. Collins e faz observações sobre seu caráter. Dessa maneira, o capítulo XV do volume I abre da seguinte forma:

Mr. Collins was not a sensible man, and the deficiency of nature had been but little assisted by education or society; the greatest part of his life having been spent under the guidance of an illiterate and miserly father; and though he belonged to one of the universities, he had merely kept the necessary terms, without forming at it any useful acquaintance. The subjection in which his father had brought him up had given him originally great humility of manner; but it was now a good deal counteracted by the self-conceit of a weak head, living in retirement, and the consequential feelings of early and unexpected prosperity. A fortunate chance had recommended him to Lady Catherine de Bourgh when the living of Hunsford was vacant; and the respect which he felt for her high rank, and his veneration for her as his patroness, mingling with a very good opinion of himself, of his authority as a clergyman, and his right as a rector, made him altogether a mixture of pride and obsequiousness, self-importance and humility (AUSTEN, 2012, p. 138)⁴².

⁴² “O senhor Collins não era um homem sensato, e tal deficiência natural tampouco fora auxiliada pela educação ou pela sociedade; boa parte de sua vida se passara sob as ordens de um pai iletrado e mesquinho; e, embora tivesse passado por uma universidade, mal a frequentara, nem fizera qualquer conhecido importante. A sujeição em que o pai o havia criado dera-lhe originalmente modos muito humildes, que agora eram em grande medida compensados pela arrogância de um intelecto fraco, que vivia isolado, e os sentimentos consequentes de uma súbita e inesperada prosperidade. Um caso da sorte o recomendara a Lady Catherine de Bourgh quando a paróquia de Hunsford ficara vaga; e o respeito que ele demonstrou pela alta posição, e sua veneração por ela como sua protetora, sua autoridade clerical, e seus direitos de reitor, faziam dele um misto simultâneo de orgulho e servilismo, arrogância e humildade” (AUSTEN, 2011, p. 179).

As explicações e avaliações do narrador não surpreendem o leitor. A carta de Mr. Collins e seu modo de agir, nos dois capítulos anteriores, correspondem perfeitamente ao fragmento acima. Mr. Collins não é um homem sensato e sua falsa humildade revela sua arrogância. Interessantemente, o narrador descreve-o como um homem orgulhoso. Em comparação, Mr. Darcy é julgado por outras personagens da mesma forma. Por exemplo, segundo Miss Lucas, Mr. Darcy “has a *right* to be proud” (AUSTEN, 2012, p. 36)⁴³. A fortuna, o berço nobre, a boa educação e a instrução de Mr. Darcy, de certo modo, justificam o seu orgulho. Mr. Collins, por outro lado, não possui fortuna e não é bem-nascido; assim, seu orgulho é fundamentado no autoconceito. Embora tente aparentar humildade, Mr. Collins julga-se superior aos outros e é egocêntrico. A personagem busca ganhar destaque por meio das inúmeras menções à sua relação com Lady Catherine, seus modos solenes, seus incansáveis elogios e seus discursos morais intermináveis - discursos que são apenas réplicas idênticas de manuais de conduta ou do senso comum.

O comportamento de Mr. Collins, até o final do volume I, apenas reafirma essa avaliação do narrador a seu respeito. Como já mencionado, essa personagem demonstra uma preocupação excessiva com o decoro moral, pois até mesmo refreia-se de ler romances. Contudo, o comportamento de Mr. Collins é inteiramente contrário à moral que prega. A conduta da personagem no baile em Netherfield Park é uma evidência de seu caráter contraditório. Durante o baile, Mr. Collins descobre que Mr. Darcy é sobrinho de Lady Catherine e decide introduzir-se a ele. O narrador explica que

Elizabeth tried hard to dissuade him from such a scheme, assuring him that Mr. Darcy would consider his addressing him without introduction as an impertinent freedom, rather than a compliment to his aunt; that it was not in the least necessary there should be any notice on either side; and that if it were, it must belong to Mr. Darcy, the superior in consequence, to begin the acquaintance. Mr. Collins listened to her with the determined air of following his own inclination [...] (AUSTEN, 2012, p. 190)⁴⁴.

Mr. Collins insiste em falar com Mr. Darcy, apesar dos avisos de Elizabeth. Sua atitude infringe uma norma social comumente difundida: sendo Darcy social e

⁴³ “Ele tem o direito de ser orgulhoso” (AUSTEN, 2011, p. 122).

⁴⁴ “Elizabeth esforçou-se para tentar dissuadi-lo de tal plano; garantindo que o senhor Darcy consideraria sua abordagem sem ser apresentado uma liberdade impertinente, e não um elogio à sua tia; que não era minimamente necessário que qualquer um dos dois se apresentassem e, caso fosse, deveria caber ao senhor Darcy, de posição superior, vir procurá-lo. – O senhor Collins ouvia-a com ar de alguém determinado a seguir sua própria inclinação [...]” (AUSTEN, 2011, p. 210).

economicamente superior a Mr. Collins, ele mesmo teria o direito de se apresentar ou outra pessoa poderia fazê-lo. Contudo, como enfatizado pelo narrador, Mr. Collins não dá importância aos avisos de Elizabeth e segue sua própria inclinação. Sua atitude é presunçosa e contrária aos princípios de humildade e simplicidade exigidas pela profissão de pastor. Ademais, Mr. Collins age de forma inapropriada e oposta às normas dos manuais de conduta que lê.

O comportamento da personagem no baile valida os comentários negativos do narrador a seu respeito. Assim, ao término do primeiro volume do romance, é evidente que Mr. Collins é uma personagem contraditória e sua defesa excessiva da moral o expõe ao ridículo – a mesma postura mantém-se no desenvolvimento dos eventos do volume II. Após o casamento de Mr. Collins e Charlotte Lucas, Elizabeth visita-os em Hunsford. Vários capítulos narram a vida doméstica dos Collins, a relação do casal com Lady Catherine e, principalmente, o encontro entre Mr. Darcy e Elizabeth. Na abertura do capítulo XVII desse volume, o narrador descreve a rotina de Mr. Collins:

[...] the chief of the time between breakfast and dinner was now passed by him either at work in the garden or in reading and writing, and looking out of the window in his own book-room, which fronted the road (AUSTEN, 2012, p. 328)⁴⁵.

Mr. Collins passa parte da manhã em sua biblioteca particular – cômodo da casa destinado à leitura e à escrita; provavelmente, escrita de sermões, pois, de acordo com ele mesmo, um pastor “must write his own sermons” (AUSTEN, 2012, p. 198)⁴⁶. A biblioteca de Mr. Collins fica de frente para a estrada; sendo assim, entre a leitura e a escrita, Mr. Collins pode ver quem passa por ali, especialmente, Lady Catherine. Na realidade, Collins está mais interessado no que acontece fora de sua biblioteca do que em suas atividades de leitura. Sua postura quanto à leitura explicita que ele, de fato, não é um leitor atento. No capítulo XV (volume I), enquanto está hospedado na residência dos Bennets, Lydia convida Mr. Collins para caminhar até Meryton e Mr. Bennet apoia a ideia, pois teria novamente sua biblioteca para seu usufruto particular. É então que o narrador pontua que “Collins, being in fact much better fitted for a walker than a reader, was extremely pleased to close his large book,

⁴⁵ “a maior parte do tempo entre o desjejum e o jantar ele passava trabalhando no jardim ou lendo, escrevendo e olhando pela janela de sua biblioteca, que dava para a estrada” (AUSTEN 2011, p. 289).

⁴⁶ “[o pastor] precisa escrever os seus próprios sermões” (AUSTEN, 2011, p. 214).

and go” (AUSTEN, 2012, p. 140)⁴⁷. Assim como Mary Bennet, Mr. Collins tenta impressionar os outros ao seu redor através da leitura. Ler, ou melhor, ter um livro em mãos representa um empoderamento social e cultural. Mr. Collins busca ser reconhecido como um homem sensato e culto, mas aceita prontamente largar o livro para acompanhar as primas. Posteriormente, em sua própria casa, sua atitude continua a mesma – a atenção de Mr. Collins está longe de ser destinada aos livros, pois está focada nos transeuntes que o interessam. Portanto, a biblioteca não é um espaço de leitura, mas um ponto de monitoramento da vida de outrem, principalmente, de Lady Catherine.

Interessantemente, a biblioteca é um espaço importante em *Pride and Prejudice*. Se Mr. Collins está sempre disposto a abandonar sua biblioteca por qualquer coisa interessante do lado de fora, Mr. Bennet prefere estar em sua biblioteca a qualquer outra atividade. Na passagem destacada acima, em que Mr. Collins prefere caminhar a ler, o narrador expõe que “in his library he [Mr. Bennet] had been always sure of leisure and tranquility [...]” (AUSTEN, 2012, p. 140)⁴⁸. O comentário do narrador esclarece que, para Mr. Bennet, a biblioteca é um espaço de refúgio contra sua esposa e suas três filhas mais jovens. O desejo de Mr. Bennet em abrigar-se nesse aposento é destacado, principalmente, no momento em que Mr. Collins pede Elizabeth em casamento. No capítulo XX do volume I, após Elizabeth recusar o pedido de casamento de Mr. Collins, Mrs. Bennet vai até a biblioteca pedir que Mr. Bennet obrigue Elizabeth a casar-se. O narrador descreve que “Mr. Bennet raised his eyes from his book as she entered, and fixed them on her face with a calm unconcern [...]”⁴⁹. Mr. Bennet concorda com a decisão de Elizabeth, o que espanta sua esposa pois, para Mrs. Bennet, o casamento de Elizabeth e Mr. Collins (herdeiro da propriedade familiar) significaria o amparo de suas filhas. Após esse episódio na biblioteca, Mr. Bennet fala o seguinte a sua esposa:

“My dear”, replied her husband, “I have two small favours to request. First, that you will allow me the free use of my understanding on the present

⁴⁷ “e este [Mr. Collins], na verdade muito mais dado a passeio que à leitura, ficou imensamente satisfeito de fechar o livro e partir” (AUSTEN, 2011, p. 181).

⁴⁸ “Em sua biblioteca ele [Mr. Bennet] tivera a garantia do ócio e da tranquilidade [...]” (AUSTEN, 2011, p. 181).

⁴⁹ “O senhor Bennet ergueu os olhos do livro quando ela entrou, e fixou-se no rosto da esposa com uma calma e despreocupação” (AUSTEN, 2011, p. 224).

occasion; and secondly, of my room. I shall be glad to have the library to myself as soon as may be" (AUSTEN, 2012, p. 140)⁵⁰.

A biblioteca é um lugar de isolamento para Mr. Bennet. Diferentemente de Mr. Collins, Mr. Bennet não é um leitor que procura esnobar o seu conhecimento; na verdade, ele busca tranquilidade e uma forma de ocupação entre os livros. Sendo assim, nos casos de Mr. Collins e Mr. Bennet a biblioteca possui outras funções que não a de um espaço exclusivo para a leitura. Para Mr. Collins, estar em sua biblioteca é uma oportunidade de cuidar da vida dos outros; para Mr. Bennet, esse cômodo é um meio de fuga dos ataques de nervos de sua esposa e das tolices das filhas mais novas.

Em resumo, a postura de Mr. Collins como leitor explicita sua leitura hipócrita de manuais de conduta. Os comentários do narrador e o modo como Mr. Collins se comunica indicam que este é um leitor de manuais de conduta cujo comportamento é oposto ao que prega. Nesse sentido, Mr. Collins não é um leitor diferente de Mary Bennet. Ambos são pregadores da boa moral semeada por aqueles manuais, mas são inconvenientes, pedantes e hipócritas em relação ao que leem e, em consequência, ao que doutrinam. Até mesmo Mrs. Bennet percebe a semelhança de comportamento entre Mr. Collins e Mary. Assim, após Elizabeth recusar-se a casar-se com o primo, Mrs. Bennet tem esperança de que Mr. Collins se interesse por uma de suas filhas mais jovens "and Mary might have been prevailed on to accept him" (AUSTEN, 2012, p. 242)⁵¹. Em seguida, o narrador expõe os motivos para Mrs. Bennet crer que Mary aceitaria casar-se com Mr. Collins:

She rated his abilities much higher than any of the others; there was a solidity in his reflections which often struck her, and though by no means so clever as herself, she thought that if encouraged to read and improve himself by such an example as hers, he might become a very agreeable companion (AUSTEN, 2012, p. 242)⁵².

⁵⁰ "Minha cara, respondeu o marido, tenho dois pequenos favores para lhe pedir. Primeiro, que me permita usufruir livremente do meu entendimento na atual circunstância; e, segundo, da minha biblioteca. Gostaria de ficar sozinho aqui sempre que possível" (AUSTEN, 2011, p. 225).

⁵¹ "e Mary podia vir a se convencer a aceitá-lo" (AUSTEN, 2011, p. 239).

⁵² "Ela estimava suas qualidades muito mais do que qualquer uma das outras; havia uma solidez em suas reflexões que muitas vezes a impressionava e, ainda que não fosse tão inteligente, ela pensou que, se estimulado a ler e se aperfeiçoar tomando-a como exemplo, ele poderia tornar-se uma companhia agradável" (AUSTEN, 2011, p. 239,240).

Mary talvez seja uma das únicas personagens que tem uma opinião positiva sobre Mr. Collins. Mary admira suas falas moralizantes, pois reconhece nelas a mesma reprodução irrefletida que ela faz dos manuais de conduta. Mary e Mr. Collins são leitores inadequados e criticados por Jane Austen, pois suas leituras concentram-se apenas na reprodução contínua de preceitos morais que eles mesmos não seguem. Contudo, cumpre destacar que, diferentemente de Mary, Mr. Collins demonstra uma falsa humildade e solenidades forçadas a fim de bajular aqueles que se encontram em posição social superior à sua. Sua arrogância é fundamentada por seus modos formais e no autoconceito.

Desse modo, Mary Bennet e Mr. Collins são personagens importantes em *Pride and Prejudice*, pois são contra-exemplos de leitores críticos e reflexivos. Mary é uma leitora que prioriza a quantidade de leitura e a capacidade de fazer citações de modo aleatório. Mr. Collins é ainda pior à medida que ele é um leitor que não lê. Os leitores moralistas de Jane Austen são, na verdade, leitores hipócritas - as normas contidas nos livros instrucionais que leem não são capazes de aprimorá-los, pois, ao final da narrativa, o comportamento de ambos mantém-se inalterado. Jane Austen, através de Mary e Mr. Collins, demonstra que nem o romance pode ser culpado pelos modos censuráveis de seus leitores nem os manuais de conduta responsabilizados pela possível salvação moral dos mesmos.

1.3 MR. DARCY E A (RE)LEITURA DE COMPORTAMENTO PESSOAL

A importância de Mr. Darcy em *Pride and Prejudice* é indiscutível. Afinal, ele é um dos protagonistas e, desse modo, os principais acontecimentos da narrativa estão relacionados, direta ou indiretamente, a ele e Elizabeth Bennet. Além disso, Mr. Darcy é um leitor de extrema relevância no romance. Diferentemente de Mary Bennet e Mr. Collins, Darcy não está sempre com um livro nas mãos. A construção dessa personagem como leitor, no decorrer dos três volumes do romance, compreende igualmente duas concepções distintas de leitura. Desse modo, discutirei a introdução dessa personagem na narrativa e, na sequência, analisarei a relação de Darcy com a leitura de livros ficcionais e não-ficcionais, e, por extensão, com a leitura das situações que ele vive. Serão considerados os comentários do narrador sobre Mr. Darcy, os diálogos estabelecidos entre Darcy e outras personagens e o modo com que ele emite suas opiniões.

Mr. Darcy é introduzido na narrativa no capítulo III do volume I. Nesse capítulo, ele acompanha Mr. Bingley e seus familiares a um baile público. Segundo o narrador, Darcy destacou-se de seus amigos por “his fine, tall person, handsome features, noble mien” e, principalmente, por “his having ten thousands a year” (AUSTEN, 2012, p. 16)⁵³. Mr. Bingley não é de uma linhagem nobre; ele é herdeiro dos negócios de seu pai. Já Mr. Darcy é um representante da alta nobreza, cuja riqueza é pelo menos três vezes maior do que a de seu amigo. Depois de descrevê-lo fisicamente, o narrador concentra-se na opinião de outras personagens sobre Mr. Darcy. Conforme o narrador, os homens o estimavam, as mulheres o achavam mais bonito que Mr. Bingley, e até que seu comportamento modificou tais opiniões, pois “he was discovered to be proud” (AUSTEN, 2012, p. 19)⁵⁴. Mr. Darcy tem uma avaliação desfavorável não por parte do narrador, mas sim pelas outras personagens. Mr. Bingley, apesar de não ser tão rico quanto Mr. Darcy, foi bem estimado, pois não perdia uma dança e se dirigia a todos cordialmente. Por oposição a Bingley, os modos insociáveis de Mr. Darcy são compreendidos como resultado de orgulho extremo. Portanto, os modos reservados, sérios e descorteses constroem, num primeiro momento, uma introdução negativa dessa personagem.

No capítulo seguinte (capítulo IV do volume I), o narrador faz descrições comparativas entre Mr. Darcy e Mr. Bingley. Conforme o narrador afirma, Bingley “was endeared to Darcy by the easiness, openness, and ductility of his temper [...] On the strength of Darcy's regard, Bingley had the firmest reliance, and of his judgement the highest opinion” (AUSTEN, 2012, p. 30)⁵⁵. Certamente, ambos mantêm uma forte amizade e estima recíproca, embora suas personalidades sejam muito distintas. Na sequência, o narrador pontua que “Darcy was clever. He was at the same time haughty, reserved, and fastidious, and his manners, though well-bred, were not inviting” (AUSTEN, 2012, p. 30)⁵⁶. A posição superior de Mr. Darcy, em decorrência de sua educação e fortuna, é a fonte de seu orgulho. Assim sendo, as primeiras descrições de Mr. Darcy pelo narrador destacam o principal aspecto de sua

⁵³ “seu [Mr. Darcy] porte distinto, alto e bonito de nobre”. “dispunha [Mr. Darcy] de uma renda de dez mil libras por ano” (AUSTEN, 2011, p. 111).

⁵⁴ “se descobriu que [Mr. Darcy] era orgulhoso” (AUSTEN, 2011, p. 112).

⁵⁵ “Bingley era caro a Darcy pela sociabilidade, pela franqueza e pela docilidade de temperamento [...] com relação a Darcy, Bingley depositava a maior confiança, e de seu julgamento tinha a mais elevada opinião” (AUSTEN, 2011, p. 118).

⁵⁶ “Darcy era inteligente. Era ao mesmo tempo arrogante, reservado e exigente, e seus modos, ainda que educados, não eram convidativos” (AUSTEN, 2011, p. 118).

personalidade – o orgulho. Essa característica constitui a primeira impressão de Elizabeth Bennet sobre ele.

No baile em que se conhecem, Elizabeth escuta Darcy referir-se a ela como “tolerable” (AUSTEN, 2012, p. 20)⁵⁷, cuja beleza não era suficiente para atraí-lo. Referindo-se a esse comentário, Elizabeth afirma: “I could easily forgive *his* pride, if he had not mortified *mine*” (AUSTEN, 2012, p. 36)⁵⁸. Elizabeth também é orgulhosa, mas o seu orgulho é baseado em dignidade pessoal e não em *status* social e econômico, como no caso de Mr. Darcy. É justamente o orgulho de Darcy que fundamentará, em grande medida, a recusa de Elizabeth ao primeiro pedido de casamento.

Passando à análise da postura de Mr. Darcy como leitor de livros, encontramos esse conteúdo narrativo do capítulo VII ao capítulo XII do volume I. Como mencionado anteriormente, esses capítulos narram a estadia de Elizabeth em Netherfield Park durante o período em que Jane está doente. Nessas circunstâncias, Elizabeth convive com Mr. Bingley, seus familiares e Mr. Darcy. Sua permanência nessa propriedade proporciona oportunidades para que ela e Mr. Darcy se observem e se avaliem. Para Darcy, esse momento é crucial para a mudança de sua opinião a respeito de Elizabeth. No entanto, para Elizabeth, essa experiência apenas acentua sua percepção do orgulho de Mr. Darcy e intensifica sua opinião negativa sobre ele. No capítulo VIII, depois do jantar, os residentes de Netherfield Park reúnem-se para jogar cartas. Elizabeth recusa o convite e decide ler um livro. Nesse contexto, Miss Bingley indaga Darcy sobre sua irmã, Miss Darcy, e exalta as habilidades da jovem moça. Em seguida, Mr. Bingley revela sua admiração pelas competências artísticas da maioria das jovens. Na opinião de Bingley, quase todas as jovens que conhece “paint tables, cover screens, and net purses” (AUSTEN, 2012, p. 70)⁵⁹. Darcy, em contrapartida, emite seu ponto de vista do seguinte modo:

“Your list of the common extent of accomplishments”, said Darcy, “has too much truth. The word is applied to many a woman who deserves it no otherwise than by netting a purse or covering a screen. But I am very far from agreeing with you in your estimation of ladies in general. I cannot boast of

⁵⁷ “razoável” (AUSTEN, 2011, p. 113).

⁵⁸ “eu poderia facilmente perdoar o orgulho dele, se não tivesse ofendido o meu” (AUSTEN, 2011, p. 122).

⁵⁹ “[todas as moças] pintam, bordam e tricotam” (AUSTEN, 2011, p. 142).

knowing more than half-a-dozen, in the whole range of my acquaintance, that are really accomplished" (AUSTEN, 2012, p. 72)⁶⁰.

Segundo os princípios exigentes de Darcy, para receber a qualificação de *accomplished girl*, a mulher precisa possuir outras qualidades além de capacidades artísticas. Em concordância, Miss Bingley destaca a necessidade de ter conhecimento sobre música, canto, desenho, dança e saber outras línguas modernas (AUSTEN, 2012, p. 72). No entanto, além dessas habilidades, Darcy destaca uma aptidão mais substancial: "the improvement of her mind by extensive reading" (AUSTEN, 2012, p. 72)⁶¹. A qualidade destacada por Mr. Darcy refere-se a dois aspectos distintos. Primeiramente, ele apresenta sua estima pela inteligência feminina. Segundo Gary Kelly (2005, p. 258), a sociedade inglesa oitocentista fazia distinção entre *accomplishments* e *learning*. De acordo com o autor, uma mulher demasiadamente intelectual ou sabichona não atendia aos padrões morais da época. Gary Kelly (2005, p. 258) afirma que

'Learning' was accordingly condemned by female conduct books, satirised by male and female writers and excluded from most females' education. 'Learning' meant knowledge proper to male education and restricted to male participation, and included classical and Biblical languages, analytical and scientific discourses, controversial writing, theology and mathematics⁶².

Como se pode perceber, os preceitos morais oitocentistas enalteciam as habilidades femininas desenvolvidas, sobretudo, pelas mãos e não pela mente. Diferentemente do pensamento vigente da época, Darcy defende o aprimoramento intelectual, alcançado através da leitura, como fator principal para atingir o *status* de *accomplished young lady*. Alan Richardson (2005, p. 402) destaca que "reading, for Darcy, should not involve mere acquaintance with a list of classics, much less of anthology pieces, but years of wide reading with an end to attaining habits of mental

⁶⁰ "Sua lista dos talentos comuns de uma moça prendada, disse Darcy, é bastante verdadeira. O adjetivo é aplicado a muitas mulheres que o merecem apenas por saber tricotar ou bordar. Mas não concordo nem um pouco com você com relação às moças em geral. Não arrisco dizer que conheça mais do que meia dúzia, entre todas as minhas conhecidas, que sejam realmente talentosas" (AUSTEN, 2011, p. 144).

⁶¹ "o aperfeiçoamento de suas qualidades intelectuais por meio de muita leitura" (AUSTEN, 2011, p. 144).

⁶² "A aprendizagem 'escolar' era, portanto, condenada pelos manuais de conduta femininos, satirizada por escritores e escritoras e excluída, em grande parte, da educação feminina. A 'aprendizagem' significava um saber próprio da educação masculina, restrito à participação de homens e incluía línguas clássicas e bíblicas, discursos analíticos e científicos, escrita controversa, teologia e matemática".

discipline as well as gaining general knowledge”⁶³. Assim, Mr. Darcy defende a importância da leitura como fonte de conhecimento prático e hábito fundamental para o desenvolvimento mental. Ademais, o comentário de Darcy está relacionado a uma questão contemporânea a Jane Austen: com o tempo, o desenvolvimento de *accomplishments* passou a ser questionado, pois tais habilidades começaram a ser vistas como um artifício feminino para atrair um cônjuge. A opinião de Darcy corrobora a posição de escritores (Mary Wollstonecraft, por exemplo) que se opuseram à educação feminina centrada no desenvolvimento de aptidões artísticas e defenderam o aprimoramento intelectual por meio da escrita e, principalmente, da leitura. Portanto, Darcy valoriza a leitura reflexiva, analítica e atenta, a fim de alcançar o aprimoramento intelectual.

No capítulo X, Mr. Bingley, seus familiares, Mr. Darcy e Elizabeth reúnem-se após o jantar. Mr. Darcy ocupa-se em escrever uma carta para sua irmã, Georgiana. Miss Bingley faz diversos comentários sobre o estilo de escrita das cartas de Darcy. Nesse contexto, Mr. Bingley afirma que “he [Mr. Darcy] does not write with ease. He studies too much for words of four syllables” (AUSTEN, 2012, p. 90)⁶⁴. A defesa de Darcy quanto à importância da leitura atenta para o aperfeiçoamento da mente não está limitada ao seu discurso. A personagem, através de suas ações, comprova o seu interesse pela leitura reflexiva. Os cuidados de Darcy com sua biblioteca familiar e, como enfatizado por Mr. Bingley, seus esforços em aprimorar sua escrita por meio do estudo das palavras legitimam sua defesa da leitura crítica. Ao contrário de Mary Bennet e Mr. Collins, Darcy encara com seriedade a necessidade de cumprir com o que fala ou viver de acordo com o que defende. Nesse caso, ao passo que Mary e Mr. Collins são leitores exibidos e figuras contraditórias, Mr. Darcy procura comporta-se de modo coerente com suas convicções.

No capítulo seguinte, após o jantar, de acordo com o narrador, “Darcy took up a book; Miss Bingley did the same” (AUSTEN, 2012, p. 102)⁶⁵. Provavelmente, depois de ouvir Darcy defender a importância da leitura para o merecimento da qualificação de *accomplished lady*, Miss Bingley resolve ler um livro “which she had only chosen

⁶³ “A leitura, para Darcy, não deve compreender mera familiaridade com uma lista de clássicos, muito menos com antologias, mas anos de leitura ampla com o fim de atingir hábitos de disciplina mental, bem como adquirir conhecimentos gerais”.

⁶⁴ “[...] ele [Mr. Darcy] não escreve com facilidade. Esforça-se demais para usar palavras de quatro sílabas” (AUSTEN, 2011, p. 153).

⁶⁵ “Darcy pegou um livro; a senhorita Bingley fez o mesmo” (AUSTEN, 2011, p. 161).

because it was the second volume of his” (AUSTEN, 2012, p. 104)⁶⁶. Caroline Bingley recorre à leitura a fim de atrair a atenção de Darcy. Contudo, segundo o narrador, “she [Caroline Bingley] could not win him, however, to any conversation; he merely answered her question, and read on” (AUSTEN, 2012, p. 104)⁶⁷. Por fim, Caroline desiste de ler e começa a questionar Bingley sobre a organização do baile em Netherfield Park. Aos poucos, Miss Bingley direciona a conversa para a insociabilidade de Darcy em bailes, mas ele, “at whom it was all aimed, was still inflexibly studious” (AUSTEN, 2012, p. 106)⁶⁸. Portanto, apesar dos esforços de Miss Bingley em envolver Darcy na conversa, Mr. Darcy permanece completamente concentrado em sua leitura. Darcy não se distrai com os artifícios de Caroline, mas lê com plena atenção e seriedade o seu livro.

A postura de Darcy é completamente oposta à de Mr. Collins, Mary Bennet e Caroline Bingley. Mr. Collins dá a si mesmo o título de leitor, mas não demonstra interesse pleno em ler. Cumpre lembrar que, na ocasião em que Lydia o convida a caminhar até Meryton, ele não hesita em largar seus livros e sair para o passeio. Os momentos em que está sozinho em sua biblioteca são, na realidade, um pretexto para cuidar da vida alheia. Por seu turno, Mary Bennet é uma leitora que apenas reproduz conceitos morais de manuais de conduta que, aliás, são amplamente conhecidos. Miss Bingley, como enfatizado, apenas recorre à leitura a fim de despertar o interesse de Darcy. Diferentemente dessas personagens, Darcy não almeja a exibição pública ou a pregação moral; sua leitura é minuciosa e centrada, pois ele busca, por meio da leitura, um refinamento intelectual. Como o narrador pontua, mesmo quando fica sozinho com Elizabeth em Netherfield Park, “he [Mr. Darcy] adhered most conscientiously to his book, and would not even look at her [Elizabeth]” (AUSTEN, 2012, p. 114)⁶⁹. Para Darcy, a leitura é um exercício sério e nem mesmo a presença de Elizabeth desconcentra-o de sua atividade reflexiva.

Durante a estadia de Jane e Elizabeth em Netherfield Park, os diálogos entre as personagens são importantes, principalmente, para revelar o caráter de Darcy e expor sua postura como leitor. A opinião de Darcy sobre a leitura e seu comportamento

⁶⁶ “escolhera [Mrs. Bingley] por ser o segundo volume do livro dele” (AUSTEN, 2011, p. 161).

⁶⁷ “Não conseguia conquistá-lo, contudo, com nenhuma conversa; ele simplesmente respondia as suas perguntas e tornava a ler” (AUSTEN, 2011, p. 161).

⁶⁸ “Darcy, a quem tudo aquilo se dirigia, permaneceu inquebrantável com seu livro” (AUSTEN, 2011, p. 161).

⁶⁹ “Aferrou-se [Mr. Darcy] conscientemente ao livro e nem sequer olhou para ela” (AUSTEN, 2011, p. 161).

destacam-no como um leitor atento e crítico. Contudo, Darcy é uma personagem que expressa uma concepção de leitura com sentido mais amplo, a saber, leitura como capacidade de avaliação de circunstâncias vividas. Mr. Darcy não é apenas um leitor de ficção e de obra não-ficcional. Ele regula suas atitudes a partir dos acontecimentos que vive. Indubitavelmente, Mr. Darcy é um observador nato. Principalmente ao longo do primeiro volume do romance, o narrador faz várias referências ao costume de Mr. Darcy observar aqueles que estão ao seu redor. Tais observações são, deveras, uma leitura atenta daqueles com quem convive e das situações que testemunha. De fato, o narrador faz diversas menções às suas observações da personagem durante o baile em Netherfield, no capítulo XVIII do volume I.

Nesse capítulo, a família de Elizabeth protagoniza uma sucessão de vexames. Primeiro, Mr. Collins apresenta-se a Darcy sem uma introdução formal. Após insistir duas vezes em falar com o sobrinho de Lady Catherine, o narrador acrescenta que “he [Mr. Darcy] only made him [Mr. Collins] a slight bow, and moved to another way”. (AUSTEN, 2012, p. 192)⁷⁰. Em seguida, quando os convidados sentam para o jantar, Elizabeth percebe que sua mãe está conversando com Mrs. Lucas, em alta voz, sobre as inúmeras vantagens do casamento entre Jane e Mr. Bingley. Elizabeth, por sua vez, tenta persuadir a mãe a conversar em um tom mais baixo, pois pode perceber que “the chief of it was overheard by Mr. Darcy, who sat opposite to them”⁷¹. Apesar de Darcy não olhar para Mrs. Bennet, Elizabeth tem certeza de que “his attention was invariably fixed by her. The expression of his face changed gradually from indignant contempt to a composed and steady gravity” (AUSTEN, 2012, p. 196-197)⁷². Após o jantar, Mary toca piano e canta para todos os convidados; então, é interrompida abruptamente pelo pai – situação que Darcy também presencia. Conforme o narrador:

To Elizabeth it appeared that, had her family made an agreement to expose themselves as much as they could during the evening, it would have been impossible for them to play their parts with more spirit or finer success; [...] (AUSTEN, 2012, p. 198).⁷³

⁷⁰ “Ele [Mr. Darcy] apenas fez uma mesura leve e foi para outro lado” (AUSTEN, 2011, p. 210).

⁷¹ “o cerne da conversa era por acaso entreouvido pelo senhor Darcy, sentado diante delas” (AUSTEN, 2011, p. 212).

⁷² “sua atenção [de Mr. Darcy] estava imperturbavelmente fixada no que ela [Mrs. Bennet] dizia. A expressão de seu rosto mudou aos poucos do desprezo indignado para uma gravidade serena inabalável” (AUSTEN, 2011, p. 213).

⁷³ “Para Elizabeth parecia que, se sua família houvesse combinado de se expor tanto ao ridículo quanto se expusera aquela noite, seria impossível que desempenhassem os seus papéis com mais entusiasmo ou maior sucesso” (AUSTEN, 2011, p. 214).

Elizabeth sente-se envergonhada pelo comportamento de seus familiares; além disso, percebe que todas essas ocasiões constrangedoras são observadas de perto por Darcy. Como o narrador destaca, durante o resto da noite, Darcy, embora quieto, mantém-se a poucos passos de Elizabeth (AUSTEN, 2012, p. 200). Desse modo, durante o baile em Netherfield Park, Mr. Darcy avalia e julga o comportamento da família Bennet. Essas avaliações são fundamentais para que ele decida persuadir Bingley a deixar Netherfield Park. Embora o narrador de *Pride and Prejudice* siga a perspectiva de Elizabeth Bennet, o modo de Mr. Darcy ler e interpretar as situações que presencia é revelado através do que outras personagens falam sobre ele e de seu próprio comportamento. Não obstante, a postura de Darcy como leitor é exposta, sobretudo, a partir de sua carta a Elizabeth (ver no capítulo XII do volume II).

Dentre as inúmeras cartas de *Pride and Prejudice*, a carta de Darcy é, indubitavelmente, a mais importante do romance. No capítulo XI (volume II) Mr. Darcy, apesar de ir contra sua própria razão, pede Elizabeth em casamento. Ela, por sua vez, recusa tal pedido baseando-se em duas acusações: primeiro, Mr. Darcy teria separado Jane e Mr. Bingley; segundo, ele teria tratado Mr. Wickham indevidamente⁷⁴. Logo, Darcy sente-se obrigado a explicar seu comportamento anterior e faz isso através de uma carta. No que diz respeito à primeira acusação, logo de início, Mr. Darcy afirma o seguinte: “I had not been long in Hertfordshire, before I saw, in common with others, that Bingley preferred your eldest sister, to any another young women in the country” (AUSTEN, 2012, p. 386, grifo meu)⁷⁵. Darcy, de imediato, percebe a preferência de Bingley por Jane. No entanto, por ocasião do baile em Netherfield Park, ele é informado por Sir William Lucas de que a eminência do casamento entre seu amigo e Jane é conhecida por todos. Essa informação o induz a observar minuciosamente a relação de Bingley e Jane. Desse modo, referindo-se ao baile, Darcy menciona: “I *observed* my friend's behaviour *attentively*; and I could then perceive that his partiality for Miss Bennet was beyond what I had ever witnessed in him” (AUSTEN, 2012, p. 386, grifo meu)⁷⁶. De início, Mr. Darcy “viu” o interesse de seu

⁷⁴ Nesta sessão, analisarei a primeira acusação de Elizabeth; na sessão seguinte discutirei a segunda censura feita pela protagonista.

⁷⁵ “Não fazia muito tempo de minha chegada a Hertforshire quando *percebi*, assim como outras pessoas, que Bingley gostava da sua irmã mais do que de qualquer outra moça na providência” (AUSTEN, 2011, p. 320, grifo meu).

⁷⁶ “passei a *observar com atenção* o comportamento do meu amigo; e pude perceber que seu interesse pela senhorita Bennet ia além de tudo o que já testemunhara da parte dele” (AUSTEN, 2011, p. 321, grifo meu).

amigo por Jane; depois, ele “observou”, ou seja, fez uma avaliação mais atenta e percebeu que Bingley estava inteiramente encantado pela irmã de Elizabeth. Mr. Darcy continua da seguinte forma: “your sister I also *watched*” (AUSTEN, 2012, p. 386, grifo meu)⁷⁷. Após observar o comportamento de Jane, Darcy concluiu que ela não demonstrava nenhum interesse particular ou, pelo menos, não encorajava a afeição de Bingley. Ele então afirma a Elizabeth que

the serenity of your sister's countenance and air was such as might have given the most acute observer a conviction that, however amiable her temper, her heart was not likely to be easily touched (AUSTEN, 2012, p. 386)⁷⁸.

Mr. Darcy defende seu ponto de vista baseando-se em sua observação do comportamento de Jane. Ele declara que suas conclusões foram embasadas por sua “impartial conviction, as truly as I wished it in reason” (AUSTEN, 2012, p. 322)⁷⁹. Todavia, Darcy não é a única personagem a notar o comportamento de Jane. No capítulo VI do volume I, Elizabeth e Charlotte conversam sobre o casal. Nesse diálogo, Charlotte diz o seguinte:

If a woman conceals her affection with the same skill from the object of it, she may lose the opportunity of fixing him; and it will then be but poor consolation to believe the world equally in the dark [...] In nine cases out of ten a woman had better show more affection than she feels. Bingley likes your sister undoubtedly; but he may never do more than like her, if she does not help him on (AUSTEN, 2012, p. 38, 40)⁸⁰.

Na opinião de Charlotte, Jane deveria mostrar mais interesse e afeição por Bingley a fim de encorajá-lo a se apaixonar cada vez mais. Logo, Charlotte percebe que Jane não demonstra afeto com a mesma intensidade que Bingley. Em contrapartida, Elizabeth defende o caráter reservado de sua irmã e seu modo tímido de mostrar afeição. Contudo, Charlotte alerta-a de que “he [Mr. Bingley] does not know

⁷⁷ “*Observei* também sua irmã” (AUSTEN, 2011, p. 321, grifo meu).

⁷⁸ “a serenidade da expressão e dos ares de sua irmã era tal que dava ao mais agudo observador a convicção de que, por mais que seu gênio fosse amável, seu coração não era fácil de tocar” (AUSTEN, 2011, p. 322).

⁷⁹ “[...] convicção imparcial, tão sincera quanto eu desejava racionalmente que fosse” (AUSTEN, 2011, p. 322).

⁸⁰ “Se uma mulher disfarça o seu afeto com a mesma habilidade do objeto do afeto, pode perder a oportunidade de assegurá-lo para si; e então não seria grande consolo que o mundo tampouco soubesse de tudo[...] Em nove entre dez casos, é melhor que a mulher mostre mais afeição do que sente. Bingley sem dúvida gosta de sua irmã, mas pode ser que nunca faça nada além de gostar dela se Jane não o ajudar” (AUSTEN, 2011, p. 125).

Jane's disposition as you do" (AUSTEN, 2012, p. 40)⁸¹. As conclusões de Darcy são a confirmação dos temores de Charlotte. Elizabeth conhece a disposição de sua irmã, mas aqueles fora do convívio familiar dos Bennets não. As observações e avaliações de Darcy são fundamentadas nos modos de Jane e não em sua natureza tímida e reservada. De certo modo, Charlotte já havia alertado Elizabeth sobre a possibilidade de Bingley não formalizar um compromisso com sua irmã em função das maneiras pouco afetuosas dela. O equívoco de Darcy consiste em não levar em consideração a essência inibida e retraída da irmã mais velha de Elizabeth. Embora afirme que suas avaliações não são baseadas em suas esperanças e medos, Darcy confessa que estava deseioso de acreditar na indiferença de Jane era certa (AUSTEN, 2012, p. 386).

Na sequência, Mr. Darcy menciona outra razão importante para sua interferência. Mr. Darcy destaca que as circunstâncias econômicas da família dela são bem menos problemáticas do que a falta de educação de Mr. Bennet, Mrs. Bennet e suas irmãs. Certamente, Mr. Darcy refere-se ao vexame e ao comportamento inapropriado de parte da família Bennet durante o baile em Netherfield Park. Em contraste, ele enfatiza os modos distintos de Jane e Elizabeth. Em seguida, afirma:

I will only say farther that from what passed that evening, my opinion of all parties was confirmed, and every inducement heightened which could have led me before, to preserve my friend from what I esteemed a most unhappy connection. He left Netherfield for London, on the day following [...] (AUSTEN, 2012, p. 388)⁸².

As observações e avaliações de Mr. Darcy estão embasadas, fundamentalmente, nos eventos ocorridos naquele baile. Assim, no decorrer de uma noite, ele confirma suas suspeitas sobre os sentimentos de Jane e assegura-se da inadequação da família Bennet para unir-se a Bingley e, por extensão, a si próprio. Darcy confessa que persuadiu Bingley a acreditar na indiferença de Jane e escondeu do conhecimento de seu amigo a presença da jovem em Londres. Apesar de admitir que se portou de modo indigno, Darcy defende suas ações da seguinte forma: "It is done, however, and it was done for the best" (AUSTEN, 2012, p. 390)⁸³. Desse modo,

⁸¹ "ele [Mr. Bingley] não conhece a disposição de Jane como você" (AUSTEN, 2011, p. 125).

⁸² "Direi apenas mais o seguinte, que o que passou naquela noite confirmou minha opinião sobre ambas as partes, e acentuou todas as indicações que já me haviam levado a proteger meu amigo do que calculo seria uma aliança muito infeliz – Ele partiu de Netherfield para Londres no dia seguinte [...]" (AUSTEN, 2011, p. 323).

⁸³ "No entanto, está feito, e com a melhor das intenções". (AUSTEN, 2011, p. 324).

a carta de Darcy revela o seu processo reflexivo; isto é, a leitura e a análise de acontecimentos e circunstâncias que fundamentam suas decisões. Porém, as acusações de Elizabeth obrigam Darcy a reler e reinterpretar suas avaliações iniciais.

Sete capítulos depois da carta de Darcy (ou seja, no capítulo I do volume III) Elizabeth, acompanhada de Mr. e Mrs. Gardiner, reencontra-o em Pemberly. Elizabeth apresenta seus tios com orgulho, pois, segundo o narrador, ela sente satisfação em estar junto de pessoas das quais não tem por quê envergonhar-se (AUSTEN, 2012, p. 494). Entretanto, Elizabeth percebe uma alteração no comportamento de Mr. Darcy e constantemente pergunta-se: “Why is he so altered? From what can it proceed? It cannot be for *me* — it cannot be for *my* sake that his manners are thus softened” (AUSTEN, 2012, p. 494)⁸⁴. No baile em que Darcy é introduzido na narrativa, os moradores de Hunsfordshire acham-no extremamente arrogante e orgulhoso. Todavia, a impressão que Darcy causa aos Gardiners é completamente distinta. Mrs. Gardiner até mesmo pergunta a Elizabeth: “how came you tell us that he was so disagreeable?” (AUSTEN, 2012, p. 498)⁸⁵. No outro dia, Mr. Darcy convida Elizabeth e seus tios para irem novamente a Pemberly. Na propriedade de Darcy, de acordo com o narrador, Elizabeth fica surpresa com os modos do anfitrião:

When she saw him thus seeking the acquaintance and courting the good opinion of people with whom any intercourse a few months ago would have been a disgrace—when she saw him thus civil, not only to herself, but to the very relations whom he had openly disdained, and recollected their last lively scene in Hunsford Parsonage—the difference, the change was so great, and struck so forcibly on her mind, that she could hardly restrain her astonishment from being visible. Never, even in the company of his dear friends at Netherfield, or his dignified relations at Rosings, had she seen him so desirous to please, so free from self-consequence or unbending reserve, as now, when no importance could result from the success of his endeavours, and when even the acquaintance of those to whom his attentions were addressed would draw down the ridicule and censure of the ladies both of Netherfield and Rosings. (AUSTEN, 2012, p. 506)⁸⁶

⁸⁴ “Por que ele está tão diferente? Qual será o motivo? Não pode ser por *minha* causa, não posso ser *eu* a causa da suavidade nos modos dele” (AUSTEN, 2011, p. 384).

⁸⁵ “Como pôde dizer que ele era antipático?” (AUSTEN, 2011, p. 386).

⁸⁶ “Quando o viu daquela forma, buscando conhecer e cortejando a boa opinião das pessoas com quem o menor contato alguns meses antes lhe teria sido deplorável; quando ela o viu assim tão gentil, não apenas com ela, mas com os próprios parentes que abertamente desdenhara, e se lembrou da última cena no presbítero de Hunsford, a diferença era tão grande e irrompeu com tamanho espanto. Nunca, mesmo na companhia dos amigos dele em Netherfield ou de suas parentes nobres em Rosings, ela o vira tão sequioso de agradar, tão despojado de arrogância ou de uma reserva inflexível como agora, quando nada de importante poderia resultar do sucesso de suas tentativas e até mesmo o conhecimento daqueles a quem sua atenção se dirigia soaria ridículo e censurável aos olhos das damas de Netherfield e Rosings (AUSTEN, 2011, p. 391, 392).

Elizabeth espera que Darcy a trate com cruel indiferença após recusar sua proposta de casamento. No entanto, ela nota um refinamento nos modos dele, principalmente na maneira de ele tratar pessoas cuja situação social e econômica lhe é inferior. Anteriormente, Mr Darcy havia confessado sua dificuldade em relacionar-se com desconhecidos. Em Rosings Park, Elizabeth refere-se a sua conduta descortês por ocasião do baile em que se conheceram e, então, Mr. Darcy confessa não possuir o talento de conversar com pessoa que nunca viu antes (AUSTEN, 2012, p. 334). Porém, em Pemberley, Darcy demonstra profunda cordialidade com Mr. e Mrs. Gardiner. Portanto, qual seria a causa de tamanha mudança em seu comportamento?

No término do volume III, após o casamento de Lydia e Wickham e o noivado de Jane, Mr. Darcy expõe a Elizabeth os motivos da transformação de seus modos. No capítulo XVI do volume III, durante um passeio em que ficam a sós, Mr. Darcy reafirma o seu desejo de casar-se com Elizabeth. Nesse contexto, as personagens discutem os seus desentendimentos passados e, então, Mr. Darcy faz as seguintes perguntas: “What did you say of me, that I did not deserve? For, though your accusations were ill-founded, formed on mistaken premises, my behaviour to you at the time had merited the severest reproof” (AUSTEN, 2012, p. 700)⁸⁷. Como se pode observar, Mr. Darcy, o homem orgulhoso do início do romance, reconhece humildemente seus erros no término da narrativa. Na sequência, ele afirma:

The recollection of what I then said, of my conduct, my manners, my expressions during the whole of it, is now, and has been many months, inexpressibly painful to me. Your reproof, so well applied, I shall never forget: 'had you behaved in a more gentlemanlike manner.' Those were your words. You know not, you can scarcely conceive, how they have tortured me; — though it was some time, I confess, before I was reasonable enough to allow their justice (AUSTEN, 2012, p. 700)⁸⁸.

As palavras de Darcy esclarecem a causa da transformação de sua conduta: as fortes censuras de Elizabeth por ocasião de seu primeiro pedido de casamento.

⁸⁷ “o que você disse a meu respeito que não fosse merecido? Pois, embora suas acusações fossem infundadas sobre premissas equivocadas, a minha atitude com você na época fez por merecer as mais severas censuras” (AUSTEN, 2011, p. 508).

⁸⁸ “A lembrança do que eu disse então, da minha conduta, dos meus modos, das minhas expressões durante toda a noite, agora, e já faz vários meses, é algo tão indivisivelmente doloroso para mim. A sua censura, tão bem aplicada, eu jamais esquecerei: ‘se o senhor houvesse se comportado de modo mais cavalheiresco’. Essas foram suas palavras. Você não sabe, não é capaz de conceber, como elas me torturaram; - embora tenha levado algum tempo, confesso, até que eu admitisse em sã consciência que eram palavras justas” (AUSTEN, 2011, p. 508).

Entretanto, essa mudança só é possível a partir da reflexão de Darcy sobre suas atitudes anteriores. A personagem afirma que, durante meses, meditou nas palavras de Elizabeth. As críticas de Elizabeth forçaram-no a reler e reinterpretar seu modo de agir e falar. No término da narrativa, Mr. Darcy reconhece que sua postura inicial como leitor de si e de outros estava equivocada. As primeiras avaliações de Darcy são fundamentadas em seu conhecimento parcial dos sentimentos de Jane e em sua superioridade social e econômica em relação à família de Elizabeth. Contudo, a partir de sua releitura e reavaliação, Darcy percebe que tanto sua opinião sobre Jane quanto seu senso de superioridade sócio-econômica não justificam seus modos rudes e orgulhosos.

Percebe-se, portanto, que a consideração de Mr. Darcy como leitor abarca igualmente duas concepções de leitura. A primeira diz respeito à sua postura como leitor de livros (ficcionais e não-ficcionais), enquanto a segunda compreende uma dimensão mais ampla de leitura, a saber, leitura como habilidade de interpretar e avaliar as situações que se apresentam no decorrer da vida. No que concerne à primeira concepção de leitura, os eventos narrados do capítulo VII ao XII do volume I apresentam Mr. Darcy como um leitor de livros atento e crítico. A personagem defende o valor da leitura para o aprimoramento da mente. Além do mais, o seu comportamento comprova a importância que ele confere à leitura. Nos momentos em que Darcy está lendo nem mesmo os artifícios de Caroline Bingley ou a presença de Elizabeth são capazes de desconcentrá-lo. Darcy examina atentamente o livro que tem em mãos. Por conseguinte, no primeiro volume do romance, ele é apresentado como um leitor reflexivo e, portanto, sua postura é valorizada pelo narrador.

No que diz respeito à segunda concepção de leitura, os eventos do volume II expõem seu insucesso como leitor das circunstâncias que envolvem Mr. Bingley, a família de Elizabeth e ele mesmo. Embora por meio de sua carta Mr. Darcy afirme ter observado o comportamento de Jane de modo neutro, ele tira conclusões precipitadas, pois não leva em consideração a natureza tímida e retraída da moça. Assim, ele comete o equívoco de separar Bingley e Jane. Ao final da narrativa, Darcy reconhece que sua atitude fez por merecer as censuras de Elizabeth (AUSTEN, 2012, p. 700). Como é destacado por discurso indireto, em seu primeiro pedido de casamento, Mr. Darcy enfatizou desrespeitosamente “his sense of her inferiority – of its being a degradation – of the family obstacles which had always opposed to inclination, were dwelt on with a warmth with seemed due to the consequence he was

wounding [...]” (AUSTEN, 2012, p. 372)⁸⁹. De fato, as críticas de Elizabeth concentram-se na interferência de Darcy no relacionamento de Bingley e Jane e em seu trato de Mr. Wickham. Contudo, o motivo central de sua recusa concentra-se na falta mais grave de Mr. Darcy – agir de modo arrogante e orgulhoso. Como a protagonista ressalta,

From the very beginning — from the first moment, I may almost say — of my acquaintance with you, your manners, impressing me with the fullest belief of your arrogance, your conceit, and your selfish disdain of the feelings of others, were such as to form the groundwork of disapprobation on which succeeding events have built so immovable a dislike; and I had not known you a month before I felt that you were the last man in the world whom I could ever be prevailed on to marry (AUSTEN, 2012, p. 378)⁹⁰.

A forma indiferente com que Darcy trata os outros e sua atitude orgulhosa embasam a principal crítica de Elizabeth. Certamente, a família da protagonista é inferior a Darcy em situação social, econômica e em maneiras de se portar. Entretanto, Mr. Darcy, um representante da alta nobreza, em alguns momentos, é tão incivilizado quanto a família Bennet. Darcy defende a importância da leitura atenta e crítica, mas é incapaz de perceber que sua leitura das situações que o cercam é distorcida por seu orgulho e preconceito. Desse modo, o segundo volume do romance expõe o insucesso das primeiras leituras e avaliações de Darcy como leitor da vida em si. Portanto, apesar da postura de Darcy como leitor de livros ser valorizada no primeiro volume da narrativa, a personagem não apresenta a mesma habilidade de leitura e avaliação no segundo volume. Dito de outro modo, Darcy não transfere sua habilidade como leitor crítico de livros para a de leitor crítico da vida. Porém, o terceiro volume do romance revela uma importante alteração nas atitudes de Darcy. A interferência de Elizabeth força-o a rever sua postura como leitor e, em consequência, a alcançar o aperfeiçoamento de seus modos. Portanto, no término do romance, Mr. Darcy atinge o nível de leitor valorizado por Jane Austen, pois ele se torna um leitor crítico e reflexivo tanto de livros quando das circunstâncias da vida.

⁸⁹ A noção que tinha inferioridade dela – de que ele estava se rebaixando – dos obstáculos familiares que o juízo sempre opusera à inclinação, foram abordados com um ardor que parecia consequência do fato de que se sentia ferido [...]” (AUSTEN, 2011, p. 313).

⁹⁰ “Desde o início, posso dizer que desde o primeiro instante, quando o conheci, fui levada à mais pela convicção da sua arrogância; sua presunção e seu desdém egoísta pelos sentimentos dos outros formaram a base da minha reprovação, sobre a qual os acontecimentos sucessivos construíram uma inabalável antipatia; e menos de um mês depois de havê-lo conhecido eu já achava que serio o último homem do mundo com quem aceitaria me casar” (AUSTEN, 2011, p. 317).

Pode-se concluir, assim, que Jane Austen, a partir da construção de Mr. Darcy como leitor, defende a leitura como fator determinante para o desenvolvimento intelectual e emocional do indivíduo. A autora valoriza a leitura atenta e crítica de livros e, principalmente, a leitura reflexiva da vida em si. Para Austen, o leitor precisa, primeiro, desenvolver uma postura reflexiva quanto aos livros que lê e, então, transferir essa habilidade de leitura crítica para sua vivência em sociedade. Desse modo, Austen enfatiza que um bom leitor de livros não é, necessariamente, um avaliador eficaz dos obstáculos que surgem no decorrer de sua vida. A autora teria pretendido, então, encorajar seus próprios leitores a se tornarem cientes de que a vida, diferentemente do mundo ficcional limitado de uma obra, é infinitamente mais complexa. Sendo assim, toda impressão precisa ser relida e reinterpretada a todo momento de modo que cada um se torna constante leitor da própria existência.

1.4 ELIZABETH BENNET, A LEITURA CRÍTICA EM CONSTRUÇÃO

Vivien Jones afirma que Elizabeth Bennet é uma “heroína articulada e de pensamento independente” (2011, p. 11). A protagonista de *Pride and Prejudice* seria, inclusive, uma personagem peculiar e incomparável a qualquer outra heroína de Jane Austen ou de escritores a ela contemporâneos. Para Jones (2011, p. 11),

[...] sua astúcia e franqueza no falar fazem dela [Elizabeth] a mais atraente das protagonistas de Jane Austen. Menos ingênua do que Catherine Morland, mais vívida do que Elinor Dashwood ou Fanny Price, não tão esnobe quanto Emma Woodhouse e mais jovem e segura do que Ann Elliot, Elizabeth Bennet parece ligar-se mais indiretamente à identidade ativa, visível da feminilidade moderna.

A franqueza, a astúcia e a inteligência de Elizabeth, destacadas pela estudiosa, são responsáveis por deixar Mr. Darcy desconcertado. Jane Austen, como enfatizado por Tony Tanner (2011, p. 44), criou um romance no qual os eventos mais importantes são “a mudança nos modos de um homem e na cabeça de uma jovem dama”. De fato, Elizabeth Bennet, assim como Mr. Darcy, passa por um processo de transformação no decorrer da narrativa. Mais ainda, a mudança na “cabeça” da heroína está relacionada ao desenvolvimento da personagem como leitora. Tal como discutido na seção anterior sobre Mr Darcy, também para Elizabeth o aprimoramento de seu comportamento e de sua mente depende de sua trajetória como leitora. No que diz

respeito a Mr. Darcy, temos conhecimento de seu processo de leitura e releitura e, em consequência, do aperfeiçoamento de seus modos a partir de sua carta e, ao final da narrativa, do diálogo em que pede Elizabeth em casamento pela segunda vez. Quanto a Elizabeth, por ser protagonista, é de seu ponto de vista que a maior parte da história é narrada. Por conseguinte, seu processo reflexivo e seu desenvolvimento como leitora são mais explícitos.

No primeiro capítulo, Mrs. Bennet acusa seu marido de sempre favorecer Elizabeth. Em resposta, Mr. Bennet afirma que todas as suas filhas são tolas, mas “Lizzy has something more of quickness than her sisters” (AUSTEN, 2012, p. 6)⁹¹. No capítulo seguinte, a família Bennet discute a chegada de Mr. Bingley. De todas as jovens da família, Elizabeth é a única a emitir sua opinião com vivacidade. Dessa forma, já no início da narrativa, o comportamento da protagonista expõe uma acuidade mental superior à de suas irmãs. Após o baile público em que Mr. Bingley e Mr. Darcy são apresentados, Jane manifesta sua total aprovação da boa índole das irmãs de Bingley. Contudo, de acordo com o narrador, Elizabeth

with more *quickness of observation* and less pliancy of temper than her sister, and with a judgment too unassailed by any attention to herself, she was little disposed to approve them [as irmãs de Bingley] (AUSTEN, 2012, p. 28, grifo meu)⁹².

Segundo Elizabeth, Jane possui uma visão ingênua, pois acredita que todas as pessoas são boas e agradáveis (AUSTEN, 2012, p. 26). Ocorre, então, que o leitor de *Pride and Prejudice* vai percebendo que a natureza crítica e avaliativa de Elizabeth se sobrepõe à de suas irmãs. Portanto, a franqueza, o espírito crítico, a capacidade argumentativa e a mente vívida de Elizabeth Bennet são características valorizadas desde sua introdução na narrativa.

Compreensivelmente, a visão crítica da protagonista está presente em sua postura como leitora. Como já referido, no capítulo VII do volume I, Elizabeth hospeda-se em Netherfield Park. Nesse mesmo capítulo, Mr. Bingley e seus familiares estão jogando cartas após o jantar. Elizabeth é convidada a juntar-se a eles, mas recusa dizendo que “she would amuse herself for the short time she could stay below with a

⁹¹ “Lizzy é mais sagaz que as irmãs” (AUSTEN, 2011, p. 104).

⁹² “com *maior rapidez de observação* e menos complacência de temperamento do que a irmã, e com um juízo nada assoberbado por qualquer atenção dada a si mesma, ela estava muito pouco disposta a aprová-las” (AUSTEN, 2011, p. 117, grifo meu).

book” (AUSTEN, 2012, p. 68)⁹³. O comportamento de Elizabeth deixa Mr. Hurst, marido de uma das irmãs de Bingley, perplexo a ponto de ele perguntar: “Do you prefer reading to cards? [...] that is rather than singular” (AUSTEN, 2012, p. 68)⁹⁴. De fato, Mr. Hurst fica surpreso com os modos distintos de Elizabeth. Por outro lado, Miss Bingley afirma ironicamente: “she [Elizabeth] is a great reader and has no pleasure in anything else” (AUSTEN, 2012, p. 68)⁹⁵. De fato, a sociedade inglesa oitocentista estimava o hábito da leitura entre as mulheres. O público leitor feminino expandiu-se, consideravelmente, na virada do século dezoito para o século dezenove. Contudo, alguns manuais de conduta condenavam a leitura excessiva e até mesmo afirmavam que leitoras vorazes eram geralmente desleixadas com sua aparência ou demonstravam a tendência em não sentir prazer em nenhuma outra atividade a não ser a leitura (AUSTEN, 2012, p. 69). Miss Bingley, através de seu comentário sarcástico, insinua que a leitura seria o único interesse de Elizabeth; isto é, nenhum outro assunto, incluindo até mesmo a vaidade feminina, teria a atenção de Elizabeth. Cumpre destacar que no início desse mesmo capítulo, enquanto Elizabeth ausenta-se para cuidar de sua irmã, Mrs. Hurst salienta sua aparência “selvagem” (AUSTEN, 2012, p. 140) e Miss Bingley chama atenção para seu cabelo “so untidy, so blowsy” (AUSTEN, 2012, p. 66)⁹⁶. O objetivo dos comentários de Miss Bingley é rebaixar Elizabeth no que diz respeito a sua conduta principalmente aos olhos de Mr. Darcy. Por esse motivo, Elizabeth responde firmemente: “I deserved neither such praise nor such censure [...], I am *not* a great reader, and I have pleasure in anything else” (AUSTEN, 2012, p. 68)⁹⁷. Elizabeth argutamente percebe que o aparente elogio de Miss Bingley é, na verdade, uma crítica às suas preferências. Ademais, Elizabeth afirma veementemente que não é uma grande leitora. Assim, seu comportamento é franco e honesto – Elizabeth não tem a intenção de fingir ser uma leitora exemplar para obter aprovação de outras pessoas.

Como vimos anteriormente, na continuação desse diálogo as personagens discutem os atributos necessários para que uma moça receba a qualificação de *accomplished young lady*. Diante de tal discussão, o narrador menciona que

⁹³ “disse [Elizabeth] que ficaria o pouco tempo que poderia passar ali embaixo com um livro” (AUSTEN, 2011, p. 142).

⁹⁴ “Você prefere ler a jogar cartas? [...] Isso é deveras peculiar” (AUSTEN, 2011, p. 142).

⁹⁵ “Ela é uma grande leitora e não sente prazer em mais nada” (AUSTEN, 2011, p. 142).

⁹⁶ “todo desganhado, desmazelado” (AUSTEN, 2011, p. 140).

⁹⁷ “Não mereço nem o elogio nem a censura [...] não sou uma grande leitora e sinto prazer em muitas coisas” (AUSTEN, 2011, p. 142).

“Elizabeth was so much caught with what passed, as to leave her very little attention for her book; and soon laying it wholly aside [...]” (AUSTEN, 2012, p. 143)⁹⁸. Diferentemente de Mr. Darcy, Elizabeth não se concentra totalmente em sua leitura. Para a protagonista, o posicionamento crítico das outras personagens sobre a educação feminina é uma oportunidade para que ela conheça melhor a opinião delas, principalmente a opinião de Darcy. Elizabeth não põe o livro de lado por desinteresse por leitura de modo geral, mas porque julga ser apropriado (e para seu próprio benefício) ouvir atentamente aquele debate. A protagonista demonstra uma atitude equilibrada em relação à leitura, pois, ao contrário de Mary, não se aliena em seu próprio livro e compreende quais momentos são apropriados para se referir às suas leituras ou não. O momento em que Elizabeth dança com Mr. Darcy em Netherfield Park é um exemplo notável nesse sentido.

Durante o baile em Netherfield Park, Elizabeth busca oportunidades para confirmar sua desconfiança sobre a índole de Mr. Darcy. Em capítulos anteriores, Mr. Wickham conta à protagonista a origem de seu contato com os donos de Pemberly e acusa Darcy de submetê-lo à miséria. Elizabeth acredita piamente na história de Mr. Wickham. Desse modo, durante sua dança com Mr. Darcy, ela busca certificar-se de suas suspeitas. Darcy, porém, esquiva-se de dar explicações sobre tal assunto e, de repente, pergunta-lhe: “What think you of books?” (AUSTEN, 2012, p. 182)⁹⁹. As perguntas repentinas de Mr. Darcy são tentativas de desviar a atenção da moça para outro assunto. Elizabeth dá a seguinte resposta: “Books — oh! no. I am sure we never read the same, or not with the same feelings” (AUSTEN, 2012, p. 182)¹⁰⁰. A resposta de Elizabeth é, no mínimo, intrigante, pois qualquer outra moça que estivesse na presença de um homem da posição social de Mr. Darcy aproveitaria tal pergunta para expor todo o seu conhecimento de leitura. Elizabeth, por outro lado, emite sua opinião abertamente – ela crê que o modo de ambos lerem é completamente distinto. Mr. Darcy insiste: “I am sorry you think so; but if that be the case, there can at least be no want of subject. We may compare our different opinions” (AUSTEN, 2012, p. 184)¹⁰¹. Essa é a primeira oportunidade que ambos têm para conversarem de modo mais

⁹⁸ “Elizabeth viu-se tão interessada no que se passava que prestou pouca atenção ao seu livro; e logo o pôs de lado completamente [...]” (AUSTEN, 2011, p. 143).

⁹⁹ “O que você acha dos livros?” (AUSTEN, 2011, p. 205).

¹⁰⁰ “Livros – Oh! Não. – tenho certeza de que nunca lemos os mesmos, ou pelo menos não com os mesmos sentimentos” (AUSTEN, 2011, p. 205).

¹⁰¹ “Sinto muito que pense assim; mas, se for esse caso, pelo menos não haverá falta de assunto. – podemos comparar nossas diferentes opiniões” (AUSTEN, 2011, p. 205).

próximo e a insistência de Darcy revela sua disposição em conhecer Elizabeth melhor. Porém, Elizabeth afirma: “No — I cannot talk of books in a ball-room; my head is always full of something else” (AUSTEN, 2012, p. 184)¹⁰². Para Elizabeth, um baile não é ocasião para se falar sobre livros; além do mais, a protagonista tem interesse no assunto que ocupa sua mente – a relação entre Mr. Darcy e Mr. Wickham. O diálogo entre as personagens revela o desejo de Elizabeth em examinar Darcy com o objetivo de validar suas suspeitas sobre seu caráter. A postura de Elizabeth, de se recusar a falar sobre suas leituras, não significa que a personagem não valorize tal atividade. Lembremos que, quando questionada por Lady Catherine a respeito de sua educação, Elizabeth, com firmeza, diz que ela e suas irmãs “were always encouraged to read” (AUSTEN, 2012, p. 320)¹⁰³. Dentre todos os aspectos que Elizabeth poderia destacar a Lady Catherine, ela ressalta a leitura como parte importante de sua educação. Portanto, no que concerne a leitura de textos, Elizabeth demonstra uma postura ponderada, pois não designa a essa prática um papel privilegiado e conversa sobre suas leituras nos momentos em que julga apropriado fazê-lo. Desse modo, a protagonista revela ser uma leitora perspicaz e equilibrada. Certamente, os modos dessa protagonista de Austen, enquanto leitora de livros, são relevantes na narrativa. Contudo, o fator central para o desenvolvimento de seu processo reflexivo é sua trajetória como leitora das circunstâncias que vive.

Desde a introdução de Elizabeth Bennet na narrativa, o narrador gradativamente pontua sua natureza observadora e crítica. Os diálogos com Jane, em sua maioria, são momentos em que Elizabeth tenta raciocinar sobre as situações que a cercam e o caráter dos que estão ao seu redor. Desse modo, à medida que a narrativa se desenvolve, os momentos reflexivos da protagonista tornam-se mais frequentes; ou seja, cada vez mais ela é desafiada a ler e interpretar as circunstâncias que vivencia. A primeira situação significativa em que Elizabeth precisa posicionar-se como leitora em sentido amplo encontra-se no capítulo XV do primeiro volume – capítulo que narra o encontro entre Mr. Darcy e Mr. Wickham. Sobre esse encontro, o narrador afirma:

Elizabeth happening to see the countenance of both as they looked at each other, was all astonishment at the effect of the meeting. Both changed colour,

¹⁰² “Não – não vou falar de livros em um salão de baile; minha cabeça está sempre ocupada com outra coisa” (AUSTEN, 2011, p. 205).

¹⁰³ “Sempre fomos estimuladas a ler” (AUSTEN, 2011, p. 286).

one looked white, the other red. Mr. Wickham, after a few moments, touched his hat—a salutation which Mr. Darcy just deigned to return. What could be the meaning of it? It was impossible to imagine; it was impossible not to long to know (AUSTEN, 2012, p. 142, 144)¹⁰⁴.

Na ocasião descrita pelo narrador, as irmãs de Elizabeth, Lydia, Kitty e Jane, também presenciaram esse encontro. No entanto, Elizabeth é a única que percebe a perplexidade e a frieza de Darcy e Wickham. Segundo o narrador, nem Mr. Bingley nem Jane têm consciência do ocorrido (AUSTEN, 2012, p. 144, 146). Os efeitos do encontro dessas personagens motivam Elizabeth a investigar as causas de tamanho assombro e indiferença. No capítulo seguinte (capítulo XVI do volume I), Mr. Wickham narra a Elizabeth a origem de sua relação com Mr. Darcy. Ele era afilhado do pai de Darcy que, antes de morrer, pediu ao filho que designasse Wickham como pastor da paróquia que pertencia a sua propriedade. Contudo, segundo ele, Mr. Darcy recusou-se a atender o pedido de seu pai, submetendo-o à pobreza. Tal relato deixa Elizabeth estupefata, pois com indignação exclama: “Good heavens! [...] but how could that be? How could his will be disregarded? [...]” (AUSTEN, 2012, p. 156)¹⁰⁵. Elizabeth fica completamente surpreendida, pois o descumprimento de um testamento era uma prática desonesta. Até então, apesar de seus modos rudes, Mr. Darcy era reconhecido por ter uma reputação honrada e honesta. Rapidamente, Elizabeth atribui o comportamento “desonesto” de Mr. Darcy ao seu orgulho (AUSTEN, 2012, p. 160). A surpresa e a indignação de Elizabeth são tamanhas que o narrador afirma: “After many pauses and many trials of other subjects, Elizabeth could not help reverting once more to the first [...]” (AUSTEN, 2012, p. 161)¹⁰⁶. A partir da narrativa de Mr. Wickham, Elizabeth primeiro associa o comportamento de Mr. Darcy à sua arrogância; depois, questiona a sinceridade de sua amizade com Mr. Bingley (afinal, Bingley é um homem correto; como poderia ter uma amizade íntima com Mr. Darcy?). Desse modo, segundo o narrador, “Elizabeth allowed that he had given a very rational account of it”¹⁰⁷ e acrescenta: “Elizabeth went away with her head full of him. She could think of

¹⁰⁴ “e ela, por acaso atenta à expressão dos dois quando se viram, ficou assombrada com o efeito do encontro. Ambos mudaram de cor – um ficou branco, o outro, vermelho. O senhor Wickham, após uma pausa, tocou a aba do chapéu – saudação que o senhor Darcy mal devolveu. Qual poderia ser o sentido daquilo? – era possível imaginar; era impossível não querer saber” (AUSTEN, 2011, p. 182).

¹⁰⁵ “Santo Deus! [exclamou Elizabeth], mas como isso foi possível? Como puderam desrespeitar o testamento? [...]” (AUSTEN, 2011, p. 190).

¹⁰⁶ “Depois de muitas pausas e muitas tentativas de outros assuntos, Elizabeth não pode evitar de se voltar novamente e dizer [...]” (AUSTEN, 2011, p. 160).

¹⁰⁷ “Elizabeth admitiu que ele fizera um relato bastante racional do caso” (AUSTEN, 2011, p. 195).

nothing but of Mr. Wickham [...]” (AUSTEN, 2012, p. 164)¹⁰⁸. Elizabeth acredita, precipitadamente, na veracidade da narrativa de Mr. Wickham. O narrador, ao introduzir Mr. Wickham na narrativa, descreve sua boa aparência, sua beleza e destaca o seu “very pleasing address” (AUSTEN, 2012, p. 142)¹⁰⁹. Após a narrativa de Mr. Wickham sobre seus infortúnios, o narrador aponta: “whatever he said, was said well; and whatever he did, done gracefully” (AUSTEN, 2012, p. 164)¹¹⁰. Em ambas as citações, o narrador enfatiza o caráter persuasivo da personalidade de Mr. Wickham. No capítulo XVII (volume I), Elizabeth relata a Jane as explicações dele sobre sua relação com Mr. Darcy. Como o narrador destaca, Jane não acha cabível questionar “the veracity of a young man of such amiable appearance as Wickham” (AUSTEN, 2012, p. 168)¹¹¹. Também Elizabeth, em seu diálogo com Jane, afirma:

I can much more easily believe Mr. Bingley's being imposed on, than that Mr. Wickham should invent such a history of himself as he gave me last night; names, facts, everything mentioned without ceremony. If it be not so, let Mr. Darcy contradict it. Besides, there was truth in his looks (AUSTEN, 2012, p. 168, 170)¹¹².

Interessantemente, Elizabeth assegura a validade da narrativa de Mr. Wickham apegando-se aos nomes e fatos por ele mencionados; por isso, em sua opinião, ele não poderia ter inventado essa história. Contudo, Wickham cita apenas o nome de Mr. Darcy e o pai deste e não apresenta nenhuma prova plausível de suas acusações. Ainda, a protagonista salienta a expressão de verdade na maneira de Wickham expressar-se. Desse modo, o diálogo entre as duas irmãs revela que Elizabeth foi convencida pela astúcia e persuasão de Mr. Wickham e, principalmente, por sua aparência. A protagonista, em nenhum momento, cogita a possibilidade de ele ter omitido ou distorcido os fatos. Elizabeth, na realidade, faz uma leitura ingênua do relato de Mr. Wickham e uma interpretação baseada em sua antipatia por Mr. Darcy e o orgulho deste. Para Tanner (2011, p. 53, 54),

¹⁰⁸ “Elizabeth foi embora com a cabeça repleta de pensamentos dele. Só conseguia pensar no senhor Wickham e no que lhe contara [...]” (AUSTEN, 2011, p. 195).

¹⁰⁹ “boa prosa” (AUSTEN, 2011, p. 181).

¹¹⁰ “o que quer que dissesse, dizia-o bem; e o que quer que fizesse, era sempre com graça” (AUSTEN, 2011, p. 195).

¹¹¹ “a veracidade de um rapaz de tão boa aparência como Wickham” (AUSTEN, 2011, p. 196).

¹¹² “Para mim, é muito mais fácil acreditar que o Senhor Bingley esteja sendo ludibriado do que achar que o Senhor Wickham tenha inventado uma história como a que ele mesmo me contou ontem à noite, com nomes, fatos, tudo dito sem nenhuma cerimônia – Se não for esse o caso, que o Senhor Darcy venha contradizê-lo. Além do mais, havia verdade na expressão dele” (AUSTEN, 2011, p. 197).

Ela [Elizabeth] tinha formado uma “ideia” fixa de Darcy como um todo com dados insuficientes, e ao acreditar na versão que Wickham faz dele – pura fabricação verbal – confia demais nas evidências não confirmadas e, como se descobrirá, completamente falsas.

No capítulo seguinte à narrativa de Wickham, Elizabeth age de modo parcial a favor deste no baile em Netherfield. O narrador destaca que Elizabeth mal cumprimenta o anfitrião do baile, Mr. Bingley, pois sua “blind partiality provoked her” (AUSTEN, 2012, p. 176)¹¹³. A protagonista, segundo o narrador, acusa Bingley de ser completamente imparcial; todavia, o favoritismo de Elizabeth por um homem que mal conhece é ironicamente maior. Portanto, a parcialidade cega de Elizabeth é o fator principal que a levará a cometer seu maior erro: defender o caráter de Mr. Wickham e condenar o de Mr. Darcy.

No decorrer do primeiro volume, Elizabeth, de acordo com sua leitura e avaliação dos eventos ocorridos, formula sua opinião sobre Mr. Darcy. Durante a dança no baile em Netherfield Park, Mr. Darcy questiona o objetivo das perguntas de Elizabeth e, então, ela responde: “merely to the illustration of *your* character” (AUSTEN, 2012, p. 184)¹¹⁴. A protagonista procura examinar Darcy a fim de confirmar seu ponto de vista prévio sobre ele. O modo arrogante dele portar-se e a narrativa de Mr. Wickham convencem-na da má índole de Darcy. Dessa forma, no término do primeiro volume, Elizabeth já tem sua opinião formada sobre Darcy; opinião que é intensificada, no segundo volume, com o descobrimento da interferência dele no relacionamento de Bingley e Jane. Porém, Elizabeth é obrigada a fazer uma segunda leitura e interpretação dos fatos e do caráter de Mr. Darcy após o recebimento de sua carta.

Como vimos, a carta de Mr. Darcy apresenta explicações para as duas acusações feitas por Elizabeth – a responsabilidade de Darcy na separação de Mr. Bingley e Jane e seu trato indigno de Mr. Wickham. Como discutido na sessão anterior, a resposta de Mr. Darcy para a primeira acusação feita por Elizabeth tem implicações para a mudança de comportamento dele. Já a resposta de Mr. Darcy para a segunda acusação tem implicações para a própria Elizabeth, pois o texto de Darcy revela a verdadeira índole de Mr. Wickham. Primeiramente, Darcy assegura que seu trato com Wickham foi testemunhado por mais de uma pessoa (AUSTEN, 2012, p.

¹¹³ “[cuja] parcialidade cega a incomodava” (AUSTEN, 2011, p. 202).

¹¹⁴ “Meramente para ilustrar o seu caráter” (AUSTEN, 2011, p. 206).

390). Desse modo, Darcy relata que Mr. Wickham não quis ser ordenado como pastor, gastou em vícios o valor deixado por seu pai e ainda tentou seduzir a irmã de Darcy a fugir e casar-se com ele. Assim, no capítulo seguinte (capítulo XIII do volume II), o narrador expõe as reações de Elizabeth à medida que ela lê a carta, e descreve seus pensamentos reflexivos. O detalhamento do narrador quanto aos sentimentos de Elizabeth durante sua leitura diz respeito a pontos específicos da carta de Darcy. Inicialmente, o narrador afirma que “her feelings as she read were scarcely to be defined” (AUSTEN, 2012, p. 398)¹¹⁵. No início de sua carta, Darcy expõe o seu objetivo de relatar suas atitudes e motivos para agir da maneira como agiu (AUSTEN, 2012, p. 384). Em relação a tal afirmação, o narrador explica que

with amazement did she first understand that he believed any apology to be in his power; and steadfastly was she persuaded, that he could have no explanation to give, which a just sense of shame would not conceal” (AUSTEN, 2012, p. 398)¹¹⁶.

O narrador enfatiza que, rapidamente, Elizabeth convenceu-se de que não havia modos sobre os quais Darcy poderia desculpar-se, que nenhuma explicação seria suficiente para justificar-se. Após esclarecer a razão de enviar tal carta, Darcy começa a relatar suas observações quanto aos acontecimentos no baile de Netherfield Park. Sobre essa parte da carta, o narrador acrescenta: “with a strong prejudice against everything he might say, she began his account of what had happened at Netherfield” (AUSTEN, 2012, p. 398)¹¹⁷. A partir do comentário do narrador, pode-se entender que o preconceito de Elizabeth impede-a de ler atentamente os motivos expostos por Darcy e de tentar compreendê-los. Elizabeth já inicia a sua leitura com a ideia pré-concebida de que Mr. Darcy está equivocado em todos os sentidos e que ela é detentora da razão. Conforme o narrador,

she read with an eagerness which hardly left her power of comprehension, and from impatience of knowing what the next sentence might bring, was

¹¹⁵ “Seus sentimentos enquanto lia mal podiam ser definidos” (AUSTEN, 2011, p. 329).

¹¹⁶ “Com espanto, ela entendeu pela primeira vez que ele achava que haveria desculpas para o que fizera; e prontamente se convenceu de que não podia haver explicação a dar que certa dose de pudor não faria esquecer” (AUSTEN, 2011, p. 329).

¹¹⁷ “Com forte preconceito contra tudo o que ele pudesse dizer, começou a ler o relato que ele fizera dos acontecimentos em Netherfield” (AUSTEN, 2011, p. 329).

incapable of attending to the sense of the one before her eyes (AUSTEN, 2012, p. 398)¹¹⁸.

A princípio, o narrador destaca a rapidez da leitura da protagonista; em seguida, acrescenta que sua leitura está contaminada por seu preconceito e, enfatiza que Elizabeth lê desatentamente sem conseguir compreender o que está lendo. Os sentimentos angustiantes e a emoção pela qual a heroína está tomada impedem-na de analisar cuidadosamente as informações que estão diante de si; ou seja, Elizabeth é incapaz de fazer uma avaliação coerente dos fatos. No que concerne o comportamento de Jane, segundo as observações de Darcy, ela não manifestava “any symptom of particular regard” e não motivava Mr. Bingley a “any particular participation of sentiment” (AUSTEN, 2012, p. 386)¹¹⁹. Quanto a tais afirmações, o narrador revela a reação de Elizabeth: “his belief of her sister's insensibility she instantly resolved to be false; and his account of the real, the worst objections to the match, made her too angry to have any wish of doing him justice” (AUSTEN, 2012, p. 398)¹²⁰. Para Elizabeth, a real razão para a interferência de Darcy não é sua crença quanto à indiferença de Jane, mas sim as censuras dele contra o comportamento inapropriado da família Bennet. Após explicar os artifícios que usou para separar Jane e Mr. Bingley, Mr. Darcy declara que “it is done, however, and it was done for the best” (AUSTEN, 2012, p. 390)¹²¹. Tais palavras para Elizabeth soam da seguinte forma: “he expressed no regret for what he had done which satisfied her; his style was not penitent, but haughty. It was all pride and insolence” (AUSTEN, 2012, p. 398)¹²². Portanto, Elizabeth faz uma leitura orgulhosa e preconceituosa da parte inicial da carta de Mr. Darcy. A protagonista começa a ler essa carta convencida de que nenhuma explicação é aceitável; conseqüentemente, sua leitura é rápida e desatenta. Elizabeth julga o estilo impenitente da carta como puro orgulho de Darcy, mas é incapaz de perceber como a sua própria soberba distorce sua compreensão do texto de Darcy.

¹¹⁸ “Leu com uma avidez que mal lhe permitira exercer seu poder de compreensão e, impaciente para saber o que trazia a próxima frase, mal conseguia esperar pelo fim da que tinha diante dos olhos” (AUSTEN, 2011, p. 329).

¹¹⁹ “sem nenhum sintoma de interesse particular”, “nenhuma intervenção sentimental” (AUSTEN, 2011, p. 321, 322).

¹²⁰ “Que ele acreditasse na indiferença da irmã dela, Elizabeth instantaneamente considerou mentira, e com o relato das reais e piores objeções ao casamento dos dois ela ficou irritada demais para desejar fazer-lhe a menor justiça” (AUSTEN, 2011, p. 329).

¹²¹ “No entanto, está feito, e com a melhor das intenções” (AUSTEN, 2011, p. 324).

¹²² “Ele não expressava nenhum remorso satisfatório pelo que fizera; seu estilo não era penitente, mas altivo. Tudo era orgulho e insolência” (AUSTEN, 2011, p. 329).

No segundo parágrafo desse mesmo capítulo (capítulo XIII do volume II), a protagonista começa a ler a segunda parte da carta que apresenta a defesa de Darcy para a acusação de ter sido desonesto com Mr. Wickham. Segundo o narrador,

But when this subject was succeeded by his account of Mr. Wickham — when she read with somewhat clearer attention a relation of events which, if true, must overthrow every cherished opinion of his worth, and which bore so alarming an affinity to his own history of himself — her feelings were yet more acutely painful and more difficult of definition. (AUSTEN, 2012, p. 398)¹²³.

Elizabeth lê a primeira parte da correspondência com total convicção da veracidade de suas próprias opiniões; contudo, tal certeza começa a ser questionada à medida que lê a segunda parte desse texto. Na abertura do capítulo mencionado, o narrador destaca a leitura descuidada e imprecisa da protagonista, mas no parágrafo seguinte, conforme citado acima, ele observa uma mudança: a leitura de Elizabeth torna-se mais clara; isto é, a protagonista passa a dar mais atenção ao relato de Darcy. Em consequência, ela começa a dar-se conta de que, se esse relato for verdadeiro, ela cometeu um grande equívoco. Diante dessa possibilidade, o narrador afirma que “astonishment, apprehension, and even horror, oppressed her” (AUSTEN, 2012, p. 398)¹²⁴. As emoções de Elizabeth tornam-se mais intensas, pois o narrador relata seu “perturbed state of mind” (AUSTEN, 2012, p. 400)¹²⁵. Em seguida, o narrador declara

she walked on; but it would not do; in half a minute the letter was unfolded again, and collecting herself as well as she could, she again began the mortifying perusal of all that related to Wickham, and commanded herself so far as *to examine the meaning of every sentence* (AUSTEN, 2012, p. 400, grifo meu)¹²⁶.

Após sua primeira leitura, Elizabeth dispõe-se a ler a carta novamente, porém com uma postura diferente. Em sua segunda leitura, ela investiga minuciosamente os detalhes e as informações relatadas por Mr. Darcy. Desse modo, nos parágrafos seguintes o narrador segue o raciocínio lógico da protagonista. Inicialmente, Elizabeth

¹²³ “Mas, quando esse assunto deu lugar ao relato do caso do senhor Wickham, quando ela viu, de forma um tanto mais clara, a conexão entre os acontecimentos, que se fosse verdadeira derrubaria toda a boa opinião sobre seu valor e que guardava preocupante afinidade com a própria história que ele contara de si mesmo, os sentimentos dela sofreram mais agudamente, tornando-se mais difíceis de definir” (AUSTEN, 2011, p. 329, 330).

¹²⁴ “Espanto, apreensão, e até mesmo horror passaram a oprimi-la” (AUSTEN, 2011, p. 330).

¹²⁵ “Estado mental perturbado” (AUSTEN, 2011, p. 330).

¹²⁶ “ela se pôs a caminhar; mas não adiantou; em trinta segundos a carta foi novamente desdobrada e, recompondo-se o melhor que podia, ela voltou à leitura mortificante de tudo o que se relacionava a Wickham, e obrigou-se a *examinar o significado de cada frase*” (AUSTEN, 2011, p. 330, grifo meu).

compara as informações dadas por Mr. Wickham e por Mr. Darcy quanto à relação do primeiro com a família do segundo e, nesse sentido, os detalhes são compatíveis. Todavia, no que concerne as questões relacionadas ao testamento a diferença é imensa. Conforme o narrador, para Elizabeth, “it was impossible not to feel that there was gross duplicity on one side or the other; and, for a few moments, she flattered herself that her wishes did not err” (AUSTEN, 2012, p. 400)¹²⁷. A protagonista está em dúvida quanto à veracidade do relato de Mr. Darcy; por esse motivo, “she read and re-read with the closest attention” (AUSTEN, 2012, p. 400)¹²⁸. Apesar de seu abalo emocional, Elizabeth recorre a diversas leituras e releituras atentas e precisas a fim esclarecer a confusão em sua mente. Porém, ela é hesitante em suas conclusões, mesmo após diversas releituras, sobre a abdicação de Wickham do posto de clérigo e o valor de três mil libras que ele havia recebido. Assim sendo, de acordo com o narrador,

she put down the letter, weighed every circumstance with what she meant to be impartiality — deliberated on the probability of each statement — but with little success. On both sides it was only assertion (AUSTEN, 2012, p. 400)¹²⁹.

Após as primeiras releituras da carta de Mr. Darcy, Elizabeth faz avaliações quase matemáticas, pois procura ser imparcial ao pesar e calcular a probabilidade de cada afirmação; ao perceber o insucesso dessa avaliação, “again she read on” (AUSTEN, 2012, p. 400)¹³⁰. A cada releitura, sua compreensão das circunstâncias (que parecia ser incontestável) aos poucos é questionada e desconstruída. Inicialmente, Elizabeth está segura da inocência de Wickham; contudo, ao longo de suas leituras dessa carta, ela passa a ter dúvidas quanto os relatos de Wickham e de Darcy. Por isso, compara-os, analisa-os detalhadamente. Por fim,

every line proved more clearly that the affair, which she had believed it impossible that any contrivance could so represent as to render Mr. Darcy's

¹²⁷ “foi impossível não sentir que havia crassa duplicidade de um lado ou de outro; e, por alguns instantes, confiou que seus desejos não a induziram a engano” (AUSTEN, 2011, p. 330).

¹²⁸ “leu e releu com atenção mais cerrada” (AUSTEN, 2011, p. 330).

¹²⁹ “Baixou a carta, ponderou cada circunstância com o que considerou ser imparcialidade – estimou a probabilidade de cada declaração – sem muito sucesso. De ambos os lados, eram meras assertivas” (AUSTEN, 2011, p. 330, 331).

¹³⁰ “leu novamente” (AUSTEN, 2011, p. 331).

conduct in it less than infamous, was capable of a turn which must make him entirely blameless throughout the whole (AUSTEN, 2012, p. 400)¹³¹.

A leitura reflexiva de Elizabeth impele-a a convencer-se primeiro da confiabilidade da narrativa de Darcy e, na sequência, da gravidade de suas avaliações distorcidas. Portanto, a protagonista é obrigada a reconhecer importantes detalhes que havia ignorado: “she had never heard of him [Mr Wickham] before his entrance into the – shire Militia, in which he had engaged at the persuasion of the young man who, on meeting him accidentally in town, had there renewed a slight acquaintance” (AUSTEN, 2012, p. 400)¹³². Elizabeth conclui que foi precipitada ao confiar nas palavras de Wickham. Assim como Darcy quis acreditar na indiferença de Jane, Elizabeth desejou crer na culpabilidade dele. O relato de Wickham apenas intensificou a antipatia que Elizabeth já havia criado por Darcy desde seu primeiro encontro com ele. Por conseguinte, se a leitura circunstancial de Darcy foi distorcida por seu orgulho, sem dúvida a de Elizabeth foi contaminada por seu preconceito. Esse sentimento impediu-a de investigar a exatidão da narrativa de Mr. Wickham. Apenas após a intervenção escrita de Darcy, a protagonista reconhece que não sabia nada sobre Wickham além do que “he told himself” (AUSTEN, 2012, p. 400)¹³³. Elizabeth admite que se deixou levar pelas aparências, pois “his countenance, voice, and manner had established him at once in the possession of every virtue” (AUSTEN, 2012, p. 400, 402)¹³⁴. No esforço de avaliar o caráter de Wickham, a protagonista tenta lembrar-se de algum ato de bondade do jovem que pudesse comprovar a sua virtude; porém, percebe que jamais presenciou tal atitude. Elizabeth reconhece para si mesma ter permitido ser influenciada pelos modos persuasivos e pela aparência gentil de Mr. Wickham. Sendo assim, após refletir sobre as ações dele “she once more continued to read”¹³⁵. No que diz respeito às intenções do jovem em tentar fugir com a irmã de Darcy, Elizabeth não teve dúvidas. Coronel Fitzwilliam, primo de Mr. Darcy, foi testemunha do acontecido e, na manhã anterior ao recebimento da carta, havia

¹³¹ “Cada linha provava mais claramente que o caso, que ela acreditara impossível de se tratar de alguma maquinação de modo a tornar a conduta do senhor Darcy menos infame, era passível de sofrer guinada que o inocentaria por completo a fim e ao cabo” (AUSTEN, 2011, p. 331).

¹³² “Elizabeth nunca ouvira falar dele antes de sua entrada na milícia do condado, na qual se engajara convencido por ser um rapaz que, encontrando-o por acaso na cidade, retomara com ele um contato superficial” (AUSTEN, 2011, p. 331).

¹³³ “ele próprio havia contado” (AUSTEN, 2011, p. 331).

¹³⁴ “o semblante, a voz e os modos dele [Wickham] haviam-no estabelecido de uma vez na posse de todas as virtudes” (AUSTEN, 2011, p.331)

¹³⁵ “ela retornou a leitura” (AUSTEN, 2011, p. 331).

assegurado a Elizabeth sua preocupação com todos os assuntos que envolvesse sua prima. Nesse momento, ponderando cuidadosamente sobre as palavras de Wickham,

she was now struck with the impropriety of such communications to a stranger, and wondered it had escaped her before. She saw the indelicacy of putting himself forward as he had done, and the inconsistency of his professions with his conduct (AUSTEN, 2012, p. 402)¹³⁶.

A carta de Mr. Darcy compele a protagonista a reavaliar sua primeira compreensão e admitir sua conduta impulsiva e irrefletida ao tomar as palavras de Wickham como fidedignas. Percebe-se que o processo reflexivo da protagonista compreende quatro fases que se sucedem: 1) total descrença nas palavras de Darcy, 2) questionamento de suas próprias avaliações, 3) comparações entre as atitudes de Wickham e o relato de Mr. Darcy, 4) reconhecimento de sua leitura preconceituosa e falta de postura crítica imparcial. Tal desenvolvimento só é possível graças às várias leituras feitas por Elizabeth, pois, como destacado inúmeras vezes pelo narrador, a protagonista lê e relê a carta e pondera sobre o relato de Mr. Darcy em comparação com o que vivenciou anteriormente. Dessa forma, a leitura de início desatenta de Elizabeth torna-se profundamente reflexiva. À medida que os pensamentos dela se tornam mais intensos e analíticos, o narrador vai cada vez mais se aproximando da mente da personagem até que, por fim, os sentimentos mais íntimos de Elizabeth são expostos ao leitor por meio do discurso indireto livre numa passagem que expressa o momento em que a ela se mostra completamente consciente de seu equívoco: “how differently did everything now appear in which he [Mr.Wickham] was concerned!” (AUSTEN, 2012, p. 404)¹³⁷ A partir de então, Wickham que, no princípio, de acordo com Elizabeth, transparecia “truth in his look” (AUSTEN, 2012, p.170)¹³⁸, agora é visto por ela como um homem de modos mercenários. Por oposição a Wickham, em Mr. Darcy, apesar de seu comportamento arrogante, ela nunca havia presenciado nada “that spoke him of irreligious or immoral” (AUSTEN, 2012, p.404)¹³⁹. Portanto, depois de refletir profundamente sobre o que havia se passado em Hertfordshire a partir do relato de Mr. Darcy, Elizabeth “grew absolutely ashamed of herself. Of neither Darcy

¹³⁶ “Agora ela se dava conta da impropriedade das confissões feitas a ele a uma desconhecida, e ficou intrigada com esse fato lhe haver passado despercebido antes. Reparou na indelicadeza com que ele se impôs, e com a inconsistência entre suas declarações e sua conduta” (AUSTEN, 2011, p. 332).

¹³⁷ “Como tudo o que dizia a respeito a ele [Mr. Wickham] então lhe pareceu diferente!” (AUSTEN, 2011, p. 332).

¹³⁸ “[...] verdade na expressão dele” (AUSTEN, 2011, p. 170).

¹³⁹ “[nada] que revelasse costumes irreligiosos ou imorais” (AUSTEN, 2011, p. 333).

nor Wickham could she think without feeling she had been blind, partial, prejudiced, absurd” (AUSTEN, 2012, p. 404)¹⁴⁰. Diante do reconhecimento de sua compreensão equivocada sobre Wickham e Mr. Darcy, Elizabeth reflete o seguinte:

“How despicably I have acted!” she cried; “I, who have prided myself on my discernment! I, who have valued myself on my abilities! who have often disdained the generous candour of my sister, and gratified my vanity in useless or blameable mistrust! How humiliating is this discovery! Yet, how just a humiliation! Had I been in love, I could not have been more wretchedly blind! But vanity, not love, has been my folly. Pleased with the preference of one, and offended by the neglect of the other, on the very beginning of our acquaintance, I have courted prepossession and ignorance, and driven reason away, where either were concerned. Till this moment I never knew myself” (AUSTEN, 2012, p. 404, 406)¹⁴¹.

Após ponderar cuidadosamente e revisar suas avaliações iniciais, Elizabeth reconhece que foi cegada por seu orgulho, pois se considerava superior às suas irmãs quanto ao discernimento. Depois de assumir sua arrogância e ignorância, pegou a carta e “she read it again” (AUSTEN, 2012, p. 406)¹⁴². Assim, com o objetivo de revelar os efeitos da segunda leitura de Elizabeth, o narrador, por meio do discurso indireto livre, expõe os sentimentos da personagem: “widely different was the effect of a second perusal. How could she deny that credit to his assertions in one instance, which she had been obliged to give in the other? (AUSTEN, 2012, p. 406)¹⁴³. Nessa passagem o auto-questionamento de Elizabeth refere-se à primeira parte da carta de Mr. Darcy. A protagonista concorda que as afirmações de Darcy quanto à conduta aparentemente indiferente de Jane também foi destacada por Charlotte. Além disso, ela assume a responsabilidade de sua família por receber as censuras feitas ao comportamento de seus pais e suas irmãs mais novas. Por fim,

after wandering along the lane for two hours, giving way to every variety of thought — re-considering events, determining probabilities, and reconciling

¹⁴⁰ “Sentiu-se absolutamente envergonhada de si mesma. – Não conseguia pensar mais em Darcy ou Wickham sem se sentir cega, tendenciosa, preconceituosa, absurda” (AUSTEN, 2011, p.333).

¹⁴¹ “Como pude ser tão desprezível, ela exclamou. – Justo eu, que sempre me orgulhei do meu discernimento! Que tantas vezes desdenhei da ingenuidade generosa da minha irmã e exaltei minha vaidade com uma desconfiança inútil e imperdoável. – Que descoberta humilhante! – E, no entanto, como mereço essa humilhação! – Nem que estivesse apaixonada poderia ter sido tão miseravelmente cega. Mas minha loucura foi a vaidade, não o amor. – Satisfeita com o interesse de um, e ofendida com a indiferença do outro logo quando nos conhecemos, eu mesma cortejei, conforme o caso, a predisposição e a ignorância, e mandei embora a razão. Só agora me conheço” (AUSTEN, 2011, p. 333,334).

¹⁴² “ela tornou a lê-la” (AUSTEN, 2011, p. 334).

¹⁴³ “O efeito da segunda leitura foi amplamente distinto. – Como pudera não dar crédito às afirmações dele em um caso, quando se sentira obrigada a dar no outro?” (AUSTEN, 2011, p. 334).

herself, as well as she could, to a change so sudden and so important, fatigue, and a recollection of her long absence, made her at length return home; and she entered the house with the wish of appearing cheerful as usual, and the resolution of repressing such reflections as must make her unfit for conversation (AUSTEN, 2012, p. 406, 408)¹⁴⁴.

Como indicado nessa citação, o desenvolvimento reflexivo de Elizabeth compreende diversas leituras da carta e análise de seu conteúdo. Essa carta, certamente, é importante para que a personagem reavalie sua primeira impressão sobre Mr. Darcy e as circunstâncias que envolvem ambos; contudo, o seu processo de leitura crítico-reflexiva é primordial para que ela faça uma releitura de si mesma e torne-se consciente de seus erros. No capítulo seguinte (capítulo XIV do volume II), após essa passagem de longa ponderação de Elizabeth, tem-se Mr. Darcy partindo de Rosings Park. Nos dias que seguem, Elizabeth faz passeios solitários a fim de voltar às suas reflexões. Conforme o narrador, “Mr. Darcy's letter she was in a fair way of soon knowing by heart. She studied every sentence; and her feelings towards its writer were at times widely different” (AUSTEN, 2012, p. 414)¹⁴⁵. As inúmeras leituras feitas pela protagonista e sua avaliação de cada detalhe da carta fazem-na reconhecer “how unjustly she had condemned and upbraided him” (AUSTEN, 2012, p. 414)¹⁴⁶. Desse modo, Elizabeth passa a formar uma nova impressão de Mr. Darcy, pois “his attachment excited gratitude, his general character respect” (AUSTEN, 2012, p. 414).¹⁴⁷ Apesar disso, ela não se arrepende de ter recusado o pedido de casamento de Darcy. Em suas reflexões solitárias, a protagonista avalia o modo impróprio e arrogante com que agiu e, também, os defeitos de sua própria família. Assim, essa segunda fase reflexiva de Elizabeth compreende os seguintes estágios: a mudança de sua opinião sobre o caráter de Darcy, a avaliação de seu próprio comportamento preconceituoso e altivo, o exame dos modos de sua família. A cada estágio, as reflexões da personagem se tornam mais profundas e seus sentimentos mais agudos. Desse modo, aos poucos, Elizabeth compreende que sua primeira impressão sobre

¹⁴⁴ “Depois de vagar pela alameda por duas horas, deixando-se levar por todo o tipo de pensamentos, apurando probabilidades e reconciliando-se consigo mesma da melhor forma possível, com uma mudança tão súbita e importante, a fadiga e a lembrança de sua longa ausência fizeram com que aos poucos ela voltasse para dentro; ela entrou em casa desejando parecer alegre e resolvida a reprimir tais reflexões que de outro modo a impediriam de conversar” (AUSTEN, 2011, p. 335).

¹⁴⁵ “Elizabeth estava a ponto de saber a carta do senhor Darcy quase inteira de cor. Analisou cada frase, e seus sentimentos para com o autor eram profundamente distintos a cada vez” (AUSTEN, 2011, p. 338).

¹⁴⁶ “como fora injusta ao condená-lo e censurá-lo” (AUSTEN, 2011, p. 339).

¹⁴⁷ “a afeição dele despertou nela uma gratidão, e o caráter dele, em linhas gerais, respeito” (AUSTEN, 2011, p. 339).

Darcy e sobre seu próprio comportamento são passíveis de mudanças; no entanto, em relação a sua família, “they were hopeless of remedy” (AUSTEN, 2012, p. 414)¹⁴⁸. As meditações de Elizabeth quanto ao descomprometimento de seu pai em instruir as irmãs mais novas e à complacência de sua mãe ao apoiar Lydia e Kitty causam-lhe intensa angústia de modo que ela acaba por se perguntar: “what chance could there be of improvement?” (AUSTEN, 2012, p. 414)¹⁴⁹. Além disso, uma das principais preocupações e angústias da protagonista envolve Jane. Por meio do discurso indireto livre, a personagem exclama:

how grievous then was the thought that, of a situation so desirable in every respect, so replete with advantage, so promising for happiness, Jane had been deprived, by the folly and indecorum of her own family! (AUSTEN, 2012, p. 416)¹⁵⁰.

Certamente, a impossibilidade de mudança no comportamento de seus familiares é uma das preocupações mais intensas de Elizabeth. O narrador acompanha o desenvolvimento das reflexões e pensamentos de Elizabeth e, à medida que tais ponderações se tornam mais aflitivas, seu discurso passa a unir-se aos pensamentos mais íntimos da protagonista. De início, Elizabeth sente remorso por seus erros; em seguida, atormenta-se com os defeitos de sua família; por fim, no ápice de seu sofrimento, calcula tudo o que Jane perdeu por erros que não cometeu. É justamente nesse apogeu de profundos sentimentos que a emoção de Elizabeth é expressa por meio do discurso indireto livre.

No capítulo seguinte (capítulo XVII do volume II), ao retornar para casa, Elizabeth relata a Jane sua discussão com Mr. Darcy e o conteúdo da carta. Após diversas ponderações, análises e releituras das circunstâncias envolvendo Mr. Darcy e Mr. Wickham, Elizabeth afirma o seguinte:

And yet I meant to be uncommonly clever in taking so decided a dislike to him [Mr. Darcy], without any reason. It is such a spur to one's genius, such an opening for wit, to have a dislike of that kind. One may be continually abusive without saying anything just; but one cannot always be laughing at a man

¹⁴⁸ “Não havia remédio para tais defeitos” (AUSTEN, 2011, p. 339).

¹⁴⁹ “que chance haveria de alguma melhora?” (AUSTEN, 2011, p. 339).

¹⁵⁰ “Com que pesar ela então pensou na situação tão desejável por todos os aspectos, tão repleta de vantagens, tão promissora de felicidade, de que Jane fora privada pela loucura e falta de decoro da própria família” (AUSTEN, 2011, p. 339).

without now and then stumbling on something witty (AUSTEN, 2012, p. 436)¹⁵¹.

A protagonista confessa abertamente seu orgulho ao julgar-se superior por sua inteligência. Interessantemente, ela admite que sua aversão a Darcy, de início, não tinha motivos reais. Ainda, Elizabeth compreende que decidiu sustentar sua primeira impressão negativa sobre ele durante todo o tempo. Em vista disso, Jane declara: “Lizzy, when you first read that letter, I am sure you could not treat the matter as you do now” (AUSTEN, 2012, p. 438)¹⁵². Certamente, Jane compreende o quão difícil é para sua irmã reconhecer seus enganos de maneira tão sincera. Elizabeth responde: “indeed, I could not. I was uncomfortable enough, I may say unhappy” (AUSTEN, 2012, p. 438)¹⁵³. A protagonista só é capaz de reconhecer seus equívocos porque suas constantes releituras obrigaram-na a se analisar e, em consequência, amadurecer. Em seguida, Jane lamenta que sua irmã tenha usado palavras tão duras para acusar Mr. Darcy injustamente de ter sido desonesto com Mr. Wickham. Elizabeth, então, declara: “the misfortune of speaking with bitterness is a most natural consequence of the prejudices I had been encouraging” (AUSTEN, 2012, p. 438)¹⁵⁴. Inicialmente, Elizabeth reconhece seu orgulho e arrogância ao achar-se mentalmente superior; na sequência, admite que, motivada por preconceito, censurou Darcy indevidamente. Desse modo, entende-se que as características destacadas no título do romance, a saber, *Pride e Prejudice*, remetem à construção do par protagonista do romance, pois ambos cometem erros motivados por esses sentimentos.

Portanto, a partir das inúmeras releituras da carta de Darcy, Elizabeth assume seus enganos e, aos poucos, passa a mudar seu ponto de vista quanto ao caráter dele. No capítulo XVIII (volume II), após a protagonista analisar a conduta de Lydia e Kitty, o narrador comenta: “she felt anew the justice of Mr. Darcy's objections; and never had she been so much disposed to pardon his interference in the views of his

¹⁵¹ “E no entanto eu me considerava de uma inteligência ímpar por minha antipatia cabal com relação a ele, e sem nenhum motivo. É um estilo para o próprio gênio, um arroubo de sagacidade sentir uma antipatia dessas. É possível ser hostil o tempo todo e não dizer uma única coisa justa sobre um homem; mas não consegue rir sempre desse homem sem deparar de quando em quando com algo espirituoso” (AUSTEN, 2011, p. 353).

¹⁵² “Lizzy, quando você leu a carta, tenho certeza que não tinha como tratar o assunto da mesma maneira com que trata agora” (AUSTEN, 2011, p. 353).

¹⁵³ “De fato, eu não tinha como. Já me sentia bastante desconfortável. Estava muito incomodada, posso dizer que até mesmo infeliz” (AUSTEN, 2011, p. 353).

¹⁵⁴ “a infelicidade das palavras amargas é consequência natural dos preconceitos que eu vinha alimentando” (AUSTEN, 2011, p. 353).

friend” (AUSTEN, 2012, p. 444)¹⁵⁵. As objeções de Darcy ao comportamento da família de Elizabeth, de início, revoltaram-na; depois, apesar da dor que tais alegações lhe proporcionaram, ela aceita a responsabilidade de sua família na separação de Jane e Bingley. Por fim, tais censuras, que a princípio lhe pareciam uma desculpa inconsistente, agora poderiam ser perdoadas. Assim sendo, ao longo de seis capítulos, o modo de Elizabeth avaliar as circunstâncias começa a ser aprimorado sendo que o fator decisivo para sua mudança completa em relação a Darcy está centrado em sua visita a Pemberly.

Como já mencionado, no capítulo XIX (volume II), Elizabeth e seus tios, Mr. e Mrs. Gardiner, viajam para Lambton, localizado a cinco milhas de Pemberly. Após visitarem várias propriedades, Mrs. Gardiner convida a sobrinha a visitar Pemberly. Assim, Elizabeth é tomada por emoções e apreensões: “the possibility of meeting Mr. Darcy, while viewing the place, instantly occurred. It would be dreadful!” (AUSTEN, 2012, p. 468)¹⁵⁶. As inseguranças da protagonista são intensas e desesperadoras; por essa razão, o leitor tem acesso a tais sentimentos profundos através do discurso indireto livre. Interessantemente, o segundo volume do romance finda em um movimento contrário ao do primeiro volume. O término do primeiro volume é marcado por um evento importante para o afastamento do casal protagonista – a partida de Mr. Bingley para Londres. Por seu turno, o final do segundo volume apresenta um evento importante para a aproximação das personagens principais: a chegada de Elizabeth em Pemberly.

No início do primeiro capítulo do volume III, Elizabeth, aos poucos, aproxima-se de Pemberly. A propriedade e o parque ao seu redor despertam diversos sentimentos na protagonista. De acordo com o narrador,

Elizabeth was delighted. She had never seen a place for which nature had done more, or where natural beauty had been so little counteracted by an awkward taste. They were all of them warm in their admiration; and at that moment she felt that to be mistress of Pemberley might be something! (AUSTEN, 2012, p. 474)¹⁵⁷.

¹⁵⁵ “Sentiu de novo a justiça das objeções do senhor Darcy; e nunca se vira antes tão disposta a perdoar a interferência dele sobre a opinião do amigo” (AUSTEN, 2011, p. 358).

¹⁵⁶ “A possibilidade de encontrar o senhor Darcy enquanto visitava sua propriedade lhe ocorreu de imediato. Seria um desastre!” (AUSTEN, 2011, p. 370).

¹⁵⁷ “Elizabeth apreciou muitíssimo. Nunca antes vira um lugar tão privilegiado pela natureza, ou onde a beleza natural fora tão pouco prejudicada por algo de gosto duvidoso. Foram todos calorosos em sua admiração; e naquele momento ela sentiu que ser senhora de Pemberly não era pouca coisa!” (AUSTEN, 2011, p. 374).

Quanto mais a personagem aproxima-se dessa propriedade, mais agudos os seus sentimentos se tornam. A beleza e a harmonia entre a natureza e a mansão incitam nela sensações distintas. Desse modo, o narrador acompanha o desenvolvimento das emoções de Elizabeth. O emprego do discurso indireto livre nessa passagem expõe o ápice das agitações de Elizabeth e aponta uma mudança significativa em seu ponto de vista. Elizabeth admira-se não com a riqueza de Pemberly, mas com o bom gosto da propriedade (AUSTEN, 2012, p. 474). O pensamento de Elizabeth volta-se para a oportunidade que tivera de ser senhora de um lugar tão belo. De início, após as diversas reflexões sobre a carta de Mr. Darcy e a aceitação da inocência dele, a protagonista não se arrepende de ter recusado seu pedido de casamento. Contudo, a citação acima aponta o primeiro momento da narrativa em que Elizabeth hesita quanto a sua convicção quando decidiu recusá-lo. Além disso, dezesseis capítulos depois da primeira visita de Elizabeth a Pemberly, em um diálogo com sua irmã mais velha, Jane pergunta-lhe há quanto ama Mr. Darcy; Elizabeth responde: "It has been coming on so gradually, that I hardly know when it began. But I believe I must date it from my first seeing his beautiful grounds at Pemberley." (AUSTEN, 2012, p. 712)¹⁵⁸. Certamente, Elizabeth não é surpreendida pela riqueza de Mr. Darcy, pois ao conhecê-lo já tinha conhecimento de sua fortuna, mas admira-se com o fato de a beleza e os cuidados da propriedade revelarem o bom gosto e a personalidade de seu proprietário.

Ainda no primeiro capítulo do volume III, a governanta da mansão faz uma descrição positiva do caráter de Darcy. Nessa ocasião, o narrador descreve os sentimentos de Elizabeth da seguinte maneira:

The commendation bestowed on him by Mrs. Reynolds was of no trifling nature. What praise is more valuable than the praise of an intelligent servant? As a brother, a landlord, a master, she considered how many people's happiness were in his guardianship! — how much of pleasure or pain was it in his power to bestow! — how much of good or evil must be done by him! Every idea that had been brought forward by the housekeeper was favourable to his character, and as she stood before the canvas on which he was represented, and fixed his eyes upon herself, she thought of his regard with a deeper sentiment of gratitude than it had ever raised before; she remembered its warmth, and softened its impropriety of expression (AUSTEN, 2011, p. 484)¹⁵⁹.

¹⁵⁸ "Foi acontecendo de modo tão gradual, mal sei dizer quando começou. Mas creio que a data precisa seja a primeira vez que vi sua bela propriedade em Pemberly" (AUSTEN, 2011, p. 516).

¹⁵⁹ "Os louvores suscitados por ele da parte da senhora Reynolds não eram desprovidos de valor. Que elogio é mais valioso que o de uma criada inteligente? Como irmão, como proprietário, como patrão, ela notava que a felicidade de muitas pessoas estava sob a guarda dele! – Quanto prazer e quanta dor

A visita a Pemberly permite que Elizabeth veja outro lado do caráter de Mr. Darcy que, até então, desconhecia. Os cuidados da propriedade, dos que ali trabalhavam e o relato favorável da governanta são vitais para que Elizabeth reavalie sua opinião sobre Mr. Darcy. Através do discurso indireto livre, o narrador expõe as reflexões, os questionamentos e as reações de Elizabeth ao descobrir a verdadeira índole do homem que, pouco antes, ela havia recusado firmemente. Como indicado no final da citação, as ponderações de Elizabeth provocam nela um sentimento de gratidão como nunca sentira antes por Darcy.

No desenrolar de sua visita a Pemberly, impressões positivas sobre Mr. Darcy obrigam Elizabeth a reexaminar seus sentimentos. Depois de a protagonista passar dois dias na companhia dele e de seus tios, o narrador enfatiza:

as for Elizabeth, her thoughts were at Pemberley this evening more than the last; and the evening, though as it passed it seemed long, was not long enough to determine her feelings towards one in that mansion; and she lay awake two whole hours endeavouring to make them out (AUSTEN, 2012, p. 510)¹⁶⁰.

Como discutido anteriormente, as releituras da carta de Darcy fazem com que Elizabeth admita sua arrogância e equívocos. No entanto, isso não significa que ela o tenha perdoado por seus modos rudes e intromissões em relação a Jane e Bingley. Nesse sentido, a citação acima expõe um importante momento de meditação da protagonista, pois ela avalia seus sentimentos em relação ao comportamento aprimorado de Mr. Darcy. Em outra passagem de discurso indireto livre, temos: “she certainly did not hate him. No; hatred had vanished long ago, and she had almost as long been ashamed of ever feeling a dislike against him, that could be so called” (AUSTEN, 2012, p. 510)¹⁶¹. Pelo contrário, o ódio, o orgulho e o preconceito são substituídos por respeito e gratidão e, desse modo,

estavam em seu poder propiciar! – Quanto bem e qual mal ele poderia causar! Todas as ideias trazidas à tona pela governanta eram favoráveis ao seu caráter e, enquanto ela permaneceu diante da tela onde ele estava representado, com seus olhos grandes fixos sobre ela, pensou em seu interesse por ela com um sentimento de gratidão mais profundo do que nunca; recordou seu ardor e revelou sua expressão inadequada” (AUSTEN, 2011, p. 379).

¹⁶⁰ “Quanto a Elizabeth, seus pensamentos se voltavam essa noite para Pemberly mais do que na noite anterior, e a noite toda, embora tivesse passado arrastada, não foi o bastante para determinar seus sentimentos em relação a uma só pessoa naquela mansão; ela ficou horas acordada na cama tentando entender o que sentia” (AUSTEN, 2011, p. 393).

¹⁶¹ “Certamente não era ódio. Não; o ódio passara havia muito tempo, tanto que já sentia vergonha por ter, por assim dizer, antipatizado com ele antes” (AUSTEN, 2011, p. 393).

she respected, she esteemed, she was grateful to him, she felt a real interest in his welfare; and she only wanted to know how far she wished that welfare to depend upon herself, and how far it would be for the happiness of both that she should employ the power, which her fancy told her she still possessed, of bringing on her the renewal of his addresses (AUSTEN, 2012, p. 510)¹⁶².

As reavaliações de Elizabeth quanto as suas emoções mais íntimas fazem-na refletir sobre a mudança na conduta de Darcy e a revelação de sua verdadeira índole; essas releituras revelam ainda que seu apreço por ele são efeitos do amor que começara a sentir. No final da narrativa, ao ser pedida novamente em casamento, Elizabeth declara: "the conduct of neither, if strictly examined, will be irreproachable; but since then, we have both, I hope, improved in civility" (AUSTEN, 2012, p. 700)¹⁶³. Enquanto a mudança de Mr. Darcy está centrada em seus modos, Elizabeth passa por um profundo processo reflexivo que, em resultado, aprimora sua maneira de pensar e avaliar as situações ao seu redor principalmente em relação a Mr. Darcy.

Desse modo, percebe-se que o modo como Elizabeth Benner é construída na narrativa abarca duas concepções de leituras. No que concerne sua oposição como leitora de livros, verificou-se que ela não é uma leitora assídua, pois não lê livros em quantidade tal como faz sua irmã, Mary Bennet. Por outro lado, Elizabeth é uma leitora atenta e equilibrada, pois não designa à leitura lugar privilegiado entre as atividades que lhe são prazerosas. Deveras, o envolvimento da personagem com leitura de livros é menor quando comparada ao seu envolvimento com leitura das circunstâncias que a cercam e de seus próprios sentimentos.

O processo de leitura e releitura de si e dos outros está diretamente relacionado ao desenvolvimento reflexivo da protagonista. Em consequência, tal desenvolvimento constitui-se no fator determinante para o aprimoramento intelectual e emocional de Elizabeth. A carta de Mr. Darcy obriga Elizabeth a reler e reinterpretar as situações vividas anteriormente e narradas no volume I. Primeiramente, as revelações feitas por Mr. Darcy e a elaboração de intensas ponderações levam Elizabeth a reconhecer o equívoco de suas leituras iniciais baseadas em orgulho, preconceito e ignorância. Em consequência, a auto-avaliação faz com que ela assuma o aspecto tendencioso de seu comportamento e os defeitos de sua família; dessa forma, ela compreende os

¹⁶² "Ela o respeitava, estimava, era grata a ele, sentia um verdadeiro interesse em seu bem-estar; e só queria saber o quanto desejava que aquele bem-estar dependesse dela, e quando, pela felicidade de ambos, faria valer o poder, que imaginava ainda possuir, de fazer com que ele renovasse sua proposta" (AUSTEN, 2011, p. 394).

¹⁶³ "A conduta de nenhum de nós dois, estritamente examinada, será irrepreensível; mas desde então, espero, ambos melhorarmos em termos de cortesia" (AUSTEN, 2011, p. 508).

motivos de Mr. Darcy ter interferido no relacionamento de sua irmã com Mr. Bingley. Assim, ao longo do volume II, após a carta de Mr. Darcy, as contínuas reflexões de Elizabeth motivam-na a reconhecer a verdadeira natureza dele. Desse modo, no início do terceiro volume, após aceitar seus enganos e testemunhar a transformação nos modos de Mr. Darcy, as mágoas e o ódio de Elizabeth dão lugar ao respeito, à gratidão e ao amor por ele. Tal reconhecimento é exposto, principalmente, pelo narrador. O narrador acompanha o desenvolvimento e a frequência das ponderações da protagonista. Assim sendo, à medida que as reflexões de Elizabeth se tornam mais profundas e constantes, o narrador se aproxima cada vez mais de sua consciência até que, no auge de suas emoções, expõe seu processo mental através do discurso indireto livre. Portanto, não é de admirar que o uso dessa técnica narrativa se torne mais frequente a partir do recebimento da carta de Darcy até o final do romance, pois, certamente, as reflexões de Elizabeth a partir de suas releituras se tornam mais intensas com o decorrer dos eventos finais.

Elizabeth Bennet, sem dúvida, é a leitora mais importante do romance. Através da construção da protagonista de *Pride and Prejudice*, Jane Austen cria relações entre as concepções de leitura livresca e de leitura circunstancial. Mary e Mr. Collins - os grandes leitores de manuais de conduta - comportam-se diante das situações vividas, muitas vezes, de forma ridícula e paradoxal, pois agem de maneira contrária aos próprios princípios que pregam. Por outro lado, Mr. Darcy e Elizabeth, apesar de lerem com menos frequência, são leitores atentos e equilibrados embora não consigam transferir automaticamente suas capacidades de leitura e interpretação de textos para a vida. O par protagonista faz leituras equivocadas que os levam a cometer erros graves; porém, suas ponderações motivam-nos a reler e reavaliar: no caso de Darcy, reavaliar seu comportamento e, no caso de Elizabeth, seu modo de pensar.

Não obstante, ao fim, percebe-se que Elizabeth é uma leitora diferente de Mr. Darcy. Durante o diálogo final dessas personagens, o narrador afirma que os sentimentos de Elizabeth “had undergone so material change, since the period to which he alluded, as to make her receive with gratitude and pleasure his present assurances” (AUSTEN, 2012, p. 698)¹⁶⁴. A protagonista compreende a importância das objeções de Darcy para o seu aprimoramento intelectual e emocional. Darcy é mais severo em relação aos seus erros assumindo toda a responsabilidade por seu

¹⁶⁴ “[os sentimentos dela] haviam passado por uma transformação essencial desde o período a que ele aludira, de modo a receber com gratidão e prazer a presente confirmação” (AUSTEN, 2011, p. 507).

insucesso, ao passo que a protagonista entende o equívoco de ambos assim como o aperfeiçoamento mútuo. Sendo assim, Elizabeth passa por um processo de autoconhecimento mais profundo do que Mr. Darcy. Darcy, como enfatizado por Miss Lucas, tem o direito de ser orgulhoso (AUSTEN, 2012, p. 36) em função de sua posição social e econômica. Em seu diálogo final com Elizabeth, ele reconhece ter sido egoísta desde criança (AUSTEN, 2012, p. 702). Todavia, a protagonista nunca julgou a si própria como orgulhosa e preconceituosa. De acordo com Tony Tanner (2011, p. 56),

[o] ato de reconhecimento é um dos mais importantes da evolução da consciência. Muito de nossa literatura e de nossa consciência sugere que a pessoa que nunca chega ao ponto de dizer “Só agora me conheço” ficará para sempre impedida de qualquer autoconhecimento.

Desse modo, o autoconhecimento da protagonista só é possível graças a suas inúmeras releituras e reflexões. Assim, Jane Austen, por meio da construção de Elizabeth Bennet, defende a importância da leitura para a compreensão de si mesmo, para a auto-avaliação e, em consequência, para o aperfeiçoamento da mente e o amadurecimento pessoal. Além disso, Austen demonstra que o leitor ideal de literatura nem sempre é o leitor ideal da vida. Desse modo, a protagonista de *Pride and Prejudice* ensina-nos, até hoje, duzentos anos após a publicação do romance, a importância de sermos críticos de nós mesmos, conscientes de nossos próprios erros e limitações a fim de podermos conhecer a nós mesmos, pois “se não conhecemos nem a nós mesmos, não conhecemos o mundo” (TANNER, 2011, p. 56).

1.5 O SENTIDO DOS LEITORES EM *PRIDE AND PREJUDICE*

Jane Austen, em *Pride and Prejudice*, através da construção das quatro personagens analisadas, responsabiliza o leitor - e não a leitura - por sua possível conduta inapropriada. Desse modo, o sucesso ou insucesso da trajetória das personagens no romance não depende dos efeitos benéficos ou maléficos do material lido, mas sim de suas posturas diante de seus livros e das circunstâncias comuns à vida. Assim, a posição de Austen vai de encontro à da maioria dos conservadores de sua época. Esses conservadores culpavam a leitura, sobretudo a leitura de romances,

pela conduta inadequada do leitor. No entanto, para Austen, o leitor deve ser responsabilizado pelos resultados positivos ou negativos de seu comportamento.

As primeiras personagens analisadas, Mary Bennet e Mr. Collins, são leitores de manuais de conduta. Por meio da construção dessas personagens, Jane Austen problematiza o caráter positivo atribuído à leitura de livros de orientação moral. Para a sociedade inglesa da época, a leitura de tais manuais, que aconselhavam sobre o papel da mulher como filha, mãe e esposa, era fundamental para a educação feminina. Por outro lado, a leitura de romances era considerada perigosa para a mente das jovens moças, pois incitaria a imaginação. Certamente, Jane Austen não era contra a leitura de manuais de conduta, mas condenou a ideia vigente de que a leitura de livros instrucionais era superior à leitura de romances, pois a primeira teria uma influência infinitamente positiva sobre seus leitores, sobretudo as mulheres. Na realidade, Austen denunciou a postura hipócrita daqueles que defendiam a leitura instrucional, mas cuja postura era contrária ao código moral que pregavam. Mary Bennet e Mr. Collins são exemplos perfeitos de tal denúncia. Essas personagens buscam, através da leitura de manuais de conduta, exibir-se e colocar-se em uma posição superior que os permite aconselhar moralmente outras personagens. Desse modo, Mary e Mr. Collins são leitores desatentos e superficiais, cujo objetivo principal é memorizar passagens de livro instrucionais a fim de citá-las. Essas personagens não fazem uma leitura crítica ou reflexiva de seus manuais de conduta, pois sua leitura só pode ser aplicada a outros e não a si próprios. A conduta inapropriada dessas personagens mantém-se ao longo de toda a narrativa; desse modo, suas leituras desse tipo de livro não aprimoram seus modos ou sua mente. Portanto, a partir da construção dessas duas personagens, Austen transfere para o leitor a responsabilidade por seu amadurecimento mental e emocional e defende que a leitura dos manuais não garante um comportamento apropriado por parte do leitor, assim como a leitura de romances não atesta modos imorais. Para Austen, o sucesso ou insucesso da leitura, tanto de manuais de conduta quanto de romances, depende da postura crítica ou não crítica, reflexiva ou irreflexiva do leitor. Desse modo, a partir da discussão dessas personagens conclui-se que Jane Austen critica a leitura desatenta, superficial, desprovida de reflexão, pois tal concepção de leitura incapacita o leitor a aperfeiçoar a sua mente e refinar os seus modos.

As duas últimas personagens analisadas, Mr. Darcy e Elizabeth, configuram uma representação completamente oposta de concepção de leitura e de leitor. No que

concerne à primeira concepção destacada, Mr. Darcy e Elizabeth são leitores bem sucedidos de formas diferentes. Mr. Darcy preza a leitura reflexiva como um método importante para desenvolver a disciplina mental (RICHARDSON, 2005, p. 402). Nos momentos em que está lendo, ele é atento e minucioso de tal forma que ignora os que estão ao seu redor. Elizabeth não é uma leitora assídua, mas defende a leitura como um exercício prazeroso por ela estimado. Desse modo, a protagonista demonstra uma postura equilibrada ao reconhecer a importância da leitura para seu desenvolvimento intelectual.

Jane Austen dá ênfase maior ao desenvolvimento dessas personagens como leitores das situações que vivem. Desse modo, tanto os erros cometidos por Mr. Darcy e Elizabeth como as transformações em seus pensamentos e suas ações estão diretamente relacionados à leitura e releitura das circunstâncias que os cercam. No início da narrativa, Mr. Darcy e Elizabeth fazem leituras negativas um do outro. No caso de Mr. Darcy, a primeira impressão desfavorável que ele forma sobre Elizabeth é baseada na inferioridade da situação econômica e social da família Bennet. Já a opinião inicial de Elizabeth sobre Mr. Darcy é fundamentada nos modos orgulhosos dele. Assim sendo, a leitura distorcida pelo orgulho, preconceito e autoconceito, que tanto Darcy quanto Elizabeth têm de si próprios, motiva-os a cometer graves erros. No entanto, a releitura que as personagens fazem das situações que vivenciam impele-as a reinterpretar suas leituras iniciais e, em consequência, mudar sua forma de pensar e comportar-se.

As acusações da protagonista e a carta de Mr. Darcy (no segundo volume) são cruciais para que ambos reflitam sobre o seu comportamento prévio (apresentado no primeiro volume) e aprimorem, no caso de Mr. Darcy, seu modo de tratar os outros e, no caso de Elizabeth, seu modo de pensar (processo narrado no terceiro volume). Assim, o par protagonista de *Pride and Prejudice* é formado por leitores críticos dos livros que leem e que, gradualmente, aprendem a transferir para a leitura de si mesmos e de sua relação com outros (especialmente um com outro), aquela habilidade de leitura crítica de textos. Desse modo, é por meio de suas releituras de seus modos de agir e de pensar que essas personagens promovem melhoramento individual e mútuo. Esse aperfeiçoamento recíproco faz com que, tanto Mr. Darcy quanto Elizabeth, se tornem leitores eficazes em sentido pleno. Portanto, a partir da trajetória dessas personagens, fica evidente que Jane Austen valoriza a concepção de leitor crítico e reflexivo não apenas de livros, mas também das circunstâncias

vividas. De fato, Mr. Darcy e Elizabeth representam a complexidade do auto-conhecimento, da auto-avaliação e da difícil tarefa de ler a si mesmo e a vida constantemente.

2. A LEITURA E OS LEITORES EM *SENSE AND SENSIBILITY*

O título do romance *Sense and Sensibility*, assim como *Pride and Prejudice*, está intrinsicamente relacionado à construção das personagens centrais da narrativa. Portanto, tanto a “razão” quanto a “sensibilidade” são ordenadas, problematizadas e desenvolvidas com base na trajetória das irmãs Elinor e Marianne Dashwood. Para Rachel M. Browstein (1997, p. 42), o título em pares convida o leitor a ler o romance a partir de dois pontos de vista: a razão e a sensibilidade. Desse modo, é necessário estarmos familiarizados com o significado desses dois termos no contexto de produção de *Sense and Sensibility* – o final do século XVIII.

No que diz respeito à razão, esse princípio adquiriu um valor positivo a partir do movimento iluminista e, curiosamente, o seu significado manteve-se até o presente momento. Contudo, o termo *sensibility* não tinha o sentido atual. Em linhas gerais, *sensibility* estava relacionado à natureza sensível, emocional e suscetível do comportamento individual, principalmente o feminino (LE FAYE, 2002, p. 154). De acordo com Miranda Burgess (2009, p. 227), o princípio de sensibilidade tem o seu berço nos estudos das sensações a partir da filosofia e da medicina. Essas pesquisas buscavam esquadrihar a natureza humana e examinar as conexões entre o cognitivo, o emocional e a ordem social. Assim,

As their work [estudos de filósofos como John Locke, David Hume e Adam Smith] circulated and was popularized in periodicals, pamphlets, and novels, sensibility as a natural, spontaneous emotional response came to be seen as a major source for moral character and, consequently, for social order as well (BURGESS, 2009, p. 227)¹⁶⁵.

Os estudos destacados por Miranda Burgess tiveram tamanho impacto na sociedade inglesa que, com o tempo, o princípio de “sensibilidade” passou a ser parte integrante do ideal de feminilidade vigente no final do século XVIII. Esse ideal foi enfaticamente difundido pelo romance sentimental, ao qual “Richardson havia fornecido o modelo” (VASCONCELOS, 2002, p. 110). Segundo Sandra Vasconcelos (2002, p. 111), as heroínas do romance sentimental combinavam “beleza, sensibilidade, modéstia e sólidos princípios [...]”. Assim sendo, os escritores desse

¹⁶⁵ “Na medida em que os seus estudos [de filósofos como John Locke, David Hume e Adam Smith] circulavam e eram divulgados em periódicos, panfletos e romances, a sensibilidade (enquanto uma resposta natural, espontânea e emocional) passou a ser vista como fonte principal do caráter moral e, conseqüentemente, da ordem social também”.

tipo de narrativa conquistaram numerosos leitores por despertar neles a emoção de testemunhar os infortúnios vividos por essas protagonistas tão frágeis e sensíveis. Todavia, os conservadores de fins do século XVIII e início do XIX defenderam os perigos da leitura de romances sentimentais, pois, segundo eles e como já discutido na Introdução, essas leituras incitavam emoções excessivas, encorajavam devaneios e estimulavam sentimentos que poderiam fugir ao controle (BURGESS, 2009, p. 228). A sensibilidade, como aspecto integrante da noção de feminilidade, estava relacionada ao comportamento individual. Por esse motivo, os escritores de manuais de instrução e os moralistas daquele período preocupavam-se com os efeitos da leitura na conduta sobretudo feminina. Muitos escritores, cômicos do debate envolvendo a noção de “sensibilidade”, entraram nessa arena e Jane Austen, atenta observadora da cena literária e social, escreveu *Sense and Sensibility* nesse contexto.

Interessantemente, Ros Ballaster (2012, p. 18) relaciona o romance de Austen, cuja produção foi iniciada em 1895, com duas obras contemporâneas da autora – *Vindication of the Rights of Woman* [Reivindicação dos direitos da mulher] (1792) de Mary Wollstonecraft e *Belinda* (1801) de Maria Edgeworth. Em *Vindication of the Rights of Woman*, Mary Wollstonecraft denuncia a escravização da mulher pela sensibilidade; segundo Ballaster (2012, p. 19), Wollstonecraft acredita que a “liberdade só poderá ser alcançada através da rejeição integral da sensibilidade [...] em favor de uma educação racional”. Por outro lado, em *Belinda* a heroína de Maria Edgeworth busca o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade. Jane Austen insere-se no curso desse debate abordam esses dois princípios por outro viés. Em *Sense and Sensibility*, Austen não cria oposição entre a “razão” e a “sensibilidade”, tampouco valoriza uma dessas qualidades a partir da construção de Elinor ou de Marianne. O romance de Jane Austen apresenta dois pontos de vista distintos para se ler o mundo, isto é, duas possibilidades de avaliação das circunstâncias comuns à vida. A autora apresenta a sensibilidade como uma variante do princípio da razão. Isso ocorre pois a razão de Elinor só faz sentido em relação à sensibilidade de Marianne e vice-versa. Dessa maneira, em *Sense and Sensibility*, ao mesmo tempo em que Austen posiciona-se criticamente frente a uma linhagem influente da tradição literária inglesa, a saber, o romance sentimental produzido em grande quantidade à época, ela apresenta a “razão” e a “sensibilidade” como princípios norteadores da postura das irmãs Dashwood como leitoras e, em consequência, como bases para códigos de conduta distintos. Portanto, neste capítulo destaco a importância dos princípios de

“razão” e “sensibilidade” para o desenvolvimento de Elinor e Marianne como leitoras de textos ficcionais e não-ficcionais e das circunstâncias que vivenciam ao longo de suas trajetórias na narrativa.

2.1 MARIANNE DASHWOOD E A LEITURA ROMÂNTICA

Sandra Vasconcelos (2006, p. 133) defende de modo categórico que “não há heroínas dos romances populares que não sejam muito belas, delicadas ao extremo, donas de sensibilidade aguda, propensas a desmaios frequentes e lágrimas abundantes”. Marianne Dashwood não é uma exceção a esse tipo de heroína. Ao longo de *Sense and Sensibility* não é incomum vermos Marianne aos prantos ou demonstrando suas emoções exacerbadamente. Na introdução da personagem na narrativa, o narrador destaca a beleza, a delicadeza e a sensibilidade aguda de Marianne:

Marianne's abilities were, in many respects, quite equal to Elinor's. She was sensible and clever; but eager in everything: her sorrows, her joys, could have no moderation. She was generous, amiable, interesting: she was everything but prudent. The resemblance between her and her mother was strikingly great. (AUSTEN, 2011, p. 8)¹⁶⁶

Ao introduzir Marianne, o narrador enfatiza a intensidade com que essa personagem expressa seus sentimentos. Suas alegrias e tristezas são externalizadas com profundo fervor. Em consequência, muitas vezes o comportamento expressivo da personagem mostra-se impulsivo e imprudente. Logo, esses aspectos da personalidade de Marianne são centrais para sua construção como leitora de textos ficcionais e não-ficcionais e, principalmente, como leitora das situações que vive. Portanto, é importante discutir a trajetória de Marianne como leitora de texto impresso para, em seguida, considerar seu modo de ler e avaliar as circunstâncias que vive.

Em *Sense and Sensibility*, a atividade de leitura de textos impressos está diretamente associada a Marianne, pois, dentre todas as personagens do romance, é a ela que diz respeito a maior parte das referências a leitura. Apesar de não haver no

¹⁶⁶ “Os talentos de Marianne eram, em muitos aspectos, bastante parecidos com os de Elinor. Ela era sensível e inteligente; mas ardorosa em tudo; tristezas, alegrias, nada nela era moderado. Era generosa, amável, interessante; mas era tudo menos prudente. A semelhança com a mãe era impressionante” (AUSTEN, 2012, p. 79).

romance uma cena que apresente Marianne lendo, há informações do narrador quanto aos hábitos de leitura dessa personagem. Dessa forma, a primeira referência às práticas de leitura de Marianne aparece no capítulo III (volume I). Nesse capítulo, conforme o narrador destaca, Mrs. Dashwood nota a preferência de Edward Ferrars por Elinor. Marianne, em um diálogo com sua mãe, expõe o seu ponto de vista sobre a relação entre a irmã e Edward. Segundo Marianne, Edward não possui aparência impressionante nem bom gosto artístico – o que para ela é um defeito grave. A personagem acentua que o rapaz não é capaz de reconhecer o valor estético dos desenhos de Elinor e acrescenta:

Oh! mama, how spiritless, how tame was Edward's manner in reading to us last night! [...]
He would certainly have done more justice to simple and elegant prose. I thought so at the time; but you *would* give him Cowper.
Nay, Mama, if he is not to be animated by Cowper! [...] (AUSTEN, 2011, p. 30)¹⁶⁷

A leitura em voz alta era uma prática comum entre as famílias inglesas melhor posicionadas sócio-economicamente. Aliás, esse hábito era muito caro a Jane Austen que, segundo uma das cartas de sua irmã Cassandra, tinha o hábito de ler seus manuscritos para sua família após o jantar. Assim, a leitura em voz alta era uma habilidade altamente valorizada à época. Na opinião de Marianne, Edward leu o texto de Cowper¹⁶⁸ inadequadamente ou sem o devido ardor, pois ele leu tais lindos e arrebatadores versos “with such impenetrable calmness, such dreadful indifference!” (AUSTEN, 2011, p. 30)¹⁶⁹. Para Marianne, a falta de emoção de Edward ao ler Cowper significa insensibilidade para com os sentimentos expressos no poema. Marianne defende uma visão romântica e sensível que deve ser demonstrada em todos os aspectos, inclusive na leitura. Dessa maneira, Edward não constitui um pretendente compatível para ela, pois, a seu ver, ele não é um leitor com gosto refinado ou capaz de transmitir sentimentos na leitura. De acordo com Marianne, a leitura também deve ser feita com paixão, ou seja, o leitor deve entregar-se aos seus efeitos. De certo

¹⁶⁷ “Ah, mamãe, como Edward mostrou-se apático, comportado ontem à noite quando leu para nós! [...] Ele certamente teria feito mais justiça a uma prosa simples e elegante. Pelo menos, foi o que achei na hora; mas foi você que o fez ler Cowper. Ora, mamãe, se ele não se anima nem com Cowper! [...]” (AUSTEN, 2012, p. 90).

¹⁶⁸ William Cowper (1731-1800) foi um poeta admirado por Jane Austen. Cowper apreciava o pitoresco e suas poesias descreviam vividamente a vida rural e a natureza.

¹⁶⁹ “com uma calma impenetrável, com uma indiferença tão pavorosa!” (AUSTEN, 2012, p. 90).

modo, Marianne valoriza o que Edward não demonstra – sentimentos intensos e ardorosos. Portanto, na perspectiva da jovem, tanto a leitura quanto o amor, como destacarei na sequência, devem ser vívidos e intensos – aspecto evidente em sua relação com Mr. Willoughby.

No capítulo IX do volume I, Marianne passeia com Margaret, sua irmã mais nova, mas por causa de uma chuva repentina ela cai e machuca o tornozelo. A personagem é carregada por um homem desconhecido que desce de seu cavalo para ajudá-la – Mr. Willoughby. No capítulo seguinte (capítulo X do volume I), o narrador descreve o primeiro encontro entre os dois:

They [Marianne and Mr. Willoughby] speedily discovered that their enjoyment of dancing and music was mutual, and that it arose from a general conformity of judgment in all that related to either. Encouraged by this to a further examination of his opinions, she proceeded to question him on the subject of books; her favourite authors were brought forward and dwelt upon with so rapturous a delight, that any young man of five and twenty must have been insensible indeed, not to become an immediate convert to the excellence of such works, however disregarded before. Their taste was strikingly alike. The same books, the same passages were idolized by each — or if any difference appeared, any objection arose, it lasted no longer than till the force of her arguments and the brightness of her eyes could be displayed. He acquiesced in all her decisions, caught all her enthusiasms; and long before his visit concluded, they conversed with the familiarity of a long-established acquaintance (AUSTEN, 2011, p. 90)¹⁷⁰.

Inicialmente, Marianne e Mr. Willoughby reconhecem duas preferências em comum: o interesse pela dança e pela música. Contudo, no que diz respeito à leitura de textos impressos, Marianne fala com ardor de seus autores preferidos e Willoughby, por sua vez, é incitado a se render aos gostos da jovem. Aos olhos de Marianne, ele compartilha as mesmas opiniões e interesses; porém, de acordo com o movimento dessa cena, Willoughby parece estar mais inclinado a aceitar as preferências de Marianne do que em expor as suas. De fato, Marianne acredita que essa compatibilidade entre ela e Mr. Willoughby fez dele o homem ideal. Idealização que corresponde a sua descrição de parceiro adequado (capítulo III, volume I):

¹⁷⁰ “Logo descobriram que o gosto pela dança e pela música era compartilhado e advinha de uma conformidade de juízos generalizada. Encorajada portanto a um exame mais detalhado de suas opiniões, ela passou a questioná-lo sobre livros; os autores favoritos dela foram trazidos à baila e abordados com um prazer tão enlevado que qualquer rapaz de vinte e cinco anos com alguma sensibilidade se renderia imediatamente à excelência de tais obras, mesmo que nunca as tivesse lido antes. O gosto de ambos era incrivelmente parecido. Os mesmos livros, os mesmos trechos, eram idolatrados por ambos – ou, se surgia alguma diferença, uma objeção qualquer, só durava até a força do argumento ou o brilho dos olhos dela entrarem em ação. Ele concordou com todas as decisões dela, captou por todo o seu entusiasmo; e, muito antes de encerrada a visita, os dois conversaram com a familiaridade de velhos conhecidos” (AUSTEN, 2012, p. 124).

I could not be happy with a man whose taste did not in every point coincide with my own. He must enter into all my feelings; the same books, the same music must charm us both (AUSTEN, 2011, p. 30)¹⁷¹.

A declaração de Marianne não é incomum para o contexto do final do século XVIII. Durante o período romântico, principalmente em função do romance sentimental, a noção de amor ideal concretizado por duas pessoas com personalidades e gostos exatamente iguais tornou-se altamente popular. Dessa forma, Marianne acredita que sua felicidade depende de encontrar alguém que aprecie os mesmos livros e tipos de música, e com a mesma vivacidade. Por esse motivo, não é admirar que ela, num primeiro momento, se apaixone por Mr. Willoughby e rejeite Colonel Brandon, pois Willoughby parece se adequar perfeitamente ao seu ideal romântico de alma gêmea.

De acordo com o comentário de Marianne sobre a leitura de Edward e seu primeiro contato com Mr. Willoughby, percebe-se que a personagem, enquanto leitora de textos impressos, está interessada nos sentimentos despertados pela leitura e na demonstração sincera dessas emoções. Marianne, de certo modo, transfere seu interesse por leitura (de textos ficcionais e não-ficcionais) para sua experiência diária, pois a jovem “acredita que os sentimentos que transbordam de maneira espontânea de dentro de uma pessoa são intrinsecamente morais, e portanto, os melhores motivos possíveis para ação” (TANNER, 2012, p. 60,61). Mr. Willoughby, por ter as mesmas preferências por música e livros que Marianne, desperta nela emoções tão intensas quanto a leitura arrebatadora de Cowper. Segundo o narrador, “they read, they talked, they sang together; his musical talents were considerable; and he read with all the sensibility and spirit which Edward had unfortunately wanted” (AUSTEN, 2011, p. 92)¹⁷². Mr. Willoughby compensa a vivacidade que Marianne não encontra em Edward e Brandon, pois ele está sempre disposto a fazer demonstrações ardorosas e espirituosas de seus sentimentos. A capacidade de sentir a leitura é tão importante para Marianne quanto a de externar os sentimentos mais íntimos. Dito de outro modo, a relevância dessa habilidade não está presente apenas nos hábitos de

¹⁷¹ “Eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincidissem com o meu. Ele precisaria ter cada um dos meus sentimentos; ler os mesmos livros, a mesma música deve encantar nós dois” (AUSTEN, 2012, p. 90)

¹⁷² “[Marianne e Willoughby] Liam, conversavam e cantavam juntos; seus talentos musicais eram consideráveis; e ele lia com a sensibilidade e com o espírito que infelizmente faltavam a Edward” (AUSTEN, 2012, p. 125, 126).

leitura da personagem, mas também está associada aos seus próprios sentimentos e à forma como ela os expressa.

Após a repentina partida de Mr. Willoughby do convívio das Dashwoods (capítulo XV, volume I), Marianne entra em um profundo estado de tristeza e melancolia. Conforme o narrador destaca,

The evening passed off in the equal indulgence of feeling. She played over every favourite song that she had been used to play to Willoughby, every air in which their voices had been oftenest joined, and sat at the instrument gazing on every line of music that he had written out for her, till her heart was so heavy that no farther sadness could be gained; and this nourishment of grief was every day applied. She spent whole hours at the pianoforte alternately singing and crying; her voice often totally suspended by her tears. In books too, as well as in music, she courted the misery which a contrast between the past and present was certain of giving. She read nothing but what they had been used to read together (AUSTEN, 2011, p. 158)¹⁷³.

A tristeza de Marianne, assim como sua alegria anterior, é vivida e expressa intensamente. Na música e nos livros, Marianne cultua o próprio sofrimento elevando sua dor ao máximo. Na realidade, a leitura de Marianne é uma forma de trazer à tona a lembrança de Willoughby e reavivar seu sofrimento para si mesma. A leitura da jovem não tem um objetivo instrucional, uma vez que, através da leitura, ela contempla seus infortúnios. Na chegada de Marianne a Londres (capítulo IV, volume II), o narrador comenta que a personagem “endeavoured for a few minutes to read; but the book was soon thrown aside [...]” (AUSTEN, 2011, p. 306).¹⁷⁴ A personagem está tão ansiosa com a possibilidade de reencontrar Mr. Willoughby que é incapaz de concentrar-se no livro que tem em mãos. O mesmo ocorre na ocasião em que Marianne apresenta os primeiros sintomas de sua doença (capítulo VII, volume III): “[...] a day spent in sitting shivering over the fire with a book in her hand, which she was unable to read” (AUSTEN, 2011, p. 572)¹⁷⁵. Dessa maneira, entende-se que os hábitos de leitura de Marianne modificam-se no decorrer da narrativa. De início, Marianne lê frequentemente com Mr. Willoughby; após a partida dele, Marianne

¹⁷³ “A tarde se passou na mesma indulgência sentimental. Ela tocou todas as músicas que costumava tocar com Willoughby, no mesmo ar em que suas vozes se juntaram, e sentou-se ao piano a contemplar cada linha de música que ele escrevera para ela, até que seu coração ficou tão pesado que não podia mais conter nenhuma tristeza; e essa dieta de luto foi seguida todos os dias. Ela passava horas inteiras ao piano, alternando canto e pranto; a voz, muitas vezes, era embargada pelas lágrimas. Também nos livros, assim como na música, ela cortejou a angústia que o contraste passado e presente certamente oferecia. Leu apenas o que costumavam ler juntos” (AUSTEN, 2012, p. 163,164).

¹⁷⁴ “tentou ler por alguns minutos; mas o livro foi posto de lado [...]” (AUSTEN, 2012, p. 249)

¹⁷⁵ “Mas o dia inteiro tremendo junto à lareira com um livro na mão, sem conseguir ler” (AUSTEN, 2012, p. 402).

continua lendo, porém com o objetivo de incitar suas lembranças e sua dor. Contudo, quando está em Londres, a jovem lê por alguns minutos e põe o livro de lado e, após saber do casamento de Mr. Willoughby, ela sequer consegue ler. Portanto, gradualmente, Marianne perde o interesse pela leitura, assim como o desejo de viver. Compreende-se, então, que sua postura de leitora configura-se como uma expressão externa de seus sentimentos mais íntimos.

Contudo, ao final da narrativa, Marianne reavalia sua postura de leitora de textos impressos e comenta com Elinor a necessidade de dedicar-se a outro tipo de leitura:

I mean never to be later in rising than six, and from that time till dinner I shall divide every moment between music and reading. I have formed my plan, and am determined to enter on a course of serious study. Our own library is too well known to me, to be resorted to for anything beyond mere amusement. But there are many works well worth reading at the Park; and there are others of more modern production which I know I can borrow of Colonel Brandon. By reading only six hours a-day, I shall gain in the course of a twelvemonth a great deal of instruction which I now feel myself to want (AUSTEN, 2011, p. 640)¹⁷⁶.

As expressões de Marianne indicam que ela planeja criar novos hábitos de leitura. Depois de passar por um processo de aprimoramento tanto de seu modo de pensar quanto de seu comportamento, Marianne percebe que precisa estudar e ler seriamente, não apenas por diversão. De fato, as referências do narrador às práticas de leitura dessa personagem evidenciam que, inicialmente, na visão de Marianne, a leitura constituía-se um passatempo e um critério para avaliar os gostos e o caráter das pessoas. Porém, ao final da narrativa, ela entende que o processo de leitura é primordial para adquirir “[a] great deal of instruction” (AUSTEN, 2011, p. 604). Interessantemente, a instrução a que a personagem se refere não é unicamente formal, pois certamente Marianne teve uma boa educação nesse sentido. Além do mais, Marianne menciona o seguinte: “[...] instruction which I now feel myself to want” (AUSTEN, 2011, p. 640). Essa instrução abrange mais do que educação formal ou

¹⁷⁶ “Pretendo não acordar nunca depois das seis, e dessa hora até o jantar dividirei todos os momentos entre música e leitura. Já tracei meu plano e estou decidida a mergulhar em sérios estudos. Conheço bem demais a nossa biblioteca para que me ofereça algo além de mera diversão. Mas existem obras dignas de serem lidas em Barton Park; e há outras de produção mais moderna que sei que posso tomar emprestadas do coronel Brandon. Lendo apenas seis horas por dia, ganharei ao longo de um ano um bocado de instrução que agora sinto me fazer falta” (AUSTEN, 2012, p. 441).

accomplishments, pois está relacionada à capacidade de discernimento, isto é, à habilidade de avaliar as situações ao redor e tomar decisões adequadas.

Com base na análise aqui desenvolvida, percebemos que Marianne constitui-se uma leitora que se interessa, principalmente, por emoções despertadas pela leitura. Dito de outro modo, Marianne concentra-se no aspecto estético da leitura e não no conteúdo do que lê. Quando se refere à poesia de Cowper, Marianne destaca: [...] *those beautiful lines which have frequently almost driven me wild [...]* (AUSTEN, 2011, p. 19)¹⁷⁷. Em outro momento (capítulo XVIII, volume I), a personagem discute com Edward sobre a beleza da paisagem ao seu redor. De acordo com o narrador, *“his was a subject which ensured Marianne's attention, and she was beginning to describe her own admiration of these scenes [...]* (AUSTEN, 2011, p. 182)¹⁷⁸. Nessa ocasião, Edward contesta as perguntas de Marianne afirmando que não tem conhecimento de apresentação artística da natureza e, desse modo, seria incapaz de descrever a exata admiração que sentiu ao ver tais paisagens. Fica claro que Marianne se interessa imensamente pelos sentimentos despertados por fatores externos, ou seja, pelos efeitos estéticos da leitura ou da admiração de um belo cenário. Conseqüentemente, a personagem não dá a devida atenção à importância do conteúdo da leitura para seu amadurecimento intelectual e emocional. Marianne só toma consciência dessa limitação em sua prática de leitura ao final da narrativa. Todavia, essa carência não se limita apenas à trajetória de Marianne como leitora de leitura impressa, pois é também de extrema importância para o seu desenvolvimento como leitora das circunstâncias que vivencia a partir principalmente de sua relação com Mr. Willoughby e com Colonel Brandon.

Willoughby e Brandon são introduzidos de maneira diferente pelo narrador visto este seguir a perspectiva de Marianne. Dessas duas personagens masculinas, Brandon é o primeiro a ser apresentado na narrativa. No capítulo VII (volume I), logo após chegar a Barton Cottage, Mrs. Dashwood e suas filhas são convidadas por Sir John Middleton para jantar em sua mansão – Barton Park. Nessa visita, as personagens conhecem a esposa de Sir John Middleton, Lady Middleton, sua sogra, Mrs. Jennings, e Colonel Brandon. Nessa ocasião, o narrador descreve Colonel Brandon:

¹⁷⁷ “Aqueles versos tão lindos que sempre me arrebatam [...]” (AUSTEN, 2012, p. 90).

¹⁷⁸ “Esse era o assunto que garantia a atenção de Marianne, ela estava começando a descrever a sua própria admiração daqueles cenários [...]” (AUSTEN, 2012, p. 177).

He was silent and grave. His appearance however was not unpleasing, in spite of his being in the opinion of Marianne and Margaret an absolute old bachelor, for he was on the wrong side of five and thirty; but though his face was not handsome, his countenance was sensible, and his address was particularly gentlemanlike (AUSTEN, 2011, p. 36)¹⁷⁹.

Como esse fragmento indica, na opinião de Marianne e Margaret, Brandon é um solteirão que, por estar acima dos trinta e cinco anos de idade, é velho demais para casar. De início, as observações de Marianne não se concentram no caráter de Brandon, mas sim em uma questão que lhe é importante: “the colonel’s advanced years” (AUSTEN, 2011, p. 70)¹⁸⁰. Posteriormente, no capítulo X (volume I), a opinião de Marianne sobre Brandon concentra-se em outros aspectos: “he has neither genius, taste, nor spirit. That his understanding has no brilliancy, his feelings no ardour, and his voice no expression” (AUSTEN, 2011, p. 98)¹⁸¹. A avaliação de Marianne não se concentra no caráter ou na índole de Brandon. Suas críticas referem-se à reação de Brandon diante de circunstâncias externas. Para ela, Brandon não possui uma presença marcante que denote genialidade, não demonstra seus sentimentos com vivacidade e mesmo o seu tom de voz não se destaca. Marianne não poderia pensar de modo diferente, pois ela sempre confere um valor estético ao comportamento individual (TANNER, 2012, p. 56). Definitivamente, a opinião de Marianne contrasta com os argumentos de Elinor:

My protégé, as you call him, is a sensible man; and sense will always have attractions for me. Yes, Marianne, even in a man between thirty and forty. He has seen a great deal of the world; has been abroad, has read, and has a thinking mind. I have found him capable of giving me much information on various subjects; and he has always answered my inquiries with readiness of good-breeding and good nature (AUSTEN, 2011, p. 96)¹⁸².

¹⁷⁹ “Ele era silencioso e grave. Sua aparência, no entanto, não era desagradável, apesar de se tratar, na opinião de Marianne e Margaret, de um velho solteirão rematado, pois já havia passado dos trinta e cinco anos; mas, embora não fosse bonito, tinha uma expressão sensível, e sua conversa era especialmente cavalheiresca” (AUSTEN, 2012, p. 110).

¹⁸⁰ “a idade avançada do coronel” (AUSTEN, 2012, p. 114).

¹⁸¹ “[o fato de] não ter gênio [Brandon], bom gosto ou presença de espírito. Seu entendimento das coisas não tem brilho, seus sentimentos não têm ardor, sua voz não tem expressão” (AUSTEN, 2012, p. 129).

¹⁸² “Meu protegido, como você diz, é um homem razoável; e o bom senso sempre me será atraente. Sim, Marianne, mesmo um homem entre trinta e quarenta anos. Ele conhece bem o mundo; viajou; leu, e possui uma mente pensante. Acho que é capaz de me fornecer muita informação sobre vários assuntos, e sempre responde às minhas perguntas com a prontidão de quem tem boa formação e bom gênio” (AUSTEN, 2012, p. 128).

O comentário de Elinor, diferentemente da opinião de Marianne, salienta a boa índole e o caráter nobre de Colônel Brandon. De acordo com Elinor, Brandon, além de sua natureza bondosa, conhece o mundo, lê diversas obras e é capaz de discutir assuntos variados. As observações de Miss Dashwood apresentam Brandon como um homem cuja mente foi aperfeiçoada por suas viagens e leituras, o que o torna capaz de expressar-se bem e discutir qualquer tema. Desse modo, Elinor percebe que, por trás do comportamento reservado de Brandon, há um homem que possui qualidades dignas. No entendimento de Marianne, o comportamento equilibrado de Brandon, ao demonstrar seus sentimentos, é insensível e apático. Essa leitura da conduta de Brandon é completamente oposta à interpretação de Marianne sobre Mr. Willoughby.

Como mencionado anteriormente, no capítulo IX (volume I), Marianne é ajudada, heroicamente, por Mr. Willoughby. Assim sendo, o narrador introduz Willoughby na narrativa, a partir da perspectiva de Marianne:

His person and air were equal to what her [Marianne's] fancy had ever drawn for the hero of a favourite story; and in his carrying her into the house with so little previous formality, there was a rapidity of thought which particularly recommended the action to her. Every circumstance belonging to him was interesting. His name was good, his residence was in their favourite village, and she soon found out that of all manly dresses a shooting-jacket was the most becoming. Her imagination was busy, her reflections were pleasant, and the pain of a sprained ankle was disregarded (AUSTEN, 2011, pp. 80, 82)¹⁸³

A descrição destacada assemelha-se às típicas introduções dos “heróis” em romance sentimental. Certamente, Mr. Willoughby corresponde ao padrão romântico de herói tanto por seu comportamento heroico quanto por sua aparência e modos. Ademais, a fantasia de Marianne cria outros motivos para que ele seja perfeito – o nome dele é bom, ele mora em um dos seus lugares favoritos, veste-se bem. Logo, o encantamento de Marianne por Willoughby baseia-se em aspectos supérfluos que não têm relação com o caráter do jovem. Cumpre ressaltar que a introdução heroica de Mr. Willoughby não é acompanhada de comentários do narrador que elucidem seu

¹⁸³ “A aparência e o comportamento do cavalheiro equivaliam ao que a fantasia dela [Marianne] criara para o herói de uma história favorita; e, no transporte em seus braços para dentro de casa com tão pouca formalidade, havia uma rapidez de raciocínio que o recomendava especialmente. Todas as circunstâncias a seu respeito eram interessantes. O nome era bom, a residência ficava no local favorito delas, e ela logo descobriu que de todos os trajes masculinos a roupa de caça era a que vestia melhor. Sua imaginação foi longe, suas reflexões foram agradáveis e a dor do tornozelo foi ignorada” (AUSTEN, 2012, p. 120).

caráter. De fato, o narrador concentra-se em enfatizar o comportamento inicial de Willoughby com a família Dashwood, sobretudo, com Marianne:

Willoughby was a young man of good abilities, quick imagination, lively spirits, and open, affectionate manners. He was exactly formed to engage Marianne's heart, for with all this, he joined not only a captivating person, but a natural ardour of mind which was now roused and increased by the example of her own, and which recommended him to her affection beyond everything else (AUSTEN, 2011, p. 92)¹⁸⁴.

Essa observação do narrador destaca as habilidades de Mr. Willoughby e a maneira com que a personagem dedica-se a agradar Marianne. De fato, há uma compatibilidade entre a personalidade e a preferência dessas personagens, pois ambos querem que tal similaridade exista. Sem dúvida, Mr. Willoughby esforça-se ao máximo para demonstrar ardorosa e espirituosamente seus sentimentos – formas de expressão valorizada por Marianne. Por isso, de acordo com o narrador,

Willoughby was all that *her fancy* had delineated in that unhappy hour and in every brighter period, as capable of attaching her; and his behaviour declared his wishes to be in that respect as earnest, as his abilities were strong (AUSTEN, 2011, p. 92)¹⁸⁵.

As palavras do narrador evidenciam que a imaginação de Marianne, instigada pelo comportamento amável de Willoughby, superestima a compatibilidade de ambos; dessa maneira, não haveria motivos para que ela não se apaixonasse pelo jovem. Indubitavelmente, a personalidade impulsiva e imprudente de Marianne cega-a quanto ao fato de que, na realidade, ela desconhece o caráter de Willoughby, pois ela só tem conhecimento das preferências pessoais dele, preferências que são muito influenciadas pelas opiniões de Marianne. Quando a jovem aceita um cavalo como presente de Willoughby (capítulo XII, volume I), “Elinor then ventured to doubt the propriety of her [Marianne] receiving such a present from a man so little, or at least so

¹⁸⁴ “Willoughby era um rapaz de talentos, rápida imaginação, humor vivaz e modos francos e afetuosos. Era talhado exatamente de maneira a conquistar o coração de Marianne, pois tudo isso aliava não apenas a presença cativante, mas o ardor natural de sua mente, que agora estava aceso e tinha sido aumentado pelo exemplo dela, o que o recomendava aos seus olhos mais do que qualquer outra coisa” (AUSTEN, 2012, p. 125).

¹⁸⁵ “Willoughby era tudo o que ela fantasiara, naquela hora infeliz e em cada momento mais luminoso, capaz de fazê-la se apaixonar; e o comportamento dele demonstrava que seus desejos eram tão sinceros quanto fortes” (AUSTEN, 2012, p. 126).

lately known to her” (AUSTEN, 2011, p. 110)¹⁸⁶. O comentário sensato de Elinor foi seguido por esta resposta de sua irmã:

You are mistaken, Elinor, said she warmly, in supposing I know very little of Willoughby. I have not known him long indeed, but I am much better acquainted with him, than I am with any other creature in the world, except yourself and mama. It is not time or opportunity that is to determine intimacy;— it is disposition alone. Seven years would be insufficient to make some people acquainted with each other, and seven days are more than enough for others. I should hold myself guilty of greater impropriety in accepting a horse from my brother, than from Willoughby. Of John I know very little, though we have lived together for years; but of Willoughby my judgment has long been formed (AUSTEN, 2011, p. 110)¹⁸⁷.

Conforme esse fragmento, Marianne acredita que o tempo que passou com Mr. Willoughby é suficiente para que ela esteja certa da boa índole dele e confie que seu amor por ele é correspondido. Essa crença motiva Marianne a comportar-se cada vez mais de modo imprudente, pois ela defende que seu amor deve ser expresso sem medidas ou moderação. Todavia, essa conduta constitui-se no grande erro de Marianne, uma vez que suas ideias românticas impendem-na de compreender as verdadeiras motivações do comportamento de Mr. Willoughby; motivações que, no final da narrativa, ele confessa a Elinor: “[...] I endeavoured, by every means in my power, to make myself pleasing to her [Marianne], without any design of returning her affection” (AUSTEN, 2011, p. 596)¹⁸⁸. Marianne cria, de maneira fantasiosa, um homem perfeito baseando-se em aspectos menos importantes quando comparados à questão do caráter e do comportamento honesto.

As opiniões iniciais de Marianne sobre Colonel Brandon e Mr. Willoughby identificam-na como uma leitora que julga o comportamento individual como uma expressão da natureza interna de cada um. Marianne lê o caráter de Brandon a partir do comportamento dele. Assim, os modos reservados e silenciosos de Brandon são

¹⁸⁶ “Elinor então ousou duvidar da pertinência de aceitar tal presente de um homem que conhecia tão pouco, ou, no mínimo, há tão pouco tempo” (AUSTEN, 2012, p. 136).

¹⁸⁷ “Você está muito enganada Elinor, ela respondeu exaltada, se pensa que mal conheço Willoughby. Não o conheço há muito tempo, de fato, mas o conheço melhor do que qualquer outra criatura deste mundo, com exceção de você e mamãe. Não vem ao caso no momento determinar o tamanho da intimidade; – é uma questão de disposição, apenas. Sete anos seria pouco para algumas pessoas se conhecerem, e sete dias são mais do que suficientes para outras. Eu me consideraria culpada de uma deselegância muito maior se aceitasse um cavalo de meu irmão do que de Willoughby. Pois John eu conheço muito pouco, embora tenhamos vivido juntos durante anos; mas, quanto a Willoughby, meu juízo já se formou há muito tempo” (AUSTEN, 2012, p. 136).

¹⁸⁸ “[...] tentei, por todos os meios que dispunha, tornar-me agradável aos olhos dela [Marianne] sem qualquer intuito de retribuir sua afeição” (AUSTEN, 2012, p. 416).

para Marianne o reflexo de uma personalidade sem expressão. Mr. Willoughby, por outro lado, é “o sedutor tradicional, dono de uma lábia suave e mostra um domínio sem esforço dos modos persuasivos apropriados do diálogo” (TANNER, 2012, p. 55). Sem dúvida, aos olhos de Marianne o comportamento eloquente, cavalheiresco e heroico de Willoughby é a expressão de uma vívida e genuína índole. Desse modo, percebe-se que a postura de Marianne como leitora compreende as duas concepções de leituras abordadas neste trabalho. Na leitura de seus livros, Marianne busca a vivência intensa das emoções possibilitadas pelo texto e não dá atenção ao conteúdo mais profundo do texto; por extensão, nas diversas situações por ela vividas, a personagem lê o caráter das pessoas também apenas numa chave estética. Tanto no caso de Willoughby quanto no de Brandon, Marianne não se concentra na verdadeira motivação da conduta de ambos. Entretanto, ao longo de sua trajetória, a postura de Marianne como leitora, tanto de texto impresso como da própria experiência em diversas situações, sofre alterações.

Depois de ter estabelecido seu ponto de vista sobre Colonel Brandon e Mr. Willoughby, Marianne age incisivamente de acordo com suas opiniões; assim, ela se afasta do primeiro e se aproxima do segundo. Tal aproximação é facilmente perceptível, pois “when he [Mr. Willoughby] was present she [Marianne] had no eyes for anyone else” (AUSTEN, 2011, p. 100)¹⁸⁹. Marianne não refreia o modo como expressa os seus sentimentos embora Elinor alerte-a sobre isso:

[...] Marianne abhorred all concealment where no real disgrace could attend unreserve; and to aim at the restraint of sentiments which were not in themselves illaudable, appeared to her not merely an unnecessary effort, but a disgraceful subjection of reason to common-place and mistaken notions (AUSTEN, 2011, p. 100)¹⁹⁰.

Não há como ser impassível diante da sinceridade e ingenuidade de Marianne. Não há dúvidas de que, “her [Marianne’s] heart was devoted to Willoughby” (AUSTEN, 2011, p. 102)¹⁹¹. Marianne é tomada pelo amor que sente por Willoughby com a mesma intensidade com que os versos de Cowper a arrebatam. Desse modo, esses

¹⁸⁹ “Quando ele [Mr. Willoughby] estava presente, ela [Marianne] não tinha olhos para mais ninguém” (AUSTEN, 2012, p. 131).

¹⁹⁰ “[...] a moça abominava qualquer disfarce, pois nenhuma desgraça poderia ocorrer à sinceridade; e tentar conter sentimentos que não eram em si mesmos indignos parecia-lhe não apenas um esforço desnecessário, como também uma sujeição desonrosa da razão ao clichê e às ideias equivocadas” (AUSTEN, 2012, p. 131).

¹⁹¹ “seu [de Marianne] coração estava entregue a Willoughby” (AUSTEN, 2012, p. 131).

sentimentos profundos impedem-na de ler as consequências de um comportamento que, aos olhos daquela sociedade, é completamente imprudente. Para Marianne, a vivência intensa de um sentimento genuíno como o amor está acima de qualquer convenção social. E essa convicção é claramente expressa por suas palavras e ações. Por exemplo, no capítulo XII (volume I), Marianne aceita, sem hesitar, um presente caro de Willoughby e se refere ao jovem diretamente sem o pronome de tratamento “Mr”; o rapaz, por sua vez, chama Marianne por seu nome de batismo – comportamento que indica uma relação íntima entre o casal (AUSTEN, 2011, pp. 110,112). No capítulo XVIII do mesmo volume, Marianne passeia de carruagem com Willoughby até Allenham. Paula Byrne (2005, p. 301) explica que

Like Catherine Morland in *Northanger Abbey*, Marianne is also guilty of the social impropriety of riding in an open carriage with a young man she barely knows. She accepts presents from Willoughby and allows him to call her by her Christian name: these forms of behaviour were frowned upon in conduct books¹⁹².

Por mais que os sentimentos e a índole de Marianne sejam sinceros e genuínos, seu modo de agir é inconsequente. Marianne não poderia passar tanto tempo na companhia de um jovem com o qual não tem um compromisso formal e, ainda, visitar a casa da tia de Willoughby sem que tenha sido devidamente apresentada a ela. Elinor, ao questionar sua irmã sobre a impertinência de tal passeio, declara: “I am afraid, replied Elinor, that the pleasantness of an employment does not always evince its propriety” (AUSTEN, 2011, p. 130)¹⁹³. Em resposta, Marianne afirma:

On the contrary, nothing can be a stronger proof of it, Elinor; for if there had been any real impropriety in what I did, I should have been sensible of it at the time, for we always know when we are acting wrong, and with such a conviction I could have had no pleasure (AUSTEN, 2011, p. 130)¹⁹⁴.

De acordo com David M. Shapard (2011, p. 131), a resposta de Marianne é baseada no princípio de “senso moral”. Esse código interno ajudaria a pessoa a tomar

¹⁹² “Assim como Catherine Morland em *Northanger Abbey*, Marianne também é culpada pela impropriedade social de passear em uma carruagem aberta com um rapaz que ela mal conhece. Ela aceita presentes de Willoughby e permite que ele a chame pelo nome de batismo: essas formas de comportamento eram reprovadas em livros de conduta”.

¹⁹³ “Receio, respondeu Elinor, que nem sempre uma atividade prazerosa seja necessariamente apropriada” (AUSTEN, 2012, p. 147).

¹⁹⁴ “Pelo contrário, a prova mais forte disso, Elinor; se houvesse de fato algo impróprio no que fiz, eu teria me dado conta disso na hora, pois sempre sabemos quando estamos agindo mal, e com tal convicção eu não teria sentido nenhum prazer” (AUSTEN, 2012, p. 147).

boas decisões e evitar perigo para si mesma. Na verdade, esse código moral interno fazia parte de uma noção filosófica oitocentista que foi incorporado por alguns escritores Românticos. Jane Austen sutilmente enfatiza o perigo da confiança pia em sentimentos pessoais em detrimento de princípios morais. Desse modo, nas duas ocasiões citadas - o presente de Mr. Willoughby e a visita do jovem casal a Allenham - Marianne justifica o seu comportamento com base na noção pessoal de senso moral. Primeiramente, ao conversar com Elinor sobre o presente que ganhou, Marianne destaca o caráter de Mr. Willoughby; em seguida, ao ser questionada sobre seu passeio com o jovem, a personagem enfatiza sua própria consciência quanto ao que seria apropriado ou não. Entretanto, a consciência de Marianne não está harmonizada com princípios morais pregados pelos manuais de conduta, pois é baseada em sentimentos que, embora genuínos, fogem facilmente de seu controle ou destoam do que é aceitável socialmente. De fato, a conduta de Marianne é tão desmedida em sua alegria quanto em sua tristeza.

Depois do passeio a Allenham (capítulo XV, volume I), Mr. Willoughby parte subitamente. Marianne despede-se dele aos prantos e tranca-se no quarto. No jantar, ela não come nem fala. Conforme o narrador, “this violent oppression of spirits continued the whole evening. She was without any power, because she was without any desire of command over herself (AUSTEN, 2011, p. 154, 146).¹⁹⁵ Marianne deseja sofrer e por isso escolhe não controlar seus sentimentos; ao contrário, permite-se ser tomada por eles. A personagem procura experimentar a vivência completa de seus sentimentos, quer alegres quer tristes. A abertura do capítulo seguinte (capítulo XVI, volume I) ressalta a vontade de Marianne em entregar-se à dor:

Marianne would have thought herself very inexcusable had she been able to sleep at all the first night after parting from Willoughby. She would have been ashamed to look her family in the face the next morning, had she not risen from her bed in more need of repose than when she lay down in it. But the feelings which made such composure a disgrace, left her in no danger of incurring it. She was awake the whole night, and she wept the greatest part of it. She got up with a headache, was unable to talk, and unwilling to take any nourishment; giving pain every moment to her mother and sisters, and forbidding all attempt at consolation from either. Her sensibility was potent enough! (AUSTEN, 2011, p. 158)¹⁹⁶.

¹⁹⁵ “A violenta opressão de seu ânimo continuou a noite inteira. Ela não tinha forças, pois não possuía nenhum desejo de controle sobre si mesma” (AUSTEN, 2012, p. 161).

¹⁹⁶ “Marianne teria considerado imperdoável dormir na primeira noite depois da partida de Willoughby. Sentiria vergonha de encarar a família na manhã seguinte se não levantasse da cama precisando de repouso mais do que quando fora se deitar. De qualquer forma, os sentimentos que tornavam a expectativa do sono uma desgraça não permitiriam que ela adormecesse. Ficou a noite toda acordada,

A sensibilidade de Marianne é uma resposta individual às circunstâncias que ela vivencia. A personagem, como pontuado por Elinor, acredita no primeiro amor, pois “her opinions are all romantic” (AUSTEN, 2011, p. 104)¹⁹⁷. Indiscutivelmente, seu primeiro amor é Willoughby e seu comportamento não deixa dúvidas sobre sua certeza de que esse sentimento a levará ao matrimônio. Entretanto, subitamente, as circunstâncias mudam e, então, sua alegria eufórica é transformada em uma tristeza tão intensa que Marianne se recusa a dormir, comer ou até mesmo ser consolada por sua mãe e irmãs. O modo de Marianne comportar-se indica que ela interpreta a situação que vive como uma tragédia, pois se Mr. Willoughby é o seu primeiro amor, ele deveria se casar com ela e não ir embora de forma tão estranha e repentina. Esse tipo de comportamento acentua-se ainda mais a partir do volume II do romance.

No capítulo III (volume II), Mrs. Jennings convida Elinor e Marianne para acompanhá-la em uma viagem a Londres. Logo ao chegar à casa de Mrs. Jennings, Marianne escreve uma carta para Willoughby. Na compreensão de Elinor, a atitude da irmã assegura o compromisso de noivado entre o casal. Como Paula Byrne (2005, p. 301) explica, “women were discouraged from writing to men until there was a formal engagement between them”¹⁹⁸. Contudo, Marianne por dias não recebe nenhuma correspondência ou notícias de Mr. Willoughby. A personagem espera ansiosamente que ele venha visitá-la, mas, para a sua decepção, Colonel Brandon é quem faz isso. Uma semana após a chegada das irmãs Dashwood a Londres, Mr. Willoughby deixa apenas um cartão de visitas na casa de Mrs. Jennings. Marianne reencontra o jovem em um baile (capítulo VI do volume II). Marianne e Elinor veem Willoughby conversando “[...] with a very fashionable looking young woman” (AUSTEN, 2011, p. 324)¹⁹⁹. Diante disso, Marianne fica desconcertada ao perceber que ele não se aproxima para conversar com ela. Assim, apesar das solicitações de Elinor para que Marianne contenha-se, o narrador ressalta:

This however was more than she could believe herself; and to be composed at such a moment was not only beyond the reach of Marianne, it was beyond

chorando a maior parte do tempo. Levantou-se com dor de cabeça, sem conseguir falar, indisposta a comer o que quer que fosse; enervando a todo instante a mãe e as irmãs, e as proibindo de tentar consolá-la. Sua sensibilidade tinha esse poder!” (AUSTEN, 2012, p. 163).

¹⁹⁷ “Ela só tem opiniões românticas” (AUSTEN, 2012, p. 133).

¹⁹⁸ “As mulheres eram desencorajadas a escrever aos homens antes de existir um compromisso formal entre eles”.

¹⁹⁹ “[...] com uma moça de aparência muito elegante” (AUSTEN, 2012, p. 260).

her wish. She sat in an agony of impatience which affected every feature (AUSTEN, 2011, p. 324)²⁰⁰.

O autocontrole não faz parte da natureza de Marianne e tampouco ela deseja desenvolver essa habilidade. O comportamento de Marianne e suas expressões corporais são deveras um reflexo autêntico dos seus sentimentos. Diante da tentativa de Mr. Willoughby de manter a compostura e fingir que nada havia ocorrido entre eles,

[...] the feelings of her sister [Marianne] were instantly expressed. Her face was crimsoned over, and she exclaimed, in a voice of the greatest emotion, "Good God! Willoughby, what is the meaning of this? Have you not received my letters? Will you not shake hands with me? (AUSTEN, 2011, p. 324)²⁰¹.

Como indicado nesse fragmento, Marianne não se preocupa em avaliar se as circunstâncias são apropriadas para questionar Willoughby com tanta veemência. Seu comportamento impetuoso é altamente corajoso e singular em comparação com a atitude covarde do jovem rapaz. Mr. Willoughby esconde-se atrás de convenções sociais para construir uma “falsidade emocional” (TANNER, 2012, p. 50). Entretanto, Marianne “protesta com ultraje e perplexidade contra a traição de toda a integridade emocional não só tornada possível como disfarçada pelas regras do jogo social” (TANNER, 2012, p. 50). Assim sendo, se as normas sociais buscam comprimir Marianne, quase que de modo sufocante, ela reage com a mesma força, porém no sentido oposto. Enquanto tudo ao redor da personagem exige controle, “[...] Marianne continued incessantly to give way in a low voice to the misery of her feelings, by exclamations of wretchedness” (AUSTEN, 2011, p. 326)²⁰². Ao longo de sua trajetória na narrativa, os eventos em que Marianne está envolvida exigem, cada vez mais, autocontrole. Contudo, quanto mais as normas sociais exigem domínio de si mesma, maior é o esforço de Marianne de expandir suas emoções e não de comprimi-las.

No capítulo seguinte (capítulo VII, volume II), logo ao amanhecer, Marianne escreve uma carta para Mr. Willoughby, carta redigida com “excessive affliction”

²⁰⁰ “Isso no entanto, era mais do que ela mesma poderia acreditar, e comportar-se naquele momento não estava apenas além do alcance de Marianne: estava além de seus desejos. Ela sentou-se agoniada de impaciência, o que lhe afetou toda a aparência” (AUSTEN, 2012, p. 260).

²⁰¹ “[...] os sentimentos da irmã [Marianne] foram expressos no mesmo instante. Seu rosto enrubesceu imensamente, ela exclamou com a voz muito emocionada: “Santo Deus, Willoughby! O que significa isto? Você não recebeu minhas cartas? Não vai me dar a mão?” (AUSTEN, 2012, p. 261).

²⁰² “[...] Marianne continuou incessantemente a dar vazão à desgraça de seus sentimentos, com exclamações de desventura” (AUSTEN, 2012, p. 262).

(AUSTEN, 2011, p. 332)²⁰³. Elinor nota que, por vezes, a irmã interrompe sua escrita, pois é incapaz de controlar suas lágrimas. Marianne não quer ser consolada e exige ficar sozinha. Após o desjejum, a personagem recebe uma carta de Willoughby e “[...] turning of a death-like paleness, instantly ran out of the room” (AUSTEN, 2011, p. 334)²⁰⁴. Depois de alguns instantes, Elinor dirige-se ao quarto em que ela e Marianne dormem. Conforme o narrador descreve,

[...] she [Elinor] saw Marianne stretched on the bed, almost choked by grief, one letter in her hand, and two or three others laying by her. Elinor drew near, but without saying a word; and seating herself on the bed, took her hand, kissed her affectionately several times, and then gave way to a burst of tears, which at first was scarcely less violent than Marianne's. The latter, though unable to speak, seemed to feel all the tenderness of this behaviour, and after some time thus spent in joint affliction, she put all the letters into Elinor's hands; and then covering her face with her handkerchief, almost screamed with agony. Elinor, who knew that such grief, shocking as it was to witness it, must have its course, watched by her till this excess of suffering had somewhat spent itself [...] (AUSTEN, 2011, p. 336)²⁰⁵.

No momento em que Elinor entra no quarto, Marianne já havia lido a carta de Mr. Willoughby. Em sua carta, Mr. Willoughby explica que não tinha nenhuma intenção de envolver-se emocionalmente com Marianne e enfatiza seu comprometimento com outra jovem – que descobrimos depois ser dona de uma boa fortuna. Os efeitos dessa carta são devastadores, uma vez que Marianne estava deitada na cama “almost choked by grief” (AUSTEN, 2011, p. 336). A personagem é incapaz de ler a carta ou avaliá-la; de fato, a única coisa que Marianne pode fazer é entregar-se ao choro e à dor. Por isso, no clímax de sua aflição, Marianne “covering her face with her handkerchief, almost screamed with agony” (AUSTEN, 2011, p. 336). Tony Tanner (2011, p. 47), explica que, em Marianne, os “fortes sentimentos não encontram o desempenho livre que desejam, eles perturbam e minam o seu corpo até que ela solta

²⁰³ “aflição desmedida” (AUSTEN, 2012, p. 264).

²⁰⁴ “[...] assumindo uma palidez mortíça, instantaneamente saiu correndo da sala” (AUSTEN, 2012, p. 265).

²⁰⁵ “[...] [Elinor] viu [Marianne] deitada na cama, quase sufocada de tristeza, uma carta na mão e duas ou três outras espalhadas ao lado. Elinor se aproximou, mas sem dizer nenhuma palavra; e, sentando-se na mesma cama, tomou-lhe a mão, beijou-a afetuosamente várias vezes, e então deixou que as lágrimas brotassem, a princípio quase tão violentamente quanto as de Marianne. Esta, embora incapaz de falar, parecia sentir toda a ternura daquela atitude, e, após algum tempo unidas na aflição, ela colocou todas as cartas nas mãos de Elinor; e então, cobrindo o rosto com um lenço, quase gritou de agonia. Elinor, ciente de que aquela tristeza, algo chocante de testemunhar, devia ser extravasada, acompanhou-a até que o excesso de seu sofrimento tivesse passado um pouco [...]” (AUSTEN, 2012, p. 267).

aquele grito no centro do livro e no centro de Londres”. O grito de Marianne é uma forma não articulada de responder, contrariamente, às forças que tentam comprimi-la.

A partida de Willoughby de Devonshire, Marianne cultua a própria tristeza e melancolia. Assim, ao chegar a Londres, ela já está emocionalmente desestabilizada. Em Londres, a falta de notícias de Willoughby aumenta a ansiedade de Marianne. Em seguida, o encontro com ele intensifica sua aflição e, desse modo, Marianne passa a adoecer fisicamente. Dessa maneira, a carta citada acentua grandemente sua agonia, que passa a ser expressa através de seu corpo: “the consequence of all this was felt in an aching head, a weakened stomach, and a general nervous faintness” (AUSTEN, 2011, p. 340)²⁰⁶. A problemática na qual Marianne está inserida complica-se gradualmente e, desse modo, a personagem sente-se sufocada de tal maneira que não tem mais forças emocionais ou físicas para lidar com a situação. Assim como as heroínas dos romances sentimentais, Marianne parece viver uma tragédia e por isso é capaz de morrer por amor. Elinor, por sua vez, pede à irmã que pense em como o seu sofrimento atinge suas irmãs e mãe, mas Marianne refuta:

I cannot, I cannot, cried Marianne; leave me, leave me, if I distress you; leave me, hate me, forget me! but do not torture me so. Oh! how easy for those, who have no sorrow of their own to talk of exertion! Happy, happy Elinor, you cannot have an idea of what I suffer (AUSTEN, 2011, p. 342)²⁰⁷.

Sem dúvida, a leitura que Marianne faz dessa situação específica é limitada, pois está baseada em uma visão centrada em si mesma. A personagem superestima suas perdas e é incapaz de perceber o quanto Elinor está sofrendo. Marianne acredita que sua irmã é feliz porque tem o amor de Edward; contudo, há meses Elinor carrega o fardo de saber que Edward está noivo em segredo. Além de carregar sua própria dor, Elinor chora junto à irmã e faz todo o possível para consolá-la; porém, Marianne insiste em não reagir contra sua tristeza:

No, no, cried Marianne, misery such as mine has no pride. I care not who knows that I am wretched. The triumph of seeing me so may be open to all the world. Elinor, Elinor, they who suffer little may be proud and independent as they like — may resist insult, or return mortification — but I cannot. I must

²⁰⁶“a consequência de tudo isso se fez sentir na dor de cabeça, no estômago debilitado e na iminência de uma síncope nervosa” (AUSTEN, 2012, p. 269).

²⁰⁷ “Não consigo, não consigo, exclamou Marianne; deixe-me, odeie-me, esqueça-me; mas não me torture assim. Oh! Como é fácil para quem não tem uma tristeza falar em reagir! Elinor, feliz é você, que não faz ideia do que eu estou sofrendo” (AUSTEN, 2012, p. 270).

feel — I must be wretched — and they are welcome to enjoy the consciousness of it that can (AUSTEN, 2011, p. 350)²⁰⁸.

Em suas palavras, Marianne enfatiza sua necessidade de sentir a desgraça. A única preocupação da personagem é com sua própria agonia. No capítulo seguinte (capítulo VIII, volume II), o noivado de Mr. Willoughby é anunciado e, em seguida, (capítulo IX, volume II), Colonel Brandon elucida completamente o caráter de Willoughby. Notavelmente, os eventos que afastam Marianne de Willoughby (a partida do jovem, a rejeição dele, sua carta e, por fim, a narrativa de Brandon) contribuem para que ela se aproxime de Colonel Brandon. Durante a estadia de Marianne em Londres, Brandon faz diversas visitas à casa de Mrs. Jennings e interessa-se pelo bem estar dela. A conduta de Brandon expõe devidamente o seu caráter e sua postura como leitor dessas circunstâncias específicas.

No capítulo IX (volume II), na casa de Mrs. Jennings, Brandon procura por Elinor para trazer informações que possam confortar Marianne e, por extensão, Miss e Mrs. Dashwood. Assim, Brandon expressa sua estima pela família Dashwood, como ele mesmo afirma: “by relating some circumstances which nothing but a very sincere regard — nothing but an earnest desire of being useful” (AUSTEN, 2011, p. 378)²⁰⁹. Brandon relata sua relação com Eliza – mulher por quem foi apaixonado, mas que, pela vontade do pai dele, casou-se com seu irmão. Eliza viveu uma vida infeliz ao lado do irmão de Brandon até divorciar-se dele. Assim, depois de voltar da Índia, ele procurou por ela durante meses até encontrá-la confinada em uma casa de devedores. Alguns meses depois, Eliza faleceu em função de um quadro de tuberculose avançada e deixou aos cuidados de Brandon sua filha, Eliza Williams. Colonel Brandon assumiu a tarefa de criar Eliza desde a infância; contudo, há alguns meses, em uma viagem a Bath com uma família respeitável, Eliza desapareceu. Diante dessas circunstâncias, Brandon relata:

The first news that reached me of her," he continued, "came in a letter from herself, last October. It was forwarded to me from Delaford, and I received it on the very morning of our intended party to Whitwell; and this was the reason

²⁰⁸ “Não, Não, exclamou Marianne, quem sofre como eu não tem orgulho. Não me importa que saibam de minha desgraça. O triunfo de me ver assim está aberto a todos. Elinor, Elinor, quem sofre pouco pode ter o orgulho e a independência que quiser – pode resistir ao insulto, ou retribuir com mortificação – mas eu não posso. Eu preciso sentir minha desgraça – eu devo ser desgraçada – e quem puder que desfrute dessa consciência” (AUSTEN, 2012, p. 275).

²⁰⁹ “[...] relatando algumas circunstâncias, que senão uma estima muito sincera – nada além do profundo desejo de ser útil” (AUSTEN, 2012, p. 290).

of my leaving Barton so suddenly, which I am sure must at the time have appeared strange to every body, and which I believe gave offence to some. Little did Mr. Willoughby imagine, I suppose, when his looks censured me for incivility in breaking up the party, that I was called away to the relief of one whom he had made poor and miserable; but *had* he known it, what would it have availed? Would he have been less gay or less happy in the smiles of your sister? No, he had already done that, which no man who *can* feel for another would do. He had left the girl whose youth and innocence he had seduced, in a situation of the utmost distress, with no creditable home, no help, no friends, ignorant of his address! He had left her, promising to return; he neither returned, nor wrote, nor relieved her (AUSTEN, 2011, pp. 386, 388)²¹⁰.

Primeiramente, a narrativa de Brandon é importante por revelar o verdadeiro caráter de Willoughby – algo semelhante ao que ocorre na carta de Mr. Darcy a Elizabeth Bennet em *Pride and Prejudice*. Para revelar a índole de Mr. Willoughby, Brandon narra circunstâncias particulares, assim como Darcy relata o envolvimento de sua irmã com Mr. Wickham para expô-lo. Além disso, tanto Colonel Brandon quanto Mr. Darcy expõem os seus próprios caracteres a partir de suas narrativas. No caso de Colonel Brandon, seu relato contém importantes fatos de sua vida e reafirma sua postura respeitável e generosa. Colonel Brandon, apesar do insucesso de seu primeiro amor, assume a responsabilidade de criar a filha de Eliza. Essa atitude honrosa se harmoniza com a introdução dessa personagem na narrativa. Ademais, Brandon assegura que seu objetivo em relatar tal situação baseia-se em seu desejo de confortar a família Dashwood. As atitudes de Brandon são fundamentadas em sua consideração, sobretudo, por Marianne. Dessa maneira, ele não procura desmoralizar Mr. Willoughby para elevar-se diante de Elinor, Marianne e Mrs. Dashwood; pelo contrário, Brandon é motivado pelo desejo genuíno de minimizar o sofrimento de Marianne.

O modo de Brandon agir diante da aflição da família Dashwood está diretamente relacionado à sua maneira de ler as circunstâncias com as quais se confronta. Ele não age de modo impulsivo, tampouco motivado por desejos pessoais,

²¹⁰ “A primeira notícia que recebi, ele continuou, foi uma carta dela mesma, em outubro passado. Encaminharam para mim de Delaford, e eu recebi naquela manhã em que pretendíamos ir a Whitwell, e foi esse o motivo de eu ter ido de Barton tão de repente, o que decerto todos acharam estranho na ocasião e algumas pessoas devem até mesmo ter ficado ofendidas. Suponho que o senhor Willoughby nem imaginasse, quando sua expressão censurou a minha indelicadeza ao cancelar o passeio, que eu estava sendo chamado para atender alguém que ele mesmo tornara pobre e infeliz; mas, caso soubesse, de que teria adiantado? Ele teria ficado menos alegre ou menos feliz com os sorrisos da sua irmã? Não, ele já havia feito aquilo, algo que nenhum homem que se importa com o outro teria feito. Abandonara uma menina cuja juventude e inocência já seduzira, em uma situação de máxima aflição, sem um lar confiável, sem ajuda, sem parentes, sem ao menos o endereço dele! Ele a deixara com a promessa de que voltaria; mas não voltou, nem deu satisfações a ela” (AUSTEN, 2012, p. 296).

pois poderia ter exposto Willoughby em seu primeiro encontro com Elinor e Marianne em Londres. Assim, Brandon revela ser um leitor arguto e perspicaz da situação em curso, pois sabe esperar o momento adequado para relatar os acontecimentos que revelam a conduta egoísta de Mr. Willoughby. Por esse motivo, após ter conhecimento dos eventos narrados por Brandon, Marianne deixa de evitá-lo, como fazia antes. Entretanto, a aflição de Marianne é transformada em depressão, pois “she felt the loss of Willoughby's character yet more heavily than she had felt the loss of his heart” (AUSTEN, 2011, p. 394)²¹¹. A conduta de Colonel Brandon é primordial para que Marianne compreenda a culpa de Willoughby quanto aos eventos ocorridos.

Com base nos eventos do volume I do romance (a relação de Marianne e Willoughby e a partida do rapaz) e parte dos eventos do volume II (os efeitos da atitude de Willoughby e de sua carta no comportamento de Marianne), entende-se que Marianne é uma leitora autocentrada. A personagem coloca a sua própria avaliação das circunstâncias acima de qualquer convenção social. Não é de admirar que o narrador, a partir da perspectiva de Elinor, destaque: “she [Marianne] expected from other people the same opinions and feelings as her own, and she judged of their motives by the immediate effect of their actions on herself” (AUSTEN, 2011, p. 370, 374)²¹². Sua natureza impetuosa e imprudente associada ao seu espírito sensível impede-a de desenvolver bom senso e, dessa forma, compreender que as lentes dos outros podem ser outra forma de leitura que também é aceitável. Marianne, sem dúvida, é uma leitora inexperiente que baseia suas avaliações em questões supérfluas. Ao conhecer Willoughby, ela não avalia o caráter do rapaz, mas acredita que a compatibilidade do casal é suficiente para assegurar sua felicidade. Assim como Catherine Morland de *Northanger Abbey*, Marianne Dashwood lê sua experiência de vida a partir de uma visão acentuadamente romântica. Por esse motivo, ela não consegue aceitar que o seu “herói”, com seus modos cavalheirescos, é, na realidade, o vilão da história de sua vida. Contudo, esse modo de Marianne ler suas circunstâncias sofre alterações.

Após a narrativa de Brandon sobre o passado de Mr. Willoughby (capítulo IX, volume II), o narrador concentra-se em descrever eventos relacionados a Elinor.

²¹¹ “Ela lamentava a perda do caráter de Willoughby ainda mais pesadamente do que sentira a perda de seu coração” (AUSTEN, 2012, p. 299).

²¹² “Ela espera dos outros as mesmas opiniões e os mesmos sentimentos que os seus e julgava os motivos alheios pelo efeito imediato que tinham sobre si mesma” (AUSTEN, 2012, p. 288).

Contudo, o narrador, por diversas vezes, refere-se ao isolamento de Marianne e seus constantes acessos de choro. No primeiro capítulo do volume III, Elinor recebe a notícia de que Edward Ferrars, homem por quem está apaixonada, está noivo de Lucy Steele. Elinor conta a Marianne todas as circunstâncias acerca do noivado de Edward, e em vista disso, sua irmã responde:

Oh! Elinor, she cried, you have made me hate myself forever. — How barbarous have I been to you! — you, who have been my only comfort, who have borne with me in all my misery, who have seemed to be only suffering for me! — Is this my gratitude? — Is this the only return I can make you? — Because your merit cries out upon myself, I have been trying to do it away (AUSTEN, 2011, p. 490)²¹³.

O relato de Elinor é crucial para que Marianne identifique a diferença entre o seu comportamento e o de sua irmã. Por várias ocasiões, Marianne acusa sua irmã de não compreender o tamanho de seu sofrimento. Todavia, no fragmento citado, Marianne reconhece a inadequação de seu proceder, pois Elinor vinha sofrendo tanto quanto ela. Marianne toma consciência de que sua irmã consolou-a durante as angústias mais profundas e que ela, por sua vez, não lhe ofereceu nenhum conforto. Desse modo, Marianne compreende que estava errada não apenas quanto ao caráter de Mr. Willoughby, mas também quanto aos sentimentos de sua própria irmã. Essa mudança no modo de pensar de Marianne também manifesta-se em seu comportamento. De acordo com o narrador,

Marianne engaged never to speak of the affair to any one with the least appearance of bitterness; — to meet Lucy without betraying the smallest increase of dislike to her; — and even to see Edward himself, if chance should bring them together, without any diminution of her usual cordiality. — These were great concessions [...] (AUSTEN, 2011, p. 490)²¹⁴.

Do mesmo modo que outras personagens de Jane Austen, o reconhecimento de Marianne sobre suas falhas é seguido de uma conduta resoluta em reparar os danos causados. Nesse mesmo capítulo, John Dashwood, meio-irmão de Elinor e

²¹³ “Ah! Elinor, exclamou, agora você me fez odiar a mim mesma para sempre – Como fui cruel com você! – Com você, que era meu único consolo, que suportou comigo toda a minha angústia, que só parecia estar sofrendo por minha causa! – Essa foi a minha gratidão? A única coisa que pude fazer por você em retribuição? – Seu mérito soava como uma censura feita a mim, e eu vinha tentando me livrar disso” (AUSTEN, 2012, p. 354).

²¹⁴ “Marianne jurou não demonstrar nenhum sinal de amargura quando tocassem no assunto; – não tratar Lucy com mais antipatia do que antes; – e até mesmo com o próprio Edward, se o acaso os reunisse novamente, jurou que não haveria nenhuma diminuição da cordialidade de sempre. – essas foram grandes concessões [...]” (AUSTEN, 2012, p. 355).

Marianne, visita-as na casa de Mrs. Jennings. John e Edward são cunhados e, dessa forma, John explica que sua sogra, mãe de Mr. Ferrars, não consente com o casamento do jovem e por isso o deserdará. John posiciona-se contra a insistência de Edward em se casar com Lucy. Marianne não concorda com essa opinião: “Marianne was going to retort, but she remembered her promises, and forbore” (AUSTEN, 2011, p. 494)²¹⁵. Decerto, em ocasiões anteriores, a personagem teria defendido sua opinião, porém – a esta altura da narrativa - Marianne escolhe controlar-se ao invés de dar vazão às suas ideias. Essas mudanças iniciais no comportamento de Marianne são seguidas de um evento de extrema relevância para a reconfiguração de sua capacidade de leitura do mundo.

No capítulo VI (volume III), Marianne e Elinor acompanham Mrs. Jennings em uma viagem a Cleveland – propriedade de Mr. e Mrs. Palmer, genro e filha de Mrs. Jennings. Essa situação não é a mais confortável para Marianne, pois essa mansão fica perto de Combe Magna, lugar onde Mr. Willoughby reside com sua esposa. Motivada por sentimentos depressivos, Marianne passa boa parte do seu tempo em passeios solitários e na biblioteca. Certo dia, ela decide passear mesmo com tempo úmido e, em consequência, fica doente. A princípio, Marianne tem um pequeno resfriado que poderia ser facilmente curado; contudo, sua saúde piora a cada dia. No capítulo VII (volume III), Marianne apresenta sintomas como febre, palidez e delírios. Elinor, extremamente preocupada com a doença da irmã, solicita a Brandon que traga sua mãe de Barton Cottage, pedido que ele atende prontamente. A doença de Marianne é resultado de uma mente e de um corpo que não aguentam mais a vivência da dor e da tristeza. A doença de Marianne é muito importante para que ela seja capaz de avaliar sua conduta anterior e atinja “[a] estabilidade sedada da vida civilizada contemplada no final do livro” (TENNER, 2012, p. 62).

Depois de recuperar-se e voltar para casa (capítulo X, volume III), Marianne, em um diálogo com Elinor, confessa: “my illness made me think – It has given me leisure and calmness for serious recollection” (AUSTEN, 2011, p. 644)²¹⁶. A partir de então, Marianne começa a relatar os pontos em que sua reflexão se concentrou: “I considered the past: I saw in my own behaviour, since the beginning of our acquaintance with him last autumn, nothing but a series of imprudence towards myself,

²¹⁵ “Marianne ia retrucar, mas se lembrou das promessas que fizera e relevou” (AUSTEN, 2012, p. 358).

²¹⁶ “Minha doença me fez pensar – concedeu-me o ócio e a calma que ensejaram uma séria recapitulação dos fatos” (AUSTEN, 2012, p. 444).

and want of kindness to others” (AUSTEN, 2011, p. 644)²¹⁷. Como podemos ver, Marianne faz uma releitura de seu próprio comportamento desde que conheceu Mr. Willoughby. A personagem reconhece que sua conduta foi inadequada e imprudente, o que afetou tanto ela própria como outros ao seu redor, especialmente sua família. Marianne prossegue:

I saw that my own feelings had prepared my sufferings, and that my want of fortitude under them had almost led me to the grave. My illness, I well knew, had been entirely brought on by myself by such negligence of my own health, as I had felt even at the time to be wrong. Had I died, — it would have been self-destruction (AUSTEN, 2011, p. 644)²¹⁸.

Segundo esse fragmento, Marianne percebe que seu sofrimento foi causado por seus sentimentos românticos. Sem dúvida, a sensibilidade aguda da personagem fez com que ela intensificasse sua tristeza. Depois da partida de Willoughby, Marianne não buscou superar o abandono; ao contrário, ela procurou reviver a alegria que havia sentido com ele: atitude que lhe causava dor profunda. Além disso, Marianne menciona que sua falta de “firmeza” (AUSTEN, 2011, p. 444), isto é, autocontrole quase a levou à morte. A personagem preferiu sentir a dor, do modo mais intenso possível, a tentar controlar suas emoções. De fato, a imprudência de Marianne está associada a sua falta de autocontrole. Além disso, Marianne admite que sua doença foi resultado de sua irresponsabilidade em cuidar da própria saúde. Essa releitura de Marianne abrange as consequências emocionais e físicas de sua conduta para si própria. Em seguida, Marianne avalia os efeitos de seu comportamento em outras pessoas:

Had I died, — in what peculiar misery should I have left you, my nurse, my friend, my sister! — You, who had seen all the fretful selfishness of my latter days; who had known all the murmurings of my heart! — How should I have lived in *your* remembrance! — My mother too! How could you have consoled her! — I cannot express my own abhorrence of myself. Whenever I looked towards the past, I saw some duty neglected, or some failing indulged. Everybody seemed injured by me. The kindness, the unceasing kindness of Mrs. Jennings, I had repaid with ungrateful contempt. To the Middletons, to

²¹⁷ “Considerarei o passado; vi minha própria atitude desde o início, quando o conheci no outono passado, como uma série de imprudências cometidas contra mim mesma e de falta de generosidade com outros” (AUSTEN, 2012, p. 444).

²¹⁸ “Vi que meus próprios sentimentos haviam preparado meus sofrimentos e que minha falta de firmeza ao me entregar ao sofrimento quase me leva à morte. Minha doença, eu bem sabia, foi causada unicamente por mim mesma, por uma negligência para com a minha própria saúde, que mesmo na hora eu sentia que era errada. Se eu tivesse morrido – teria sido autodestruição” (AUSTEN, 2012, p. 444).

the Palmers, the Steeles, to every common acquaintance even, I had been insolent and unjust; with a heart hardened against their merits, and a temper irritated by their very attention. — To John, to Fanny, — yes, even to them, little as they deserve, I had given less than their due (AUSTEN, 2011, p. 644)²¹⁹.

Marianne reconhece que o seu modo de agir não foi prejudicial apenas a si mesma. Mrs. Jennings, apesar de seus comentários impertinentes e sua conduta por vezes inadequada, cuidou de Marianne com o mesmo carinho que uma mãe teria por uma filha. De fato, as irmãs Steele, John e Fanny não mereciam um tratamento especial, mas Marianne não fez esforço algum para tratá-los de modo adequado. Quanto aos Middletons e aos Palmers, a personagem tampouco agradeceu seus modos generosos para com ela e sua irmã. Marianne percebe que, o tempo todo, fez de sua desgraça o tormento de todos e, de certo modo, agiu como se todos fossem culpados por sua amargura, sem perceber que ela era a única responsável. Realmente, Marianne foi tão ingrata com esses quanto com sua própria família. Como ela mesma diz:

But you, — you above all, above my mother, had been wronged by me. I, and only I, knew your heart and its sorrows; yet to what did it influence me? — not to any compassion that could benefit you or myself. — Your example was before me; but to what avail? — Was I more considerate of you and your comfort? Did I imitate your forbearance, or lessen your restraints, by taking any part in those offices of general complaisance or particular gratitude which you had hitherto been left to discharge alone? — No; — not less when I knew you to be unhappy, than when I had believed you at ease, did I turn away from every exertion of duty or friendship; scarcely allowing sorrow to exist but with me, regretting only that heart which had deserted and wronged me, and leaving you, for whom I professed an unbounded affection, to be miserable for my sake (AUSTEN, 2011, p. 646)²²⁰.

²¹⁹ “Se eu tivesse morrido – em que desgraça eu as teria lançado, minha enfermeira, minha amiga, minha irmã! – Você, que presenciou o irritante egoísmo de meus últimos dias; que ouviu cada murmúrio do meu coração! – Que lembrança guardaria de mim! – E também minha mãe! Como você haveria de consolá-la! Não consigo expressar a aversão que sinto por mim mesma. – Sempre que olhava para o passado, eu via algum dever negligenciado ou algum deslize a que me permitira. Todos pareciam prejudicados por mim. A bondade, a incessante bondade da Sra. Jennings, retribuí com desdém ingrato. Com os Middleton, com os Palmer, com as Steeles, com todos os nossos conhecidos em comum, fui insolente e injusta; com o coração empedernido contra seus méritos e o temperamento irritado com a própria atenção que me davam. – A John, a Fanny – sim, mesmo a eles, por mais que mereçam, dei menos do que era devido” (AUSTEN, 2012, p. 444, 445).

²²⁰ “Mas você – sobretudo você, mais do que minha mãe, eu tratei mal. Eu, e apenas eu, conhecia seu coração e suas tristezas; contudo, sabe-lo influenciou-me a quê? – Não a uma compaixão capaz de beneficiar você ou a mim mesma. – Seu exemplo estava adiante de mim: mas de que adiantou? – Tive alguma consideração por você ou pelo seu consolo? Imitei sua contentação ou aliviei-me de seu fardo, tomando partes nas obrigações de gentileza com os outros ou de gratidão particular que até então você fora deixada a desempenhar sozinha? – Não; – não menos depois de saber que você estava infeliz do que quando eu acreditava que estava bem, desviei-me de todo empenho do dever da amizade; mal concebia que existisse tristeza além da minha, lamentando apenas aquele coração que desertara e me

Conforme o fragmento acima, o maior erro de Marianne foi não demonstrar compaixão com o sofrimento de Elinor. Mesmo após saber que sua irmã estava infeliz, ela não a confortou; ao contrário, seu descuido com sua própria saúde foi mais uma preocupação para Elinor. Assim sendo, Marianne compreende que seu comportamento intensificou o sofrimento de sua irmã. A releitura de Marianne sobre as consequências de sua conduta inapropriada para si própria e para as pessoas ao seu redor motivou-a a adotar um comportamento diferente. A personagem afirma:

You, my mother, and Margaret, must henceforth be all the world to me; you will share my affections entirely between you. From you, from my home, I shall never again have the smallest incitement to move; and if I do mix in other society, it will be only to shew that my spirit is humbled, my heart amended, and that I can practise the civilities, the lesser duties of life, with gentleness and forbearance (AUSTEN, 2011, p. 646)²²¹.

Como mencionado anteriormente, ao final da narrativa, Marianne reconhece que sua postura como leitora de textos ficcionais e não-ficcionais precisa ser ajustada. Por esse motivo, ela traça um plano de estudos que possa lhe proporcionar a instrução adequada. Notavelmente, o mesmo ocorre no que concerne à compreensão de sua postura como leitora de suas próprias experiências. De acordo com o fragmento citado, a partir de suas reflexões, Marianne planeja aprimorar seu modo de agir: estar sempre perto da mãe e das irmãs, não se isolar, tratar os outros adequadamente. A compreensão sincera de Marianne sobre as consequências de se ler o mundo baseando-se em desejos românticos e egoístas foi primordial para o aperfeiçoamento de sua mente. Tal aperfeiçoamento é crucial para que Marianne tome uma importante decisão:

[...] calm and sober judgment she had determined on, — she found herself at nineteen, submitting to new attachments, entering on new duties, placed in a

maltratara, deixando que você, por quem eu professava um afeto sem limites, fosse infeliz por minha causa” (AUSTEN, 2012, p. 445).

²²¹ “Você, minha mãe e Margaret não de ser doravante todo o meu mundo; compartilharão de minha exclusiva afeição. De vocês, de casa, hei de jamais sentir-me tentada a me afastar; e se vier a frequentar outras companhias, será apenas para mostrar que meu espírito se tornou humilde, meu coração curado, e que sou capaz de praticar tais cortesias, os deveres menores da vida, com gentileza e contenção” (AUSTEN, 2012, p. 445,446).

new home, a wife, the mistress of a family, and the patroness of a village (AUSTEN, 2011, p. 706)²²².

Marianne casa-se com Brandon, pois afinal, “what could she do?” (AUSTEN, 2011, p. 706)²²³. Contudo, conforme o fragmento citado, sua decisão foi baseada em seu juízo, isto é, em sua razão. O narrador destaca que “Marianne could never love by halves; and her whole heart became, *in time*, as much devoted to her husband, as it had once been to Willoughby” (AUSTEN, 2011, p. 706)²²⁴. Interessantemente, o narrador enfatiza que Marianne passou a amar Brandon completamente, com o *tempo*. Certamente, o amor de Marianne passa a ser guiado por sua razão.

Percebe-se, portanto, que a discussão da personagem Marianne Dashwood compreende duas concepções inter-relacionadas de leitura. Como vimos, a postura de Marianne como leitora de textos impressos está relacionada a uma leitura focada no aspecto estético dos textos. Inicialmente, a personagem valoriza as emoções despertadas pela leitura; após a partida de Mr. Willoughby, essa prática está associada ao estímulo de lembranças e sentimentos melancólicos, pois Marianne lê os mesmos livros que eles dois costumavam ler juntos. A partir dos eventos em Londres (volume II), Marianne não consegue mais ler livros – a leitura já não é mais capaz de acomodar seu ânimo agitado. Contudo, ao final da narrativa (término do volume III), após passar por um processo de releitura e reavaliação de seus sentimentos e comportamento, Marianne emite o desejo de dedicar-se seriamente à leitura e a hábitos de estudo. Portanto, na maior parte das referências a Marianne como leitora de textos, essa personagem se apresenta como uma leitora romântica e até, ousado dizer, ingênua, pois, ao limitar suas práticas de leitura às emoções que podem ser despertadas por uma obra, não considera o seu conteúdo mais profundo que é matéria-prima para o aperfeiçoamento da mente e para a maturidade emocional do leitor. Ao final, Marianne reconhece a necessidade de fazer leituras sérias, procurando tornar-se uma leitora atenta e, em consequência, crítica.

No que concerne à segunda concepção de leitura, Marianne apresenta duas posturas diferentes. Majoritariamente, ela faz uma leitura interpretativa de sua vida

²²² “[...] com juízo mais sereno e sóbrio, decidira fazer – ela se viu aos dezenove anos, submetendo-se a um novo afeto, assumindo novos deveres, morando em um novo lar, esposa e senhora de uma família, e benfeitora de um povoado” (AUSTEN, 2012, p. 481).

²²³ “o que mais ela poderia fazer?” (AUSTEN, 2012, p. 480).

²²⁴ “Marianne jamais poderia amar pela metade; e seu coração inteiro se tornou, com o tempo, tão devotado ao marido como outrora fora a Willoughby” (AUSTEN, 2012, p. 482).

baseada em seus sentimentos sensíveis e românticos. Essa visão distorcida instiga o comportamento imprudente da jovem, porquanto ela valoriza a vivência completa de seus sentimentos, mesmo que tenha que passar por cima de convenções sociais. Nesse sentido, a leitura romântica que Marianne faz das obras que lê é transferida para sua própria vida. Assim sendo, o primeiro amor irresistível está acima do próprio bom senso, do sentimento alheio e dos princípios morais. De fato, Marianne é uma leitora cujas lentes não estão voltadas para o livro de sua vida, mas apenas para si mesma. Sua conduta egoísta é incapaz de reconhecer o sofrimento de Elinor e a consideração dos outros com quem convive como sua mãe, Mrs. Jennings e Colonel Brandon. Essa atitude, instigada por uma visão de mundo egocêntrica, quase a leva à destruição. Contudo, como ela mesma admite, a gravidade de sua doença ajudou-a a reconsiderar e reinterpretar seu modo de ler o mundo e, em consequência, seu comportamento. A partir do reconhecimento dos seus próprios erros e desmedidas, Marianne torna-se uma leitora cuja sensibilidade passa a ser pautada pela razão e pelo bom senso.

Conclui-se, assim, que Austen, a partir da trajetória de Marianne Dashwood como leitora, não se posiciona contra a leitura baseada em uma perspectiva sensível ou contra a sensibilidade em si. Ao contrário, Marianne poderia ter tido um final trágico ou menos feliz do que de fato tem. Jane Austen, na realidade, está apontando para algo mais complexo. Decerto, “neste romance os vereditos simplistas não têm lugar” (TANNER, 2012, p. 45). Austen cria uma tensão entre duas forças: a individual e a social. Na maior parte do romance, a postura de Marianne como leitora, em sentido amplo, segue uma visão estritamente individual que é comprimida pelas convenções sociais, pois, para Jane Austen, “a estrutura social era mais poderosa do que a estrutura de sentimento de qualquer indivíduo – embora, como o romance mostra, ela soubesse muito bem como essa contenção podia ser dolorosa” (TANNER, 2012, p.65). O comportamento individualista pautado no romantismo e na sensibilidade quase leva Marianne à auto-destruição. Marianne só encontra o seu “final feliz” porque permite que sua sensibilidade passe a ser pautada por sensatez e, dessa forma, equilibra em si mesma as coordenadas que dão título ao romance: *Sense and Sensibility*.

2.2 ELINOR DASHWOOD E A LEITURA SENSÍVEL RACIONALIZADA

Um dos aspectos importantes da ficção de Jane Austen é a construção de personagens femininas marcantes, principalmente as protagonistas. Elinor Dashwood, protagonista de *Sense and Sensibility*, não é diferente neste sentido. A sociedade inglesa do final do século XVIII valorizava um tipo feminino sensível e, como já enfatizado, esse aspecto foi grandemente propagado pelos seguidores de Samuel Richardson. Desse modo, enquanto os gabinetes de leitura e as bibliotecas circulantes eram abarrotados de histórias que narravam a trajetória de heroínas fragilizadas, Austen construiu uma protagonista extremamente singular. Elinor Dashwood é uma personagem sóbria, cuja maior qualidade é seu juízo crítico. Esse aspecto da personalidade de Miss Dashwood é enfatizado desde o início da narrativa:

Elinor, this eldest daughter, whose advice was so effectual, possessed a strength of understanding, and coolness of judgment, which qualified her, though only nineteen, to be the counsellor of her mother, and enabled her frequently to counteract, to the advantage of them all, that eagerness of mind in Mrs. Dashwood which must generally have led to imprudence. She had an excellent heart; — her disposition was affectionate, and her feelings were strong; but she knew how to govern them: it was a knowledge which her mother had yet to learn; and which one of her sisters had resolved never to be taught (AUSTEN, 2011, p. 8)²²⁵.

Nessa introdução da personagem, o narrador destaca dois atributos notáveis de Elinor. Primeiramente, salienta o modo judicioso e avaliativo de Miss Dashwood que, apesar dos seus dezenove anos, é conselheira de sua própria mãe. Após a morte de Henry Dashwood, Mrs. Dashwood e suas filhas são obrigadas a deixar Norland Park, pois agora essa propriedade pertence a John Dashwood, filho do primeiro casamento de Henry. Mrs. Dashwood rejeita várias opções de casas para alugar porque não correspondiam à prudência de sua filha mais velha, “whose steadier judgment rejected several houses as too large for their income, which her mother

²²⁵ “Elinor, a mais velha, cujos conselhos foram tão efetivos, possuía a força do entendimento e a tranquilidade do juízo, que a qualificavam, embora com apenas dezenove anos, a ser conselheira da mãe e lhe permitiam muitas vezes contrabalançar, para benefício de todos aquele espírito inquieto da sra. Dashwood que em geral levava à imprudência. Tinha muito bom coração; – sua disposição era afetuosa e seus sentimentos eram fortes; mas ela sabia como governá-los; era um conhecimento que sua mãe ainda precisava adquirir, e que uma de suas irmãs estava decidida a nunca aprender” (AUSTEN, 2012, p. 79).

would have approved” (AUSTEN, 2011, p. 24)²²⁶. Diferentemente de sua mãe e Marianne, Elinor tem um modo de ser reflexivo internalizado que é destacado desde sua introdução na narrativa. Além disso, o fragmento citado apresenta outro aspecto importante da personalidade dessa personagem. Miss Dashwood não é uma personagem unicamente racional, pois possui coração terno e sentimentos intensos. Como vimos, no capítulo VII (volume II), Elinor encontra Marianne aos prantos depois de ler a carta de Mr. Willoughby e, de acordo com o narrador, Elinor “drew near, but without saying a word; seating herself on the bed, took her hand, kissed her affectionately several times, and then gave way to a burst of tears, which at first was scarcely less violent than Marianne's” (AUSTEN, 2011, p.336)²²⁷. Nessa ocasião, Elinor não usa palavras para tentar consolar Marianne, mas por meio de suas lágrimas e carinho compartilha a dor da irmã, demonstrando profunda empatia. Compreende-se, portanto, que Elinor, assim como sua mãe e Marianne, possui sentimentos ternos, mas, ao contrário delas, é capaz de controlá-los e racionalizá-los. Em consequência, essa visão ponderada e empática, inerente à personalidade de Elinor, está presente em sua postura como leitora.

Como indicado na seção anterior, em *Sense and Sensibility* a atividade de leitura de textos impressos está associada a Marianne, pois há inúmeras referências do narrador sobre os hábitos de leitura dessa personagem. Em contraste, a única cena no romance que apresenta Elinor lendo é por ocasião das cartas de Marianne e Mr. Willoughby e, brevemente, a pequena carta de Lucy Steele a Edward Ferrars. Assim sendo, entende-se que não há referências significativas sobre as práticas de leitura da protagonista. Contudo, os comentários e avaliações de Miss Dashwood sobre as práticas de leitura de outras personagens elucidam, em grande medida, a postura de Elinor como leitora. Na abertura do capítulo IV (volume I), Marianne faz o seguinte comentário sobre Edward Ferrars: “what a pity it is, Elinor, said Marianne, that Edward should have no taste for drawing” (AUSTEN, 2011, p. 34)²²⁸. Elinor, por sua vez, defende que o rapaz tem “an innate propriety and simplicity of taste, which in general

²²⁶ “cujo juízo mais sólido recusou diversas casas por serem grandes demais para o orçamento, e que sua mãe teria aprovado” (AUSTEN, 2012, p.88).

²²⁷ “[Elinor] se aproximou, mas sem dizer nenhuma palavra; e, sentando-se na mesma cama, tomou-lhe a mão, beijou-a afetuosamente várias vezes, e então deixou que as lágrimas brotassem, a princípio quase tão violentamente quanto as de Marianne” (AUSTEN, 2012, p. 266).

²²⁸ “É uma pena Elinor, comentou Marianne, que Edward não tenha gosto para o desenho” (AUSTEN, 2012, p. 92).

direct him perfectly right” (AUSTEN, 2011, p. 34)²²⁹. Em seguida, Elinor pontua outras características notáveis de Mr. Ferrars:

The excellence of his understanding and his principles can be concealed only by that shyness which too often keeps him silent. You know enough of him to do justice to his solid worth. But of his minuter propensities, as you call them you have from peculiar circumstances been kept more ignorant than myself. He and I have been at times thrown a good deal together, while you have been wholly engrossed on the most affectionate principle by my mother. I have seen a great deal of him, have studied his sentiments and heard his opinion on subjects of literature and taste; and, upon the whole, I venture to pronounce that his mind is well-informed, enjoyment of books exceedingly great, his imagination lively, his observation just and correct, and his taste delicate and pure. His abilities in every respect improve as much upon acquaintance as his manners and person (AUSTEN, 2011, p. 36)²³⁰.

Conforme se lê nessa passagem, para Elinor, Edward é um homem reservado por natureza e sua timidez impede que ele demonstre suas opiniões e gostos abertamente. No entanto, Miss Dashwood esteve na companhia de Mr. Ferrars por muitos dias e, por isso, sente-se em posição privilegiada para confirmar os interesses dele por desenho e leituras diversas. A protagonista dá destaque à imaginação e ao prazer que Edward sente em ler. De acordo com Elinor, Edward tem uma mente “well-informed” (AUSTEN, 2011, p. 36). Edward Ferrars não possui vasto e profundo conhecimento literário, mas seu prazer em ler e imaginar são qualidades admiráveis aos olhos de Elinor Dashwood. Desse modo, a partir das observações de Elinor sobre Edward, compreende-se que a protagonista valoriza o leitor que aprecia textos (ficcionais e não-ficcionais) com base em seu bom gosto natural e no prazer de ler.

Colonel Brandon é outra personagem que tem seus hábitos de leitura destacados por Elinor Dashwood. Como mencionado na seção anterior, no capítulo X (volume I), Elinor defende sua opinião sobre Brandon em contraste com a opinião depreciativa de Marianne e Mr. Willoughby. Elinor destaca o conhecimento de mundo

²²⁹ “[possuí] de berço, um gosto muito apropriado e simples, que geralmente o orienta com perfeição” (AUSTEN, 2012, p. 92).

²³⁰ “A excelência de seu entendimento das coisas e de seus princípios apenas está escondida atrás daquela timidez que tantas vezes o impede de falar. Você já o conhece bem o bastante para fazer justiça a seu verdadeiro valor. Mas, quanto às mínimas propensões, como você diz, de fato, por circunstâncias peculiares você as ignora mais do que eu. Acabamos passando um bocado de tempo juntos, enquanto você esteve afetuosamente com minha mãe. Eu já o conheço bastante bem, analisei seus sentimentos e ouvi sua opinião sobre temas de literatura e bom gosto; e em geral arrisco-me dizer que se trata de uma mente muito bem informada, o prazer que sente com os livros é extraordinariamente grande, sua imaginação é vivaz, suas observações são precisas e corretas, seu bom gosto é delicado e puro. Suas habilidades em todos os campos só aumentam conforme o conhecimento mais, assim como seus modos e personalidade” (AUSTEN, 2012, p. 93,94).

de Colonel Brandon baseado nas viagens e leituras que ele fez – o que permite que Brandon converse sobre diversos assuntos com diferentes pessoas (AUSTEN, 2011, p. 96). A defesa de Elinor revela que a protagonista reconhece a importância da leitura e da experiência de vida para desenvolver a habilidade de interagir socialmente com pessoas de idades, níveis de instrução e extratos sociais diferentes. Interessantemente, Brandon não é a única personagem de *Sense and Sensibility* a desenvolver essa habilidade com sucesso, pois Elinor Dashwood é também exemplar nesse sentido. O comportamento de Elinor com os Middletons, Palmers, as irmãs Steeles, Mr. e Mrs. Dashwood e Mrs. Ferrars revela sua ágil mobilidade entre pessoas completamente distintas. Certamente, o desenvolvimento dessa habilidade implica a compreensão de experiências de vida distintas tal como podem ser encontradas nas páginas de um livro. Elinor, portanto, reconhece em Brandon uma qualidade em comum que pode ser construída, em grande medida, pelo hábito da leitura. Entretanto, a postura da protagonista como leitora torna-se mais evidente a partir de suas observações sobre Lucy Steele.

No capítulo XXII (volume I), Elinor é apresentada a Lucy Steele e sua irmã por Sir John Middleton. O narrador, seguindo a perspectiva da protagonista, descreve Lucy:

Lucy was naturally clever; her remarks were often just and amusing; and as a companion for half an hour Elinor frequently found her agreeable; but her powers had received no aid from education: she was ignorant and illiterate; and her deficiency of all mental improvement, her want of information in the most common particulars, could not be concealed from Miss Dashwood, in spite of her constant endeavour to appear to advantage. Elinor saw, and pitied her for, the neglect of abilities which education might have rendered so respectable; but she saw, with less tenderness of feeling, the thorough want of delicacy, of rectitude, and integrity of mind, which her attentions, her assiduities, her flatteries at the Park betrayed; and she could have no lasting satisfaction in the company of a person who joined insincerity with ignorance; whose want of instruction prevented their meeting in conversation on terms of equality, and whose conduct toward others made every shew of attention and deference towards herself perfectly valueless (AUSTEN, 2011, p. 238)²³¹.

²³¹ “Lucy era naturalmente astuta; seus comentários eram muitas vezes justos e interessantes; e, como companhia por meia hora, Elinor quase sempre a considerava agradável; mas seu talento não recebera auxílio da educação, ela era ignorante e iletrada, e a defasagem de seu desenvolvimento intelectual, sua falta de informação sobre os assuntos mais comuns, não passaram despercebidos à srta. Dashwood, apesar de suas constantes tentativas de aparentar estar em vantagem. Elinor via isso e tinha pena dela por sua negligência em relação a aptidões que a educação poderia ter tornado tão respeitáveis; mas via, com menos ternura de sentimentos, a completa falta de delicadeza, de retidão, e de coerência que seus cuidados, sua solicitude e sua lisonja em Barton Park traíam; e não conseguiu satisfação duradoura na companhia de uma pessoa que aliava a falta de sinceridade à ignorância; cuja falta de instrução evitava que em seus encontros conversassem em pé de igualdade, e cuja conduta

Conforme esse fragmento, Lucy é uma jovem astuta e inteligente que usa suas habilidades para disfarçar sua falta de instrução e de educação formal. A partir da visão de Elinor, o narrador pontua o esforço de Lucy em falar sobre diversos assuntos e em mostrar-se agradável a todos. Todavia, a precariedade intelectual de Lucy impede-a de se colocar em uma posição elevada perante outras pessoas (especialmente Elinor), cujo nível instrucional é superior ao seu, embora Lucy sempre tente aparentar vantagem sobre todos. A descrição citada aponta outro fator importante sobre a personalidade de Lucy: a falta de sinceridade e sensibilidade quanto aos sentimentos dos outros. Apesar de Lucy empenhar-se avidamente em demonstrar modos lisonjeiros e solícitos, Miss Dashwood percebe que esses modos não são genuinamente verdadeiros.

Na sequência da passagem que a introduz na narrativa, Lucy Steele revela a Elinor que está noiva em segredo de Edward Ferrars. Dessa maneira, no capítulo I (volume II), Elinor reflete profundamente sobre sua conversa com Lucy. Miss Dashwood não duvida da veracidade do relato da jovem, pois cada detalhe coincide com as informações de Edward – a relação dele com Mr. Pratt, tio de Lucy; sua viagem a Plymouth, lugar onde Mr. Ferrars esteve antes de visitar a família Dashwood em Barton Cottage. Além do mais, Lucy possui cartas enviadas por Edward e um retrato dele, provas inegáveis do compromisso de noivado. Em vista disso, Elinor começa a se perguntar sobre as motivações e o comportamento de Edward e, a partir dessas avaliações, compreende que não foi enganada nem iludida por ele, embora a conduta de Edward não tivesse sido apropriada para com ela, pois ele já estava comprometido com Lucy. Na realidade, essas reflexões apenas confirmam a existência do amor genuíno e recíproco entre a protagonista e Edward. Ademais, essas avaliações ajudam Elinor a compreender o comportamento abatido de Edward em Barton Cottage (capítulos XVI-XIX do volume I). De fato, a infelicidade de Mr. Ferrars advinha de seu comprometimento com alguém que não amava mais e da impossibilidade de casar-se com Elinor Dashwood, por quem estava apaixonado. Ao refletir sobre essa delicada situação a protagonista questiona nesta passagem construída por discurso indireto livre:

para com os outros tornava toda demonstração de atenção e deferência com ela inteiramente sem valor” (AUSTEN, 2012, p. 211).

She [Elinor] might in time regain tranquillity; but *he* [Edward], what had he to look forward to? Could he ever be tolerably happy with Lucy Steele; could he, were his affection for herself out of the question, with his integrity, his delicacy, and well-informed mind, be satisfied with a wife like her—illiterate, artful, and selfish? (AUSTEN, 2011, p. 256)²³².

Após fazer uma releitura analítica do período de convívio com Edward, Elinor compreende que, com o tempo, poderia sentir-se em paz e tranquila. Todavia, os questionamentos íntimos da personagem destacam as frágeis possibilidades de Edward ser feliz com alguém como Lucy. Novamente, conforme esse fragmento, a protagonista expressa sua percepção da falta de instrução formal e, sobretudo, do caráter astuto e ardiloso de Lucy Steele. Elinor entende que Edward se apaixonou pela beleza e simplicidade de Lucy, mas os quatro anos que sucederam o noivado “must have opened his eyes to her defects of education” (AUSTEN, 2011, p. 256)²³³. Como discutido no capítulo anterior, a educação feminina, na ficção de Jane Austen, envolve não apenas a educação formal ou o desenvolvimento de *accomplishments*. Mr. Darcy, em *Pride and Prejudice*, destaca a necessidade de o intelecto ser aperfeiçoado pela leitura (AUSTEN, 2012, p. 72). Lucy, de acordo com a protagonista, é uma jovem iletrada, o que implica tanto educação formal deficitária como carência de hábitos de leitura que contribuam para o aprimoramento intelectual. Elinor, indubitavelmente, é o oposto de Lucy Steele. Em termos de caráter, Elinor põe os sentimentos de outros acima dos seus; em contraste, Lucy é egoísta e gananciosa, tanto quanto Mr. Willoughby. Além disso, a sensatez e a inteligência natural de Elinor são enriquecidas por sua boa instrução formal, o que inclui práticas de leitura que permitam o amadurecimento intelectual e emocional da protagonista. Assim sendo, ao mesmo tempo que, através do discurso indireto livre, Elinor destaca para si mesma as falhas e defeitos de Lucy, ela exalta as suas próprias virtudes.

Sense and Sensibility, como destacado, não apresenta referências significativas sobre os hábitos de leitura de Elinor Dashwood. Não obstante, as observações da protagonista sobre as práticas de leitura de outras personagens montam um vívido quadro da postura de Elinor como leitora. Conforme suas observações sobre Edward Ferrars, Elinor valoriza a leitura instigada pela imaginação e pelo simples prazer de

²³² “Com o tempo, ela [Elinor] poderia retomar a tranquilidade; mas ele [Edward], o que poderia esperar pela frente? Conseguiria ser razoavelmente feliz com Lucy Steele? Seria capaz, sem levar em conta o que sentia por ela, com integridade, com sua delicadeza e seu intelecto, de se satisfazer com uma esposa como aquela – iletrada, ardilosa e egoísta? (AUSTEN, 2012, p. 222).

²³³ “havia aberto os olhos dele para os defeitos em sua educação” (AUSTEN, 2012, p. 222).

ler. Ainda, no que diz respeito aos seus comentários sobre Colonel Brandon, Miss Dashwood defende, de modo sutil, a importância da leitura e da experiência de vida para o convívio social. Além disso, sua análise do caráter e da conduta de Lucy Steele expressa a postura crítica e judiciosa de uma leitora cuja mente naturalmente sensata foi enriquecida pelos livros e, principalmente, pela leitura das circunstâncias que a cercam. Por esse motivo, Elinor desempenha um papel extremamente significativo como leitora das situações que vive.

Desde a introdução de Elinor Dashwood na narrativa, o narrador pontua sua natureza reflexiva e avaliativa. Por conseguinte, à medida que a narrativa se desenvolve, os eventos com que a protagonista se confronta desafiam-na, gradualmente, a ler, reler e interpretar criticamente as situações ao seu redor. Logo no início da narrativa, após a morte de seu pai, a opinião de Elinor é decisiva no que concerne a mudança da família para Barton Cottage. No entanto, a partida de Norland Park, a presença de Edward Ferrars, Mr. Willoughby, o comportamento de Marianne, entre outras circunstâncias, exigem, cada vez mais, que Elinor se posicione diante de eventos inusitados e complexos que são centrais para sua trajetória. A primeira situação significativa, que apresenta a Elinor circunstâncias delicadas para sua avaliação, encontra-se no capítulo XV do primeiro volume. Nesse capítulo, Mr. Willoughby parte subitamente no momento em que a família Dashwood esperava que seu noivado com Marianne se tornasse público. Por ocasião da despedida de Willoughby, o narrador comenta:

Elinor's uneasiness was at least equal to her mother's. She thought of what had just passed with anxiety and distrust. Willoughby's behaviour in taking leave of them, his embarrassment, and affectation of cheerfulness, and, above all, his unwillingness to accept her mother's invitation, a backwardness so unlike a lover, so unlike himself, greatly disturbed her. One moment she feared that no serious design had ever been formed on his side; and the next that some unfortunate quarrel had taken place between him and her sister;— the distress in which Marianne had quitted the room was such as a serious quarrel could most reasonably account for, though when she considered what Marianne's love for him was, a quarrel seemed almost impossible. (AUSTEN, 2011, p. 146,148)²³⁴.

²³⁴ “A inquietação de Elinor era, no mínimo, igual à da mãe. Ela refletia sobre o que havia acontecido com ansiedade e desconfiança. A atitude de Willoughby ao se despedir delas, seu constrangimento, seu entusiasmo fingido, e sobretudo sua recusa em aceitar o convite da sra. Dashwood, retrocesso incompatível com alguém apaixonado, incongruente consigo mesmo, deixaram-na profundamente abalada. Ora temia que não houvesse nenhuma intenção séria de sua parte; em seguida, que alguma rusga infeliz houvesse surgido entre ele e a irmã; – a perturbação com que Marianne deixara a sala fora tal que podia muito bem ser resultado de uma briga feia, embora, se pensasse no amor que a irmã tinha por ele, parecesse quase impossível que tivessem brigado” (AUSTEN, 2012, p. 156).

Conforme essa passagem construída, em sua maior parte, por discurso indireto, Elinor *refletiu*, ou seja, analisou minuciosamente o que havia acontecido. Em suas ponderações, a protagonista ressalta a atitude contraditória de Mr. Willoughby, pois outrora a conduta dele demonstrava profundo amor por Marianne; contudo, ao se despedir, Willoughby não aparentava esperanças de rever a família Dashwood. Em vista disso, Elinor levanta hipóteses que possam esclarecer as motivações desse comportamento. De início, a protagonista crê que Willoughby nunca tenha tido a intenção de casar-se com Marianne ou que o casal poderia ter tido um grave desentendimento. Contudo, essas suposições são incoerentes com a conduta anterior de ambos. Por outro lado, em um diálogo com Elinor, Mrs. Dashwood expressa plena confiança nos sentimentos genuínos do jovem casal e atribui a Mrs. Smith, tia de Mr. Willoughby, a causa da separação de ambos. Para Mrs. Dashwood, Mrs. Smith não gostaria que seu sobrinho, único herdeiro de seus bens, se unisse a uma jovem cujos meios de vida são inferiores. Apesar das explicações de sua mãe, Elinor interpreta esses eventos a partir de um ponto de vista crítico; por isso, ela afirma:

“Willoughby may undoubtedly have very sufficient reasons for his conduct, and I will hope that he has. But it would have been more like Willoughby to acknowledge them at once. Secrecy may be advisable; but still I cannot help wondering at its being practiced by him” (AUSTEN, 2011, p. 150, 152)²³⁵.

Elinor compreende que a conduta de Willoughby não pode ser justificada pela necessidade de manter seu possível noivado em segredo. O sigilo e a falta de explicações sobre sua mudança de comportamento, na visão de Elinor, apenas intensificam a incerteza quanto à existência de um compromisso de noivado entre ele e sua irmã. A protagonista certamente concorda com sua mãe sobre todos os indícios da profunda afeição entre o jovem casal; contudo, ela ressalta:

I confess, replied Elinor, that every circumstance except *one* is in favour of their engagement; but that *one* is the total silence of both on the subject, and with me it almost outweighs every other (AUSTEN, 2011, p. 152)²³⁶.

²³⁵ “Willoughby pode sem dúvidas ter bons motivos para sua conduta, e espero mesmo que tenha. Mas seria mais digno admiti-los de uma só vez. O sigilo pode ser aconselhável; mas ainda assim não consigo deixar de me perguntar se ele está agindo por isso” (AUSTEN, 2012, p. 158).

²³⁶ “Confesso, respondeu Elinor, que todas as circunstâncias, com exceção de uma, são favoráveis à hipótese do noivado; essa exceção é o completo silêncio dos dois sobre o assunto, e para mim isso pesa mais que o resto” (AUSTEN, 2012, p. 159).

No decorrer de *Sense and Sensibility*, nota-se que diversas personagens escondem ou são cúmplices de algum segredo. O possível noivado de Marianne e Mr. Willoughby é mantido em sigilo, o compromisso de Edward e Lucy é completamente desconhecido da maioria das personagens e o passado de Colonel Brandon é revelado apenas para esclarecer o caráter de Willoughby. De acordo com Tony Tanner (2012, p. 38), no romance de Jane Austen, os disfarces são “[...] segredos mantidos pelo indivíduo em relação à sociedade ou do próprio eu particular que tenta mantê-los em relação do eu público”. Assim sendo, as personagens de *Sense and Sensibility* procuram no sigilo um meio de contornar restrições tanto sociais quanto particulares. Por isso, Elinor enfatiza a importância de que a verdade sobre o compromisso de Marianne e Willoughby seja revelada. Miss Dashwood avalia o perigo de tal situação, uma vez que o casal está apenas emocionalmente comprometido e não há um ato social, como o noivado, que resguarde a reputação de Marianne. Por esse motivo, ela afirma: “I want no proof of their affection, said Elinor; but of their engagement I do” (AUSTEN, 2011, p. 152)²³⁷. Elinor não tira conclusões precipitadas sobre os motivos que separariam Marianne e Willoughby e nem julga a conduta dele severamente. Contudo, as considerações da protagonista evidenciam sua prudência e sensatez ao avaliar circunstâncias delicadas, pois a existência ou não de um compromisso de noivado está diretamente relacionada ao futuro e à imagem social de Marianne. Entretanto, além dos eventos associados a Marianne, Elinor precisa analisar e refletir sobre peculiaridades concernentes a si própria.

No capítulo XVI (volume I), após Willoughby despedir-se de Marianne, Edward Ferrars visita a família Dashwood em Barton Cottage. Edward é introduzido no início do romance, logo após a morte de Henry Dashwood. Segundo o narrador, “Edward Ferrars was the eldest son of a man who had died very rich [...] the whole of his fortune depended on the will of his mother” (AUSTEN, 2011, p. 26)²³⁸. Essa apresentação da personagem destaca o complicado contexto em que Edward está inserido. Mr. Ferrars é o herdeiro de uma grande fortuna, mas recebê-la ou não depende do desejo de sua mãe; ou seja, para alcançar tal sorte, Edward precisa submeter-se à vontade materna, pois conforme o narrador,

²³⁷ “Não preciso de provas da afeição deles, disse Elinor; mas do noivado eu preciso” (AUSTEN, 2012, p. 159).

²³⁸ “Edward Ferrars era o filho mais velho de um homem que morrera muito rico [...] toda a fortuna dele dependia do testamento da mãe” (AUSTEN, 2012, p. 87).

Edward Ferrars was not recommended to their good opinion by any peculiar graces of person or address. He was not handsome, and his manners required intimacy to make them pleasing. He was too diffident to do justice to himself; but when his natural shyness was overcome, his behaviour gave every indication of an open, affectionate heart. His understanding was good, and his education had given it solid improvement. But he was neither fitted by abilities nor disposition to answer the wishes of his mother and sister, who longed to see him distinguished — as — they hardly knew what. They wanted him to make a fine figure in the world in some manner or other. His mother wished to interest him in political concerns, to get him into parliament, or to see him connected with some of the great men of the day. Mrs. John Dashwood wished it likewise; but in the meanwhile, till one of these superior blessings could be attained, it would have quieted her ambition to see him driving a barouche. But Edward had no turn for great men or barouches. All his wishes centered in domestic comfort and the quiet of private life. Fortunately he had a younger brother who was more promising (AUSTEN, 2011, p. 26, 28)²³⁹.

Edward Ferrars é uma personagem de natureza tímida, cujas ambições, futuro e independência são regulados por sua mãe e irmã. Os modos restritos e a disposição sincera e amorosa de Edward são incompatíveis com a carreira ansiada por seus familiares. Mr. Ferrars busca a felicidade no sossego da vida doméstica, mas, para realizar seus anseios, teria que sacrificar sua segurança financeira. Certamente, essas circunstâncias nunca pareceram tão desafortunadas quanto por ocasião em que Edward visita a família Dashwood. Ao encontrar Marianne e Elinor, de acordo com o narrador,

On Edward's side, more particularly, there was a deficiency of all that a lover ought to look and say on such an occasion. He was confused, seemed scarcely sensible of pleasure in seeing them, looked neither rapturous nor gay, said little but what was forced from him by questions, and distinguished Elinor by no mark of affection (AUSTEN, 2011, p. 164,166)²⁴⁰.

²³⁹ “Edward Ferrars não tinha nenhuma graça peculiar em sua pessoa ou sua conversa que o recomendasse a uma boa opinião. Não era bonito, e seus modos exigiam intimidade para serem agradáveis. Era muito seguro para fazer justiça a si mesmo; mas, uma vez superada a timidez, seu comportamento dava a todos o sinal de se tratar de um coração franco e apaixonado. Ao bom entendimento das coisas, sua formação agregara sólidas melhorias. Mas não era apto, por talentos ou disposição naturais, a satisfazer os anseios da mãe ou da irmã de vê-lo se destacar como – elas nem sabiam como o quê. Queriam que ele fizesse uma bela figura no mundo, de uma maneira ou de outra. A mãe bem que tentou fazê-lo se interessar pela política, levá-lo ao parlamento, fazer com que se relacionasse com alguns dos homens de seu tempo. A sra. John Dashwood desejava o mesmo; mas, nesse ínterim, até que alguma dessas bênçãos superiores pudesse ser alcançada, sua ambição seria apaziguada por vê-lo de carruagem. Mas Edward não tinha pendores para grandes homens ou carruagens. Todos os seus anseios se concentravam no conforto doméstico e na tranquilidade de sua vida privada. Por sorte, ele tinha um irmão mais moço que parecia mais promissor” (AUSTEN, 2012, p. 88).

²⁴⁰ “Edward, principalmente, mostrou-se aquém de tudo o que se esperaria que um apaixonado dissesse ou agisse em tal ocasião. Confuso, mal parecia assentir prazer em vê-las, não demonstrava

Antes da mudança para Barton Cottage, Mrs. Dashwood e Marianne notam a preferência de Edward e sua afeição por Elinor. Entretanto, conforme a citação acima, a conduta de Mr. Ferrars ao reencontrar Miss Dashwood é surpreendentemente incomum. Além de aparentar extrema timidez, Edward mostra-se completamente distante. Marianne, segundo o narrador, “saw and listened with increasing surprise” (AUSTEN, 2011, p. 166)²⁴¹. O comportamento de Edward também assombra Elinor:

His coldness and reserve mortified her severely; she was vexed and half angry; but resolving to regulate her behaviour to him by the past rather than the present, she avoided every appearance of resentment or displeasure, and treated him as she thought he ought to be treated from the family connection (AUSTEN, 2011, p. 168)²⁴².

Assim como Marianne, Elinor não esperava que Mr. Ferrars demonstrasse tamanha indiferença. E, conforme o fragmento destacado, essa falta de ânimo por parte de Edward afligem a protagonista. Contudo, a postura de Elinor diante dessas circunstâncias é totalmente contrária à de Marianne. Conforme o narrador, Elinor estava decidida a *regular* o seu comportamento e, por extensão, a demonstração dos seus sentimentos. Desse modo, a protagonista não levaria em consideração as emoções despertadas pela indiferença de Edward, mas fundamentaria sua conduta na amigável relação que tivera com ele em Norland.

Após alguns dias em Barton Cottage, o comportamento de Edward continua distante. Marianne, consciente disso, chama a atenção de Edward por afirmar que a timidez dele tornou-o reservado demais, até mesmo com amigos íntimos. Edward, por sua vez, reage demonstrando surpresa: “I do not understand you, replied he, colouring. Reserved! — how, in what manner? What am I to tell you? What can you suppose?” (AUSTEN, 2011, p. 178)²⁴³. De fato, a reserva de Edward, motivada por questões relacionadas ao seu noivado com Lucy Steele, impede-o de ser franco e falar abertamente. Elinor, assim como Marianne, nota o distanciamento dos modos de Mr. Ferrars, e repara também o abatimento e a infelicidade no modo de agir do rapaz:

nenhum entusiasmo nem alegria, pouco falando além do obrigatório, e não dedicou a Elinor nenhum sinal de afeição” (AUSTEN, 2012, p. 167).

²⁴¹ “[Marianne] olhava e escutava cada vez mais surpresa” (AUSTEN, 2012, p. 167).

²⁴² “A frieza e a reserva dele a mortificaram gravemente; ela ficou contrariada e um tanto irritada; mas, decidida a regular a sua atitude pelo passado e não pelo presente, evitou aparentar qualquer sinal de ressentimento ou desprazer, e tratou-o como achava que devia ser tratado graças à relação com a família” (AUSTEN, 2012, p. 169).

²⁴³ “Eu não entendo, ele respondeu, corando. Reservado! Como – de que maneira? O que teria para lhe contar? O que você estaria supondo?” (AUSTEN, 2012, p. 178).

Elinor saw, with great uneasiness the low spirits of her friend. His visit afforded her but a very partial satisfaction, while his own enjoyment in it appeared so imperfect. It was evident that he was unhappy; she wished it were equally evident that he still distinguished her by the same affection which once she had felt no doubt of inspiring; but hitherto the continuance of his preference seemed very uncertain; and the reservedness of his manner towards her contradicted one moment what a more animated look had intimated the preceding one (AUSTEN, 2011, p. 182)²⁴⁴.

A conduta de Edward, além de contraditória, expressa profunda tristeza e insatisfação. Em alguns momentos, sutilmente, ele demonstra afeição por Elinor, mas, ao dar-se conta disso, retorna aos seus modos reservados. Apesar disso, como sugere o fragmento destacado, Elinor *desejava* que, de algum modo, o apreço de Edward por ela reaparecesse. No entanto, depois de passar sete dias com a família Dashwood, Edward vai embora tão abatido quanto no dia em que chegara. Para Elinor, os motivos para tal partida estão associados à dependência de Edward em relação aos anseios de sua mãe:

Disappointed, however, and vexed as she was, and sometimes displeased with his uncertain behaviour to herself, she was very well disposed on the whole to regard his actions [...]. His want of spirits, of openness, and of consistency, were most usually attributed to his want of independence, and his better knowledge of Mrs. Ferrars's disposition and designs. The shortness of his visit, the steadiness of his purpose in leaving them, originated in the same fettered inclination, the same inevitable necessity of temporizing with his mother (AUSTEN, 2011, p. 192, 194)²⁴⁵.

Elinor, baseando-se no período em que Edward esteve em sua companhia e no contexto familiar dele, analisa os motivos que explicariam racionalmente a conduta de Mr. Ferrars. A partir disso, a protagonista conclui que a tristeza e o desânimo de Edward são causados por sua falta de autonomia em poder decidir o que fazer de sua vida. Apesar da mágoa que essas circunstâncias lhe causam, a protagonista não

²⁴⁴ “Elinor notou, com grande contrariedade, o desânimo de seu amigo. A visita oferecia a ela apenas uma satisfação parcial, mas ele parecia muito longe de estar satisfeito. Era evidente que estava infeliz; ela desejava que fosse evidente também que ele ainda a distinguisse com a mesma feição que um dia sem dúvida lhe havia inspirado; mas até a continuidade de sua predileção parecia muito incerta; e a reserva de seus modos para com ela contradizia no instante seguinte o que um olhar mais animado ensejava no momento anterior” (AUSTEN, 2012, p. 176).

²⁴⁵ “Apesar de decepcionada, no entanto, mesmo contrariada como estava, e de certo modo aborrecida com sua atitude incerta para com ela, estava disposta em linhas gerais a aceitar o comportamento dele [...]. Aquela falta de ânimo, de franqueza e de coerência foi atribuída à sua falta de independência e a seu maior entendimento da disposição e dos desígnios da sra. Ferrars. A brevidade da visita, a firmeza no propósito de deixá-las, originaram-se na mesma inclinação agrilhoadada, na mesma inevitável necessidade de transigir com a mãe” (AUSTEN, 2012, p. 183).

censura Edward tampouco exige explicações, tal como Marianne certamente faria se estivesse em seu lugar. De fato, embora Edward estivesse abatido e distante durante sua estadia, Elinor não o tratou friamente; pelo contrário, por diversas ocasiões dispôs-se a conversar com ele, ainda que Mr. Ferrars se mantivesse em silêncio. E, mesmo que essa situação fosse profundamente desconfortável, Elinor pôs sob controle suas próprias decepções. Após a partida de Edward,

Elinor sat down to her drawing-table as soon as he was out of the house, busily employed herself the whole day, neither sought nor avoided the mention of his name, appeared to interest herself almost as much as ever in the general concerns of the family, and if, by this conduct, she did not lessen her own grief, it was at least prevented from unnecessary increase, and her mother and sisters were spared much solicitude on her account (AUSTEN, 2011, p. 198)²⁴⁶.

A protagonista decide voltar a sua rotina familiar e, na medida do possível, seguir com sua vida. Diferentemente de Marianne, Elinor não se entrega às lamentações de seus infortúnios; ao contrário, ela procura ocupar-se o dia inteiro buscando um modo de não se concentrar em sua própria dor. No entanto, isso não significa que Elinor seja indiferente aos seus sentimentos; na verdade, ela busca manter um comportamento equilibrado. Apesar da mágoa e incompreensão quanto à atitude de Edward, Elinor não se isola nem abandona seus hábitos; porém, aos poucos, a protagonista reflete e avalia as circunstâncias envolvidas em sua relação com Mr. Ferrars. Conforme o narrador salienta,

Without shutting herself up from her family, or leaving the house in determined solitude to avoid them, or lying awake the whole night to indulge meditation, Elinor found every day afforded her leisure enough to think of Edward, and of Edward's behaviour, in every possible variety which the different state of her spirits at different times could produce,—with tenderness, pity, approbation, censure, and doubt. There were moments in abundance, when, if not by the absence of her mother and sisters, at least by the nature of their employments, conversation was forbidden among them, and every effect of solitude was produced. Her mind was inevitably at liberty; her thoughts could not be chained elsewhere; and the past and the future, on a subject so interesting, must be before her, must force her attention, and engross her memory, her reflection, and her fancy (AUSTEN, 2011, p. 198)²⁴⁷.

²⁴⁶ “Elinor sentou-se à escrivaninha assim que ele partiu, ocupando-se o dia todo com trabalhos manuais; não disse nem evitou dizer o nome dele, pareceu tão interessada como sempre nos assuntos de interesse geral da família e, se com tal conduta não apaziguou a própria tristeza, poupou-se de um crescimento desnecessário dessa, e a irmã e a mãe não foram obrigadas a ser tão solícitas com ela” (AUSTEN, 2012, p. 185).

²⁴⁷ “Sem se isolar da família, ou deixando a casa em decidida solidão para evitá-las ou deitada acordada a noite inteira entregue a meditações, Elinor a cada dia dispunha de tempo livre suficiente para pensar em Edward e no comportamento dele, em cada possível variação que os diferentes estados de espírito

Certamente, durante alguns períodos de solidão, Elinor relembra os momentos que passou na companhia de Edward e, provavelmente, relê e reavalia cada palavra, gesto e comportamento a partir de diferentes pontos de vista – tanto com a pessoa quanto com a censura devida. De fato, o sofrimento de Elinor e seu comportamento são regulados por sua natureza sensata e prudente. Ao passo que Marianne exalta a própria dor e incita lembranças dolorosas, as emoções de Elinor instigam-na a refletir e examinar as possíveis explicações para a conduta de Mr. Ferrars. A postura de Elinor Dashwood como leitora de tais circunstâncias é comedida e judiciosa. Comedida, pois Elinor busca, apesar das mágoas causadas pela conduta contraditória de Edward, comportar-se adequadamente. Elinor esforça-se para ser uma companhia agradável, para demonstrar a hospitalidade necessária. Judiciosa, pois a protagonista, por meio de suas palavras e conduta, não almeja ferir Edward para que ele sinta a intensidade de suas angústias. Assim, Elinor avalia diversos fatores que poderiam influenciar a postura de Mr. Ferrars e não o julga precipitadamente. Seguramente, esses dois valores, o comedimento e o modo perspicaz de Elinor, são vitais para a reviravolta vivida pela protagonista a partir de sua relação com Lucy Steele.

Logo após a partida de Edward, Sir John Middleton recebe a visita das irmãs Steele e apresenta-as à família Dashwood. Como discutido anteriormente, Elinor percebe em Lucy uma astúcia natural e a tendência de dissimular a outros um comportamento gentil e agradável. Em diversas ocasiões, Lucy se aproxima de Elinor e trata-a como uma amiga íntima. Por esse motivo, no capítulo XXII (volume I), em uma conversa com Elinor, Lucy conta que está noiva de Edward. Dessa maneira, ao ouvir o relato de Lucy Steele,

Elinor for a few moments remained silent. Her astonishment at what she heard was at first too great for words; but at length forcing herself to speak, and to speak cautiously, she said, with calmness of manner, which tolerably well concealed her surprise and solicitude — May I ask if your engagement is of long standing? (AUSTEN, 2011, p. 242)²⁴⁸.

a todo momento nela produzissem; – com ternura, pena, aprovação, censura e dúvida. Houve inúmeros momentos em que, se não pela ausência da mãe e da irmã, ao menos pela natureza de suas tarefas, foi impedida de conversar com elas, e todo o efeito da solidão se produziu. Sua mente se viu irrevogavelmente livre; seus pensamentos não podiam ser acorrentados a nada; e o passado e o futuro de assunto tão interessante não de ter se revelado diante dela, não de ter forçado sua reflexão e sua fantasia” (AUSTEN, 2012, p. 186).

²⁴⁸ “Elinor continuou calada por mais alguns momentos. Seu espanto com o que ouviu a princípio foi grande demais para expressar em palavras; mas aos poucos, obrigando-se a falar, e a falar com cautela, ela perguntou com modos muito tranquilos, que razoavelmente disfarçaram sua surpresa e inquietação: Posso saber se seu compromisso com ele é antigo?” (AUSTEN, 2012, p. 213).

Seguramente, a declaração do noivado de Edward e Lucy causa espanto e profundo sofrimento a Elinor, pois de todas as possibilidades que poderiam explicar a conduta de Mr. Ferrars em Barton Park essa seria impensável. Contudo, de acordo com o narrador nessa citação, Elinor *cautelosamente* manteve sua conversa com Lucy tentando demonstrar serenidade quanto ao assunto. A partir disso, Miss Dashwood pergunta quanto tempo o casal está noivo e indaga sobre as circunstâncias do noivado. Os questionamentos de Elinor têm um ar de incredulidade quanto às afirmações de Lucy, mas, depois de tantas informações precisas da parte de Lucy, “She [Elinor] was silent. — Elinor's security sunk; but her self-command did not sink with it” (AUSTEN, 2011, p. 246)²⁴⁹. Elinor reconhece a veracidade da narrativa de Lucy; contudo, a protagonista mantém o controle de suas emoções. De fato, Lucy poderia perceber a surpresa de Elinor ao ouvir seu relato, mas ela não desconfiaria da paixão de sua confidente por seu noivo.

A desilusão amorosa de Elinor é tão dolorosa quanto a de Marianne; porém, a conduta das personagens diante dessas experiências é completamente oposta. Marianne, após descobrir o noivado de Mr. Willoughby, solta um grito de agonia em meio ao seu pranto. Elinor, contrariamente, ao ver as cartas escritas por Edward para Lucy, “was almost overcome — her heart sunk within her, and she could hardly stand; but exertion was indispensably necessary; and she struggled so resolutely against the oppression of her feelings, that her success was speedy [...]” (AUSTEN, 2011, p. 252)²⁵⁰. As informações de Lucy, o retrato de Edward e as cartas dele extinguem qualquer esperança que Elinor pudesse ter de que o relato de Lucy fosse falso. Diante de tais evidências, a protagonista poderia romper em prantos, o que seria compreensível caso Jane Austen tivesse escrito um romance sentimental. Contudo, Elinor decide, racionalmente, lutar contra sua dor e manter uma postura sóbria e comedida. Desse modo, o comportamento de Elinor e Marianne diante de circunstâncias tão similares representa a tensão entre duas forças em *Sense and Sensibility*, a saber, a energia social e a individual. O grito de Marianne é uma resposta individual às forças sociais que a oprimem. Elinor, por sua vez, faz o movimento contrário. A conduta moderada de Elinor expressa a internalização de uma reação

²⁴⁹ “Ela [Elinor] se calou. — A confiança de Elinor definiu; mas seu autocontrole não” (AUSTEN, 2012, p. 215).

²⁵⁰ “[ela] quase sucumbiu — seu coração afundou dentro do peito, e ela mal conseguiu se manter de pé mas era necessário reagir, e ela se empenhou de maneira tão decidida contra a opressão de seus sentimentos que logo obteve sucesso [...]” (AUSTEN, 2012, p. 218).

social às suas forças pessoais que, nesse caso, insistem que ela ceda a sua própria decepção.

Além disso, Elinor age de modo honesto. Diferentemente de Emma Woodhouse, outra protagonista de Jane Austen, que ardilosamente convence sua amiga, Harriet Smith, a desconsiderar um pedido de casamento promissor, tanto em termos de segurança material quanto emocional, Elinor não usa de artifícios para persuadir Lucy a romper seu compromisso com Edward. Lucy pede conselhos a Elinor; contudo, a protagonista responde: “Pardon me, replied Elinor, startled by the question; but I can give you no advice under such circumstances. Your own judgment must direct you” (AUSTEN, 2011, p. 250)²⁵¹. Assim sendo, Miss Dashwood não se aproveita da oportunidade para aconselhar Lucy de um modo que fosse favorável a si própria. Ainda, Elinor reprime suas próprias emoções ao prometer que não contaria a ninguém sobre o noivado de Edward e Lucy. Portanto, a protagonista lê e interpreta essas circunstâncias com base em seu bom senso moral e age de modo digno, apesar de suas perdas pessoais.

No capítulo seguinte ao diálogo com Lucy (capítulo I, volume II), Elinor reflete criteriosamente sobre as informações que ouviu. Ao contrário de Elizabeth Bennet, que aceita prontamente a narrativa do ardiloso Mr. Wickham como uma explicação veraz e incontestável, Elinor Dashwood analisa com cuidado os detalhes do relato de Lucy. Embora Elinor não quisesse acreditar em Lucy, “what Lucy had asserted to be true, therefore, Elinor could not, dared not longer doubt; supported as it was too on every side by such probabilities and proofs, and contradicted by nothing but her own wishes” (AUSTEN, 2011, p. 254)²⁵². Após avaliar sua conversa com Lucy, Elinor conclui que a narrativa que ouvira era fundamentada em provas como as cartas e o retrato de Edward, e a relação dele com Mr. Pratt – tudo isso formava “a body of evidence” (AUSTEN, 2011, p. 254)²⁵³. Desse modo, com base nessas leituras e avaliações de circunstâncias tão delicadas, Elinor faz uma segunda leitura do comportamento de Edward em Barton Cottage. Em sua primeira leitura, como considerado anteriormente, a protagonista avalia a conduta melancólica de Edward e

²⁵¹ “Perdão, respondeu Elinor, espantada com a pergunta; mas não posso lhe dar nenhum conselho em tais circunstâncias. Você deve julgar por si mesma” (AUSTEN, 2012, p. 217).

²⁵² “Que dissera a verdade, portanto, Elinor não podia, não ousava duvidar; fundamentada, aliás, em todos os aspectos, por tais probabilidades e provas, e negada por seus próprios desejos contrários” (AUSTEN, 2012, p. 221).

²⁵³ “um conjunto de evidências” (AUSTEN, 2012, p. 221).

o distanciamento afetivo dele com base no complicado contexto familiar de Mr. Ferrars, a saber, a necessidade de Edward submeter-se aos desejos de sua mãe. Contudo, após o diálogo citado, Elinor relê essa conduta a partir de outro ponto de vista – as complicações relacionadas ao noivado com Lucy.

Depois de concluir sobre a veracidade do relato de Lucy, Elinor questiona a sinceridade do afeto de Edward pela moça. No entanto, a protagonista compreende que a infelicidade de Edward é superior às suas decepções. Como consequência de sua imprudência, Mr. Ferrars terá que se casar com uma mulher que, segundo Elinor, é iletrada, astuta e egocêntrica (AUSTEN, 2011, p. 256). Desse modo, a protagonista constata que a tristeza de Edward em Barton Cottage era resultante de seu compromisso com uma mulher que ele não ama mais. Além do mais, certamente a família de Edward seria contrária a essa união; por isso, Elinor compreende que: “[...] melancholy was the state of the person by whom the expectation of family opposition and unkindness, could be felt as a relief!” (AUSTEN, 2011, p. 256)²⁵⁴. Após fazer uma segunda leitura de seu último encontro com Edward, uma passagem construída por meio de discurso indireto livre mostra a protagonista reconhecendo que a oposição da família de Edward seria a única possibilidade de dissolver o compromisso de noivado, pois Lucy poderia se sentir pressionada pela família dele e, então, quebraria esse vínculo. De qualquer modo, tanto a consumação ou o rompimento desse compromisso causaria sofrimento a Edward. Essas ponderações ocasionam fortes angústias em Elinor:

As these considerations occurred to her in painful succession, she wept for him, more than for herself. Supported by the conviction of having done nothing to merit her present unhappiness, and consoled by the belief that Edward had done nothing to forfeit her esteem, she thought she could even now, under the first smart of the heavy blow, command herself enough to guard every suspicion of the truth from her mother and sisters. And so well was she able to answer her own expectations, that when she joined them at dinner only two hours after she had first suffered the extinction of all her dearest hopes, no one would have supposed from the appearance of the sisters, that Elinor was mourning in secret over obstacles which must divide her forever from the object of her love [...] (AUSTEN, 2011, p. 256, 258)²⁵⁵.

²⁵⁴ “[...] a melancolia era o estado de espírito de uma pessoa a quem a expectativa e oposição poderia ser vista como um alívio!” (AUSTEN, 2012, p. 223).

²⁵⁵ “Enquanto tais considerações lhe ocorriam em dolorosa sucessão, ela chorou por ele, mais do que por si mesma. Apoiada na convicção de não ter feito nada para merecer a atual infelicidade, e consolada pela crença de que Edward tampouco fizera alguma coisa para cair em seu conceito, ela achou que mesmo agora, logo após o impacto do golpe sofrido, seria capaz de se conter a tal ponto que a mãe e as irmãs nem desconfiassem de verdade. E soube tão bem corresponder às próprias expectativas que, quando se juntou a elas no jantar, passadas apenas duas horas desde que sofrera a destruição de suas mais caras esperanças, ninguém haveria de supor, pela aparência das irmãs, que Elinor estivesse

Com base em suas reflexões, Elinor constata que nem ela nem Edward tinham agido inadequadamente a ponto de merecerem tamanho infortúnio. Por esse motivo, Elinor, concluindo que suas esperanças haviam de fato sido extinguidas, lamenta mais pelo destino de Mr. Ferrars do que por si mesma. Essa segunda leitura de Elinor, a partir do relato de Lucy, é central para que a protagonista possa avaliar seus próprios sentimentos e, principalmente, regulá-los. Após concluir que não poderia fazer nada sobre esse assunto, mas apenas aceitar tais infortúnios, Elinor entende a necessidade de manter sua promessa a Lucy, o que significa sofrer em silêncio. Apesar de suas angústias, Elinor “command[s] herself” (AUSTEN, 2011, p. 246) e, pode assim, fazer com que sua tristeza passe despercebida por sua mãe e irmã, não só durante o resto do dia que se seguiu ao relato de Lucy, mas durante quatro meses.

Seguramente, as leituras avaliativas de Elinor sobre a postura de Edward, a partir de pontos de vista distintos e em dois momentos diferentes da narrativa, confirmam as qualidades destacadas pelo narrador ao introduzir a protagonista: Elinor é uma leitora sensata e perspicaz capaz de usar tais habilidades natas para controlar seus profundos sentimentos. Como dito anteriormente, a capacidade de Elinor regular suas emoções não a torna fria ou insensível; Elinor sofre e ama com a mesma intensidade que Marianne. De fato, o noivado de Edward e Lucy é aflitivo para Elinor, e a profunda angústia de Marianne lhe é extremamente dolorosa. Assim sendo, ao mesmo tempo em que Elinor luta para lidar com sua infelicidade, ela precisa ser o amparo de sua irmã, principalmente durante a estadia de ambas em Londres com Mrs. Jennings.

Depois de chegar a Londres, Marianne passa dias angustiados esperando ver Mr. Willoughby, mas ele não a procura. Em vista disso, em diversas ocasiões, Marianne se recusa a acompanhar Mrs. Jennings e Elinor em passeios ou encontros sociais. Além do mais, em quase todas as visitas de Colonel Brandon, Marianne assegura estar indisposta e prefere ficar sozinha em seu quarto. Em consequência, Elinor precisa cumprir todos os deveres sociais rejeitados por sua irmã e, ainda, estar atenta ao comportamento de Marianne. Somente uma semana depois da chegada das irmãs Dahswood a Londres, Marianne reencontra Mr. Willoughby. Nessa ocasião, Marianne fica extremamente agitada ao vê-lo; por isso, Elinor pede-lhe: “Pray, pray be composed, cried Elinor, and do not betray what you feel to everybody present. Perhaps

lamentando em segredo os obstáculos que deveriam afastá-la para sempre do objeto de seu amor [...]” (AUSTEN, 2012, p. 223).

he has not observed you yet (AUSTEN, 2011, p. 324)²⁵⁶. De acordo com as palavras de Elinor, compreende-se que ela valoriza o comportamento moderado e discreto mesmo em situações aflitivas. Contudo, Marianne é incapaz de atender esse pedido e interroga Mr. Willoughby veementemente não se importando em ser observada. Embora Marianne não se comporte como Elinor gostaria, a protagonista a apoia nesse momento difícil. Dessa maneira, segundo o narrador, depois de Mr. Willoughby se afastar sem dar explicações para sua conduta: “Marianne, now looking dreadfully white, and unable to stand, sunk into her chair, and Elinor, expecting every moment to see her faint, tried to screen her from the observation of others [...]” (AUSTEN, 2011, p. 326)²⁵⁷. Marianne, diferentemente de Elinor, praticamente desmaia diante de diversas pessoas em um baile. A protagonista compreende perfeitamente a decepção de sua irmã porque ela é vítima de circunstâncias similares; por esse motivo, Elinor faz o possível para que outras pessoas não percebam o estado de Marianne.

No capítulo seguinte (capítulo VII, volume II), Marianne recebe a carta de Mr. Willoughby juntamente com as cartas que ela havia escrito para ele. Interessantemente, a leitura dessa correspondência não é realizada por Marianne. Como vimos, depois de receber a carta de Willoughby, Marianne retira-se para seu quarto a fim de lê-la; instantes depois, Elinor encontra-a deitada na cama aos prantos. A protagonista, em silêncio, faz gestos carinhosos de empatia pela aflição da irmã; em seguida, Marianne “put all the letters into Elinor’s hand” (AUSTEN, 2011, p. 336)²⁵⁸. Elinor espera até que Marianne se acalme um pouco “and then turning eagerly to Willoughby’s letter, read as follows: [...]” (AUSTEN, 2011, p. 336)²⁵⁹. Desse modo, apesar de tais cartas serem destinadas a Marianne, a narrativa focaliza a leitura e a avaliação crítica desses textos por Elinor. A primeira leitura que Elinor faz da carta de Willoughby é seguida das seguintes avaliações:

With what indignation such a letter as this must be read by Miss Dashwood, may be imagined. Though aware, before she began it, that it must bring a confession of his inconstancy, and confirm their separation forever, she was not aware that such language could be suffered to announce it; nor could she

²⁵⁶ “Eu lhe imploro, por favor, comporte-se, exclamou Elinor, e não traia seus sentimentos adiante de todos aqui presentes. Talvez ele não a tenha visto ainda” (AUSTEN, 2012, p. 260).

²⁵⁷ “Marianne, então assustadoramente pálida e incapaz de manter-se de pé, afundou na poltrona, e Elinor, esperando vê-la desmaiar a qualquer momento, tentou protegê-la dos olhares alheios [...]” (AUSTEN, 2012, p. 261).

²⁵⁸ “[Marianne] colocou todas as cartas nas mãos de Elinor” (AUSTEN, 2012, p. 267).

²⁵⁹ “e então, virando-se avidamente para a carta de Willoughby, leu o seguinte.” (AUSTEN, 2012, p. 267).

have supposed Willoughby capable of departing so far from the appearance of every honourable and delicate feeling—so far from the common decorum of a gentleman, as to send a letter so impudently cruel: a letter which, instead of bringing with his desire of a release any professions of regret, acknowledged no breach of faith, denied all peculiar affection whatever—a letter of which every line was an insult, and which proclaimed its writer to be deep in hardened villainy (AUSTEN, 2011, p. 338)²⁶⁰.

De acordo com esse fragmento, Elinor presume que a carta de Willoughby anuncie a ruptura de seu compromisso com Marianne e espera uma explicação digna sobre a conduta dele. A protagonista, todavia, não supunha que essa cisão fosse feita em termos tão impróprios para um cavalheiro. Inicialmente, Willoughby menciona sua preocupação ao pensar que Marianne teria desaprovado sua atitude na noite anterior e afirma: “[...] though I am quite at a loss to discover in what point I could be so unfortunate as to offend you” (AUSTEN, 2011, p. 338)²⁶¹. Desse modo, Willoughby se exime de qualquer responsabilidade em relação ao seu comportamento. Ademais, ao mencionar o período agradável em que esteve com a família Dashwood, Mr. Willoughby menciona: “[...] flatter myself it will not be broken by any mistake or misapprehension of my actions” (AUSTEN, 2011, p. 338)²⁶². Novamente, a personagem não reconhece a inadequação de suas ações, pois afirma ter sido vítima do erro ou má interpretação alheia. A carta de Willoughby não confere nenhuma estima ou dignidade a Marianne, uma vez que ele afirma o seguinte: “[...] if I have been so unfortunate as to give rise to a belief of more than I felt, or meant to express, I shall reproach myself for not having been more guarded in my professions of that esteem” (AUSTEN, 2011, p. 338, grifo meu)²⁶³. Como a palavra destacada nesse fragmento permite entender, Mr. Willoughby declara que haveria uma remota possibilidade de ele ter demonstrado mais afeição do que de fato sentia por Marianne.

²⁶⁰ “Com que indignação uma carta assim deve ter sido lida pela srta. Dashwood, pode-se bem imaginar. Embora ciente, antes mesmo de começá-la, de que haveria de trazer alguma confissão das inconstâncias dele e confirmar a separação definitiva dos dois, ela não poderia imaginar os termos utilizados para anuncia-lo; nem poderia supor que Willoughby fosse capaz de abandonar tão completamente qualquer aparência de honra e delicadeza de sentimentos – tão distante do decoro usual de um cavalheiro a ponto de enviar uma carta tão despudoradamente cruel: uma carta que, em vez de acompanhar seus desejos de ruptura com alguma expressão de pesar, não demonstrava nenhuma fé, negava até mesmo algum tipo de afeição particular – uma carta cujas linhas eram cada uma um insulto, que revelava seu autor como um rematado e empedernido vilão” (AUSTEN, 2012, p. 268).

²⁶¹ “[...] embora eu esteja bastante confuso sobre o ponto em que infelizmente eu possa tê-la ofendido” (AUSTEN, 2012, p. 267).

²⁶² “[...] me orgulho de dizer que tal prazer jamais será interrompido por qualquer engano ou mal-entendido quanto as minhas ações” (AUSTEN, 2012, p. 267).

²⁶³ “[...] se infelizmente eu a fiz acreditar em mais do que de fato sentia ou pretendia expressar, censuro-me por não ter sido mais reservado na profissão dessa estima” (AUSTEN, 2012, p. 267, grifo meu).

As linhas de Willoughby expõem sua falta de caráter ao atribuir, implicitamente, a culpa desse “mal entendido” a Marianne. Mr. Willoughby chega a alegar que se ele, em algum momento, tivesse outra intenção que não uma relação de amizade, “you [Marianne] will allow to be impossible, when you understand that my affections have been long engaged elsewhere [...]” (AUSTEN, 2011, p. 338)²⁶⁴. Em vista disso, Elinor percebe que essa carta não possui qualquer resquício de pesar ou consideração pelos sentimentos de Marianne. Portanto, após sua primeira leitura, Elinor conclui que a carta de Willoughby é “impudently cruel” (AUSTEN, 2011, p. 338) e que seu autor, que outrora era considerado um homem digno e de boa índole, havia se revelado “deep in hardened villainy” (AUSTEN, 2011, p. 338).

Após essa primeira leitura, que despertou em Elinor tamanho espanto e extrema inquietação, o narrador destaca que a protagonista “paused over it for some time with indignant astonishment” (AUSTEN, 2011, p. 338)²⁶⁵, como se não acreditasse no que estava lendo. Depois de ponderar sobre o absurdo das expressões de Willoughby, a protagonista “read it again and again” (AUSTEN, 2011, p. 338)²⁶⁶. Certamente, o descontrole emocional de Marianne a impediria de reler a carta de Willoughby e, muito menos, ponderar sobre seu conteúdo. Segundo o narrador, Elinor, ao ver a irmã em prantos, “gave way to a burst of tears, which at first was scarcely less violent than Marianne's” (AUSTEN, 2011, p. 336)²⁶⁷. A agitação emocional de Elinor é tão aguda quanto a de Marianne, porém a protagonista consegue lidar com esses sentimentos tão fortes; por isso, consegue ler, reler e analisar criticamente a carta de Mr. Willoughby, o que seria impossível para alguém com a natureza tão sensível como a de sua irmã. Depois de Elinor reler diversas vezes essa carta, o narrador explica que

[...] every perusal only served to increase her abhorrence of the man, and so bitter were her feelings against him, that she dared not trust herself to speak, lest she might wound Marianne still deeper by treating their disengagement, not as a loss to her of any possible good but as an escape from the worst and most irremediable of all evils, a connection, for life, with an unprincipled man,

²⁶⁴ “você [Marianne] há de convir que é impossível, quando souber que minha afeição está comprometida com outra pessoa há muito tempo [...]” (AUSTEN, 2012, p. 267).

²⁶⁵ “[ela] se deteve diante da carta por algum tempo” (AUSTEN, 2012, p. 269).

²⁶⁶ “[Elinor] leu e releu novamente” (AUSTEN, 2012, p. 168).

²⁶⁷ “[Elinor] deixou que as lágrimas brotassem, a princípio quase tão violentamente quanto as de Marianne” (AUSTEN, 2012, p. 267).

as a deliverance the most real, a blessing the most important (AUSTEN, 2011, p. 338, 340)²⁶⁸.

Mediante suas leituras e releituras seguidas de profunda reflexão, Elinor percebe que a carta de Willoughby constrói uma imagem desfavorável de seu caráter (o que depois é confirmado pela narrativa de Colonel Brandon). A protagonista percebe que Willoughby é um homem sem princípios, cuja verdadeira índole havia sido escondida por suas palavras carinhosas e gestos aparentemente amáveis. Em consequência, essas leituras e avaliações de Elinor permitem-na constatar que, por mais doloroso que esse rompimento possa ser para Marianne, sua irmã estaria livre de um compromisso que poderia fazer-lhe mais mal do que bem. Por meio de suas releituras Elinor conclui:

In her earnest meditations on the contents of the letter, on the depravity of that mind which could dictate it, and probably, on the very different mind of a very different person, who had no other connection whatever with the affair than what her heart gave him with everything that passed [...] (AUSTEN, 2011, p. 340)²⁶⁹.

Com base em suas leituras e releituras, Elinor percebe que há uma enorme diferença entre o que conhecera de Mr. Willoughby e o homem que se mostrava naquela carta: pareciam ser pessoas completamente distintas. De fato, posteriormente (capítulo VIII, volume III), Elinor descobre que Willoughby apenas escreveu as palavras ditadas por sua noiva. No entanto, esse ato não minimiza sua culpa, pois ele consentiu em escrever a carta. Essas ponderações da protagonista acerca das diferentes atitudes de Mr. Willoughby são tão profundas que “Elinor forgot the immediate distress of her sister, forgot that she had three letters on her lap yet unread, and so entirely forgot how long she had been in the room [...]” (AUSTEN, 2011, 340)²⁷⁰. De acordo com o narrador, o processo reflexivo de Elinor inclui leituras

²⁶⁸ “[...] cada releitura só fez aumentar sua aversão por aquele homem, e tão amargos foram seus sentimentos contra ele que nem ousou se permitir falar, para não magoar Marianne ainda mais ao tratar aquele rompimento não como a perda de alguma possibilidade de benefício, mas como uma fuga do pior e mais irremediável dos males, um laço, para a vida toda, com um homem sem princípios, como uma salvação das mais genuínas, uma benção das mais relevantes” (AUSTEN, 2012, p. 268, 269).

²⁶⁹ “Em suas sinceras meditações sobre o conteúdo da carta, sobre a perversidade da mente que ditara e provavelmente, sobre uma mente tão distinta, de uma pessoa tão diferente, uma pessoa que não tinha nenhuma relação com o caso além do que o coração dela atribuíra a ele a cada episódio transcorrido entre os dois [...]” (AUSTEN, 2012, p. 269).

²⁷⁰ “Elinor se esqueceu da aflição imediata da irmã, esqueceu que tinha em seu colo ainda três cartas para ler e esqueceu tão completamente de quanto tempo havia que estava no quarto [...]” (AUSTEN, 2012, p. 269).

e releituras seguidas de reflexões criteriosas, além de análises precisas. Elinor considera o estilo da carta de Willoughby; compara a postura do jovem nos dias em que o observou na companhia de Marianne em Devonshire com a conduta dele em Londres; pensou em como o rompimento do relacionamento entre ambos seria benéfico para sua irmã, mesmo que ela não o compreendesse imediatamente. Todavia, depois de se perder em seus pensamentos, Elinor percebeu que havia lido apenas uma carta. Em seguida, Elinor lê as três cartas escritas por sua irmã para Willoughby: a primeira enviada assim que chegou à cidade, a segunda na manhã seguinte ao baile dos Middletons (ao qual Willoughby não compareceu) e a última após o aflitivo diálogo entre eles. Depois de Elinor ler essas cartas, o narrador comenta:

That such letters, so full of affection and confidence, could have been so answered, Elinor, for Willoughby's sake, would have been unwilling to believe. But her condemnation of him did not blind her to the impropriety of their having been written at all; and she was silently grieving over the imprudence which had hazarded such unsolicited proofs of tenderness, not warranted by anything preceding, and most severely condemned by the event [...] (AUSTEN, 2011, p. 346,348)²⁷¹.

As avaliações da protagonista sobre as cartas escritas por Marianne implicam dois aspectos. Primeiro, a incredulidade de Elinor quanto à conduta de Willoughby aumenta ao perceber a ternura e o afeto expressos por Marianne em suas cartas. Entretanto, a protagonista não pode deixar de refletir sobre e julgar a impropriedade das ações de sua irmã. Acima de tudo, Marianne não deveria escrever a Willoughby, pois como ela mesma confirma: “there has been no engagement” (AUSTEN, 2011, p. 342)²⁷². Lembremos que os manuais de conduta da época prescreviam que apenas um compromisso de noivado permitiria a uma jovem escrever para um homem. Imprudentemente, Marianne expõe os seus sentimentos mais íntimos a um homem que não está comprometido socialmente com ela. Na segunda carta que escreve, Marianne afirma: “I have been expecting to hear from you, and still more to see you,

²⁷¹ “Que tais cartas, tão cheias de afeto e confiança, pudessem ter sido respondidas de tal maneira, Elinor, pelo bem de Willoughby, não estava disposta a acreditar. Mas condená-lo não a impedia de ver a impropriedade do mero fato de terem sido escritas; e ela lamentava em silêncio aquela imprudência que arriscara tais provas não solicitadas de ternura, que nenhum precedente garantia, severamente condenadas pelos acontecimentos [...]” (AUSTEN, 2012, p. 273).

²⁷² “nunca houve nenhum noivado” (AUSTEN, 2012, p. 271).

every hour of the day” (AUSTEN, 2011, p. 344)²⁷³. Tais declarações de afeição são lamentadas em silêncio por Elinor, pois reconhece a impropriedade de Marianne ao declarar afetos tão profundos sem ter certeza das intenções de Willoughby em casar-se com ela. Depois de Marianne declarar que nunca houve um compromisso de noivado entre ela e Mr. Willoughby, Elinor pergunta: “but he told you that he loved you?” (AUSTEN, 2011, p. 344)²⁷⁴ e, então, Marianne revela: “Yes — no — never absolutely. It was every day implied, but never professedly declared. Sometimes I thought it had been — but it never was” (AUSTEN, 2011, p. 344)²⁷⁵. Marianne não foi completamente iludida por Willoughby; na verdade, ela se deixou levar por suas próprias ilusões, pois ele nem mesmo chegou a afirmar que a amava. Desse modo, com base em suas leituras e ponderações, Elinor percebe que o sofrimento de sua irmã foi causado não apenas pela conduta ardilosa de Willoughby, mas também pelos modos inconsequentes e insensatos de Marianne. Assim, a protagonista não julga parcialmente a situação de sua irmã. Contudo, o reconhecimento por Elinor do comportamento impróprio de Marianne não a impede de consolá-la e acalmá-la.

Elinor lê e avalia criteriosamente o conteúdo das cartas e conclui sobre os fatos em silêncio. A protagonista não indaga Marianne desnecessariamente e tampouco a repreende de modo severo. Assim sendo, Elinor compreende que, em momento tão aflitivo, não é apropriado recriminar Marianne por suas desmedidas, mas apoiá-la. Elinor, portanto, além de avaliar a carta de Willoughby e as cartas de Marianne com a devida imparcialidade, lê e avalia a situação de sua irmã de maneira apropriada, pois reconhece a confiança que Marianne depositou nela ao entregar-lhe as cartas. Desse modo, a protagonista, por meio de sua conduta, mostra-se uma leitora imparcial em seus julgamentos, perspicaz, mas também compreensiva e amorosa – aspectos essenciais para que Elinor possa avaliar outra circunstância delicada: seu reencontro com Lucy Steele e Edward Ferrars.

No capítulo XII (volume II), Elinor é convidada para jantar na casa da mãe de Edward Ferrars. Nessa ocasião, Elinor encontraria Mrs. Ferrars pela primeira vez e, ainda por cima, na companhia de Lucy. No entanto, apesar do desconforto dessa situação, Elinor comporta-se sobriamente. De acordo com o narrador, por trás de seu

²⁷³ “Espero notícias suas e, mais do que isso, encontrá-lo, horas a fio todos os dias” (AUSTEN, 2012, p. 272).

²⁷⁴ “Mas ele disse que a amava?” (AUSTEN, 2012, p. 271).

²⁷⁵ “Sim – não – nunca exatamente. Todos os dias isso ficava implícito, mas jamais chegou a ser declarado. Algumas vezes pensei que sim – mas não, nunca foi dito” (AUSTEN, 2012, p. 271).

comportamento calmo, Elinor sente-se angustiada pela possibilidade de reencontrar Edward “in the company of Lucy! — she hardly knew how she could bear it!” (AUSTEN, 2011, p. 432)²⁷⁶. Os pensamentos de Elinor tornam-se aflitivos ao imaginar encontrar-se com Edward e Lucy. Por meio do discurso indireto livre, a personagem revela sua dúvida sobre sua capacidade de controlar seus sentimentos nessas circunstâncias. Durante o jantar, Elinor tem de lidar com as lamentações de Lucy, as críticas de Mrs. John Dashwood, as comparações de Mrs. Ferrars entre a protagonista e Miss Morton (jovem pretendida pela família como futura esposa de Edward) e o comportamento instável de Marianne. Elinor enfrenta essas dificuldades com serenidade e perspicácia. De fato, o autocontrole de Elinor sobre suas emoções e conduta, evidencia sua capacidade de suportar o reencontro com Edward na presença de Lucy – o que ocorre no capítulo XIII do volume II.

Na manhã seguinte ao jantar, Lucy visita Elinor na casa de Mrs. Jennings para falar de sua felicidade ao ser tão bem tratada por Mrs. Ferrars. Para Elinor, a mãe de Edward tratou Lucy de modo polido, mas indiferente. Lucy, por outro lado, crê que Mrs. Ferrars é uma mulher doce e adorável, assim como Mrs. John Dashwood. Diante de tais exclamações questionáveis, Elinor não se esforça para manter a conversa. Em meio a um assunto de tão pouco interesse para Elinor, surpreendentemente, Edward é anunciado. Segundo o narrador:

It was a very awkward moment; and the countenance of each shewed that it was so. They all looked exceedingly foolish; and Edward seemed to have as great an inclination to walk out of the room again, as to advance farther into it. The very circumstance, in its unpleasantest form, which they would each have been most anxious to avoid, had fallen on them.—They were not only all three together, but were together without the relief of any other person. The ladies recovered themselves first. It was not Lucy's business to put herself forward, and the appearance of secrecy must still be kept up. She could therefore only *look* her tenderness, and after slightly addressing him, said no more (AUSTEN, 2011, p. 448)²⁷⁷.

Lucy sente-se constrangida na presença de Mr. Ferrars, mas desconhece os sentimentos entre seu noivo e Elinor. Edward fica embaraçado, pois suas intenções,

²⁷⁶ “[...] na companhia de Lucy – ela não sabia se conseguiria suportar” (AUSTEN, 2012, p. 320).

²⁷⁷ “Foi um momento muito embaraçoso; e a expressão no rosto dos três presentes o demonstrou. Todos pareciam extremamente sem graça; e Edward foi açoitado ao mesmo tempo pela vontade de sair dali e pela curiosidade de ir em frente. Sobrevinha-lhes justamente a circunstância, em sua forma mais desagradável, que todos tiveram sempre o maior cuidado de evitar – não só estavam os três reunidos, como não havia auxílio de nenhuma outra pessoa. As damas se recompuseram primeiro. Lucy não poderia se intrometer, e a aparência de segredo ainda precisava ser mantida. Resignou-se a parecer afetuosa, cumprimentou-o brevemente, e então não disse mais nada” (AUSTEN, 2012, p. 330).

seguramente, eram de encontrar apenas Elinor e não Lucy. Elinor, ao observar o silêncio de Lucy e o constrangimento de Edward, “[...] forced herself, after a moment's recollection, to welcome him, with a look and manner that were almost easy, and almost open; and another struggle, another effort still improved them” (AUSTEN, 2011, p. 448, 450)²⁷⁸. Embora a situação seja desconfortável, a protagonista comporta-se adequadamente ao demonstrar sua estima e felicidade em ver Edward porque, afinal, Mr. Ferrars é um amigo e é irmão de sua cunhada (AUSTEN, 2011, p. 450). Os modos receptivos de Miss Dashwood encorajam Edward a se sentar, embora estivesse envergonhado, pois, segundo o narrador, “for his heart had not the indifference of Lucy's, nor could his conscience have quite the ease of Elinor's” (AUSTEN, 2011, p. 450)²⁷⁹. Edward não consegue disfarçar seu embaraço e Lucy não se esforça para minimizar tal situação delicada. Desse modo, Elinor “was obliged to volunteer all the information about her mother's health, their coming to town, &c. which Edward ought to have inquired about, but never did” (AUSTEN, 2011, p. 450)²⁸⁰. A protagonista vê-se obrigada a reprimir seus sentimentos e seu espanto para comportar-se de modo cordial e acolhedor e, assim, cumprir com as normas sociais esquecidas por Edward Ferrars e ignoradas por Lucy Steele. Sem dúvida, Elinor é uma leitora perspicaz, pois age rapidamente e não permite que suas emoções impeçam-na de comportar-se de modo adequado e condizente com a ocasião, por mais inusitada que esta seja. Desse modo, na medida em que os eventos da narrativa progridem, Elinor é desafiada a ler e posicionar-se diante de circunstâncias cada vez mais complicadas sobretudo por ocasião da descoberta do noivado de Lucy e Edward no primeiro capítulo do volume III.

Seguramente, Elinor já esperava o anúncio do noivado de Mr. Ferrars e Lucy, pois, como destacado anteriormente, ela não tinha mais esperança de que Lucy romperia esse compromisso. De fato, Mrs. Jennings relata a Elinor que Mrs. Ferrars descobriu o noivado de seu filho mais velho. Nessa ocasião, conforme o narrador comenta, enquanto Mrs. Jennings relatava os fatos “Elinor had had time enough to

²⁷⁸ “[Elinor] teve muito trabalho; e viu-se tão ansiosa, por ele e por ela mesma], para agir adequadamente que se obrigou, após um momento de hesitação, a lhe dar as boas vindas, com os modos e olhares que foram quase francos; a cada indício de situação desconfortável, ela se empenhava ainda mais” (AUSTEN, 2012, p. 330).

²⁷⁹ “seu coração [de Edward] não era tão indiferente como o de Lucy, nem sua consciência tranquila como a de Elinor” (AUSTEN, 2012, p. 331).

²⁸⁰ “[Elinor] foi obrigada a fornecer todas as informações sobre a saúde de sua mãe, a ida para Londres etc. que Edward deveria ter solicitado, mas que jamais solicitou” (AUSTEN, 2012, p. 331).

collect her thoughts, she was able to give such an answer, and make such observations, as the subject might naturally be supposed to produce” (AUSTEN, 2011, p. 482)²⁸¹. Miss Dashwood não demonstra espanto, tampouco externa sua tristeza com a notícia. A protagonista ouve Mrs. Jennings com atenção, faz comentários : “she felt very well able to speak of the affair without embarrassment, and to give her judgment, as she believed, with impartiality on the conduct of everyone concerned in it” (AUSTEN, 2011, p. 482)²⁸². Essas observações da protagonista não permitem que Mrs. Jennings suspeite de qualquer afeto ou interesse que Elinor poderia ter por Edward. Apesar de comportar-se de modo apropriado e discreto, Elinor não se sente confortável com esses fatos porque “she could hardly determine what her own expectation of its event really was; though she earnestly tried to drive away the notion of its being possible to end otherwise at last, than in the marriage of Edward and Lucy” (AUSTEN, 2011, p. 482)²⁸³. Em uma ocasião tão inusitada como esta, Elinor, além de lidar com seu comportamento e suas emoções, precisa livrar-se das suspeitas de Mrs. Jennings e, ainda, preparar Marianne para receber essa notícia.

Elinor percebe que o noivado de Edward seria um assunto muito comentado por Mrs. Jennings. Por isso, Marianne precisa saber os pormenores desse fato através de Elinor e não de outras pessoas. Certamente, essa notícia entristeceria Marianne tanto quanto o seu próprio infortúnio. Elinor, ao relatar os detalhes de seu conhecimento sobre o noivado em questão, conforme o narrador relata,

She [Elinor] was very far from wishing to dwell on her own feelings, or to represent herself as suffering much, any otherwise than as the self-command she had practised since her first knowledge of Edward's engagement, might suggest a hint of what was practicable to Marianne. (AUSTEN, 2011, p. 482, 484)²⁸⁴

Desde que soubera do noivado de Edward, Elinor foi obrigada a treinar avidamente o autocontrole emocional a fim de poupar Marianne e sua mãe de mais

²⁸¹ “[...] e, tendo tempo de reunir seus pensamentos, Elinor foi capaz de dar uma resposta e fazer alguns comentários que o assunto naturalmente havia suscitado” (AUSTEN, 2012, p. 350).

²⁸² “ela [Elinor] se sentiu bastante capaz de falar do caso com desembaraço e de pronunciar seu juízo com imparcialidade, ela acreditava, sobre a conduta de todos os envolvidos” (AUSTEN, 2012, p. 350).

²⁸³ “Não saberia dizer o que ela mesma esperava, de fato, dos acontecimentos; – embora ardentemente tentasse afastar a ideia de que fosse possível aquilo terminar de outro modo que não o casamento de Edward e Lucy” (AUSTEN, 2012, p. 351).

²⁸⁴ “[Elinor] Estava muito longe de querer enfatizar os próprios sentimentos ou de demonstrar um sofrimento exagerado; nada além do autocontrole que vinha praticando desde que soubera pela primeira vez do compromisso de Edward poderia antecipar algo que seria factível para Marianne” (AUSTEN, 2012, p. 351).

sofrimento. Em consequência, a protagonista, ao relatar a sua irmã o compromisso de Lucy e Mr. Ferrars, não dá ênfase a sua dor, tampouco lamenta seu infortúnio. A narrativa da protagonista é “clear and simple; and though it could not be given without emotion, was not accompanied by violent agitation, nor impetuous grief” (AUSTEN, 2011, p. 484).²⁸⁵ Em capítulos anteriores, Marianne fica tão angustiada e emocionada ao receber a carta de Willoughby que não consegue relatar o ocorrido para sua irmã; por isso, põe as cartas nas mãos de Elinor. Entretanto, a protagonista, em uma situação tão semelhante à vivida por Marianne, regula sua própria tristeza e, desse modo, é capaz de relatar seu conhecimento sobre o envolvimento de Edward e Lucy e seus motivos para ter ocultado essas informações. Em vista disso, “Marianne listened with horror, and cried excessively” (AUSTEN, 2011, p. 484)²⁸⁶ e, mais uma vez, conforme o narrador,

Elinor was to be the comforter of others in her own distresses, no less than in theirs; and all the comfort that could be given by assurances of her own composure of mind, and a very earnest vindication of Edward from every charge but of imprudence, was readily offered. (AUSTEN, 2011, p. 484)²⁸⁷

Como se pode perceber no fragmento destacado, Elinor consola Marianne ao invés de receber consolo. Essa atitude da protagonista expõe o alto grau de controle de suas próprias emoções. Além de relatar o caso, Elinor faz observações criteriosas sobre a conduta imprudente de Edward ao assumir um compromisso de noivado com Lucy. Contudo, a protagonista defende a atitude nobre do rapaz, pois, Edward, embora já comprometido com Lucy quando a conheceu, não a iludiu nem instigou suas esperanças. Diante dessas explicações, Marianne fica espantada com a capacidade de sua irmã em suportar por quatro meses essa confidência; por conseguinte, Elinor explica:

By feeling that I was doing my duty. — My promise to Lucy, obliged me to be secret. I owed it to her, therefore, to avoid giving any hint of the truth; and I

²⁸⁵ “[...] claro e simples; e, embora não o tenha feito sem afeição, não foi acompanhado de violenta agitação nem de arroubos de tristeza” (AUSTEN, 2012, p. 351).

²⁸⁶ “Marianne escutou-a horrorizada e chorando copiosamente” (AUSTEN, 2012, p. 351, 352).

²⁸⁷ “Elinor haveria de consolar os outros até mesmo em sua própria aflição, não apenas na alheia; e todo o consolo que poderia ser concedido por sua própria paz de espírito e uma ardorosa defesa de Edward contra qualquer acusação, além de imprudência, foram prontamente oferecidos” (AUSTEN, 2012, p. 352).

owed it to my family and friends, not to create in them a solicitude about me, which it could not be in my power to satisfy. (AUSTEN, 2011, p. 484)²⁸⁸

Elinor manteve silêncio não porque estava condoída da situação de Lucy, mas por causa de sua consideração por Edward. Além do mais, a protagonista avaliou o sofrimento que essa notícia causaria a sua família e amigos, visto que Marianne estava sofrendo profundamente por ter sido abandonada por Mr. Willoughby. Os critérios de Elinor para que a verdade fosse omitida não se basearam nos seus próprios sentimentos e anseios, mas sim, no compromisso que ela tinha com Edward, Lucy e seus próprios familiares. Desse modo, compreende-se que Elinor, ao contrário de Lucy Steele, demonstra um amor incondicional por sua família e por aqueles que a estimam.

O diálogo entre as irmãs Dashwood valida as diversas menções do narrador à habilidade de autocontrole desenvolvida por Elinor, pois a protagonista regula a demonstração de suas emoções e sentimentos aflitivos; além disso, ao justificar sua conduta, mostra-se uma pessoa confiável por manter sua palavra apesar dos danos pessoais. Ademais, a conversa entre Elinor e Marianne expõe uma importante autoavaliação da protagonista sobre sua conduta, conforme esse fragmento:

Yes. But I did not love only him; — and while the comfort of others was dear to me, I was glad to spare them from knowing how much I felt. Now, I can think and speak of it with little emotion. I would not have you suffer on my account; for I assure you I no longer suffer materially myself. I have many things to support me. I am not conscious of having provoked the disappointment by any imprudence of my own, I have borne it as much as possible without spreading it farther. I acquit Edward of essential misconduct. I wish him very happy; and I am so sure of his always doing his duty, that though now he may harbour some regret, in the end he must become so. Lucy does not want sense, and that is the foundation on which everything good may be built. — And after all, Marianne, after all that is bewitching in the idea of a single and constant attachment, and all that can be said of one's happiness depending entirely on any particular person, it is not meant — it is not fit — it is not possible that it should be so. — Edward will marry Lucy; he will marry a woman superior in person and understanding to half her sex; and time and habit will teach him to forget that he ever thought another superior to *her*. (AUSTEN, 2011, p. 486,488)²⁸⁹.

²⁸⁸ “Da sensação de estar cumprindo o meu dever. A promessa que fiz a Lucy me obrigava a manter o segredo. Por causa dela, portanto, evitei dar qualquer sinal da verdade; e, por causa de minha família e de meus amigos, não quis despertar nenhuma preocupação comigo que eu não poderia depois desfazer” (AUSTEN, 2012, p. 353).

²⁸⁹ “Sim. Mas eu não amava apenas Edward ; – e, na medida em que me importava com outros, fiquei contente de poupá-los de saber o quanto eu sofria. Agora, consigo falar disso sem tanta emoção. – Eu não a faria sofrer por minha causa; pois garanto que eu mesma já não sofro tanto assim. Tenho muitas coisas em que me apoiar. Tenho plena consciência de não haver provocado essa decepção, por nenhuma imprudência de minha parte, e suportei o máximo que pude sem deixar que se espalhasse. – Não condeno Edward por nenhum desvio de conduta. Desejo que ele seja muito feliz; e tenho tanta

Em sua autoanálise, Elinor defende a adequação de sua conduta. Segundo a protagonista, apesar da tristeza sentida pelo conhecimento do noivado de Edward, ela encontrou satisfação em cumprir seu dever – poupar sua família de mais uma situação aflitiva. Ao justificar-se, Elinor afirma que tem muitas coisas em que se apoiar. Em circunstâncias anteriores, ao conversar com Marianne sobre a carta de Willoughby, a protagonista insta sua irmã a reagir e declara: “think of your mother; think of her misery while *you* suffer: for her sake you must exert yourself” (AUSTEN, 2011, p. 342)²⁹⁰. De certo modo, Elinor pede que sua irmã, assim como ela mesma faz, ampare-se na família para ter a força necessária para lidar com a sua dor. Marianne, contudo, insiste em lamentar seu infortúnio de perder Willoughby e entregar-se ao desespero, pois sua leitura das adversidades é centrada em si mesma, já Elinor faz avaliações altruístas das situações.

Elinor também defende a adequação de sua conduta por reconhecer que sua decepção não foi causada por alguma imprudência de sua parte ou da parte de Edward. Ainda, Elinor admite que Mr. Ferrars pode ter uma vida agradável ao lado de Lucy e, sabiamente, compreende que a felicidade não pode depender exclusivamente de uma única pessoa. Assim sendo, diferentemente de outras protagonistas de Jane Austen, Elinor não passa por um processo de aperfeiçoamento comportamental ou intelectual. A protagonista de *Sense and Sensibility* traz em si mesma, de modo internalizado, uma postura madura como leitora, baseando suas avaliações em um senso reflexivo e judicioso que lhe é inato. Por outro lado, Marianne, dona de uma visão romântica e extremamente sensível, não crê que Elinor amava Edward de fato, pois o comportamento controlado de sua irmã soa indiferente. Por isso, Elinor afirma:

I understand you. — You do not suppose that I have ever felt much. — For four months, Marianne, I have had all this hanging on my mind, without being at liberty to speak of it to a single creature; knowing that it would make you and my mother most unhappy whenever it were explained to you, yet unable to prepare you for it in the least. — It was told me, — it was in a manner forced on me by the very person herself, whose prior engagement ruined all my

certeza que ele cuidará de seu dever que, ainda que agora ele possa sentir algum remorso, ao final acabará sendo feliz. A Lucy não falta juízo, e isso é o alicerce sobre o qual qualquer coisa pode ser construída. — E, afinal, Marianne, é esse o encanto da ideia de uma única e constante relação, e o mesmo se pode dizer sobre a felicidade de alguém depender inteiramente de uma única pessoa, não é para ser – não deve ser – não é possível que seja assim. — Edward se casará com Lucy; ele se casará com uma mulher, em termos pessoais e intelectuais, superior à maioria das mulheres; e o tempo e o hábito o ensinarão a esquecer que um dia considerou outra superior a ela” (AUSTEN, 2012, p. 353, 354).

²⁹⁰ “Pense em sua mãe; pense na angústia dela enquanto você sofre, por ela, você precisa reagir” (AUSTEN, 2012, p. 270).

prospects; and told me, as I thought, with triumph. — This person's suspicions, therefore, I have had to oppose, by endeavouring to appear indifferent where I have been most deeply interested; — and it has not been only once; — I have had her hopes and exultation to listen to again and again. — I have known myself to be divided from Edward forever, without hearing one circumstance that could make me less desire the connection. — Nothing has proved him unworthy; nor has anything declared him indifferent to me. — I have had to contend against the unkindness of his sister, and the insolence of his mother; and have suffered the punishment of an attachment, without enjoying its advantages. — And all this has been going on at a time, when, as you know too well, it has not been my only unhappiness. — If you can think me capable of ever feeling — surely you may suppose that I have suffered *now*. The composure of mind with which I have brought myself at present to consider the matter, the consolation that I have been willing to admit, have been the effect of constant and painful exertion; — they did not spring up of themselves; — they did not occur to relieve my spirits at first. — No, Marianne. — *then*, if I had not been bound to silence, perhaps nothing could have kept me entirely — not even what I owed to my dearest friends — from openly shewing that I was *very* unhappy. (AUSTEN, 2011, p. 488, 490)²⁹¹.

Diante das dúvidas de Marianne sobre o sofrimento de sua irmã, Elinor confessa a profunda infelicidade que vinha sentindo desde que soubera do noivado de Edward. Além de guardar todas suas decepções, frustrações e pensamentos conflitantes para si mesma, a protagonista precisou demonstrar indiferença ao seu amor para ser confidente das esperanças de Lucy Steele. Desse modo, Elinor viu suas expectativas morrerem ao passo que as de Lucy cresciam cada vez mais. Além disso, no caso de Marianne, ela tinha motivos para lutar contra seus sentimentos por Mr. Willoughby, afinal ele a enganou e agiu arditosamente. Elinor, porém, teria que combater uma afeição genuína entre ela e Edward que estava sendo rompida apenas pelo egoísmo de Lucy. Miss Dashwood teve que aguentar a presença de Lucy, os

²⁹¹ “Eu a compreendo. – Você nunca imaginou que eu fosse capaz de sofrer muito. – Por quatro meses, Marianne, fiquei com tudo isso na cabeça, sem a liberdade de falar a respeito com ninguém; sabendo que isso deixaria você e minha mãe muito tristes quando lhes contasse, mas incapaz de prepará-las minimamente para tanto. – Fiquei sabendo disso – de certa forma fui forçada a sabê-lo, pela própria pessoa em questão, cujo compromisso anterior arruinou todas as minhas perspectivas; e isso tudo ela me contou, pelo que entendi, com um triunfo pessoal. – As suspeitas dessa mesma pessoa, portanto, fui obrigada a contestar, tentando parecer indiferente ao que mais profundamente me interessava; – e não foi apenas uma vez; – tive de ouvir suas esperanças e exultações praticamente a cada encontro. – Eu me vi definitivamente separada de Edward, sem tomar conhecimento de nenhuma circunstância que pudesse me fazer desejar menos aquela relação. – Sem que nada que provasse alguma indignidade sua; tampouco algo que mostrasse sua indiferença por mim. – Precisei lutar contra a mesquinha de sua irmã, a insolência de sua mãe; e sofri o castigo de uma relação sem desfrutar de seus benefícios. – E tudo isso justamente quando, como você bem sabe, não era apenas eu quem estava infeliz. – Se você consegue me imaginar capaz de sofrer – certamente poderá supor como sofri nesse momento. A paz de espírito com que me conduzi até agora para encarar essa questão, o consolo que ofereci quando tanto queria ter recebido, foram efeito de um esforço constante e doloroso; – essas coisas não brotam do nada; – nem acudiram para melhorar meu ânimo a princípio – Não, Marianne. – Na ocasião, se eu não tivesse jurado silêncio, talvez não conseguisse evitar – nem mesmo em consideração a meus entes mais queridos – demonstrar abertamente que estava muito infeliz.” (AUSTEN, 2012, p. 354,355)

modos hostis da irmã e da mãe de Mr. Ferrars ao mesmo tempo que toda sua família se interessava unicamente pelo sofrimento de Marianne. Como indicado na citação acima, o autocontrole demonstrado por Elinor era “the effect of constant and painful exertion” (AUSTEN, 2011, p. 488). Sem dúvida, Elinor sofreu tanto quanto Marianne, mas enquanto Marianne exterioriza sua amargura com grande energia, Elinor utiliza toda a sua força para interiorizar sua tristeza e, sobretudo, regular seus modos.

Elinor Dashwood, portanto, não lê as circunstâncias que a cercam a partir de um viés unicamente sentimental ou racional. Ao contrário, as justificativas de Elinor sobre sua conduta e sua autoanálise evidenciam que, a partir de um processo doloroso e aflitivo, ela aprende a racionalizar seus sentimentos e comportamento. Desse modo, as características inatas de sua personalidade, tais como sensatez, prudência e perspicácia, são cada vez mais aprimoradas na medida em que a protagonista é obrigada a posicionar-se como leitora de situações tão adversas. E, certamente, reencontrar Edward Ferrars, depois de o noivado entre ele e Lucy tornar-se público, exigiria autodomínio maior do que Elinor havia demonstrado até então.

Elinor Dashwood e Edward Ferrars tornam a ver-se no capítulo IV do volume III. Depois de descobrir o noivado entre Edward e Lucy, Mrs. Ferrars decide deixar toda a sua fortuna para seu filho mais novo, Mr. Robert Ferrars. Desse modo, Edward perde qualquer perspectiva de um futuro promissor e financeiramente confortável – o que seria um obstáculo para casar-se com Lucy. Diante dessas circunstâncias, Colonel Brandon, após saber que Mr. Ferrars será ordenado pastor, oferece-lhe o presbitério de Delaford. Entretanto, Brandon pede a Elinor que ela dê essa notícia a Edward. A protagonista sente-se tão atordoada que exclama em passagem construída por discurso indireto livre: “the preferment, which only two days before she had considered as hopeless for Edward, was already provided to enable him to marry; — and *she*, of all people in the world, was fixed on to bestow it!” (AUSTEN, 2011, p. 522)²⁹². Elinor teria que anunciar a Edward a oportunidade necessária para que o casamento entre ele e Lucy ocorresse. Para isso, a protagonista precisaria, mais uma vez, minimizar seus próprios sentimentos em benefício de outras pessoas. Assim, no momento em que Elinor dispõe-se a escrever um bilhete para Edward, subitamente, recebe o anúncio da presença dele na casa de Mrs. Jennings. Em vista disso, a

²⁹² “O favor, que dois dias antes ela havia julgado inalcançável para Edward, já estava garantido e permitiria que ele casasse; – e justamente ela, entre todas as pessoas do mundo, havia sido escolhida para concedê-lo!” (AUSTEN, 2012, p. 375).

protagonista percebe que seria adequado dar a notícia sobre a oferta de Colonel Brandon pessoalmente, o que implicaria “to force her upon this greatest exertion of all” (AUSTEN, 2011, p. 532)²⁹³. De início, o espanto e a confusão mental tomam conta de Elinor, mas ela consegue se acalmar e, então, contar a Edward sobre a oferta de Colonel Brandon. Depois de Edward partir, segundo o narrador, “she sat down to reconsider the past, recall the words and endeavour to comprehend all the feelings of Edward; and, of course, to reflect on her own with discontent” (AUSTEN, 2011, p. 538)²⁹⁴. Em sua trajetória na narrativa, Elinor constantemente reflete, relê e reavalia seu comportamento e a conduta de outras personagens a fim de compreender melhor as situações que vivencia e, principalmente, todas as adversidades que a impedem de unir-se a Edward.

Depois desse encontro com Edward, Elinor precisa cuidar de Marianne durante a doença repentina desta, narrada nos capítulos IV a IX do volume III. Depois da recuperação de Marianne, as irmãs regressam a Barton Cottage no capítulo X do volume III. Em seguida (capítulo XI, volume III), a família Dashwood recebe a notícia do casamento de Mr. Ferrars e Lucy. Ao receber a notícia, de acordo com o narrador:

Marianne gave a violent start, fixed her eyes upon Elinor, saw her turning pale, and fell back in her chair in hysterics. Mrs. Dashwood, whose eyes, as she answered the servant's inquiry, had intuitively taken the same direction, was shocked to perceive by Elinor's countenance how much she really suffered [...] (AUSTEN, 2011, p. 658)²⁹⁵.

Pela primeira vez, Mrs. Dashwood e Marianne testemunharam a expressão aflitiva de Elinor. Em circunstâncias anteriores, Elinor preparou-se para enfrentar determinadas situações. Após saber do noivado de Edward e Lucy, Elinor ficou sozinha o tempo necessário para refletir, chorar e analisar como se comportaria; por isso, ao se reunir novamente com sua família, ninguém notou mudança alguma em seu comportamento. Ainda, ao encontrar Marianne aos prantos por causa da carta de Willoughby, Elinor, analisando o comportamento do jovem no baile da noite anterior, já esperava o rompimento do noivado. Além do mais, depois de ouvir o relato de Mrs.

²⁹³ “obrigando-a justamente a esse esforço supremo” (AUSTEN, 2012, p. 381).

²⁹⁴ “Ela sentou para repensar o passado, evocar as palavras trocadas e tentar entender todos os sentimentos de Edward; e, é claro, refletir sobre o próprio descontentamento” (AUSTEN, 2012, p. 384).

²⁹⁵ “Marianne teve um violento sobressalto, arregalou os olhos para Elinor, viu que ela ficou pálida e se recostou histericamente na cadeira. A sra. Dashwood, cujos olhos, ao responder à pergunta do criado, intuitivamente se voltou na mesma direção, ficou chocada ao perceber, pelo semblante de Elinor, o quanto ela sofria [...] (AUSTEN, 2012, p. 453).

Jennings acerca do descobrimento do noivado de Edward, a protagonista poderia comunicar essa notícia a Marianne com profundo pesar, mas com o autodomínio necessário. Contudo, na situação presente, o comunicado do criado sobre o casamento de Edward é um grande impacto e, em consequência, a protagonista não consegue conter sua aflição. Entretanto, Elinor sofre em silêncio enquanto a reação de Marianne é notoriamente exagerada. Porém, Elinor, algum tempo depois, “though still much disordered, had so far recovered the use of her reason and voice as to be just beginning an inquiry of Thomas, as to the source of his intelligence” (AUSTEN, 2011, p. 658)²⁹⁶. Durante a aflição provocada por essa notícia, Elinor perde a razão e a voz; ela fica paralisada sem saber como se comportar diante desse evento, por mais que estivesse ciente do compromisso de Lucy e Edward:

Elinor now found the difference between the expectation of an unpleasant event, however certain the mind may be told to consider it, and certainty itself. She now found, that in spite of herself, she had always admitted a hope, while Edward remained single, that something would occur to prevent his marrying Lucy; that some resolution of his own, some mediation of friends, or some more eligible opportunity of establishment for the lady, would arise to assist the happiness of all. But he was now married; and she condemned her heart for the lurking flattery, which so much heightened the pain of the intelligence (AUSTEN, 2011, p. 664)²⁹⁷.

Essa passagem está em concordância com a introdução de Elinor Dashwood na narrativa: Elinor é uma jovem naturalmente sensata que possui sentimentos intensos. De acordo com o fragmento acima, embora a protagonista se esforce em controlar a demonstração de seus sentimentos, ela não é extremamente racional ou desprovida de sensibilidade, tal como Mrs. John Dashwood, Mrs. Ferrars e Lucy Steele – personagens egoístas e manipuladoras. Ao contrário, Elinor empenha-se em uma tarefa árdua: combinar a racionalidade com a medida certa de sensibilidade. Racionalmente, Elinor compreende que o casamento de Edward é irremediável;

²⁹⁶ “[Elinor] que embora muito abalada, já havia retomado a razão e voz o bastante para começar a perguntar a Thomas sobre a fonte da informação” (AUSTEN, 2012, p. 453).

²⁹⁷ “Elinor não se deu conta da diferença entre a expectativa de um acontecimento desagradável, por mais que a mente tenha sido orientada a considera-lo um fato consumado, e a certeza em si. Ela então se deu conta de que, apesar de tudo, sempre admitira uma esperança, enquanto Edward continuasse solteiro, de que algo ocorreria para impedir o casamento com Lucy; de que alguma decisão dele, alguma mediação da família ou de amigos, ou de que outra oportunidade de ascensão mais desejável para a noiva surgiria, contribuindo para a felicidade de todos. Mas ela agora estava casado, e ela condenou a furtiva ilusão imposta por seu coração, que tanto acentuava a dor de sabê-lo” (AUSTEN, 2012, p. 456).

contudo, emocionalmente, a personagem tem esperanças de que algo impeça essa união. Por esse motivo, a notícia do casamento de Edward desestabiliza Elinor e ela não pode ser indiferente a esse acontecimento, especialmente ao receber a visita de Edward Ferrars. Ao perceber a aproximação de Edward, ao olhar pela janela, “she [Elinor] moved away and sat down. ‘He comes from Mr. Pratt's purposely to see us. I will be calm; I will be mistress of myself’” (AUSTEN, 2011, p. 666)²⁹⁸. Apesar de sua inquietação, Elinor prepara-se para encontrar Edward e procura controlar suas emoções e, assim, comportar-se de maneira adequada.

Essa ocasião é uma das situações constrangedoras enfrentadas por Elinor. Ao rever Edward, a protagonista faz comentários sobre o tempo, tenta minimizar o embaraço de todos e luta contra sua própria aflição. Assim, “Elinor resolving to exert herself, though fearing the sound of her own voice, now said, Is Mrs. Ferrars at Longstaple?” (AUSTEN, 2011, p. 668)²⁹⁹. Diversas vezes, o narrador destaca o esforço da protagonista em racionalizar seus sentimentos e comportamento. Nessa ocasião, a protagonista está tão angustiada que tem medo de não conseguir falar ou de transmitir pela voz toda a aflição que ela luta para guardar em si mesma. Assim, depois de Edward responder que sua mãe estava em Londres, Elinor insiste: “I meant, said Elinor, taking up some work from the table, “to inquire for Mrs. *Edward Ferrars*” (AUSTEN, 2011, p. 668)³⁰⁰. O narrador destaca o desconforto de Elinor em falar sobre a união de Edward e Lucy, pois ao perguntar sobre a esposa dele, a protagonista não consegue encará-lo. Mr. Ferrars, por sua vez, responde: “perhaps you mean — my brother — you mean Mrs. — Mrs. *Robert Ferrars*” (AUSTEN, 2011, p. 668)³⁰¹. A resposta de Edward surpreende a protagonista “and though Elinor could not speak, even *her* eyes were fixed on him with the same impatient wonder” (AUSTEN, 2011, p. 670)³⁰². Novamente, o narrador enfatiza a incapacidade de Elinor devido ao nervosismo e à apreensão expressos por ela, que fixa os olhos em Edward para

²⁹⁸ “Ela [Elinor] recuou e sentou-se. ‘Ele veio especialmente da casa do senhor Pratt para nos ver. Ficarei calma; serei senhora de mim mesma’ (AUSTEN, 2012, p. 458).

²⁹⁹ “Elinor, decidida a se controlar, embora com medo da própria voz, então disse: A senhora Ferrars ficou em Longstaple?” (AUSTEN, 2012, p. 459).

³⁰⁰ “Eu quis dizer, retornou Elinor, pegando um bordado da mesa, a senhora Edward Ferrars” (AUSTEN, 2012, p. 459).

³⁰¹ “Talvez você se refira – meu irmão – você quer dizer a senhora – Robert Ferrars?” (AUSTEN, 2012, p. 459)

³⁰² “[...] e, embora Elinor não conseguisse falar, também seus olhos se fixaram nele com o mesmo assombro impaciente” (AUSTEN, 2012, p. 459).

encarar a verdade: Lucy Steele casou-se com Robert Ferrars, irmão mais novo de Edward e herdeiro da fortuna de Mrs. Ferrars. Então, o narrador afirma:

His words were echoed with unspeakable astonishment by all but Elinor, who sat with her head leaning over her work, in a state of such agitation as made her hardly know where she was.

“Yes”, said he, “they were married last week, and are now at Dawlish”.

Elinor could sit it no longer. She almost ran out of the room, and as soon as the door was closed, burst into tears of joy, which at first she thought would never cease. Edward, who had till then looked anywhere, rather than at her, saw her hurry away, and perhaps saw—or even heard, her emotion; for immediately afterwards he fell into a reverie, which no remarks, no inquiries, no affectionate address of Mrs. Dashwood could penetrate, and at last, without saying a word, quitted the room, and walked out towards the village [...] (AUSTEN, 2011, p. 670)³⁰³.

Em diversos momentos da narrativa, Elinor precisou conter-se e controlar seu comportamento de acordo com cada situação. Em seu contato com Lucy Steele, a protagonista teve que resguardar suas decepções a fim de não demonstrar seu afeto por Edward. Em Londres, a protagonista teve que agir com sensatez e empatia ao lidar com o descontrole emocional de Marianne e, ainda, manter-se sóbria na presença constrangedora de Lucy e Edward. Todavia, na situação narrada nesse fragmento, Elinor, por pouco, não consegue conter sua emoção. Depois de Edward confirmar que Lucy casou-se com seu irmão, Elinor fica desnorreada e sai da sala apressadamente para chorar em seu quarto. Segundo o narrador, a emoção de Elinor foi tão grande que Edward poderia ter escutado o ardor de suas lágrimas. De fato, Elinor Dashwood possui uma sensibilidade tão genuína e profunda quanto Marianne, mas a protagonista, em um esforço supremo, consegue distinguir as ocasiões adequadas e o modo apropriado para demonstrá-la e, por isso, é agraciada com o matrimônio com seu primeiro amor – Edward Ferrars.

Compreende-se, portanto, a partir da discussão desenvolvida nesta seção sobre Elinor Dashwood que essa personagem é uma leitora de destaque em *Sense*

³⁰³ “Suas palavras foram recebidas com indizível assombro por todas elas, menos por Elinor, que se sentou, com a cabeça inclinada sobre o bordado, em estado de tamanho alvoroço que mal sabia onde estava. Sim, ele disse, eles casaram na semana passada e estão agora em Dawlish. Elinor não se conteve mais sentada. Saiu quase correndo da sala, e, assim que fechou a porta, vieram-lhe lágrimas de alegria, que, a princípio, pensou que não parariam de cair. Edward, que até então olhava para qualquer coisa menos para ela, notou que ela saíra às pressas e talvez tenha visto – ou até mesmo tenha ouvido, sua emoção; pois imediatamente mergulhou em um devaneio, que nenhum comentário, nenhuma pergunta, nenhum tratamento afetuoso da sra. Dashwood foi capaz de penetrar, e por fim, sem dizer palavra, saiu também da sala e caminhou na direção da vila [...]” (AUSTEN, 2012, p. 459,460).

and Sensibility. No que concerne à leitura de textos, percebe-se que a postura de Elinor como leitora é revelada a partir dos comentários da protagonista sobre os hábitos de leitura de outras personagens e, sobretudo, com base no processo de leitura crítica que ela faz da carta de Mr. Willoughby. Primeiramente, as observações da protagonista sobre Edward Ferrars, Colonel Brandon e Lucy Steele esclarecem que ela valoriza a leitura enriquecida pela vívida imaginação, pelo prazer singelo que um livro proporciona, e defende a importância que a leitura confere à experiência de vida e ao amadurecimento intelectual de cada leitor. Por outro lado, as leituras e releituras das cartas de Mr. Willoughby e Marianne revelam a postura crítica e avaliativa de Elinor como leitora. Apesar da intensa angústia sentida pela protagonista, ela controla seus sentimentos a fim de fazer diversas leituras pausadas e, a cada intervalo, pondera sobre o conteúdo das cartas em relação aos eventos que testemunhou, tais como a estadia de Willoughby em Devonshire e o comportamento dele em Londres. Além disso, ao ler e reler as cartas de Marianne, Elinor compreende o sentimento genuíno de sua irmã, mas reconhece a imprudência e a impropriedade da conduta dela. Portanto, as cenas de leitura das cartas de Willoughby e Marianne revelam a postura crítica e avaliativa de Elinor, mas, principalmente, sua conduta imparcial. Elinor reprovava o caráter de Willoughby, mas também admite os graves equívocos de Marianne. Certamente, Elinor Dashwood é uma leitora sensata e reflexiva, cuja leitura e releitura são guiadas por seus princípios de justiça. Portanto, Elinor é uma leitora notória, sobretudo, por sua postura diante das situações adversas que enfrenta.

Indubitavelmente, não são poucas as circunstâncias delicadas e desafortunadas em que Elinor é obrigada a posicionar-se como leitora – o que implica leituras, releituras e ponderações sobre seus próprios sentimentos e comportamento, assim como os de outras personagens. A súbita partida de Mr. Willoughby de Barton Park e os modos instáveis de Edward são questionados constantemente por Elinor ao longo da narrativa. Além disso, a descoberta do noivado de Mr. Ferrars exige um intenso autocontrole por parte da protagonista. Em Londres, Elinor precisa manter-se calma, preservar Marianne e consolá-la diante do reencontro entre sua irmã e Willoughby e, sobretudo, após a carta dele. E, ainda mais, Miss Dashwood precisa conter sua tristeza depois que o noivado de Edward torna-se público; imersa em aflição, a protagonista tem que ser forte para lidar com a grave doença de Marianne.

De fato, a leitura sóbria e sensata de Elinor Dashwood é essencial para que ela se comporte adequadamente em situações tão inesperadas.

Ao passo que a visão de Marianne é distorcida por seu autocentramento, as lentes de Elinor concentram-se nos infortúnios de outras pessoas e, por isso, ela deixa seu bem-estar em segundo plano. Marianne e Elinor vivem circunstâncias similares, pois ambas descobrem que os homens que amam, Willoughby e Edward, estão comprometidos com outras mulheres. Todavia, essas personagens leem e releem as situações que vivem a partir de perspectivas diferentes e, em consequência, comportam-se de modo distinto. Ao longo da narrativa, Marianne passa por um processo de aprimoramento intelectual e comportamental, diferentemente de Elinor, pois a trajetória da protagonista apenas confirma suas habilidades naturais destacadas já na passagem que a introduz no romance. Por esse motivo, a postura de Elinor como leitora, no decorrer do romance, é essencial para que Marianne regule sua conduta a ponto de aproximar-se do modo de ser de sua irmã.

Sense and Sensibility, de acordo com Tony Tanner (2012, p. 36), “é uma trama bastante geométrica”. Em linhas gerais, segundo o mesmo crítico (2012, p. 36), as irmãs Dashwood “caminham lentamente em direção a casamentos desejáveis com homens de valor, o coronel Brandon e Edward Ferrars. Esse avanço é complicado pelo comportamento inescrupuloso de duas pessoas egoístas – Lucy e Willoughby”. Como sabemos, no decorrer da narrativa, Lucy e Willoughby acabam em casamentos oportunistas que contrapõem os casamentos harmônicos de Marianne e Brandon e de Elinor e Edward. Visto por esse ângulo, *Sense and Sensibility* poderia ser considerado um romance simplista em comparação com outras obras de Jane Austen. Todavia, é através dessa geometria simples que Austen constrói leitores peculiares e complexos como Marianne e, principalmente, Elinor.

Como dito anteriormente, a sociedade inglesa do final do século XVIII valorizava um tipo feminino sensível. Tal idealização feminina estava associada ao ambiente doméstico e à tranquilidade do lar e da família. Desse modo, esse estereótipo de feminilidade foi difundido amplamente pelo romance sentimental que apresentava uma abordagem sensível da vida. Em *Sense and Sensibility* Jane Austen questiona esse ideal de feminilidade tanto no âmbito social quanto literário. A protagonista de Austen, em oposição às heroínas do romance sentimental, não lê o mundo unicamente através das lentes da sensibilidade, tampouco adota a razão como as únicas lentes pelas quais a vida deveria ser avaliada. Ao contrário, Elinor

Dashwood racionaliza seus sentimentos e comportamento; dito de outro modo, os sentimentos mais profundos dessa personagem e seu modo de ler as situações ao seu redor são orientados por sua razão. A protagonista de Jane Austen traz em si sensatez e um modo de ser reflexivo e judicioso, combinado com certa medida de sensibilidade, que coordenam sua leitura e avaliação tanto de textos como das circunstâncias que vive.

Portanto, conclui-se que, em *Sense and Sensibility*, Austen construiu uma protagonista de profunda complexidade psicológica que, ousado dizer, até o final do século XVIII não havia sido apresentada em um romance inglês. Elinor Dashwood é uma personagem com sentimentos tão profundos e frágeis quanto as heroínas de romance sentimental. Assim como essas personagens, Elinor é virtuosa e altruísta a ponto de sacrificar sua própria felicidade em favor do bem de outros. Contudo, Austen fez com que sua protagonista tenha uma grande disposição para sofrer e sentir empatia, mas também uma intensa força para regular suas emoções e comportamento. Além disso, Elinor possui uma mente naturalmente sensata e, por isso, lê as adversidades de sua vida de modo equilibrado a fim de julgar apropriadamente sobre qual comportamento e decisão são adequados nas diferentes circunstâncias. Desse modo, compreende-se que, em *Sense and Sensibility* e, de modo particular, a partir da trajetória de Elinor Dashwood, Jane Austen valoriza o leitor capaz de ler e avaliar situações diferenciadas de modo prudente e perspicaz, e que, ao mesmo tempo, lê a vida com sentimentos profundos e genuínos.

2.3 O SENTIDO DOS LEITORES EM *SENSE AND SENSIBILITY*

Como já mencionado, *Sense and Sensibility* foi o primeiro romance escrito (1795) e publicado (1811) por Jane Austen. Desse modo, já em sua primeira obra, a autora posiciona-se criticamente frente a duas questões importantes de sua época: o ideal de feminilidade e a postura do leitor diante dos livros e das circunstâncias ordinárias da vida. No que concerne à primeira questão, Marianne Dashwood representa o estereótipo de feminilidade do período. A personagem busca viver suas emoções intensamente e, por isso, a alegria de Marianne é perceptível a todos e sua tristeza é demonstrada ao extremo. Ao conhecer Willoughby, Marianne acredita que o amor genuíno está acima de tudo, até mesmo das convenções sociais. Por esse motivo, a personagem comporta-se de modo imprudente e leviano – conduta que quase a leva à autodestruição. Depois de Willoughby partir de Allehan, Marianne

cultua a própria tristeza e insiste em lamentar sua desgraça sem levar em consideração os sentimentos e a preocupação de seus familiares. A conduta de Marianne no romance, de certo modo, chama atenção para as consequências de se interpretar a vida a partir de uma sensibilidade aguda. Marianne possui as qualidades valorizadas pela sociedade inglesa na virada do século XVIII para o XIX; contudo, seu modo de ser imprudente e de ler a vida numa perspectiva autocentrada não é valorizado na narrativa.

Elinor Dashwood, ao contrário das heroínas sentimentais, aborda a vida através de um olhar crítico que a permite organizar e racionalizar seu entendimento sobre sua vivência. Por esse motivo, Elinor é muito mais do que uma mulher inteligente, pois a inteligência implica sobretudo capacidade de aquisição de conhecimento. A protagonista de Austen é perspicaz porque usa habilmente sua inteligência a fim de avaliar as circunstâncias comuns à vida. Como já enfatizado, a educação feminina era altamente prezada no período em que Jane Austen viveu. Todavia, a mulher inteligente ou sabichona não era bem vista pela sociedade inglesa. Elinor, no entanto, é respeitada e admirada sobretudo por sua sensatez. Dito de outro modo, a protagonista de Jane Austen é, decerto, inteligente, mas possui uma inteligência prática que lhe permite comportar-se de maneira sábia e essa habilidade é extremamente valorizada na narrativa. Jane Austen, de fato, construiu uma protagonista atípica em um período em que todos os romancistas construíam personagens do tipo de Marianne. A partir das características pessoais e da trajetória de Elinor Dashwood, Jane Austen critica o estereótipo de feminilidade propagado pela enxurrada de romances sentimentais produzidos na época. Elinor é uma protagonista sóbria, ajuizada, que possui uma sensibilidade equilibrada. Assim como as heroínas sentimentais, a protagonista de Austen sofre por amor e enfrenta adversidades, mas tem a força necessária para conter seu sofrimento, regular suas emoções e agir de maneira sensata. Sem dúvida, Jane Austen, apresentou uma protagonista singular e abriu portas para que outros romancistas construíssem personagens com um incrível aprofundamento psicológico, tal como se dá no caso de Elinor Dashwood.

No que diz respeito à relação entre leitura de textos e leitura circunstancial da vida, Marianne e Elinor representam duas posturas distintas de leitor. Marianne lê livros constantemente, mas sua mente e conduta não são enriquecidas ou aprimoradas por suas leituras. A personagem comporta-se de modo imprudente e lê as situações ao seu redor a partir de um ponto de vista autocentrado. De início,

Marianne é uma leitora desatenta e imprudente, tanto dos livros quanto de sua vida, mas as adversidades que sofre ajudam-na a reler sua postura diante de suas práticas de leitura e de sua vida. As avaliações da personagem sobre a gravidade de sua doença e as consequências de seu comportamento leviano impelem-na a reler seu modo de pensar e agir e, assim, mudar seu proceder. Desse modo, a transformação no modo de pensar e de agir de Marianne permite-lhe alcançar o seu “final feliz”. Por isso, compreende-se que Austen atribui um valor positivo à autorreflexão e à leitura profunda e honesta de si mesmo. No caso de Elinor, a protagonista não está sempre com um livro nas mãos, mas é dona de um bom senso admirável. Isso se dá pois Elinor não acumula conhecimento nem busca exhibir-se com leitura de textos impressos. Mr. Willoughby, o leitor de Cooper e de Shakespeare, é uma das personagens cuja conduta é mais questionável na narrativa. Elinor, ao contrário, usa o seu conhecimento (de textos ficcionais e não-ficcionais e de sua experiência de vida) de modo sábio e perspicaz. A personagem usa o bom senso e a sensatez como coordenadas para ler e reler as adversidades que se interpõem em sua vida. Ademais, a protagonista avalia essas circunstâncias a partir de um ponto de vista sensível que é regulado por sua razão. Desse modo, Elinor não exclui a sensibilidade, mas a racionaliza a fim de expressar os sentimentos mais íntimos, como o amor e a empatia, de forma moderada e, ao mesmo tempo, ser capaz de tomar sábias decisões.

Compreende-se, portanto, que assim como os leitores em *Pride and Prejudice*, destacados no capítulo anterior, a postura das irmãs Marianne e Elinor em *Sense and Sensibility* enfatiza a responsabilidade do leitor sobre as consequências, benéficas ou maléficas, de sua própria conduta. Marianne está sempre lendo, mesmo quando está doente. Contudo, essa leitura de nada serve, visto que a personagem não desenvolve uma mente e uma atitude maduras. Ainda, em consequência de ler a vida por meio de uma visão autocentrada que exagera a dor e a demonstração dos próprios sentimentos, Marianne imerge em desespero e em processo autodestrutivo. Certamente, tal comportamento não é resultante da influência de suas leituras, mas efeito de uma mente imatura e egocêntrica. Elinor, que praticamente não lê textos durante a narrativa, possui uma mentalidade bastante ajuizada quando comparada a sua irmã, mãe e outras personagens, como é o caso de Mrs. Jennings. De fato, para Austen, a questão central não é a quantidade de leitura ou a natureza do texto (ficcional e não-ficcional), mas sim o valor qualitativo da leitura. Por esse motivo, o benefício ou não da leitura para a vida do leitor depende unicamente de sua postura.

Mr. Willoughby é tão hipócrita e traidor quanto Claudio – personagem de *Hamlet*, peça por ele lida para a família Dashwood. Desse modo, o sucesso ou insucesso da leitura depende da postura crítica e reflexiva de cada leitor. Já em seu primeiro romance, Jane Austen defendia a importância de uma leitura cuidadosa pautada pela sensatez e pelo bom juízo.

Por fim, cumpre ressaltar que, através da trajetória de Marianne Dashwood, Jane Austen enfatiza a importância de o leitor reler sua postura como leitor da vida de modo honesto e crítico. Essa releitura conscienciosa é vital para que o leitor amadureça mental e emocionalmente e, assim, possa comportar-se de forma adequada. Desse modo, a autocompreensão e o reconhecimento dos próprios erros são essenciais para a regulação da conduta pelo leitor. Marianne lê a vida pelas lentes sentimentais, mas sua releitura a ajuda a aproximar-se do modo de ser de Elinor, isto é, a pautar sua sensibilidade pela razão. Jane Austen não é contra a postura sensível ou a favor da visão racional da vida. A autora destaca a importância da leitura e releitura crítica e lógica de si mesmo e do mundo, mas de um modo sensível e sincero que possibilite ao leitor chegar à maturidade intelectual e também emocional, estabelecendo assim a perfeita harmonia entre a razão e a sensibilidade.

CONCLUSÃO

Indubitavelmente, árdua é a tarefa de desenvolver um estudo sobre a ficção de uma autora canônica como Jane Austen. Isto se dá, pois a obra de Austen coleciona uma fortuna crítica de duzentos anos. Todavia, a questão das concepções de leitura e de leitores na obra de Austen foi objeto de poucos estudos até o momento. Como discutido na Introdução, Jane Austen escreveu em um período em que a leitura era altamente valorizada pela sociedade inglesa. A própria família Austen era composta por diversos leitores e a autora costumava ler seus manuscritos em voz alta para seus familiares. Por isso, não é de admirar que os romances de Austen estejam repletos de leitores e de cenas de leitura. De fato, a organização narrativa de *Pride and Prejudice* e de *Sense and Sensibility* apresenta, de maneira distinta, noções semelhantes de leitores e de leitura.

Em *Pride and Prejudice*, Mary Bennet e Mr. Collins leem seus livros e as situações que os cercam de modo similar. Não é incomum o narrador mencionar que Mary está lendo ou tocando piano – habilidades prezadas pela personagem. Entretanto, nas ocasiões em que Mary emite sua opinião sobre algum assunto ou toca piano publicamente, ela se comporta de modo ridículo. Apesar de todo o tempo que dedica à leitura, Mary não possui uma postura crítica como leitora. Conseqüentemente, seu comportamento não sofre alterações significativas ao longo da narrativa. A leitura quantitativa de Mary é insuficiente para que ela desenvolva senso crítico porque sua prática de leitura permite apenas que ela se torne uma hábil repetidora de citações de manuais de conduta. Dessa maneira, enquanto a sociedade inglesa oitocentista prezava a leitura (sobretudo a leitura moralista) como aspecto fundamental da educação feminina, Austen, em *Pride and Prejudice*, apresenta uma ávida leitora de livros instrucionais que, em diversas ocasiões, se comporta inadequadamente e cuja mente não é enriquecida por esses textos. O contra-exemplo de Mary Bennet denuncia os perigos da leitura irrefletida que não permite que o leitor adquira um conhecimento prático que possa ser aplicado em sua vida.

A postura de Mr. Collins como leitor é tão inadequada quanto a de sua prima. Mary lê em quantidade almejando ser reconhecida como uma grande leitora; por outro lado, Mr. Collins finge ser um leitor, pois ele abandona as suas leituras pelos motivos mais triviais e sua biblioteca está longe de ser um ambiente de estudo; na verdade,

esse cômodo da casa é para ele o lugar ideal para cuidar da vida alheia. Ainda, Mr. Collins reproduz continuamente princípios morais que não pratica porque, por meio de seus discursos moralistas e de suas infinitas referências à sua relação com Lady Catherine de Bourgh, ele ambiciona colocar-se em uma posição superior; desse modo, expõe sua hipocrisia e falta de humildade – faltas graves para um pastor cujo comportamento deveria ser irrepreensível. Embora Mr. Collins leia, com frequência, manuais de conduta, tais textos são insuficientes para que ele aprimore seus modos. Por esse motivo, as atitudes de Collins, assim como as de sua prima Mary, não se alteram ao longo da narrativa.

Podemos assim afirmar que, ao construir Mary Bennet e Mr. Collins, Jane Austen posicionou-se contra a opinião vigente da época de que a leitura de manuais de conduta refinaria o comportamento individual, ao passo que a leitura de romances aviltaria a mente. Esses leitores moralistas de Austen são pedantes e inconvenientes e, acima de tudo, aconselham outros sobre princípios morais que eles mesmos não seguem. Compreende-se, portanto, que para Jane Austen o problema da conduta inapropriada não resultava do tipo de texto lido (manuais de conduta ou romances), mas sim da maneira com que o leitor lê. Tanto Mr. Collins quanto Mary são leitores desatentos e superficiais, incapazes de refletir criticamente sobre seus materiais de leitura. Assim sendo, essas personagens compreendem uma concepção de leitura irrefletida e desprovida de senso crítico; em consequência, esses leitores não amadurecem emocional e intelectualmente e, por isso, suas condutas não são aperfeiçoadas. Jane Austen, através da construção dessas personagens, denuncia a leitura hipócrita de leitores cujo principal interesse é usar seus livros como símbolos de superioridade social e moral. Logo, Austen alerta para os perigos da leitura que não se faz acompanhar de construção e aprimoramento de senso crítico.

De acordo com Tony Tanner (2012, p. 36), Jane Austen ajuda o leitor “a apreciar o valor do que é verdadeiro” por meio de um processo de justaposição. De fato, a postura de Mary Bennet e de Mr. Collins como leitores torna-se ainda mais negativa quando comparada à do casal protagonista de *Pride and Prejudice*. Mr. Darcy e Elizabeth Bennet são leitores exemplares no que diz respeito à leitura de textos ficcionais e não-ficcionais e, principalmente, à leitura das circunstâncias que vivem ao longo de suas trajetórias. Diferentemente de Mary e Mr. Collins, poucas são as cenas que apresentam Elizabeth e Darcy lendo. Contudo, compreende-se que ambas as personagens têm uma postura equilibrada como leitores. Darcy é um leitor atento e

minucioso que defende a importância da leitura para o desenvolvimento intelectual do leitor. Elizabeth, por sua vez, aprecia o exercício da leitura e mantém uma conduta ponderada como leitora, pois discerne quais momentos são adequados para ler e discutir suas preferências de leitura. Entretanto, Jane Austen problematiza essas práticas de leitura do par protagonista em um nível mais abstrato, pois destaca a capacidade de Mr. Darcy e de Elizabeth Bennet de ler e reler as situações que vivem.

No primeiro volume do romance, o par protagonista faz uma leitura mútua de seus caracteres e comportamentos. Essas primeiras impressões são baseadas no orgulho e no preconceito das personagens. A opinião negativa, por parte de Darcy e de Elizabeth, é intensificada ao longo do primeiro e do segundo volume e os motiva a cometer grandes equívocos. No entanto, as censuras de Elizabeth e a carta de Mr. Darcy os impelem a reler as situações que viveram e o modo como se portaram e, em consequência, aprimorar suas atitudes. Assim sendo, por meio da construção e da trajetória do par protagonista, Jane Austen discute o desenvolvimento da internalização do exercício da leitura. Gradualmente, Elizabeth e Darcy aprendem a transferir para a leitura de si mesmos e das situações que os cercam suas práticas de leitura crítica e avaliativa que empregam quando leem seus livros. Dessa maneira, o amadurecimento intelectual e emocional de Darcy e de Elizabeth é resultante de um processo de subjetivação da leitura. A construção dessas personagens como leitores, portanto, corresponde a uma concepção de leitura complexa. Certamente, Mr. Darcy e Elizabeth são hábeis leitores de seus livros, cada um com suas peculiaridades, mas tornam-se leitores plenos na medida em que transferem suas habilidades de leitura de texto para um nível abstrato, a saber, para a leitura e releitura de seu íntimo e das circunstâncias que vivenciam.

Compreende-se, assim, que Jane Austen dá destaque aos leitores reflexivos quanto à leitura de textos ficcionais e não-ficcionais, e, por extensão, à leitura de sua própria existência. Dito de outro modo, Austen valoriza leitores capazes de aprender com seus erros e refinar sua mente e conduta. Nesse sentido, Elizabeth Bennet é uma leitora exemplar. Como vimos, a protagonista de Austen passa por um processo de aprendizagem e autoconhecimento ainda mais profundo do que Mr. Darcy. Elizabeth Bennet reconhece seus equívocos e, sobretudo, a importância das objeções de Darcy para as mudanças em sua maneira de pensar. O par protagonista de *Pride and Prejudice*, por conseguinte, configura uma concepção de leitores críticos que buscam, através de suas leituras e releituras, aprimorar o modo como examinam suas

existências. Possivelmente, era esse tipo de postura que Austen gostaria que seus leitores adotassem. A construção dessas personagens leitoras por Jane Austen levamos a acreditar que, para a autora, o leitor bem-sucedido não é o ávido leitor de romances ou de manuais de conduta, mas aquele que permite que sua prática de leitura (tanto de textos ficcionais como não-ficcionais) contribua para seu amadurecimento mental e emocional. E como destacado acima, a conduta apropriada ou inapropriada do leitor não depende do tipo de texto, mas sim da capacidade do leitor de transferir suas habilidades e práticas de leitura de textos para a leitura circunstancial de suas experiências pessoais.

No que diz respeito a *Sense and Sensibility*, nesse romance Jane Austen adota os conceitos de razão e sensibilidade como coordenadas para discutir noções distintas de leitura e de leitores. Marianne Dashwood é uma jovem sensível e romântica que, em diversas ocasiões, lê ou toca piano. De fato, a maioria das cenas de leitura nesse romance diz respeito a Marianne. Contudo, assim como Mary Bennet, Marianne está interessada apenas no exercício quantitativo da leitura – fator que não favorece o aperfeiçoamento de sua mente e atitudes. A personagem estima apenas o efeito tocante e profundo que a poesia pode ter sobre suas emoções, como se o texto tivesse sido escrito apenas para ser sentido com intensidade. De fato, após a súbita partida de Mr. Willoughby de Allehan, Marianne instiga sua própria tristeza ao ler os mesmos livros que lia com ele e repetir as mesmas linhas de modo mecânico. Desse modo, as práticas de leitura excessiva e irrefletida de Marianne impedem-na de amadurecer e controlar sua natureza impulsiva. Por esse motivo, sua postura como leitora de seus próprios sentimentos e das adversidades que enfrenta não poderia ser diferente. De fato, a leitura que Marianne faz das circunstâncias que vive é tão imprudente e acrítica quanto a de seus livros.

Assim como o casal protagonista de *Pride and Prejudice*, Marianne também percorre o processo de subjetivação da leitura. Como vimos antes, Darcy e Elizabeth leem criticamente seus materiais de leitura e, gradualmente, transferem essa habilidade para a leitura avaliativa de seu íntimo e das situações que vivem. Marianne, por outro lado, transfere a leitura desatenta de seus livros para si mesma e, em consequência, age de modo impulsivo e imprudente. A personagem lê as adversidades que enfrenta a partir de um ponto de vista extremamente sensível e autocentrado. Essa postura de Marianne como leitora torna-a extremamente sensível para com seus infortúnios, porém insensível para com o sofrimento de outrem,

especialmente, o de Elinor. Em consequência, sua leitura egocêntrica quase a leva à ruína. Entretanto, assim como Mr. Darcy e Elizabeth, Marianne passa por um processo de aprendizagem e melhoramento. A súbita doença faz com que ela reflita e releia o seu comportamento imprudente. Em vista disso, as releituras de Marianne permitem que ela aprenda a regular sua natureza impulsiva e insensata. Em consequência, na medida em que ela aprimora seus modos e suas emoções, Marianne, pouco a pouco, aproxima-se do modelo ideal de leitor nessa narrativa – Elinor Dashwood.

Sense and Sensibility apresenta uma protagonista naturalmente prudente e sensata. Embora no romance não existam referências significativas sobre as práticas de leitura de Elinor, os comentários da protagonista sobre os hábitos de leitura de outras personagens e o modo como ela lê as cartas de Willoughby e de Marianne elucidam sua postura como leitora. Esses comentários e as leituras e releituras dessas correspondências corroboram a sabedoria e a sobriedade inatas de Elinor, enfatizadas desde sua introdução na narrativa. Por conseguinte, não é de admirar que Elinor leia e interprete as situações concernentes ao relacionamento de sua irmã e Willoughby e as circunstâncias referentes a si mesma e Edward de modo ponderado e judicioso. Como enfatizado, Mr. Darcy, Elizabeth Bennet e Marianne percorrem o processo de subjetivação de leitura de modo gradual. Elinor, ao contrário, já apresenta a internalização desse processo. Isso se dá, pois a protagonista usa a sensatez e a prudência como coordenadas para ler as adversidades que enfrenta e interpreta essas situações a partir de sua sensibilidade racionalizada. Elinor Dashwood tem sentimentos profundos e sofre constantemente com os infortúnios de Marianne e com suas próprias atribulações; contudo, a personagem consegue controlar suas emoções e agir adequadamente. Sem dúvida, a postura sensata e sóbria de Elinor constitui uma concepção de leitor valorizada na narrativa de Jane Austen. Mais uma vez, a autora, através da construção de sua protagonista, destaca a importância da leitura atenta e ponderada de textos e, conseqüentemente, da vida.

Desse modo, a partir da análise desenvolvida, pode-se afirmar que as protagonistas de Jane Austen - Elizabeth Bennet e Elinor Dashwood - configuram, de modos distintos, modelos exemplares de postura de leitor e de práticas de leitura. Essas personagens, apesar de não estarem sempre com um livro nas mãos, leem seus materiais de leitura de modo crítico e sensato. Além disso, ambas são bem-sucedidas ao transferir suas habilidades de leitura de textos para a leitura das adversidades com que se deparam no decorrer de suas trajetórias. Como vimos,

Elizabeth percorre esse processo de modo gradual e, a partir de suas leituras e releituras, consegue aprimorar seu comportamento e sua maneira de pensar. Já Elinor realiza *naturalmente* essa transferência de suas capacidades de leitura do plano material para um nível abstrato. Por esse motivo, não é necessário que Elinor aprimore seu comportamento ou modo de pensar, pois sua racionalidade sensível direciona suas leituras. Tal peculiaridade da trajetória de Elinor Dashwood é realmente intrigante. De fato, Elinor não comete erros; ela racionaliza sua sensibilidade e analisa as circunstâncias ao seu redor ponderadamente. Esse comportamento harmonioso não foi adquirido através de suas experiências de vida, mas é uma característica inata. O convívio da protagonista restringe-se aos seus familiares, Sir John Middleton, Mrs. Jennings, as irmãs Steele e outras personagens cujo desenvolvimento intelectual é inferior ao seu, com exceção de Colonel Brandon. Desse modo, o relacionamento de Elinor com outras personagens não permitiria o desenvolvimento de tamanha sensatez em uma jovem de apenas dezenove anos. Por esse motivo, Elinor Dashwood configura-se como uma leitora construída por Austen com um nível maior de idealização quando comparada a Elizabeth Bennet. A protagonista de *Pride and Prejudice* possui senso crítico natural, mas comete grandes equívocos. Elizabeth é uma leitora exemplar de textos, mas peca ao ler seus sentimentos e as situações ao seu redor. Além disso, suas leituras e releituras de conduta são essenciais para que ela aperfeiçoe sua mente. Por essa razão, compreende-se que a construção de Elizabeth Bennet possui um grau de humanização maior do que a de Elinor Dashwood. Dito de outro modo, a forma com que Elizabeth lê e relê as circunstâncias concernentes a si mesma e aos outros está mais próxima da realidade vivida não só pelos leitores contemporâneos a Austen, mas também, por todos os leitores que há duzentos anos leem *Pride and Prejudice*.

Considerando os dois romances, portanto, compreende-se que Jane Austen valoriza a leitura de livros e da própria existência por um viés equilibrado entre a razão e a sensibilidade. Em outras palavras, Jane Austen preza a leitura direcionada pela sensibilidade racionalizada; assim, Elinor Dashwood não precisa passar por um processo de amadurecimento, pois ela já possui naturalmente essas coordenadas. Isso explica porque Marianne, Mr. Darcy e sobretudo Elizabeth Bennet precisam aprender com seus erros para aprimorar suas condutas. De fato, esse processo de aprendizagem permite que essas personagens, principalmente Elizabeth, amadureçam intelectualmente (*sense*) e emocionalmente (*sensibility*). Esses dois

atributos, se combinados na medida certa, contribuem para a construção do leitor ideal – do ponto de vista de Jane Austen. Curiosamente, Jane Austen apresenta essas duas coordenadas de leitura em seu primeiro romance publicado, *Sense and Sensibility*, mas combina essas duas qualidades de modo mais eficaz na protagonista de seu segundo romance, *Pride and Prejudice*.

Sandra Vasconcelos (2007, p. 221), defende que “ao combinar qualidades de Richardson e de Fielding à sua marca pessoal, Jane Austen iria conduzir o gênero por novos rumos”. De fato, o modo como a autora apresenta as concepções de leitura e de leitores em *Pride and Prejudice* e em *Sense and Sensibility* é característica desse processo. Jane Austen descreve habilmente as práticas de leitura de suas personagens e as cenas de leitura em seus romances, assim como fizera Richardson por meio do “realismo de apresentação”. Ainda, a autora cria um narrador destro que ora penetra nos pensamentos e sentimentos das personagens expondo seus processos de leitura e releitura, ora se afasta a fim de avaliar criteriosamente suas posturas como leitores, tal como Fielding fez por meio do “realismo de avaliação”³⁰⁴. Como destacado por Vasconcelos, Jane Austen combina essas técnicas narrativas à “sua marca pessoal”.

Em *Pride and Prejudice* e em *Sense and Sensibility*, a leitura de texto impresso (ficcional e não-ficcional) ou de manuscrito está diretamente atrelada à leitura de mundo. Como já discutido neste trabalho, a relação entre leitura de texto e leitura de mundo está internalizada e formalizada, em diferentes níveis, na própria construção das personagens, sobretudo, as protagonistas desses dois romances, Elizabeth Bennet e Elinor Dashwood. Somente as protagonistas de Austen apresentam um processo crítico de leitura que implica leitura e releitura de textos (a carta de Mr. Darcy, no caso de Elizabeth Bennet, as cartas de Marianne e Mr. Willoughby, no caso de Elinor) com explicitação narrativa das conseqüentes mudanças cognitivas e emocionais de cada personagem. Esse processo inclui uma transformação do conhecimento de si mesmas e do mundo que as cerca. Para Austen, o modo positivo com que as protagonistas entendem as circunstâncias que vivem está sempre atrelado à sua capacidade de leitura de textos. Assim, a autora não apenas aprimora as técnicas narrativas de Richardson e Fielding como também cria significativo aprofundamento psicológico de suas personagens. Mais que isso, através do

³⁰⁴ Os conceitos de “realismo de apresentação” e “realismo de avaliação” foram elaborados por Ian Watt em *A ascensão do romance* (2010).

aprimoramento do realismo de apresentação e de avaliação, Austen formaliza um tema que ainda é relevante, mesmo depois de duzentos anos. Nos romances analisados, Jane Austen, por meio da relação entre leitura de textos e leitura da vida, enfatiza a importância do processo de subjetivação da leitura para o sucesso da trajetória de cada indivíduo como leitor de sua própria existência. Além disso, Jane Austen, a partir da construção de Elizabeth Bennet e Elinor Dashwood, defende a relevância da combinação de razão e sensibilidade para o sucesso do leitor tanto na leitura de textos quanto de sua vida. De fato, essa é a marca pessoal de Jane Austen na tradição do romance como gênero literário e, sem dúvida, é um dos maiores ganhos de sua obra.

REFERÊNCIAS:

a. OBRAS DE JANE AUSTEN:

AUSTEN, Jane. **Emma**. London: Penguin, 1996.

AUSTEN, Jane. **Northanger Abbey**. London: Penguin, 1995.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2011.

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2012.

AUSTEN, Jane. **The Annotated Pride and Prejudice**. Annotated and Edited, with an Introduction by David M. Shapard. New York: Anchor Books, 2012.

AUSTEN, Jane. **The Annotated Sense and Sensibility**. Annotated and Edited, with an Introduction by David M. Shapard. New York: Anchor Books, 2011.

b. ESTUDOS SOBRE A OBRA DE JANE AUSTEN:

BALLASTER, Ros. Prefácio In: AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2012, pp. 7-32.

BROWNSTEIN, M. Rachel. *Northanger Abbey, Sense and Sensibility, and Pride and Prejudice* In: COPELAND, Edward; MCMASTER, Juliet (eds). **The Cambridge Companion to Jane Austen**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp 32-57.

BURGESS, Miranda. Sentiment and Sensibility: Austen, Feeling, and Print Culture In: JOHNSON, Claudia L.; TUIE, Clara (eds). **A Companion to Jane Austen**. Oxford: Blackwell, 2009, pp. 226-236.

BYRNE, Paula. Manners In: TODD, Janet (ed). **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 297-305.

COLASANTE, Renata. **A leitura e os leitores em Jane Austen**. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

DUCAN, Rebecca S. A critical History of *Sense and Sensibility*; *Sense and Sensibility*: a Convergence of Readers/Viewers/Browsers In: LAMBDIN, Laura C.; LAMBDIN, Robert T (eds). **A Companion to Jane Austen Studies**. London: Greenwood Press, 2000. pp. 1-16, 17-26.

FERGUS, Jan. The Professional Woman Writer. In: COPELAND, Edward; MCMASTER, Juliet (eds). **The Cambridge Companion to Jane Austen**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp. 12-31.

JONES, Vivian. Prefácio In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2011. pp. 9-41.

KELLY, Gary. Education and Accomplishments In: TODD, Janet (ed). **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 252-262.

LE FAYE, Deirdre. *Pride and Prejudice*; *Sense and Sensibility* In: LE FAYE, Deirdre (ed). **Jane Austen – the World of Her Novels**. New York: Harry N. Abrams, 2002. pp. 178-203, 154-177.

MANDAL, Anthony. Introduction: Fiction and the Literary Marketplace, 1785–1820 In: **Jane Austen and the Popular Novel. The Determined Author**. New York: Macmillan, 2007. pp. 3-40.

RICHARDSON, Alan. Reading Practices In: TODD, Janet (ed). **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. pp. 397- 405.

TANNER, Tony. Introdução In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2011. pp. 43-97.

TANNER, Tony. Introdução In: AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2012. pp. 33-67.

WOLFSON, J. Susan. Re: Reading *Pride and Prejudice*: “What think you of books?” In: JOHNSON, Claudia L.; TUIE, Clara (eds). **A Companion to Jane Austen**. Oxford: Blackwell, 2009. pp 112-124.

c. BIBLIOGRAFIA GERAL:

BOOTH, Wayne, C. **A retórica da ficção**. Tradução de Maria Teresa H. Rio de Janeiro: Editora Arcadia, 1980.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Teoria**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

EAGLETON, Terry. Walter Scott and Jane Austen In: **The English Novel: an introduction**. Oxford: Blackwell, 2005. pp 70-88.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2000.

MORETTI, Franco. O século sério. In: MORETTI, Franco (org.). **A cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009. pp. 823-863.

PORTER, Roy. From good sense to sensibility In: **Enlightenment**. Oxford: Penguin, 2000. pp. 276-294.

STEWART, Garret. “Whomsoever it may concern”: Austen’s open letters to the reader. In: **Dear Reader: The Conscripted Audience in Nineteenth-Century British Fiction**. London: The Johns Hopkins University Press, 1996. pp. 89-112.

VASCONCELOS, Sandra. **A formação do romance inglês**. São Paulo: Aderaldo &

Rothschild; FAPESP, 2007.

VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.